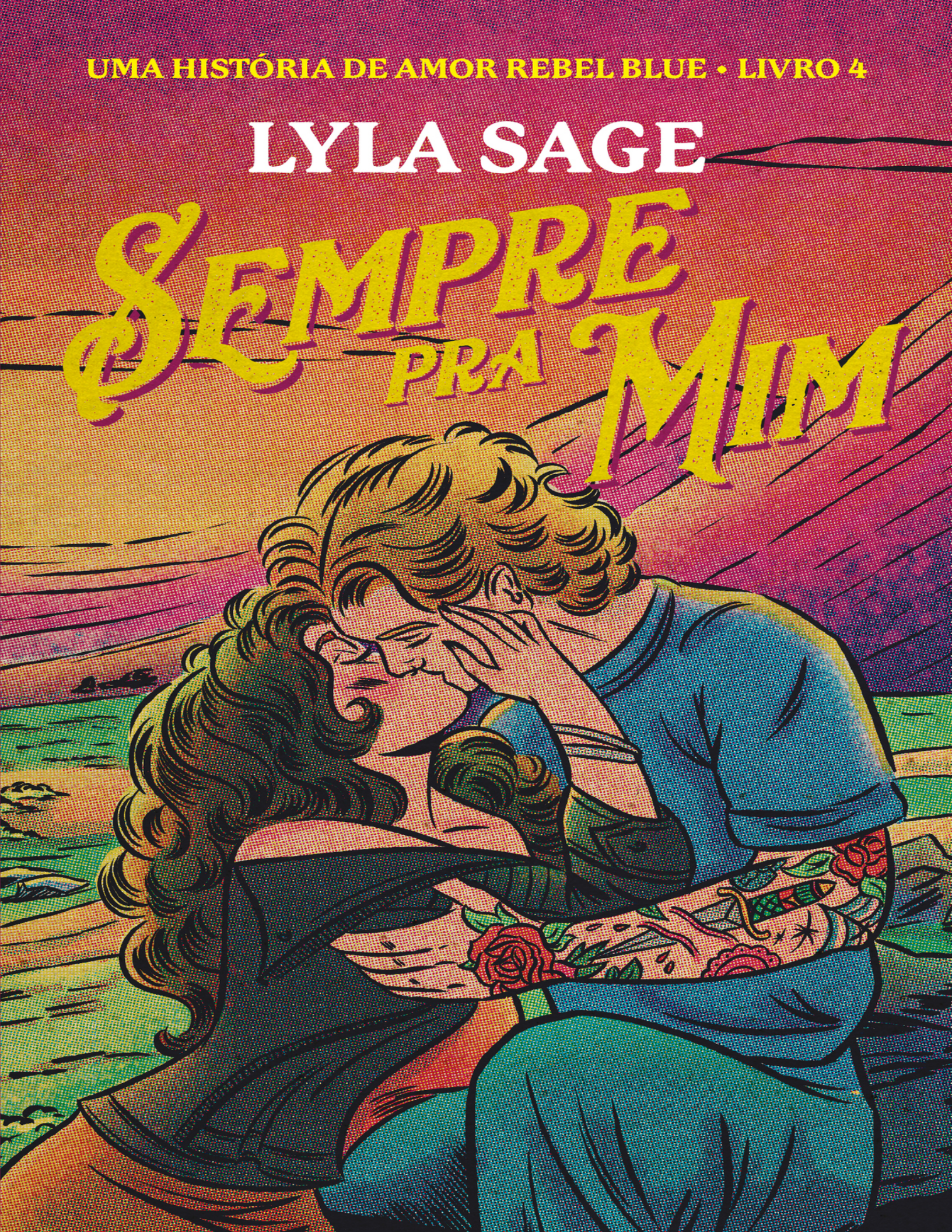
UMA HISTÓRIA DE AMOR REBEL BLUE • LIVRO 4

LYLA SAGE

SEMPRE PRA MIM



UMA HISTÓRIA DE AMOR REBEL BLUE • LIVRO 4

LYLA SAGE



Tradução
DANDARA MORENA

paralela

Este aqui é pra mim — pra garota que tinha um sonho e
pra mulher que o tornou realidade.
E, pra minha mãe, que me ensinou a sonhar primeiro.

Nota da autora

Querido leitor,

Não sou uma escritora boa o bastante para sequer começar a descrever os sentimentos e as emoções que estão girando na minha cabeça, no meu coração e na minha alma enquanto compartilho o último livro da série Rancho Rebel Blue com vocês. E não sei se estou pronta para falar sobre este ser o fim, então, em vez disso, voltarei ao começo.

O Rancho Rebel Blue começou como um refúgio pra mim — um lugar na minha cabeça para o qual eu podia ir quando precisava de raios de sol e grandes céus azuis. Quando decidi dividir esse lugar incrível com outras pessoas, nada poderia ter me preparado para o que estava por vir: todos vocês.

Do fundo do meu coração, obrigada por embarcarem nesta jornada comigo, por correrem ao meu lado, por me motivarem e tornarem meus sonhos realidade. Esses últimos dois anos foram os melhores da minha vida.

Por isso, é ao mesmo tempo amargo, doce, empolgante e apavorante dividir o último livro do Rancho Rebel Blue com vocês. A história de amor de Cam e Dusty é uma que levo no coração desde que comecei a discutir ideias para esta série. Eles me desafiaram e me impulsionaram, me fizeram chorar e rir. Escrevi este livro com o coração na garganta e a mão no peito.

Sempre falei que o Rancho Rebel Blue é uma carta de amor às pessoas e aos lugares que me constituíram. E continua sendo assim, mas *Sempre pra mim* é mais do que isso. É uma

carta de amor ao próprio Rancho Rebel Blue — à família que foi criada, às histórias de amor contadas e à comunidade que apoiou cada parte dela.

Este livro, assim como o nascer do sol na capa, também é um tributo aos novos começos. É um lembrete persistente de que, embora a série esteja acabando, o horizonte permanece vasto, lindo e ao nosso alcance.

E, quem sabe, talvez eu encontre vocês de novo no portão do Rancho Rebel Blue algum dia. Porque nada dura para sempre, sabe? Nem as despedidas.

Bem-vindos de volta.

Lyla

Um



Cam

Na minha opinião, não existe quase nada melhor do que uma boa lista de tarefas. Marcar algo como feito é a melhor sensação do mundo, e, naquele dia, minha lista de tarefas aparentemente estava fácil — até desnecessária —, porque, pela primeira vez em Deus sabe quanto tempo, havia apenas um item nela: casar.

Eu tinha feito tudo o que precisava. Peguei a licença matrimonial, apareci na capela e coloquei o vestido que minha mãe escolheu. Deveria ter sido molezinha — caminhar até o altar, escutar os votos genéricos que o celebrante diria e beijar o noivo.

Então por que eu estava sentada no bar mais espelunca de Wyoming bebendo vodca pura vestida de noiva?

Como quase todo projeto grande, casar exigia mais de uma pessoa. Mas projetos em grupo não eram meu forte. Eu não gostava de colocar meu destino na mão dos outros, só que naquele dia achei que daria certo. Até que ponto outra pessoa pode atrapalhar quando a tarefa é tão simples?

Bastante, na verdade. Porque, se essa pessoa não aparecer, tudo vai por água abaixo.

Bem, meu noivo não apareceu, e tudo foi por água abaixo.

Lembrei do bilhete que ele deixou — muito nobre — quando peguei o copo de vodca e dei um bom gole.

Camille,
Desculpe. Não consigo.
Graham

Ignorei os outros clientes do Bota do Diabo me fuzilando com o olhar enquanto especulavam por que a coitada da Camille estava sentada num bar vestida de noiva em vez de estar se casando.

Senti o álcool descer queimando a garganta. Dei outro gole. E mais um. *Ele* não conseguia? Aquela coisa toda tinha sido ideia *dele*. Foi ele quem disse que ficaria tudo bem, que seríamos as pessoas mais felizes do mundo.

E aí *ele* não apareceu.

Nem me avisou, só deixou um bilhete na mesa da sala de preparação da noiva. Bem quando eu o lia, Amos Ryder bateu na porta. Amos era o avô da minha filha, Riley, mas também era a coisa mais próxima que eu tinha de uma figura paterna amorosa e estável. Eu tinha pedido que ele me levasse ao altar hoje, mas meu pai verdadeiro não ficou muito satisfeito, então fez o de sempre: ameaçou fazer cena, deserdar a mim e a minha filha, cortar o fundo fiduciário dela — essas coisas.

Então cedi. Sempre cedia.

Só que, quando eu precisava de alguém, meu pai nunca estava por perto, enquanto Amos estava sempre ali. Desde o dia em que seu filho lhe contou que eu estava grávida, Amos me tratava como outra filha.

Ele tinha passado a manhã do casamento comigo porque eu pedi. Amos era uma ótima companhia em momentos de grande estresse. Ele era calmo, forte e estável — como um rio,

Gus sempre dizia. Queria que ele estivesse sentado ao meu lado quando fiz o exame da Ordem, pois com certeza eu teria passado de primeira.

— Entra — falei, rouca, e, assim que avistei seu cabelo grisalho e seus olhos verdes suaves, os meus se encheram de lágrimas. Eu não estava triste porque Graham não estava ali e não viria, mas porque eu já havia desistido de tanto de mim mesma por aquele casamento, e agora ele não ia acontecer.

— Cam? — Amos disse enquanto fechava a porta e corria na minha direção. — O que houve? — Seus olhos se fixaram no bilhete na minha mão, e vi seu rosto desabar. Ele sabia.

Em vez de responder, soltei um suspiro trêmulo e o abracei. Ele me abraçou de volta. Riley pulou no abraço também, mesmo que não soubesse o que estava acontecendo. Essa garota simplesmente ama abraços.

— Vamos ver se seu pai chegou, Raio de Sol — disse ele para ela.

Riley balançou a cabeça empolgada e rodopiou em seu vestido de daminha de honra. Estava muito animada para jogar pétalas e caminhar até o altar na minha frente. Meu peito se apertou. Como poderia contar a ela o que tinha acontecido?

— Pode... pode pedir para ele vir aqui? — perguntei, baixinho.

Amos trouxe Gus menos de um minuto depois. Contei que Graham não viria e que precisava que ele e sua noiva, Teddy, ficassem com Riley pelo restante do dia. Como eu tinha tido um minuto para me recompor, minha voz saiu profissional — fria até —, mas o olhar que Gus me lançou não era nem um pouco frio. Suas narinas se inflaram, e quase pude vê-lo mordendo a língua, tentando não deixar a raiva vencer.

— Tenho que sair daqui — falei, arrancando o véu do coque que tinha sido feito havia apenas alguns minutos.

— Vai — responderam Gus e Amos ao mesmo tempo. — Vamos cuidar disso — continuou Gus.

Eu confiava neles. Saí correndo pelos fundos da igreja; não de um jeito noiva em fuga a caminho da liberdade, mas de um jeito noiva rejeitada que precisava seguir em frente para não desmoronar.

Deprimente.

E agora eu estava ali, virando vodca às três da tarde. Estava bastante bêbada, já sentindo a tensão na nuca e nos ombros aliviar. Talvez ficasse ali o dia todo — escutando Hank Williams falar poeticamente sobre lágrimas e cervejas na jukebox até o sol se pôr. E então quem sabe eu montasse no touro mecânico vestida de noiva e desse à cidade mais o que falar.

Peguei a bebida de novo e fiquei profundamente decepcionada quando só o gelo chegou aos lábios. Queria vodca. E chocolate. E Cheetos.

Fixei os olhos na garrafa de vodca que estava do outro lado do balcão bem quando a porta abriu. Vi Gus, seu irmão Wes e o dono da garrafa de vodca, Luke Brooks, passarem por ela.

Sabia que estavam me procurando para garantir que eu estivesse bem, mas ainda não queria lidar com aquilo tudo. Não queria saber o que tinha acontecido na igreja, ou como meus pais reagiram, ou o que as pessoas estavam dizendo.

Então me debrucei no balcão, peguei a garrafa e saí da banqueta o mais rápido e silenciosamente possível. Fui em direção ao banheiro, mas vi que Wes me notou e, claro, um segundo depois...

— Cam! — chamou Gus, mas continuei andando.

Droga.

— Você está mesmo roubando meu bar? — perguntou Brooks.

— Você está linda! — emendou Wes.

Eu já estava a poucos passos do banheiro. Podia chegar lá antes de me alcançarem.

— Cam — chamou Gus de novo. — Vamos conversar!

— Estou bem — respondi, sem olhar. — Riley está bem? — perguntei, mesmo sabendo a resposta.

Gus não teria saído sem deixar alguém cuidando de Riley. Ele era um bom pai. O melhor.

— Está — confirmou, quando cheguei à porta do banheiro.

Eu a abri.

— Então já estamos conversados! — respondi, entrando no banheiro, fechando a porta e me assegurando de trancá-la antes de pressionar as costas na madeira velha.

Encarei o ladrilho amarelo no chão antes de me afundar nele... com a garrafa na mão.

Ouvi uma batida.

— Cam? — Era Gus. — Qual é, vamos sair daqui e conversar.

Eu não queria conversar. Queria beber. E comer.

— Estou bem aqui — gritei para a porta.

Ele continuou tentando me convencer, mas não cedi. Sentei no chão do banheiro do Bota do Diabo, onde provavelmente metade da população de Meadowlark tinha sido concebida, e nem me importei. Meu olhar estava desfocado, meus olhos pesados.

Tentei chorar — tentei mesmo —, mas nada saiu. Eu *queria* chorar. Teria amado sentir *alguma coisa* ao ver minha vida virando de cabeça para baixo.

Mas estava entorpecida. Confortavelmente entorpecida. Talvez fosse uma coisa boa... não sentir nada. Meus sentimentos sempre me colocaram em encrenca.

Não sei por quanto tempo fiquei ali, com o vestido de noiva amarrotado ao meu redor, ou até quando Gus bateu na porta. Ele era persistente, mas depois de um tempo as batidas pararam.

Tudo o que conseguia ouvir era a música da jukebox; ela se infiltrava por debaixo da porta, e eu a recebia na minha fortaleza. Era bom ser envolvida por ela. Eu não costumava me sentir envolvida com muita frequência — por música, por abraços, por braços.

Não me dei conta de que a música era a única coisa que eu conseguia ouvir — nada de conversas, nada de clientes ou banquetas sendo arrastadas no chão — até ouvir uma batida na porta do banheiro.

Foi mais suave daquela vez, como se a pessoa não quisesse me perturbar ou algo assim. Três batidas. Estavam no ritmo da música.

— Ash?

Enrijeci. Eu reconheceria aquela voz em qualquer lugar. Se eu estivesse em coma, ela me acordaria. Se eu estivesse a sete palmos da terra, cavaria para fora do túmulo só para ficar perto dela. Era dramático, assustador, trágico e estúpido.

Mas era verdade.

— Estou só eu aqui. Evacuaram o bar. — *Vou te amar até virarmos poeira ao vento, Camille Ashwood*. — Estou aqui, Cam.

Por algum motivo, ergui o braço e destranquei a porta. O clique era inconfundível.

— Vou abrir a porta, tá bom? — avisou ele, e eu saí de perto dela.

Quando a porta abriu, meus olhos encontraram os dele sem nenhum esforço.

Dusty Tucker.

Seu cabelo loiro e castanho-claro caía um pouco abaixo do queixo, e seu rosto só havia ficado mais fino e anguloso com o passar dos anos. O piercing prateado na narina direita era quase da mesma cor que seus olhos, mas eles eram mais azulados do que prateados. Ele era lindo. Sempre foi, mas coisas bonitas também podiam ser perigosas.

O silêncio e o peso dos anos pairaram entre nós. Fui eu que o quebrei.

— Me leva pra algum lugar — falei.

Dusty agachou na minha frente, os olhos cinzentos ficando na altura dos meus castanhos, e estendeu a mão tatuada.

Eu a peguei sem pensar.

Dois



Dusty

Não costumo ser o cara que afoga as mágoas. Na verdade, não tenho muitas mágoas. Sinceramente, devo ter uma única mágoa, então nunca tive muito para afogar de fato. Só que essa única mágoa era bem barra-pesada — ainda mais naquele dia.

Porque, hoje, ela ia se casar.

Ela havia me convidado. Bem, convidou minha mãe. "Aggie Tucker e família", era o que o convite dizia. O "e família" devia significar minha irmã caçula, Greer, mesmo que ela não morasse mais por ali. Com toda a certeza não queria dizer eu, o que provavelmente era bom.

Acho que não conseguiria me sentar na igreja e assistir a ela caminhar até seu futuro com outro homem. Na verdade, eu sabia que não conseguiria. Então ali estava eu, no canto do bar, bebendo uísque e afogando as mágoas.

Estava escuro no Bota do Diabo. Não tinha nenhuma janela grande, e a maior parte da iluminação vinha das placas de neon espalhadas pelo bar. Convenci Joe, o garçom, a me entregar minha própria garrafa e um copo, para que eu não precisasse levantar do meu canto. Na verdade, não foi preciso muito para convencê-lo. Ele sabia por que eu estava ali. Todo mundo sabia que Cam e eu tínhamos um passado. Não havia segredos em Meadowlark.

Patético. Eu era patético. Do jeito que eu estava me sentindo, era de se pensar que Camille Ashwood tinha partido meu coração naquela manhã — e não mais de uma década antes. Bem, pela primeira vez. Ela partiu meu coração um milhão de vezes depois disso, e o tempo nunca tinha feito o que deveria fazer: me curar ou coisa parecida.

Cam era uma ferida aberta, e o tempo era sal.

Ergui o copo até os lábios e dei um gole. Era só o segundo ou terceiro. Ao que parecia, eu era um fracasso afogando as mágoas.

Precisava melhorar, porque minha cabeça idiota não ficava quieta. Gritava para mim: *faça algo*: ou corra até a igreja ou fuja. Eu não sabia o que escolher, então não fiz nada.

Podia ter se passado um minuto ou uma hora quando escutei a porta do bar abrir. Olhei para lá, porque a porta não tinha se aberto nem uma vez desde que eu havia chegado ali. Provavelmente por ser três da tarde de um sábado.

Vi um vestido branco e um cabelo escuro. Não podia ser ela. Pisquei algumas vezes, achando que aquela aparição sumiria. Sacudi a cabeça, tentando fazer com que ela voltasse pela porta, mas não voltou. Continuava ali, de vestido branco.

O que ela estava fazendo ali?

Olhei para o meu relógio. Ela deveria estar casada àquela altura. Ela estava casada? Eles viriam para cá depois do casamento? Eu não conseguia imaginar Rutherford e Lillian Ashwood contentes com isso. E, se eles fossem mesmo vir para cá, Teddy teria me contado, ela sabia bem do meu plano de afogar as mágoas e de onde esse plano aconteceria.

Cam estava... linda. Como sempre. Mas havia alisado o cabelo ondulado e parecia se afogar no vestido — que tinha muitas camadas. A expressão dela me fez querer ir atrás de

Greg ou Graham, ou seja lá qual fosse a porra do nome, e dar uma surra nele. Que merda tinha acontecido?

Esperei seus olhos percorrerem o bar e inevitavelmente pousarem em mim, mas não aconteceu. Ela foi direto para o bar e se sentou. Jogou no chão o véu longo e branco que se arrastava às suas costas.

Joe a encarou de olhos arregalados quando ela se sentou, mas foi esperto e não disse nada. Ela falou alguma coisa, e ele encheu um copo com gelo e um líquido transparente, não consegui ver o que era — devia ser vodca —, e o deslizou pelo balcão. Ela agarrou o copo e bebeu quase metade de uma vez só.

Nem hesitou.

Tive que me esforçar para desviar o olhar, mas precisava de um segundo. Além disso, eu devia ser a última pessoa que ela queria ver. A julgar pela vodca, o vestido de noiva e a ausência do noivo, comecei a pensar que o casamento não tinha acontecido.

Ou quem sabe aconteceu e foi uma droga?

Mas e se não aconteceu?

Baixei o olhar para minhas mãos na mesa. Elas começaram a tremer, e fechei os punhos para fazê-las parar.

Meu celular acendeu na mesa, e logo o peguei. Vi uma mensagem de Teddy, e mais outras estavam chegando. Ela nunca conseguia mandar uma mensagem só.

Eu sempre tinha visto Teddy como outra irmã. E mais do que nunca agora que minha mãe e seu pai estavam juntos.

TEDDY
Dusty Tucker

A GENTE VAI TER MUITO PRA FALAR MAIS TARDE

ACONTECEU UM DRAMA

Você tá no BD?

Uma mulher linda de vestido branco bem caro apareceu? Não estamos achando ela.

Merda. Cam era uma noiva em fuga. Mas por que tinha vindo para cá? Digitei uma resposta rápida para Teddy.

DUSTY
Ela tá aqui.

TEDDY
Gus está indo.

NÃO INVADE O ESPAÇO DELA.

ELA TEVE UM DIA DIFÍCIL.

(mas tenho tanto pra te contar)

DUSTY
Não falei com ela. Ela não me viu.

O que ela faria se me visse? Sairia correndo? Ela tinha se empenhado bastante em me evitar durante o ano anterior, desde que eu tinha voltado para casa, e, numa cidade como Meadowlark, isso dava trabalho.

Lembrei de quando a vi nessa época — a primeira vez em anos. Emmy, Teddy e Cam estavam numa espécie de noite das garotas. Eu cheguei, e lá estava ela.

E estava usando a *minha* camisa de Margaritaville. Eu tinha dado para ela no verão pós-ensino médio. Fomos nadar, ela precisava de algo para vestir depois, e a camisa estava na traseira da minha caminhonete. Eu tinha me esquecido completamente dessa camisa até vê-la usando naquela noite.

Aquilo colocou ideias na minha cabeça, sobre o que significava voltar para casa. E então baixei o olhar e avistei a pedra gigante no seu dedo.

Esperanças: despedaçadas.

Que seja. Estava tudo bem. Eu estava bem. Era idiota pensar que a garota que eu havia amado seria uma mulher esperando por mim — eu sabia disso, o que não fazia doer menos.

A porta do bar foi aberta um tempo depois. Dessa vez, três homens entraram. Gus, Wes Ryder e Luke Brooks.

Gus chamou Cam, que olhou com cara de quem tinha sido pega fazendo o que não devia — o que fez mais sentido quando avistei a garrafa de vodca na mão.

Sorri.

Ela andou pelo bar enquanto Gus tentava pará-la. Tropeçou no vestido algumas vezes antes de chegar ao banheiro, entrar e bater a porta.

Brooks ergueu o rosto e olhou ao redor. Quando me avistou, virou para dizer algo a Gus e veio até mim.

— Ei, cara — cumprimentou com um aceno de cabeça.

Brooks estava bem arrumadinho, com uma calça preta e uma camisa de botões branca.

— Ei — falei. Minha voz falhou um pouco, legal. — O que está acontecendo ali?

Gesticulei para a porta do banheiro, onde tanto Gus quanto Wes estavam batendo. Tentei parecer desinteressado, mas sabia que devia ter falhado.

Brooks balançou a cabeça.

— O noivo não deu as caras.

Fiquei de queixo caído. Com suas palavras, senti as orelhas ficarem quentes.

— Sério? — perguntei.

Quem é que não aparece para casar com uma mulher daquelas? *Que idiota do caralho*, pensei, *desperdiçar essa mina de ouro*.

— Sério — respondeu Brooks. — Podemos dizer que o casamento está cancelado. — Meu coração acelerou. — Gus e Amos cuidaram de quase tudo, mas os pais da Cam são fogo.

Disso, eu já sabia. Rutherford e Lillian eram um pé no saco, sempre foram. E provavelmente sempre seriam.

— Cadê a Riley?

— Com Teddy e Emmy. Deixá-la com as duas era o único jeito de garantir que elas não caçariam o Graham e quebrariam os dentes dele.

Elas fariam isso mesmo. Não se mexia com Emmy e Teddy, sobretudo se elas estivessem unidas na mesma causa. Se as duas estivessem determinadas a destruir a vida do cara, ele estaria acabado no dia seguinte.

— Merda — falei, sem ar.

— Merda. — Brooks assentiu.

Olhei para a porta do banheiro de novo. Gus ainda batia, mas Wes vinha até nós.

— Acho que ela não vai sair — comentou ele.

— Não vai — respondi.

Cam era teimosa e não gostava de ser o centro das atenções. Gostava dos bastidores. Provavelmente ficaria desconfortável com as pessoas se amontoando ao seu redor naquelas circunstâncias. Mesmo que merecesse apoio, não importava, Cam preferiria desaparecer.

Era provável que só saísse do banheiro quando o bar ficasse vazio, tipo, totalmente vazio.

— Sei como fazer ela sair — falei para Brooks. — Mas a gente tem que esvaziar este lugar. Ela não vai sair com toda essa gente por perto. Podemos fazer isso?

Brooks fez que sim e chamou Gus e Wes.

— Dusty tem uma ideia — contou ele quando se aproximaram.

Gus semicerrou os olhos para mim, sempre protetor. Gus Ryder era um bom homem. Eu o idolatrava quando era mais novo e ainda me inspirava nele mais do que ele sabia.

— Qual é o plano?

— Ela não quer encarar nenhuma dessas pessoas aqui — falei. — E com certeza não quer ver nenhum de vocês. — Wes se abateu um pouco com isso.

— Mas vai querer ver você? — perguntou Gus, cruzando os braços.

— Provavelmente não. Mas sou o único dos quatro que não estava no, hum, casamento. — Tropecei na palavra, mas torci para que não notassem.

— E por que isso importa? — indagou Gus.

— Porque sim. — Dei de ombros.

Porque, na mente da Cam, eu era o único que não havia testemunhado seu constrangimento. Cam era uma mulher orgulhosa, não de um jeito ruim. Só se importava com o que as outras pessoas pensavam e queria ser perfeita. Eu culpava a mãe dela.

— Acho que a gente devia deixar o Dusty tentar — interveio Wes.

— Também acho — emendou Brooks.

— Isso é porque você se importa com a Cam ou porque quer ela fora do banheiro? — perguntou Gus com um olhar feio na direção dele.

— Os dois. — Brooks deu de ombros.

Gus girou os ombros para trás e para a frente.

— Tá — falou, e então apontou para mim. — Mas mantenha as mãos longe.

Revirei os olhos. Ele e Teddy eram mesmo perfeitos um para o outro, não?

— Cam é minha amiga — respondi.

Bem, era. Eu não sabia o que éramos no momento. Quem sabe, depois que tirássemos todo mundo do Bota do Diabo, eu conseguisse descobrir.

Três



Cam

Quinze anos atrás

A Meadowlark High já era meu lugar favorito, e eu só estava ali havia algumas horas. Era meu primeiro dia — meu primeiro dia ali, meu primeiro dia numa escola pública depois de anos em escolas particulares — e a primeira vez que eu via um menino com piercing no nariz. Consegui ver — bem de perto e cara a cara — porque tinha esbarrado nele quando saí da sala do diretor. Meus livros e o cronograma das turmas agora estavam todos espalhados pelo chão.

Ótimo.

— Eita — falou ele.

Suas mãos estavam nos meus braços, cobertos por um cardigã azul-marinho.

— D... desculpa — gaguejei antes de erguer o olhar para a parede humana na qual tinha batido. Olhos cinzentos me encararam. Uau.

— Tudo bem — respondeu com um sorriso travesso. — Estou acostumado com as garotas se jogando em mim.

Um sorriso puxou os cantos da minha boca, mas eu não sabia como responder àquilo, então não respondi. Em vez disso, baixei o olhar para a bagunça dos meus pertences.

Quando me curvei para pegá-los, o menino de olhos cinzentos se curvou também.

— Deixa eu ajudar — pediu, e fiquei quieta.

Quando começou a juntar papéis e livros, dei uma olhada melhor nele. Uma juba de cabelo loiro que minha mãe diria ser longo demais, mas acho que gostei.

Ele tinha o rosto afilado, o queixo com um furinho e sobrancelhas que combinavam com as partes mais escuras do cabelo. Meu olhar ficou preso na argola prateada na narina. Eu devo tê-lo encarado por um tempinho longo demais porque ele disse "Gostou?", enquanto gesticulava para seu nariz, segurando meus livros. Eu não tinha pegado nadinha. Distraída, acho.

— Perdi uma aposta com meu parceiro Wes alguns meses atrás, mas estou gostando.

Aquele menino continuava falando comigo, e continuei em silêncio. Não sabia o que dizer. Se gostei? Gostei. Queria dizer isso a ele? Com certeza não. Também notei uma tatuagem no antebraço. Não conseguia ver o que era, e não queria ser pega encarando de novo. Meninos de dezessete anos podiam ter tatuagem? Isso era legal?

— Você é nova aqui, né? — perguntou.

Daquela vez, assenti. Ele se levantou, com meus livros e papéis ainda na mão, e fui junto. Minha grade de aulas estava no topo da pilha, e ele a pegou.

— Camille Ashwood — leu em voz alta. — Bom nome. — Quis perguntar qual era o dele, mas minha língua idiota ainda não funcionava. — Você sabe para que lado fica a química?

— Como você sabe que vou para química? — indaguei.

— Ela fala — respondeu ele com um sorriso torto.

Senti um rubor subir pelo meu pescoço. Eu não era exatamente uma garota tímida. Bem, não era uma tagarela, mas em geral sabia responder perguntas. Só que aquele cara era simplesmente tão... bonito. Era intimidador.

— Tá na sua grade, Camille.

Algo em seu jeito de mover a boca ao falar aquilo capturou minha atenção, o modo como os dentes superiores e inferiores estavam sempre um pouquinho afastados independentemente do que ele dizia, e era meio hipnotizante.

— Isso — respondi.

— Então — falou ele enquanto me devolvia os livros e a grade —, sabe para onde está indo?

Dei um rápido aceno de cabeça e virei para o lado oposto.

— Direção errada, Camille — gritou ele para mim. Droga. Meu rosto esquentou quando virei e passei por ele de novo. Nesse momento, ele estendeu a mão e disse: — A propósito, meu nome é Dusty.

Continuei andando.

Quatro



Cam

Eu odiava e amava o quanto era fácil para mim pegar a mão de Dusty e sair correndo do Bota do Diabo — para o estacionamento de terra com o vestido de noiva flutuando ao meu redor. Estava frio pra cacete, mas não me importei.

Quando Dusty olhou para mim enquanto corríamos para seu Bronco, ele estava com um sorriso torto, que me lembrou muito do garoto que eu conheci, do quanto sentia saudade quando me permitia pensar nele.

Afastei o pensamento quando chegamos à caminhonete. Ele abriu a porta para mim e perguntou:

— Tem certeza?

Eu não tinha, só que, em vez de responder, agarrei a porta e subi na cabine — como tinha feito um milhão de vezes antes. Dusty me ajudou a juntar o vestido e garantir que ele todo estivesse dentro do carro.

— Sem ofensa, mas esse vestido é ridículo.

— Eu sei — respondi com um suspiro que virou uma risada.

Depois que fechou a porta, Dusty foi até o lado do motorista e pulou para dentro.

— Algum pedido? — indagou quando o Bronco rugiu, ganhando vida.

Balancei a cabeça.

— Só dirige.

Dusty me deu o sorriso torto de novo, e não consegui evitar sorrir de volta. Meu coração batia acelerado, eu conseguia ouvir o sangue bombeando nas veias. Meu corpo todo se sentia vivo, como se estivesse dormente antes.

Ele começou a dirigir e ligou o rádio. Charlie Rich começou a sair dos alto-falantes. Não conversamos, mas não ficou desconfortável. Em geral, diante do silêncio, minha cabeça ficava barulhenta. Tinha ficado barulhenta o dia todo.

Só que, naquele momento, estava maravilhosamente quieta.

Olhei para Dusty mais uma vez — um dos seus punhos estava apoiado no volante e o outro batia conforme a música — antes de apoiar a cabeça no vidro gelado da janela e assistir a Wyoming passar.

— Ash — chamou Dusty, baixinho, um tempinho depois. Ergui a cabeça da janela, um pouco desorientada. A paisagem à minha volta não estava se movendo mais, estávamos estacionados em algum lugar. — Você pegou no sono. Está se sentindo bem?

— Sim — respondi, grogue. — Onde estamos?

— Achei que gostaria de trocar de roupa. Estamos num posto de gasolina a uma hora da fronteira de Meadowlark.

— Roupas de um posto? — falei, erguendo a sobrancelha para ele.

Minha voz, contudo, não continha muita autoridade, porque o vestido estava começando a me cutucar em todos os lugares errados.

Dusty pareceu achar graça.

— Desculpe. Tem pouca loja de departamento por aqui.

Suspirei e abri a porta. A saia inteira do vestido começou a rolar da caminhonete. Meu Deus, aquela coisa era grande, espalhafatosa e horrível. Minha mãe havia escolhido — ela havia escolhido cada detalhezinho daquele dia. A igreja (não por mim), as flores (caras), a comida (odeio peixe), a música (chata) e, claro, o noivo. Bem, isso tinha sido escolha minha, mas por influência dos meus pais. Pensei que, se me casasse com alguém do círculo deles, ganharia alguma validação. Ser filha não me dava nenhuma, então achei que talvez Graham Rawlins desse.

Rutherford Ashwood (ou Ford, para os amigos, coisa que eu não era) era herdeiro do maior e mais antigo banco a oeste do rio Missouri. Seus avós — de berço, como os Vanderbilt e os Rothschild vizinhos — vieram para o oeste com a corrida do ouro e fundaram o Banco Basin. Se uma pessoa morasse no oeste e tivesse algum dinheiro, ele estava no Basin.

Era aí que entrava Sherman Rawlins, dono da Associados Rawlins — um dos maiores fundos de investimentos do país — e pai de Graham. Sim, *aquele* Graham. Que me abandonou no altar havia algumas horas porque simplesmente "não conseguia".

Espantei da cabeça os pensamentos sobre minha família, Graham e meu casamento fracassado. Agora não.

Depois de sair da caminhonete e pisar no chão, fui erguer o vestido, com receio de ficar um pouco sujo, mas então lembrei que não ia subir ao altar. Eu ia andar num posto de gasolina aleatório, à margem da rodovia Wyoming, que aparentava ter a mesma idade das montanhas ao redor.

Deixei o vestido cair e se arrastar pela lama, pela neve derretida e pelos pedregulhos enquanto caminhava. Bem,

tropeçava. Minha mãe havia escolhido um salto agulha para combinar com o vestido. Provavelmente, os sapatos custaram o mesmo que alguns carros e não estavam facilitando a caminhada.

O posto de gasolina era pequeno. Parecia que o tinham pintado de verde-menta algumas décadas antes. Na frente, havia placas escritas à mão anunciando pacotes de petiscos de carne-seca e maços de cigarros de cinco dólares. Só havia duas bombas de gasolina, e eu não estava convencida de que funcionavam.

Dusty começou a andar ao meu lado — nem tão perto, nem tão longe. O silêncio pairou entre nós de novo, mas daquela vez não havia música para preenchê-lo, apenas dez anos de espaço e tempo. Ainda bem que eu era especialista em reprimir meus sentimentos, ou o peso daquele momento — de qualquer momento ou lembrança com Dusty — poderia me esmagar.

Um sino tocou na porta caindo aos pedaços quando Dusty a abriu para mim. O homem de meia-idade no balcão deu uma conferida em nós dois — em mim de vestido de noiva e em Dusty de roupa comum: calça jeans desbotada, camisa preta um pouco curta, só o suficiente para me dar um vislumbre do seu abdome toda vez que ele levantava os braços, botas de caubói pretas e jaqueta também preta. Olhei para ele bem quando passou a mão nos cachos loiros.

Desviei o olhar na hora.

— Oi, Stan — cumprimentou Dusty.

Como ele conhecia aquele cara? Estávamos longe e fora da cidade.

— Você tem alguma coisa pra me contar, meu filho? — respondeu o suposto Stan.

Ele ainda olhava para mim e para o vestido de noiva.

Dusty riu.

— Não, mas você ainda tem camisetas?

Stan fez que sim e ergueu o queixo.

— Nos fundos.

— Valeu, cara. Se você tiver algum sabor novo de petisco de carne-seca, pega pra mim — falou Dusty, colocando a mão nas minhas costas e me guiando delicadamente mais para dentro.

Nem pense nisso.

Assim que pegamos a direção certa, ele tirou a mão. Senti falta do conforto dela na hora, ou talvez só do seu toque, como senti na última década.

Não estou pensando nisso.

Nos fundos da loja, havia duas prateleiras, uma estava com fita adesiva no canto, cheia de camisetas que não combinavam. Havia calças e shorts de moletom dobrados e uma caixa de papelão ao lado.

Comecei a vasculhar as camisetas nas prateleiras. Havia muitas opções de vida selvagem, algumas genéricas de Wyoming, uma com um jackalope e...

— Se você pegar essa — falou Dusty quando segurou a camiseta verde-escura para a qual eu estava olhando naquele momento e a pegou da prateleira —, podemos ficar combinando.

— Monta na minha cordilheira? — indaguei, lendo o texto branco na camisa e dando um pequeno sorriso.

Dusty sorriu de volta para mim.

— Quando quiser.

— Vai sonhando, Dusty Tucker — respondi com um revirar dos olhos, tentando reprimir um risinho.

Ele sempre conseguia me fazer rir, mesmo quando eu não queria. Me deu uma piscadela exagerada.

— Você não tem ideia, Ash.

— Para de me paquerar enquanto ainda estou de vestido de noiva.

Só Dusty me deixava confortável o suficiente a ponto de fazer piada de algo que não deveria ser ainda nem um pouco engraçado.

— Melhor a gente te tirar dele então.

Bufei, fingindo exasperação.

— Você é ridículo — declarei, e empurrei a camiseta para os braços dele. — Segura pra mim. Preciso encontrar uma calça.

— Precisa?

— Sim, Dusty. Ou eu deveria te chamar pelo seu nome de verdade?

Dusty arregalou os olhos cinzentos, mas estava sorrindo, como se estivesse extasiado por eu brincar com ele.

— Você não teria coragem — disse.

— Tenta só, Tuck — rebati, e o apelido saiu da minha boca pela primeira vez desde que ele tinha voltado para casa no ano anterior.

Seus olhos cintilaram.

Ele pegou a camiseta da minha mão, e fui até as pilhas malfeitas de calça de moletom. Eram todas calças básicas, cinza, azul-marinho ou rosa-choque.

Fui na azul-marinho que tinha o cavalo empinado de Wyoming na lateral. Passei os olhos no restante das roupas — procurando um casaco de moletom, uma jaqueta ou algo assim, mas o único que encontrei foi um tamanho PP que parecia caber em Riley.

— Tenho um casaco extra e botas na caminhonete — avisou Dusty, lendo minha mente. — O banheiro é saindo pela

porta dos fundos. — Ele apontou para um corredor à nossa esquerda. — Mas temos que pegar a chave com Stan.

Tirar o vestido de noiva no banheiro de um posto de gasolina, nos fundos de uma mata, pareceu um pouco demais.

— Posso me trocar na sua caminhonete?

Dusty olhou para o chão, de repente acanhado.

— Ah, hum, claro.

Ele engoliu em seco, o que deixou minhas bochechas quentes.

— Ótimo — falei rapidamente.

Aquele espaço de repente pareceu pequeno demais para nós dois, então voltei para a frente da loja. Tropecei num dos pisos desnivelados. Pelo canto do olho, vi Dusty estender a mão para mim, mas me endireitei antes de ele conseguir me tocar de novo.

Depois que chegamos ao balcão, coloquei a calça de moletom perto da caixa registradora, e Dusty colocou a camiseta ao lado, junto com três garrafas de água que devia ter pegado no caminho. Também havia sacos transparentes de petisco de carne-seca ali.

— Tem mel de pimenta-jalapeño, conhaque de açúcar mascavo e pepino — disse Stan, apontando para cada pacote antes de escanear o resto dos itens. Carne-seca de pepino? Eu toparia experimentar. — Ficou 42,73. Precisa de sacola?

— Não, valeu — respondeu Dusty. Tirou a carteira do bolso e jogou três notas de vinte dólares no balcão. — Obrigado, Stan.

Esperei um segundo para Stan pegar o troco de Dusty, mas Dusty já tinha juntado os itens e estava esperando que eu seguisse até a porta.

— Até mais, Dusty e... — Ele me olhou, esperando meu nome.

— Cam — falei, com um sorriso.

— Dusty e Cam. — Stan testou os nomes na boca, e eu os testei na cabeça. Esqueci como... eles soavam fáceis juntos. — Obrigado por passarem aqui.

— E, Stan, volto assim que puder, e a gente pode cuidar daquela árvore caída, tá bem?

— Obrigado, filho — respondeu Stan, e Dusty acenou com a cabeça antes de sairmos.

— Com que frequência você vem aqui? — perguntei.

— Acho que uma vez por mês. — Dusty deu de ombros. — Stan é um cara legal, o posto está com a família dele há gerações. — Quando chegamos ao Bronco, Dusty se apoiou na lateral, de braços cruzados. — Ele se aposentou, na verdade, há alguns anos, e o filho assumiu, mas acabou falecendo ano passado, então Stan teve que voltar. É a única pessoa que sobrou da família.

— Ah — respondi.

Não estava esperando toda aquela informação, mas acho que deveria. Dusty gostava de gente. Ele conseguia conversar com qualquer um.

— Ele passa um sufoco gerenciando esse lugar, então ajudo quando posso.

— O que vai acontecer com o lugar depois que ele se for? — perguntei.

Dusty pareceu triste quando deu de ombros.

— Lugares assim, os escondidos e datados, costumam morrer com as pessoas que os amavam — falou como se tivesse testemunhado aquilo acontecer antes.

— Que... deprimente.

— Melhor aproveitá-los enquanto a gente pode, não é? — Eu amava aquele sorriso. Aquele sorriso malicioso e diabólico.

Assenti. — Vou ligar a caminhonete e ligar o aquecedor, e então o camarim é todo seu.

— Obrigada — disse, percebendo o quanto estava congelante.

E me sentei no banco do carona bem quando o Bronco rugiu. Nossa, aquela coisa era barulhenta.

— Vou pegar a bota e o casaco na traseira.

Ele abriu a porta do motorista e estava para sair quando falei:

— Calma. — Eu não conseguia acreditar que ia precisar pedir aquilo, mas não podia fazer sozinha. A parte de trás do vestido era muito alta. — Você pode... — Parei, tropeçando um pouco nas palavras. — Pode, hum, abrir o fecho pra mim?

Não olhei para ele, mas o ouvi engolir em seco.

— Quer saber, deixa pra lá. Eu dou um jeito.

Mesmo que soubesse que não conseguiria. Tinham sido necessárias três pessoas para me colocar naquele vestido, então seria preciso pelo menos uma para me tirar dele.

— Não tem problema, Cam — afirmou Dusty. Sua voz estava tensa. — É só um vestido.

Só um vestido. Tá bom. Se alguém tivesse me contado dez anos atrás que Dusty Tucker estaria abrindo o fecho do meu vestido de noiva, eu provavelmente teria dito "dã". Nunca poderia ter imaginado que seria um vestido de noiva usado para me casar com outro homem que não apareceu no altar.

Na época, o futuro que eu via para mim estava ligado ao dele. No momento, éramos praticamente estranhos. Sempre achei que doeria menos com o tempo.

Não doía.

— Tudo bem — murmurei. — Obrigada.

Virei as costas para ele. Quando seus dedos chegaram ao fecho na parte de cima das minhas costas, minha pele se

arrepiou. Senti Dusty agarrar o tecido de cada lado do colchete para soltá-lo. Fechei os olhos, me dizendo que era para não pensar em Dusty me tocando, mas, na verdade, eu estava me deliciando com aquilo.

Ele moveu os dedos para o fecho, e o ouvi respirar fundo antes de começar a descê-lo — dolorosamente, aos poucos.

Um som saiu da garganta de Dusty quando ele avistou o que eu tinha embaixo do vestido: um corpete rendado azul-claro. Era a única coisa que eu mesma tinha escolhido naquele dia. Na minha cabeça, se eu pudesse fazer só aquela escolhazinha, talvez me sentisse mais confiante enquanto subia ao altar e me casava com um homem que não amava. Agora, isso parecia estúpido.

O vestido de noiva começou a ficar frouxo nas costelas e na cintura enquanto Dusty arrastava o fecho para baixo, até parar. Uma das alças deslizou do meu ombro.

— Tu... tudo certo — falou Dusty. Sua voz estava trêmula e baixa. — Bata na janela quando terminar, e pego a bota e o casaco na traseira.

— Obrigada. — O interior da caminhonete estava completamente sufocante, e meu coração estava acelerado de novo.

De repente, senti a parte de trás da mão dele subir arrastada pela minha coluna e parar na nuca. Quis virar para ele, ver seu rosto, mas não fiz isso. Fiquei onde estava e mantive os olhos fechados.

Senti sua respiração na minha nuca, então ele deve ter se aproximado e, antes que eu pudesse ceder e deixar a cabeça cair para trás no seu ombro, ele disse:

— Desculpa.

Saiu da caminhonete e fechou a porta do motorista.

Cinco



Dusty

Dusty Tucker, se controla, porra. Você deveria estar tirando ela da cabeça. É isso. Só isso.

Segurar a mão dela enquanto corríamos para o carro? Inofensivo. Tocar suas costas para guiá-la até os fundos da loja de Stan? Necessário. Ela não sabia aonde estava indo. Abrir o fecho do vestido? Tudo bem — ela me pediu.

Arrastar os dedos por aquela coisa azul de renda que ela vestia por baixo? Perigosamente descuidado.

Porra.

Fiquei do lado de fora da caminhonete, deixando o ar frio do exterior cortar meu rosto e meu nariz. Conseguia ouvir a caminhonete oscilar e ranger com seus impactos — um lembrete de que Cam estava lá tirando a roupa — seu *vestido de noiva*. Não era a primeira vez que ela se despia no meu carro, mas era a primeira vez que eu não estava lá para ver.

Respira, Dusty.

Passei a mão pelo rosto. *Ela não precisa de você agora pra isso, otário*. Ela precisa de um amigo. Para ajudá-la a fugir por algumas horas antes de nós dois termos que voltar para a vida real, o lugar em que Cam e eu não éramos nem amigos, pelo menos eu achava que não.

Enquanto dirigíamos, me esforcei ao máximo para manter os olhos na estrada e nas montanhas diante de mim. Não havia muitos carros naquela estrada de mão dupla. Não era a rodovia principal — esta era cheia de curvas e contornava as montanhas em vez de passar por elas, então o trajeto levava mais tempo. Só que era minha estrada favorita, a única que eu pegava para entrar e sair de Meadowlark.

Nesse momento, eu olhava para as montanhas mais uma vez, tentando pensar em qualquer coisa menos na mulher que estava se despindo no banco da frente da minha caminhonete, mas não conseguia. Uma imagem dela com a testa pressionada na janela passou em minha mente, e fechei os olhos. O fato de ela se sentir confortável para adormecer no banco do carona fez minhas entranhas realizarem uma rotina completa de ginástica: se contorcer, dar saltos, pular e tudo.

Após o que pareceu uma eternidade, ouvi duas batidas na janela. Relaxei o maxilar e senti os ombros baixarem de leve. Virei para a caminhonete e fui direto para a traseira, abri o porta-malas para pegar uma jaqueta grande, uma toalha limpa que tinha acabado de colocar ali, um par de botas e meias grossas. Tive que procurar bastante, mas estava contente por ter achado tudo.

Eu sempre deixava suprimentos na caminhonete, sobretudo no inverno. Nunca se sabia quando um cânion fecharia por causa da neve e eu ficaria preso no carro por pelo menos uma noite, às vezes mais.

Então fui até a porta de Cam e a abri. Observei-a por um segundo — ela estava completamente coberta pela camiseta ridícula e com o cabelo e a maquiagem todos feitos. Uau, ela só tinha ficado mais bonita com o tempo.

— Casaco — falei e o botei no seu colo com a toalha. — Meias. — Olhei para seus pés.

Ela havia tirado a sandália, e seu pé estava vermelho e parecia dolorido, com marcas das tiras, como se tivessem esmagado com força. Eu odiava pensar que Cam sentira dor todo aquele tempo.

Coloquei as meias em cima do casaco e as botas no chão perto de mim antes de pegar com gentileza o calcanhar dela.

— O que está fazendo? — perguntou Cam.

— Só pensei... — murmurei quando comecei a esfregar com ambas as mãos. Estava tão gelado. — Parece que seus pés estavam machucados.

— Acho que estão um pouco — respondeu ela, baixinho.

— Assim está bom?

Ela assentiu, uma mulher de poucas palavras.

Continuei esfregando por alguns minutos antes de colocar a meia e partir para o outro pé.

— Para que a toalha? — perguntou ela depois de um instante.

— Caso você queira molhar o cabelo — falei. Cam inclinou a cabeça em dúvida. — Seu cabelo... você não gosta quando ele está alisado. — Dei de ombros. — Sei que vai dizer que fica com frizz ou sei lá o quê, mas a água e a toalha extra estão lá, se quiser.

Seus olhos castanhos estavam suaves quando ela me fitou. Suaves demais. Não consegui lidar com aquilo, então coloquei a outra meia no seu pé e falei:

— Temos uma viagem de meia hora até nosso destino, então não precisa calçar isso ainda. — Coloquei as botas no chão da caminhonete.

— Pra onde você está me levando?

Sacudi a cabeça.

— Não vou contar, mas, prometo, você vai amar.

***

Cerca de trinta minutos depois, paramos num estacionamento.

— Você me trouxe para um Chili's? — falou Cam com uma risada chocada.

Sorri para ela quando desliguei o motor.

— Claro que sim.

Enquanto estávamos no carro, ela soltou o coque e passou água nas mechas com as mãos. Os cachos começaram a se formar quase na hora. Ela parecia tão mais leve do que algumas horas antes.

— É tão ridículo — comentou ela.

— Sabe, tem bem pouca coisa que sentar em um restaurante não consegue consertar, ainda mais se o restaurante tiver tortilhas chips, molho e fajitas grelhadas.

O estômago de Cam roncou.

— Tá bom — concordou ela. — Se colocassem um prato de fritas com molho na minha frente, eu faria um estrago. — Ela se abaixou e calçou as botas.

— Pronta para causar? — perguntei.

— Bora.

Saímos do carro e tive vontade de pegar sua mão enquanto íamos até a porta, mas não peguei, claro. Era estranho, antes daquela manhã eu não segurava sua mão fazia quase quinze anos, mas procurar por ela parecia a coisa mais natural do mundo.

Eu a observei. Ela estava fofa pra cacete naquele momento, com o cabelo bagunçado e completamente engolida pela jaqueta e a nova roupa do posto de gasolina.

Quando entramos, uma recepcionista nos cumprimentou com um tom bem alegre:

— Olá, bem-vindos ao Chili's. Mesa pra quantos?

— Dois — respondi.

— Mesa normal ou com sofá?

— Sofá — falamos Cam e eu ao mesmo tempo.

A recepcionista assentiu.

— É por aqui.

Ela nos guiou até uma mesa com sofá para quatro pessoas perto dos fundos do restaurante. Esperei Cam se sentar e então deslizei para o banco de frente para ela. Notei Cam observando a tatuagem do meu pescoço por um segundo, mas, quando nossos olhares se cruzaram, ela desviou rapidamente.

— Aqui estão os cardápios, e a garçonete logo virá até vocês.

A recepcionista colocou um cardápio na frente de cada um de nós.

— Obrigado — falei, e ela assentiu antes de se afastar.

Cam pegou o cardápio dela. Assisti a seus olhos subirem e descerem conforme lia. Eu gostava de observá-la. Tinha passado muito tempo sem vê-la ou vendo-a apenas em fotos, então, quando tinha a oportunidade de olhar para ela — o que não acontecia com a frequência que eu gostaria —, eu olhava.

Seu cabelo castanho-escuro estava maior agora, e talvez mais escuro também. Quando estava ondulado, caía até o meio das costas. Seu rosto estava menos redondo, e ela não deixava mais as sobrancelhas tão finas. Mas continuavam bonitas no rosto dela. Cam sempre tinha sido deslumbrante. E agora ela estava... quase majestosa também.

— Você vai olhar o cardápio ou...? — perguntou Cam, sem erguer o olhar.

— Não precisa — respondi. — Vou pedir um prato enorme de fajitas.

— Você é freguês do Chili's? — Ela pareceu achar graça.

— Porra, eu amo o Chili's. Às vezes bate um desejo por uma dessas redes, sabe?

— Gosta do Applebee's também?

— Acho sem graça. — Dei de ombros. — Não é meu favorito, mas gosto de todas as imitações do Applebee's.

— Como assim?

— Bem, agorinha mesmo, estamos na versão do sudoeste do Applebee's. O Texas Roadhouse é tipo o Applebee's versão caubói, e o Olive Garden é o Applebee's italiano.

— E o Red Lobster? — emendou Cam.

— O Applebee's de frutos do mar. A gente devia ir lá depois — falei.

— Eu devoraria um biscoito de cheddar sem pensar duas vezes. — Ela assentiu e riu. Estava se soltando.

E, então, nossa garçonete chegou à mesa.

— Olá, pessoal — cumprimentou com um tom perfeito de atendimento ao cliente. — Meu nome é Cara e serei a garçonete de vocês hoje. Vamos começar com as bebidas?

Assenti para Cam, esperando que pedisse primeiro. Vi nossa garçonete observar a aparência dela.

— Só vou querer uma água, por favor.

A garçonete assentiu e me olhou. Não perdi o sorriso que me deu.

— Água, por favor, e também queremos uma Margarita Tiki Beach Party. — Lancei um sorriso para Cara e ergui dois dedos. — Com dois canudos.

Cara olhou para Cam de novo enquanto anotava tudo, e então falou:

— Estão prontos para pedir comida ou precisam de um minuto? — Ela só falava comigo.

Fitei Cam, esperando.

— Frango grelhado, por favor — respondeu ela, colocando o cardápio na mesa e me olhando. Fiz meu pedido também, peguei o cardápio de Cam e entreguei ambos para Cara. — Obrigado — falei antes de ela ir embora.

— A garçonete está a fim de você — comentou Cam quando a mulher se afastou. Dei de ombros. — Ela deve estar se perguntando por que alguém com a sua aparência está aqui comigo.

— Alguém com a minha aparência? — Sorri. — Qual é a minha aparência?

— Você sabe muito bem como é sua aparência — respondeu Cam, direta. — Sempre soube.

— Mas e se eu quiser que você me fale? — Não conseguia evitar implicar com ela. Era fácil.

— Uma pena. Mulheres que foram abandonadas no altar não precisam fazer nada que não queiram, pelo menos por algumas horas.

— Quer dizer que está pronta para falar disso, então? — perguntei.

Tínhamos evitado o assunto até o momento. Cam não gostava de ser pressionada, e eu não gostava de lembrar que ela estava noiva de outra pessoa, ou pelo menos havia estado, então nós dois ganhávamos.

Ela desviou os olhos dos meus e, sem pensar, começou a desenhar círculos na mesa com o indicador.

— Não tem muito o que falar — afirmou Cam. Era uma mentira. Havia muito o que falar. — Eu fui. Ele, não. Bem simples.

Não parecia “bem simples” para mim. Parecia complicado, mas Cam não gostava de coisas complicadas.

— Ei. Olha pra mim. — Ela não olhou. — Ash — chamei com mais firmeza. Seus olhos se moveram para os meus como

se não conseguissem evitar. — Você não merecia isso. — Cam sempre achava que tudo era sua culpa. Eu sabia como ela devia estar falando consigo mesma na própria cabeça, o que me fazia ranger os dentes. — Preciso ter certeza de que você sabe que não merecia isso.

— Acho que merecia — respondeu ela, baixinho.

Quis jogar a mesa para o alto, tirando-a do caminho para poder abraçar Cam, mas, antes que pudesse sequer pensar em fazer algo, Cara trouxe nossas águas e o drinque.

— A comida de vocês vai ficar pronta logo — avisou ela de novo, apenas para mim, e foi embora.

Olhei para Cam, que estava com o rosto inexpressivo. Parecia que a conversa tinha acabado, pelo menos sobre o casamento. Abri os canudos e os coloquei no copo de vidro gigante de margarita azul.

— Que enorme — comentou ela, observando o copo. Ela estava com um sorrisinho agora. — E parece nojento.

— E é mesmo as duas coisas — falei. — Você vai odiar, mas também vai amar.

— Que gosto isso tem?

Eu me inclinei até o meio da mesa para dar um gole.

— De corante azul — falei depois.

— Bem, azul *é* minha cor favorita.

Eu sei.

Seis



Cam

Gus ligou para Dusty para saber como estavam as coisas enquanto jantávamos. Dusty entregou o celular para mim.

— Alô?

— Você está bem? — A voz de Gus estava baixa e preocupada.

— Estou bem. Como está Riley?

— Bem. Ela ficou acabada hoje. — Éramos duas. — Pegou no sono no sofá há mais ou menos uma hora.

— Obrigada por cuidar de tudo — agradeci, baixinho.

— Sempre, Cam. Vamos conversar sobre tudo amanhã, tá bom? Só quis ver como você estava.

— Estou bem — garanti de novo. — Apesar de tudo.

— Tá bom. Bem, estou com a Riley, e meu pai preparou uma cama pra você. Presumi que... — Gus parou. E foi quando percebi: eu não poderia voltar para minha casa porque tecnicamente a casa era de Graham. Esse leão eu ia matar outro dia, hoje estava cansada demais para sequer pensar nisso.

— Você presumiu certo — falei, grata por ele não tentar elaborar mais. — Obrigada. Falo com você amanhã.

— Fique bem, Cam. Boa noite.

— Boa noite — respondi antes de desligar e devolver o celular para Dusty.

Eu nem sabia onde meu celular tinha ido parar. Estava nas minhas coisas, na sala de preparação da noiva, da última vez que o vi. Eu ainda não estava pronta para enfrentar a realidade, mas a ligação de Gus foi praticamente uma preparação para isso.

Depois do jantar, Dusty e eu voltamos para o Rancho Rebel Blue — casa da família Ryder e uma das maiores fazendas de gado de Wyoming —, na maior parte do caminho, em silêncio. Nosso dia estava terminando. Meu senso de autopreservação, que ficava sempre muito fugaz perto dele, surgiu enquanto estávamos no carro, e eu me retraí mentalmente.

Ele estacionou no Casarão um pouco depois de meia-noite. Não desligou o motor quando seu Bronco parou — faria muito barulho ligar de novo àquela hora da noite. Isso me lembrou de todas as vezes que eu saía escondida com ele, e era preciso estacionar a três ruas de distância para me pegar e me deixar.

Dusty deixou as mãos caírem do volante e me olhou. Ele quase brilhava sob o luar.

— Você vai ficar bem? — perguntou.

Fiz que sim uma vez e engoli em seco. O dia tinha sido péssimo, mas não sofrido de verdade. Sofrido seria o que eu teria que dizer agora.

— Obrigada por me apoiar — falei. — Fiquei feliz por você estar no bar, por ter me tirado de lá. — Dusty inclinou a cabeça, esperando que eu continuasse. — Eu só, hum... — Tropecei nas palavras quando encontrei seu olhar, então desviei. — Acho que hoje deveria ser só... hoje. E, depois dessa noite, a gente deveria... só voltar para como era antes... entre a gente.

Dusty ficou em silêncio por um instante. Mantive os olhos fixos no painel. Não queria saber qual era sua expressão, não queria botar a perder a decisão que tinha passado a viagem inteira de volta para Meadowlark construindo.

— Se é o que você quer — respondeu ele por fim.

— É. — Assenti. — Tenho bastante coisa para resolver, muitas coisas em que focar.

— Não precisa se explicar pra mim, Ash — afirmou ele. — Se você quer esquecer isso, vamos esquecer.

Eu disse que era o que eu queria, o que precisava, então por que fiquei decepcionada com a resposta dele?

— Tudo bem — sussurrei.

— Tudo bem — respondeu ele.

Após mais alguns instantes de silêncio, abri a porta do carona. Esperei ele se despedir, mas fiquei aliviada quando ele não fez isso. Nunca fomos bons em dizer adeus.

— Ash? — chamou ele, antes de eu fechar a porta. Não consegui evitar olhar para ele. Dusty passou a mão no cabelo e então esfregou a nuca. — Durma bem.

— Você também — respondi, e então fechei a porta.

Ele não saiu na hora, só depois que entrei e fechei a porta.

O Casarão estava escuro. Tirei a bota do Dusty e pendurei seu casaco na porta. Pediria para Gus devolvê-los, já que eles se viam quase todo dia porque Dusty trabalhava em Rebel Blue. As meias que Dusty tinha me dado deixaram meus passos quase silenciosos, mas eu não podia pensar nas meias porque, se pensasse nas meias, pensaria nos meus pés. E, se pensasse nos meus pés, pensaria que Dusty tinha notado que estavam vermelhos e inchados, e seu primeiro instinto foi fazer eu me sentir melhor.

Do jeitinho que sempre tinha sido.

Quando se tratava de Dusty, eu compreendia quando as pessoas diziam que, quanto mais as coisas mudam, mais continuam iguais. Ou que é difícil largar um hábito. Dusty era um hábito — pensar nele, sentir sua falta ou pelo menos da ideia dele. Era um ciclo sempre difícil de quebrar. Ainda mais porque eu me pegava sentindo falta de quem eu tinha sido quando ele estava na minha vida.

Fui sincera no que falei. Estava contente por ele estar no bar. Gus e todo mundo teriam me tratado como se eu estivesse absolutamente frágil. Dusty agiu como se fosse um dia qualquer, mesmo que não fosse. Foi a primeira vez, em anos, que passamos mais de cinco minutos juntos. Conversamos, rimos e nos divertimos.

E agora tinha acabado.

Havia um brilho suave vindo da sala de estar, então fui até lá. Torci para que ninguém estivesse acordado esperando por mim. Quando cheguei à sala, encontrei Emmy e Ada dormindo, com as cabeças em lados opostos do sofá e os pés entrelaçados no meio, sob o mesmo cobertor.

Dei mais um passo para dentro da sala e pisei em uma tábua que rangia do assoalho. Congelei. No meio da madrugada, foi o som mais alto do mundo.

Emmy abriu os olhos.

— Cam? — falou com um bocejo.

— Oi — respondi, baixo. — Não quis te acordar.

Ela se sentou e tirou o cobertor de cima. Quando se levantou, eu sabia que ela iria se aproximar. Os Ryder gostavam de abraços, até Gus.

Deixei Emmy envolver os braços em mim e me permiti abraçá-la de volta.

— Lamento muito, Cam. Hoje deve ter sido um dia realmente ruim.

— Na verdade, não foi tão ruim — respondi. — Depois de, você sabe, a coisa toda do noivo sumir, todo o resto foi bem legal.

Emmy se afastou e ergueu a sobrancelha para mim.

— Então... tudo com Dusty foi... legal?

— Foi — afirmei com honestidade. Não tinha motivo para esconder nada de Emmy. — Foi reconfortante, sabe? Como voltar no tempo... voltar para quando eu tinha menos preocupações... e não havia sido abandonada no altar. Fico feliz de ele ter estado lá.

— Então eu também. — Emmy me puxou para o outro sofá, e me sentei ao seu lado.

— Não precisava me esperar acordada — comentei.

— Eu sei. Ada e eu quisemos. Sei que você é a líder do movimento "sei me cuidar sozinha", mas estávamos preocupadas com você. Wes está dormindo no antigo quarto dele, e Luke, no meu. Meu pai preparou a cama antiga do Gus pra você.

Minha garganta se fechou de novo. Não sabia o que tinha feito na vida passada para que essas pessoas se importassem tanto comigo, mas devia ter sido algo bom pra caramba.

— Obrigada — falei, e Emmy pousou a cabeça no meu ombro.

— Você vai ficar bem, Cam?

— Não tenho muita escolha, tenho? — respondi, secamente.

— Na verdade, tem — rebateu Emmy. — Você pode chorar, gritar e desmoronar. Pode fazer o que quiser. Não precisa ficar bem agora. Só tem a gente... e Ada, acho. Mas ela está desmaiada.

Soltei uma meia risada. Para minha surpresa, lágrimas brotaram nos meus olhos com as palavras de Emmy. Desde

quando descobri que estava grávida de Riley, Emmy tinha sido a coisa mais próxima que já tive de uma irmã, o que diz muito, já que eu de fato *tenho* uma irmã. Só que Violet nem se deu o trabalho de ir ao meu casamento, muito menos me ajudar a juntar os cacos depois.

— Não sei o que fazer agora, Emmy.

— Bem, acho que pode começar dormindo um pouco. Tudo fica diferente à luz do dia.

— E depois disso?

— Você recomeça — afirmou Emmy, com suavidade. — E se apoia nas pessoas ao seu redor que amam você e sua filha. Você deixa a gente ajudar.

Os Ryder nunca foram nada além de gentis e amáveis comigo, mas às vezes eu não conseguia deixar de me perguntar se eles teriam me mostrado essa espécie de amor se eu não tivesse engravidado. Eu era uma parte necessária da família deles por ser mãe de Riley, mas realmente iriam me querer sozinha? Eu erguia muros com todo mundo, mas até meus maiores e mais fortes muros desmoronavam perto dos Ryder. Não dava para evitar amá-los, e o amor sempre tinha me assustado um pouco.

— Não sei se consigo fazer isso, Em — sussurrei.

— Por que não?

— Não sei se consigo recomeçar porque não sei se já comecei algo alguma vez.

Sete



Cam

Quinze anos atrás

— Camille.

A voz de Dusty veio do assento atrás de mim. Já que o sinal não tinha tocado ainda, virei para ele com um revirar de olhos.

— O que você quer, Dusty?

Ele me deu um sorriso que senti nas entranhas. Ele fazia isso o tempo todo. Eu não tinha muita experiência com garotos. Todos os que conheci eram meninos herdeiros que nunca receberam um não e amavam ostentar dinheiro do papai. Não me interessavam, e eu não os interessava.

Só que Dusty me interessava, pelo menos como um amigo. Eu não tinha mesmo feito muitos amigos ainda. Só Wes Ryder, mas ele era legal com todo mundo. Eu conhecia algumas das outras garotas do time de futebol, mas entrei tarde, então os grupos já tinham sido formados. Mas, desde meu primeiro dia, quase sempre podia contar que Dusty passaria no meu armário para dar bom-dia e carregaria meus livros se estivéssemos indo na mesma direção. Era legal.

Estar na Meadowlark High era muito diferente de estar em qualquer uma das minhas outras escolas. Eu sabia que seria. Foi por isso que quis ir para lá.

Meu pai comprou uma casa lá fazia alguns anos. Uma casa e um lote de terra. Havia rumores de petróleo em Meadowlark, e meu pai tinha dinheiro para gastar, então tentou se adiantar. Na primeira vez que fomos lá, fiquei encantada com tudo: o clima da rua principal, todo mundo acenando uns para os outros sem pensar duas vezes. Pareceu acolhedor, como se qualquer um pudesse encontrar um lugar ali, e eu nunca realmente senti que tinha lugar em nenhuma parte. Quis sentir esse tipo de conexão, essa sensação de pertencimento. Quis mergulhar em cada canto daquela cidade, inclusive no colégio.

De início, meus pais disseram não, e eu sabia que diriam isso. E geralmente eu deixava pra lá, porque era o que eu fazia com todas as minhas vontades que não estavam de acordo com as deles. Sabia que era isso que esperavam de mim.

Mas fiz diferente dessa vez. Não insisti muito, mas insisti. Dei para eles listas com as vantagens: um número decente de matérias de nível universitário, bons programas esportivos e aulas públicas (porque a única coisa que eles amavam mais do que fazer dinheiro era poupá-lo). Além disso, eu já tinha mais créditos universitários no segundo ano do que Violet tinha quando se formou. Com as turmas de nível universitário disponíveis em Meadowlark High, eu tecnicamente ficaria na frente dela. Depois de alguns meses, eles disseram sim e me mandaram parar de falar nisso. Acho que não estavam acostumados a me ver usando minha voz.

Foi como aprendi que a única coisa que meus pais queriam mais do que controle era silêncio.

— Me empresta um lápis? — perguntou Dusty.

— Você quer que eu compre um pra você? — indaguei.

Ele me pedia lápis emprestado toda vez que tínhamos aula de inglês ou história juntos, o que era praticamente todo dia.

— Mas aí eu não ia poder pegar o seu — respondeu com uma piscadela.

Suspirei, peguei uma lapiseira do meu estojo e entreguei para ele.

— Acho bom você me devolver — afirmei. — É nova.

Eu amava aquele estojo novo de lapiseiras e tinha coordenado a cor delas com os cadernos de cada matéria.

— Juro de pé junto — disse Dusty, cruzando o indicador com o dedo do meio. — Pode me dar um pedaço de papel também?

— Meu Deus, Dusty! — exclamei com uma irritação fingida. — Você estuda mesmo aqui?

— De vez em quando, mas prometo que só preciso do papel hoje, depois disso só vou pedir lápis.

Bufei e abri o caderno, arranquei com cuidado uma página da espiral e a entreguei para ele com mais força do que o necessário.

— Uauuuu, pauta universitária — notou ele. — Que chique.

Sim, porque pauta simples era horrível, e eu estava para lhe dizer aquilo quando o sinal tocou, e o sr. Watson, professor de inglês, foi até a frente da sala pedindo a atenção da turma. Fiquei quieta na hora.

Ouvi um lápis riscando num papel atrás de mim, mesmo que o sr. Watson mal tivesse começado a dar aula. Estávamos só revisando os comentários gerais sobre os trabalhos que tínhamos entregado na semana anterior antes de recebê-los de volta. O que Dusty poderia estar escrevendo lá atrás?

Depois de o sr. Watson devolver todos os trabalhos — tirei dez — e entregar um exercício de gramática sobre estruturas das frases, que aparentemente era algo em que todos nós precisávamos trabalhar, Dusty jogou um pedaço de papel dobrado — o papel que eu dei — na minha mesa.

Meu coração se descompassou, mas eu não queria me encrencar. Virei discretamente, com um olhar questionador.

"Abre", ele fez com a boca, sem emitir som. Balancei a cabeça. Ele fez beicinho antes de acrescentar: "Por favor".

Fiquei nervosa. Revirei os olhos e virei. Mantive o bilhete dobrado debaixo do exercício de gramática, mas não conseguia parar de pensar nele.

Então, depois que terminei o dever, enfim o abri.

Camille,

Sinto que preciso de um apelido pra você. Gosto de Camille. É bonito. Você é bonita também, falando nisso. Só sinto que Camille é formal demais para nosso relacionamento. Sabe? As pessoas sempre te chamam de Cam? Se chamam, preciso pensar em outro. Quero que o meu seja especial.

Enfim, tenho algumas perguntas pra você. Então, se você puder gentilmente escrever suas respostas abaixo e devolver isso para mim, eu agradeço.

Qual sua cor favorita?

Qual sua comida favorita?

Qual o último programa de TV que te fez rir?

Você tem irmãos?

Quando é o próximo jogo do time de futebol em casa? Qual o número da sua camisa?

Está gostando da escola? Qual sua parte favorita dela? Eu? ;)

Quando é seu aniversário?

Matéria predileta? Inglês ou história? Brincadeira. Um pouco.

O que gosta de fazer pra se divertir? Gosta de fazer trilha? Porque conheço um lugar legal.

É um bom jeito de começar a te conhecer.

Além disso, você deve ter bastante tempo pra responder às perguntas porque sei que vai terminar esse exercício idiota bem antes do resto de nós.

Dusty

Eu estava sorrindo que nem uma idiota. Olhei rapidamente ao redor para garantir que ninguém tinha notado. Todo mundo ainda estava fazendo o exercício ou mexendo no celular debaixo da mesa.

Peguei a lapiseira e comecei a escrever.

Oito



Dusty

CAM
Valeu de novo por hoje. Ou ontem, acho.

DUSTY
Quando quiser.

Fiquei encarando aquela troca de mensagens pela última semana. Em cada momento livre que tive — no meio da noite quando não conseguia dormir, cedinho enquanto me arrumava para trabalhar —, olhei aquelas duas linhas.

Não tive notícias dela desde então. Realmente não esperava que tivesse. Eu tinha voltado para Meadowlark havia um ano e, antes de sábado, o máximo que tinha visto dela foi no dia que cheguei em casa e, sem querer, invadi a noite das garotas. De vez em quando, eu recebia uma mensagem dela, mas isso não acontecia fazia dez anos.

Primeiro, quando meu pai morreu, depois no meu aniversário, e algumas vezes um ano depois disso. Eram sempre curtas e diretas, às vezes só fotos de Meadowlark ou de Rebel Blue, ou de coisas que ela achava engraçadas. Eu respondia a maioria das vezes, só que não todas, porque doía quando ela não continuava a conversa — e ela nunca continuava.

Cam fez Gus me devolver as botas e a jaqueta, mas ficou com as meias. Gostei daquilo, mas não conseguia explicar exatamente por quê.

O carro chique de Cam — um Audi SUV preto — estava do lado de fora da casa de Gus quando passei por lá na manhã de sábado. Ficou ali a semana toda. Presumi que ela estivesse ficando lá em vez de no Casarão.

Era legal que ela tivesse pessoas com as quais podia contar. Eu queria ser uma dessas pessoas.

Normalmente, eu trabalhava bastante aos sábados — carregando a palha sozinho, checando o gado —, o que costumava usar como desculpa para uma longa cavalgada e para roçar o pasto, mas naquele dia eu tinha planos com a minha mãe, então só fiquei em Rebel Blue por algumas horas.

Disse a mim mesmo que tinha escolhido cavalgar na trilha que passava pela casa de Gus porque era o modo mais rápido de cortar o meio da fazenda, o que era verdade, mas não significava que eu não estivesse torcendo para ter um vislumbre de Cam. Só que não tive sorte.

Quando voltei para a caminhonete, liguei o aquecedor no máximo e soprei ar quente nas mãos. Peguei o celular — algumas mensagens da minha mãe confirmando nosso encontro naquele dia, duas de funcionários da fazenda e outras notificações aleatórias.

Mandei mensagem para minha mãe dizendo que estava a caminho e apaguei as outras. Eu me preocuparia com o resto depois.

Antes de largar o celular, ele se iluminou com o nome e a foto de Greer. Atendi na hora.

— Diga aí — cumprimentei.

Era assim que meu pai atendia o celular e, sem perceber, Greer e eu começamos a fazer o mesmo, mas só quando

ligávamos um para o outro.

— Oi — respondeu ela. — Você está a caminho da mamãe?

— Para alguém que mora no Alasca, você está sabendo demais da minha agenda.

— Acabei de falar com ela no telefone — rebateu Greer. — Ela me contou que o casamento da Cam não aconteceu.

Claro que contou.

— Já pensou em ir com calma num assunto em vez de jorrar tudo de uma vez?

— Não. Então?

— Então o quê?

— Isso quer dizer que você vai ficar em Meadowlark? — Greer entendia minha inquietação, como era fácil me mudar de um lugar para outro, a cada estação.

— Quem quer saber?

— Tem uma fazenda de gado a tipo uns 160 quilômetros de mim que está procurando trabalhadores para o verão, incluindo uma espécie de administrador de fazenda. Parece que alguém morreu. — Greer sempre tinha sido uma pessoa direta.

Engoli em seco. Em geral, era naquela época do ano em que eu começava a procurar algo novo, me preparando para a mudança de estação. Além disso, aquele não era o primeiro trabalho sobre o qual alguém tinha me avisado recentemente.

— Não sei, G. Vou ter que ver como as coisas se ajeitam.

— Tá — respondeu Greer. Quase pude ouvir seu revirar de olhos. — Coisas.

— Sim, coisas — afirmei. — E acho que a mamãe gosta de ter um de nós por perto. Como ela se sentiria se eu a largasse para ficar com você no Alasca? — Sentia falta da minha irmã, e

seria legal ficar perto dela, mas não estava procurando algo novo, acho que não.

— Tá bom, pegou pesado. Mas você quer que eu te mande as informações? No caso de as coisas se ajeitarem do jeito errado?

— Manda — respondi. — Vou olhar.

— Já já chega. Mas tenho que ir. Te ligo no fim da semana.

— Está bem. Te amo.

— Te amo. — Greer desligou, e retomei a direção.

A viagem de Rebel Blue para a casa da minha mãe levava mais ou menos vinte e cinco minutos, talvez um pouquinho mais, já que descer do rancho era um pouco mais precário no inverno. As estradas estreitas ficavam ainda mais estreitas por causa da neve, e era preciso prestar atenção no gelo. Só que, quando se chegava ao pé da colina, elas melhoravam.

Aggie Tucker morava num lote de terra de cinco acres do outro lado da cidade — a uns dez minutos de Hank, pai de Teddy. Era a mesma casa em que eu tinha crescido, uma casinha de fazenda de três quartos, um para meus pais, um para Greer e um para mim, e dois banheiros, o que significava que eu dividia um banheiro com a minha irmã. E ainda era traumatizado por isso. Garotas eram bagunceiras pra caramba. E sempre havia cabelo por todo lado.

Quando cheguei à minha mãe, quis sair do carro e entrar na casa o mais rápido possível, mas primeiro peguei uma pequena pilha de lenha na lateral da casa antes de abrir a porta.

O piso rangia e havia sempre uma corrente de ar soprando de algum lugar, mas aquele era meu lar. Tinha cheiro de canela e café: minha mãe misturava canela no pó de café desde que eu me entendia por gente. Ela também preparava um café tão forte que quase tinha gosto de óleo de motor. Eu gostava mesmo assim.

Encontrei-a na cozinha, lavando o bule e o preparando para a manhã seguinte.

— Toc, toc — falei, batendo na porta.

— Você acha que não ouvi aquela porta estridente ranger quando você entrou? — respondeu minha mãe, sem parar o que estava fazendo. Seu cabelo grisalho comprido estava trançado nas costas, e ela usava um macacão marrom-escuro. Seu conjunto de braceletes pratas em cada punho tilintava quando ela se movia.

— Esse é seu jeitinho de dizer que preciso consertá-la?

Minha mãe ergueu o olhar e me deu um sorriso.

— Muito obrigada por se oferecer, meu bem. Como foi o trabalho hoje?

— Bom — respondi. — Frio.

Trabalhar em Rebel Blue no inverno era bem diferente de qualquer outra estação; a maioria do gado era transferida para um terreno mais baixo, pasto de inverno, mas era um bom momento para manutenção interna e externa, e era o que eu estava fazendo naquele dia. O inverno era todo de preparação, e Gus era meticuloso com isso. Bem, ele era meticuloso em geral, e sabia o que estava fazendo.

Aquela era a primeira vez em muito tempo trabalhando num inverno de verdade nas montanhas. Normalmente, depois do trabalho ou da fazenda em que estivesse no verão, eu ia para o Arizona, o Novo México ou a América do Sul trabalhar em algum lugar quente. Eu era como um pássaro, preferia voar para o sul no inverno. Ainda estava me acostumando a ficar parado.

— Este inverno não tem sido tão ruim — comentou minha mãe enquanto colocava água no bule, que já tinha visto dias melhores. — Está frio como sempre, mas não com tanta neve.

— Eu deveria comprar um bule novo pra você? — perguntei, apontando para o dela.

— Nem se atreva — respondeu minha mãe. — Quero ser enterrada com este aqui.

— Que mórbido, mãe — murmurei.

— Não. — Ela balançou a cabeça. Estava pegando o pó de café agora. — Mórbido é saber que as únicas pessoas no meu enterro serão você e Greer, sem cônjuges, sem netos.

De novo? Ela vinha batendo nessa tecla ultimamente.

— Mãe... — falei, pronunciando e arrastando cada letra.

— Só comentei. — Minha mãe deu de ombros quando jogou uma pitada de canela no pó de café. — Como vai Cam?

Minha mãe era tão sutil quanto um tiro. Foi de onde Greer herdou essa característica.

— Achei que a gente ia construir coisas hoje — respondi. — Passar um pouco de tempo juntos à moda antiga.

— E vamos — respondeu ela.

— Podemos fazer isso sem o interrogatório? — perguntei.

— Infelizmente não, filho. Mas podemos esperar até chegarmos à oficina.

Minha mãe me entregou uma garrafa térmica cheia e pegou outra. Deve tê-las enchido com a porção de café daquela manhã. Ela nunca preparava menos do que um bule inteiro.

Suspirei e a segui pela porta dos fundos até o celeiro com o café e a lenha. Quando meus pais compraram a casa, o espaço ainda funcionava como um celeiro, mas eles logo o transformaram numa oficina para minha mãe. Ela trabalhava ali desde que eu me entendia por gente.

Ela destrancou a porta e a abriu. No verão, trabalhava com a porta do celeiro aberta para deixar a brisa da montanha entrar, mas estava frio demais agora. Fui até os fundos e abri uma janela para ventilação, antes de ir até a lareira ao lado.

Havia uma pequena chaminé, mas ventilação era importante num espaço pequeno, sobretudo num espaço pequeno cheio de madeira. E serragem. Muita serragem.

— Então — falei, esfregando as mãos —, o que vamos construir hoje?

— Um aparador estilo anos cinquenta e algumas prateleiras de livros personalizadas. E, se terminarmos isso, você pode me ajudar a colocar a madeira para uma bancada de açougueiro.

Minha mãe tinha um talento absurdo. Ela criava coisas lindas que duravam gerações, como a mesa de cozinha dos Ryder e o balcão do Bota do Diabo.

— Coisa boa — comentei, tirando o casaco, mas deixando a jaqueta.

Depois que começássemos a trabalhar, ficaria um pouco mais quente, ainda mais com a lareira acesa. Minha mãe me entregou um pedaço de papel com seus esboços e uma especificação detalhada de cada peça que ela precisava cortada; esse era meu trabalho hoje.

Eu amava seus esboços. Ela sempre os fazia num bloco de notas, e, quando terminava o trabalho, eu tentava guardar o máximo possível antes que ela os jogasse fora. Minha mãe dizia que eu era muito sentimental, mas eu só gostava de colecionar as coisas que mostrassem o trabalho dela. Algumas pessoas ganhavam receitas ou moldes de costura da mãe; eu ganhava isso. Comecei a guardá-los depois que meu pai faleceu. Queria ter guardado mais coisas dele.

Havia uma pilha de placas de madeira ao lado da serra, prontas para o corte. Fui até ela e comecei a preparar tudo.

— Então — falou minha mãe —, como está Cam?

— Não sei, mãe. — Suspirei. — A gente não conversa.

— Mas você brinca de piloto de fuga quando ela foge de noiva depois do casamento cancelado?

Revirei os olhos. Claro que ela sabia disso. Se eu fosse chutar, o fofoqueiro do Luke Brooks devia ser o culpado.

Tecnicamente, eu só fui o piloto.

— Não foi nada — falei. — Só ajudei uma amiga.

— Então vocês dois são amigos?

— Não. — Talvez? Passei a mão no cabelo, um pouco frustrado, não com minha mãe, mas com a situação toda. Não gostava do interrogatório.

— Mas você acabou de dizer que estava ajudando uma amiga.

— Cam é minha amiga — afirmei, o que era verdade, pelo menos para mim. — Só que não sei se sou amigo dela.

— Isso não faz nenhum sentido.

Eu sabia que minha mãe estava me lançando um olhar daqueles, mas não ergui os olhos para ela.

— Não me diga — murmurei.

— Então, o que vai fazer?

— Nada, mãe. Sei que você ama Cam, e sei que acha que ela é o motivo de eu ter voltado pra casa, mas não é. Só porque ela está tecnicamente "disponível" agora, ou sei lá, não quer dizer que alguma coisa vai acontecer entre nós. — Engoli em seco, tentando apagar as cinzas de esperança que ardiam no meu peito sempre que pensava nela. — Me senti mal por ela ter sido magoada e quis dar um apoio... como amigo.

— Mas você ainda tem sentimentos por ela — declarou minha mãe.

— Como não teria? — perguntei. — Mas eu nem a conheço mais.

Meus sentimentos por Cam eram como um terremoto e seus abalos secundários. Quando começaram, eram grandes e

avassaladores, e depois que o principal evento passou, quando seguimos caminhos separados, aprendi a viver com eles me sacudindo em momentos inesperados.

E, quando a via agora, ainda sentia aquele pequeno tremor lá no fundo. Mas não sabia se os sentimentos eram reais ou fantasmas de algo que eu não sentia havia muito tempo.

— Mas não tem uma oportunidade de conhecê-la de novo agora?

— Não sei se consigo — expliquei, mesmo que quisesse de verdade. — Sem todo o resto entrar no caminho. — Cam e eu tínhamos um passado, e eu não sabia se estava preparado para revisitá-lo.

— Você deixa sua mãe doida, Ter...

Interrompi na hora.

— Tá bom, não precisa enfiar meu nome completo nisso. Você já apresentou seu argumento.

Minha mãe me deu um sorriso presunçoso.

— Acha que eu conseguiria fazer uma chantagem? E se eu colocar um anúncio no jornal com seu nome completo se você não chamar Cam pra sair? Quando passar o período de luto pelo casamento dela, claro.

— Com certeza você conseguiria, mas gosto de acreditar que não seria capaz de uma coisa dessas.

Minha mãe balançou o dedo para mim.

— Que maldição a minha te amar tanto, Dusty. Vamos construir coisas.

Nove



Cam

Quando acordei no sábado de manhã, encontrei Ada, Emmy e Teddy esperando por mim na cozinha de Gus. O cheiro dizia que tinham preparado café da manhã.

— Bom dia! — saudou Emmy, alegre.

Ela segurava uma xícara de café com as duas mãos, absorvendo a quentura. Emmy nunca era tão alegre assim de manhã, era uma lendária mal-humorada ao acordar.

— Está com fome? — perguntou Teddy.

Ela estava no fogão, fazendo uma pilha gigante de panquecas. Ada apenas sorriu para mim e voltou para seu iPad.

— O que está acontecendo? — indaguei, desconfiada, e me sentei à mesa da cozinha.

Emmy mordiscou o lábio e ficou quieta por um segundo.

— Está na hora, Cam — declarou ela. — Você já está há uma semana na casa do pai da sua filha, achamos que pode ser a hora de começar a pensar nos próximos passos.

A voz de Emmy era suave, atenciosa. Eu tinha ficado no Casarão com Amos apenas por duas noites antes de migrar para ali. Sabia que Gus tinha ficado preocupado comigo.

— Não é que a gente não ame ter você aqui — emendou Teddy, deslizando um prato de panquecas para mim. — A

gente faria qualquer coisa por você, mas talvez seja a hora de restabelecer alguma rotina. Um pouco de limites, sabe?

Ah, Deus. Teddy Andersen estava me falando de rotina? E limites?

Ela tomou o assento ao meu lado e bateu o ombro no meu.

— Sou uma santa, mas uma semana é meu limite — disse ela com uma risada. — Preciso transar.

Ada bufou com aquilo, e Emmy fez um barulho de engasgo.

— Ah, cresce, Clementine — brincou Teddy. — Só estou dizendo que as coisas andam um pouco complicadas nesse departamento ultimamente. E não quero que Cam tenha que aguentar todos os barulhos vindos do nosso quarto, do outro lado do corredor, quando a represa finalmente estourar.

— Meu Deus. — Emmy colocou as mãos nos ouvidos. — Só para.

— Compreensível. — Suspirei.

Tanto ela quanto Gus vinham sendo muito gentis comigo naquela semana, quase gentis demais, sobretudo para duas pessoas que eram famosas por serem duronas.

— Mas só se você estiver pronta — emendou Emmy, e Teddy e Ada assentiram em concordância.

— Entendemos se não estiver — afirmou Ada. — Você também pode ficar comigo e com Wes para dar a Gus e Teddy um pouco... hum... de privacidade.

— Não posso ficar pulando de casa em casa. — Suspirei. — Teddy está certa. Está na hora de voltar um pouco para a rotina, por mim e Riley.

Teddy sorriu.

— Estava torcendo para que dissesse isso. Não querendo dizer "quero você fora da minha casa", mas querendo dizer

“temos um plano”.

— O que você tem em mente? — perguntei.

— Bem — começou Ada do outro lado da mesa —, montei uma lista de casas que estão à venda ou alugando em Meadowlark, e não são muitas, mas já é um começo.

Ela deslizou o iPad pela mesa até mim.

— As que estão destacadas de verde são as que acho mais promissoras, considerando o tamanho, o custo e a localização. Pensei em pelo menos três quartos e pelo menos um pouco perto de Rebel Blue.

O amor de Ada por organização tocava minha alma. Lentamente, rolei a lista, grata por ela ter incluído fotos. Cheguei num chalé azul de estilo Craftsman, e parei.

— Essa é a casa dos Wilson? — perguntei e ergui o olhar, mesmo que já soubesse a resposta.

Emmy assentiu, empolgada.

— Foi colocada para alugar ontem. Parece que a sra. Wilson se mudou para uma casa de repouso.

Anne Wilson era uma idosa gentil que fazia tão parte de Meadowlark quanto o restaurante ou o Bota do Diabo. Eu a conheci quando estava no colégio. Dusty e eu estacionávamos em sua casa antes de irmos fazer trilha, e ela deixava petiscos na varanda para quando voltássemos. Como todo mundo que eu conhecia, Anne amava Dusty. Lembro dele capinando o quintal dela no verão e removendo neve para ela no inverno, mas, na maior parte do tempo, lembro dele conversando com ela e escutando suas histórias.

Lembrei do posto de gasolina e de como Dusty ficou tão à vontade com Stan. Ele sempre teve jeito com as pessoas e amava construir e manter relações. Devia haver centenas de Annes e Stans no mundo agora, já que Dusty estivera por todos os cantos.

— De acordo com o funcionário do correio — comentou Ada —, tem aparecido bastante gente interessada.

Afundei os ombros um pouco. Claro que havia, era uma casa linda.

— Mas — disse Teddy, erguendo o dedo —, temos uma vantagem.

— Qual?

— Bem, você claramente ganha pontos por pena porque foi abandonada no altar — respondeu Teddy com um aceno da mão. — E o corretor encarregado de analisar os inquilinos é Ed Wyatt.

Eu não conhecia o Ed.

— Como isso me dá vantagem?

— Porque o irmão caçula de Ed ainda tem um fraco pela acompanhante dele do baile de boas-vindas da escola. — Teddy olhou para Emmy. — A maravilhosa e única Clementine Ryder.

Emmy revirou os olhos, levantou a mão esquerda e balançou o dedo anelar, adornado com uma aliança dourada simples encrustada de diamante.

— Acho que essa vantagem não funciona mais, Ted.

— Só tem um jeito de descobrir — respondeu Teddy, antes de olhar para mim de novo. — Essa é a casa que você quer, Cam? — Querer era pouco. Aquela era a casa que *sempre* quis. Assenti lentamente. — Então tá bom. Vamos conseguir pra você.

Teddy se levantou, foi até Emmy e pegou o celular dela no bolso. Emmy tentou pegá-lo de volta na hora, mas Teddy já estava em ação.

— Não acredito que sua senha é “brooks” — gritou ela para Emmy, que a perseguia ao redor da mesa. — Vocês são tão previsíveis.

— Me dá o celular, Teddy!

— Kenny Wyatt, onde você está? — Teddy estava focada na tela, mas ainda conseguia se desviar de Emmy. — Aí está você, seu babaca infiel.

— Você tem mesmo que superar isso — declarou Emmy. — Ele beijou outra garota no baile do *segundo ano*. — Enfatizou as últimas duas palavras. — Quer dizer, *na escola*!

— Como sua melhor amiga, nunca vou superar — respondeu Teddy antes de tocar a tela do celular de Emmy algumas vezes. O som do toque da chamada preencheu o cômodo, e Teddy finalmente devolveu o celular para Emmy.

— O que eu falo? — sussurrou Emmy, mas Teddy não teve tempo de responder, porque um homem atendeu.

— Emmy? — Era a voz de Kenny Wyatt do outro lado da linha.

— Oi, Kenny — respondeu Emmy com calma. Se eu não pudesse vê-la, nunca imaginaria que ela estava olhando para Teddy com as caretas mais abomináveis do mundo. — Como está?

— Ah... bem? — Nunca ouvi um homem soar tão confuso.

— Que bom — disse Emmy, e Teddy gesticulou para ela continuar. — Então, hum, não sei se você soube de Cam... — Emmy parou, e eu me encolhi.

— Ah, sim — respondeu Kenny. — Lamento de verdade. Isso foi horrível mesmo. — Kenny não parecia nem um pouco lamentoso.

— Sim, então, Cam precisa de um lugar novo para morar, estamos tentando mantê-la em Meadowlark por causa da Riley, sabe... — boa, a criança — e vi que seu irmão está selecionando inquilinos para a casa de Anne Wilson.

— Sim, ele está. Parece que o celular dele não para de tocar.

— Não duvido — replicou Emmy, ficando um pouco mais confiante na fala. — Cam ama a casa, e seria tão perfeita para ela e Riley. Estava pensando se você conseguiria fazer uma boa recomendação dela?

— Ah, Emmy, eu não... — Emmy o cortou.

— Por favor, Kenny. Significaria muito para mim.

Se ela estivesse cara a cara com Kenny, tenho cem por cento de certeza de que teria piscado os olhinhos para ele.

O celular ficou silencioso, e prendi a respiração.

— Tá bom — respondeu enfim Kenny. — Vou ligar pra ele agora. Te mando mensagem quando tiver notícias.

— Certo! Valeu, Kenny!

— De nada. — Emmy se retraiu quando deu tchau e desligou o telefone. Na hora, ela apontou para Teddy.

— Você é a pessoa mais irritante que já pisou neste planeta.

Teddy só sorriu.

— Tudo bem, agora que isso foi resolvido — ela olhou para mim —, vamos falar sobre como tirar suas coisas da casa do bunda-mole.

— Eu não preciso, tipo... mandar um e-mail ou algo? Garantir que Ed saiba que estou interessada em visitar a propriedade?

— Já mandei em seu nome, enquanto Emmy estava no telefone — emendou Ada.

Ninguém segurava aquelas mulheres.

Emmy e Teddy se sentaram à mesa.

— Então — disse Teddy —, você já falou alguma vez com Graham?

Fiz que não. Não tinha falado com ninguém. Havia ignorado cada ligação dos meus pais, e sem dúvida pagaria por isso muito em breve. Quando estava ali, em Rebel Blue,

rodeada pela família da minha filha, me sentia mais corajosa do que de costume, mas não corajosa o bastante para lidar com Graham sozinha.

— Você quer que alguma de nós fale com ele? — perguntou Emmy, atenciosamente.

— Eu posso falar — respondeu Ada, e assenti.

Confiava em Ada para aquilo. Também confiava em Teddy e Emmy, mas sabia que Ada seria gentil e não faria alarde, de um jeito que me permitiria passar por aquilo com o mínimo de dano. Ela me deixaria evitar o que eu queria evitar. Eu não era como Emmy ou Teddy, que nunca recusavam uma briga. Faltava em mim um ímpeto de ficar com raiva de Graham ou de jogar na cara dele que ele tinha errado feio comigo. Às vezes, gostaria de não me sentir tão confortável em ser tão dócil, mas preferia que as coisas fossem fáceis.

— Obrigada — falei.

— Sem problemas — respondeu ela com um sorriso gentil.

Conheci Ada quando ela veio para Meadowlark, no ano anterior, ajudar Wes a renovar uma das construções de Rebel Blue e transformá-la num hotel-fazenda. Gostei dela de cara. Éramos bem parecidas, mais quietas e acostumadas a viver em nosso próprio mundo. Às vezes, nos sentíamos um pouco à margem de tudo, o que não era uma coisa ruim: nunca gostei de ser o centro das atenções. Preferia assistir de fora, e Ada também. Fazíamos isso juntas. Entreguei meu celular para ela, que assentiu.

— Kenny mandou mensagem — exclamou Emmy com empolgação. — Podemos olhar a casa hoje às quatro horas.

— Parece que o fraco continua tão fraco quanto um marshmallow — comentou Teddy com um sorriso travesso. — É uma pena ele sempre ter sido fadado ao fracasso.

Dez



Cam

Quinze anos atrás

Cam,

Valeu por ter me emprestado outro pedaço de papel. Você me transformou num metido de pauta universitária. Nesse tem muito mais espaço pra falar com você. Venho pensando em todas as respostas que você me deu. Temos a mesma cor favorita, o que é algo importante, pode ser um sinal, acho. E você tem umas comidas prediletas estranhas, mas eu meio que gosto. Não sei se tenho uma comida predileta. Mas minha mãe diz que tenho um buraco na barriga.

Boa sorte no jogo de futebol hoje. Espero que você arrase.

Dusty

P.S.: Ainda estou pensando em um apelido pra você, mas não esquenta, vou escolher algum.

Verifico três vezes meu rabo de cavalo antes de deixar o vestiário. Fiz a mesma coisa em cada jogo — rabo de cavalo alto, trançado, para meus cachos não ficarem muito à mostra quando eu começar a suar, e uma faixa de cabelo esportiva. Aliso os amassados no uniforme vermelho e branco pelo que deve ser a nona vez.

Aquele dia seria meu primeiro jogo como uma Mustang Meadowlark. Eu não estava nervosa com o jogo, amava futebol e era boa nisso. Estava nervosa por jogar ali. Queria provar ao meu time que

era uma parte essencial dele, que tinha encontrado meu lugar na Meadowlark High. Estava tão acostumada a me importar com as expectativas dos meus pais que a sensação de me importar com minhas próprias expectativas para mim mesma era boa. Só que assustadora também.

— Pronta, Cam? — chamou uma das minhas colegas de time, Chloe.

A maioria do time tinha passado a me chamar assim. Eu gostava. Nunca tive um apelido antes. Fazia eu sentir que era parte de algo.

— Estou — respondi, enquanto erguia a bolsa esportiva até os ombros. — Vamos fazer isso.

Entrar no campo foi incrível. Havia muitas pessoas nas arquibancadas, ou talvez as arquibancadas só fossem pequenas. De qualquer forma, parecia eletrizante e animada.

Chloe acenou para alguém na arquibancada, e segui seu olhar.

— Meus pais — comentou. — Os seus estão aqui?

Engoli em seco.

— Dessa vez não — respondi. Nem em nenhuma outra.

Meus pais nunca iam aos meus jogos. Nunca iriam. Eles preferiam que eu remasse, jogasse hóquei de campo, tênis ou algum outro esporte de gente rica. Com certeza não iriam para ver futebol.

Não iriam por mim.

Meus pais não eram do tipo apoiadores, pelo menos não a ponto de se envolverem nas coisas. Mas eles me apoiavam de outro jeito, de jeitos materiais. Nunca me faltou nada que pudesse ser comprado, e eu era grata por isso, mas também queria muitas coisas que não se compravam.

Passei os olhos pela arquibancada e vi um monte de cabelo loiro familiar perto do centro. Dusty. Ele costumava ir a jogos de futebol? Estava conversando com algumas líderes de torcidas. Elas não precisavam vestir os uniformes para o time feminino porque não estavam

torcendo, mas ainda usavam os elásticos de cabelo brilhantes no rabo de cavalo e as camisas combinando.

Uma das garotas estava agarrando o rosto de Dusty pelo queixo e parecia que estava... desenhando nele?

Senti uma aflição ao vê-los e franzi a testa. Não sabia que sentimento era aquele, mas não gostei mesmo.

Então fiz o que sempre fazia com meus sentimentos: eu os ignorei e me preparei para entrar em campo.

Após o jogo, Chloe me puxou para um abraço de lado enquanto saímos do campo.

— Arrasou no jogo, Cam — afirmou ela.

Eu me senti estranha com aquilo, não sabia bem o que fazer, mas ela não pareceu notar.

— Valeu, Chloe. Você também!

— Só que eu não fiz dois gols — respondeu ela com um sorriso.

Senti as bochechas esquentarem um pouco e tentei não sorrir. Tinha feito mesmo um bom jogo. Talvez fosse porque eu estava superfocada, não queria olhar para Dusty e as líderes de torcida.

Antes que eu pudesse responder a Chloe, alguém me abraçou, me ergueu e me girou.

— Caramba, Cam. — A voz de Dusty. Os braços de Dusty. O cheiro de Dusty. — Você foi incrível!

Uma risada surpresa me escapou quando ele me girou mais uma vez antes de me colocar no chão. Seus olhos cinzentos se encontraram com os meus. Brilhavam de animação, combinavam com seu sorriso.

— Você estava uma máquina — continuou ele, com empolgação. — E quando derrubou aquela garota? — Dusty piscou para mim. — Sexy.

Fiquei vermelha feito um tomate quando ergui o olhar para Dusty. Sua bochecha direita chamou minha atenção. Com lápis de olho preto, aparentemente da líder de torcida, estava escrito o número 33. Meu número.

— Tem uma coisa no seu rosto — falei, sem comentar sobre o "sexy". Ninguém nunca tinha me chamado assim.

Dusty alargou o sorriso.

— Gostou? — perguntou ele, colocando a mão no queixo. — Fiz pra você.

Chloe pigarreou antes que eu pudesse responder. Esqueci que ela estava ao meu lado. Quando a olhei, ela estava com um sorriso perspicaz.

— Você vai ficar bem? — perguntou.

— Vou. Tudo bem.

Ela assentiu.

— Te vejo amanhã. — Ela se virou para Dusty. — Tchau, Dusty.

— Até logo, Chloe. Vou capinar o quintal da sua avó esse fim de semana, se quiser ajudar — avisou ele com um sorriso.

— Ao contrário de você, posso estacionar lá para fazer trilha sem sentir que preciso retribuir com trabalhos manuais, então eu passo essa — gritou Chloe enquanto ia embora.

Dusty fixou sua atenção em mim.

— Então, seus pais estão aqui?

Fiz que não.

— Eles não vêm para os meus jogos, na verdade — respondi. — Meu pai, bem, trabalha muito, e minha mãe não gosta de futebol.

— Ah — respondeu Dusty. Ele pareceu confuso com aquilo. — Mas vão ficar felizes que você ganhou, não é? E que fez um gol?

— Vão. Eu, hum, conto pra eles depois.

— Então, se eles não estão aqui, posso te dar uma carona pra casa?

— Hum — respondi. Eu tinha carteira de motorista, só não tinha carro.

Normalmente, meus pais faziam Matthew, meu motorista, me levar e me buscar na escola e em todo o resto. Eu não sabia como eles reagiriam a um garoto me deixando em casa. Talvez não notassem?

Peguei o celular e mandei uma mensagem curta para Matthew, avisando que eu não precisava de carona para casa.

— Claro — respondi. — Sim. Deixa só eu pegar minha bolsa.

Dusty foi até os bancos de reserva comigo e, quando viu meu número na bolsa, a pegou e a pendurou no ombro.

Antes de irmos, ele me observou, e seus olhos se estreitaram um pouco.

— Seu cabelo natural é cacheado? — perguntou.

Eu costumava alisá-lo para a escola, então Dusty nunca tinha visto como era. Tentei freneticamente alisar o couro cabeludo e enfiar atrás da orelha os cachos que escapavam.

— Não, não faz isso — ele pediu, enquanto agarrava meu punho com gentileza. — Eu gosto.

Onze



Cam

Emmy foi comigo ver a casa. Gus tinha levado Riley para uma cavalgada numa trilha de neve por Rebel Blue naquela manhã e planejado que eles jantassem com seu pai, então estava oficialmente livre dos deveres de mãe durante a tarde e à noite. Embora eu acreditasse que achar um lugar para que eu e minha filha morássemos ainda era um dever de mãe.

Eu estava preocupada por Riley ter que lidar com a mudança e a ausência de Graham, mas tudo tinha corrido bem até o momento. Acho que alternar entre minha casa e a de Gus a vida toda a deixou mais adaptável. Ela era uma criança curiosa e fazia muitas perguntas sobre por que Graham não iria conosco ou por que eu não estava casada quando falei que estaria. Eu e Gus escolhíamos a explicação de que "às vezes as coisas não davam certo", o que, ainda bem, parecia funcionar.

A casa dos Wilson ficava só a dez minutos da entrada de Rebel Blue. Estava perfeitamente localizada entre lá e a cidade. Tinha vizinhos, mas não estavam próximos. Além disso, se alguém caminhasse pelas árvores do quintal dos fundos, acabaria na entrada de uma das melhores trilhas de Meadowlark, que levava a tantos sistemas de trilhas que seria

impossível ficar sem ter o que explorar. Riley amaria aquilo, mas eu não podia me precipitar.

Emmy dirigiu sua caminhonete pela longa entrada de pedrinhas — a casa ficava escondida numa reentrância. Uma pessoa nunca a veria se não soubesse que estava ali. A entrada era emoldurada por sempre-vivas, que estavam cheias de neve agora.

Depois de alguns minutos, uma casa azul-clara surgiu. Tinha uma arquitetura clássica com linhas lindas e uma varanda grande com um balanço. O quintal estava coberto com mais de trinta centímetros de neve, mas eu sabia que ele era grande e, no verão, ficava repleto de plantas, flores e zumbidos de abelhas.

A caminhonete parou na frente da casa, bem ao lado de uma Mercedes SUV exuberante, que devia ser de Ed. Emmy desligou o motor, e o silêncio preencheu a cabine em vez de Chris Stapleton.

Fiquei sentada no silêncio, grata por Emmy não dizer nada. Eu costumava ansiar pelo silêncio, mas, ultimamente, andava evitando ele. Havia muitas coisas com as quais eu tinha que lidar quando o silêncio surgia. Mas estava feliz por ficar ali, só por um segundo.

— Pronta? — perguntou Emmy, baixinho.

Em vez de responder, abri a porta do carona e deixei o frio beliscar a pele exposta no meu rosto, no meu pescoço e nas minhas mãos. Eu odiava o inverno, mas amava como o ar preenchia meus pulmões com uma refrescância chocante. Precisava daquilo no momento.

Coloquei os pés nas pedrinhas enquanto Emmy dava a volta na frente da caminhonete e entrelaçava o braço no meu para subirmos as escadas, me segurando.

— Você está se sentindo bem? — perguntou ela.

— Estou. Só não quero criar esperanças.

— Vamos projetar a visão de vida de Teddy Andersen: tenha só um Plano A e tudo se resolve — disse ela com uma risada leve.

Subimos as escadas, e Emmy bateu à porta. Ouvi passos se aproximando no interior.

Alguns segundos depois, Ed Wyatt abriu a porta. Ele tinha cabelos castanho-escuros e usava um terno meio desalinhado. Aquela era uma habilidade que ser uma Ashwood me deu: eu conseguia identificar um terno ruim de longe.

— Ed, oi — cumprimentou Emmy. — Como você está?

— Bom te ver, Emmy — respondeu ele com a mão estendida, que Emmy apertou. Ele me olhou e então perguntou: — Você é Camille?

— Sou eu — respondi, tentando manter a leveza na voz.

— Prazer em te conhecer — disse, soltando a mão de Emmy para apertar a minha. — Anne ficou empolgada ao saber que você estava interessada na casa.

— Ficou? — indaguei, tocada por Anne lembrar quem eu era.

Ed assentiu.

— Ela contou que você passava muito tempo aqui durante a escola. — "Muito" era generoso, mas aquela casa e eu definitivamente nos conhecíamos. — Ela falou para nem mostrar para outra pessoa, a não ser que você decida não ficar.

Emmy apertou meu braço.

— Ah, meu Deus, que notícia ótima! — exclamou ela. — Eu não sabia que você e Anne eram tão próximas, Cam. — Ri timidamente. Nem eu.

— Então me deixe mostrar a casa — falou Ed, se virando para entrar. — Ela foi construída em 1929. Anne e o marido, Arnold, compraram a casa nos anos cinquenta. Criaram três

filhos aqui, e ela foi muito amada pelos netos e pelos vizinhos também.

— Aqui temos a sala de visitas — comentou Ed. Havia duas namoradeiras cor de creme e uma cadeira de veludo rosa. — É praticamente uma relíquia, mas, com essas janelas panorâmicas, você com certeza vai passar um bom tempo aqui, eu garanto. A sala de jantar fica do outro lado, mas Anne a transformou em biblioteca.

— Ela pretende alugar a casa mobiliada? — perguntou Emmy.

— Só as áreas comuns estão mobiliadas hoje, e Anne ficaria feliz em deixá-las assim. Mas os quartos são uma página em branco.

Aquilo era bom. Riley amava a cama de dossel.

— Parcialmente mobiliada está ótimo — emendei.

Os únicos móveis que eu tinha eram os de Riley. Todo o resto da casa tinha sido comprado por Graham, era tudo dele. Eu teria que arranjar uma cama e coisas para mim, mas não importava.

— Ótimo — falou Ed. — Vamos continuar. — Seguimos por um corredor pequeno até um espaço aberto. — Cozinha e sala de estar. Tem uma lareira que funciona perfeitamente. — Ed apontou para ela.

A lareira era contornada por tijolos vermelhos lindos e uma cornija de madeira escura.

— Os eletrodomésticos da cozinha foram trocados há cinco anos. Tudo de aço inoxidável, e o forno é a gás. E uma lava-louças foi incluída, algo que não havia antes.

— É lindo — falei enquanto olhava ao redor.

Estava bem próximo do que eu me lembrava: uma casa calorosa e convidativa. Uma miscelânea de cores e estilos, talvez um tanto demais para mim, mas o resultado final criava

uma estética singular e clássica ao mesmo tempo. Além disso, eu achava que Ada poderia me ajudar a decorar para deixá-la mais harmônica. Um pouco mais simples, que era bem como eu gostava das coisas.

— O quarto principal fica atrás da sala de estar, e os outros dois quartos ficam atrás da cozinha — informou Ed.

Assenti.

— Um banheiro principal e outro banheiro para ser dividido pelos outros dois quartos, certo?

— Sim. A lavanderia fica no porão, está incompleta, então fica um pouco assustador lá embaixo, mas nada de mais.

— Está ótimo — falei. — Ótimo mesmo. — Eu conseguia me ver com Riley ali. Ficaríamos perto do pai dela, da sua família.

— Então você está gostando? — perguntou Ed. — Alguma pergunta?

— Muitas, mas acho que vamos querer de qualquer forma.

Ed juntou as mãos.

— Perfeito. Tem alguns itens sobre a locação que Anne gostaria que eu falasse com você. Pode ser? — Fiz que sim, esperando que ele continuasse. — Certo, ela quer que você assine um contrato de aluguel de doze meses. O aluguel pode ser renovado se, essa parte é um pouco chata, desculpe, Anne ainda estiver com a gente. Se ela falecer durante o período do seu contrato, fica acordado que você conseguirá finalizá-lo, mas fica a critério do novo dono renovar ou não.

Meu Deus! Que triste!

— Tudo bem — respondi. — Ela já sabe nas mãos de quem a casa vai parar se isso acontecer?

— Sabe, e a pessoa concordou com esses termos.

— Está tudo bem por mim — avisei.

Tomara que um ano seja tempo suficiente para resolver minha vida.

— As outras coisas são menos pesadas. Ela pede que você não realize nenhuma mudança estrutural na casa, mas está autorizada a pendurar coisas e adaptar o espaço para o seu usufruto. A lareira demanda muito cuidado, então ela pede que você só use se o zelador puder acender e apagar.

— Zelador? — indaguei. Aquilo era novidade.

— Ah, sim — respondeu Ed com um movimento da mão que dizia "não é nada de mais". — Há uma casa menor na beira da propriedade, praticamente um apartamento. Tem mais ou menos sessenta metros quadrados. Anne começou a alugá-la para alguém ano passado. Em troca, ele tira a neve, cuida do quintal no verão e faz a manutenção que Anne não conseguia mais fazer.

— Quem é? — perguntei, ainda assimilando o fato de que havia mais alguém naquela propriedade. Aquilo podia mudar tudo.

— Talvez você conheça — falou Ed, pegando o celular. — Ele é daqui. Dusty Tucker.

Doze



Dusty

Cam,

Acho que vou começar a escrever mais bilhetes pra você. Você meio que me deixa nervoso, então é mais fácil escrever tudo. Mas não conta para ninguém da parte do nervoso. Tenho uma reputação a zelar, saca?

Posso te dar uma carona pra casa de novo depois do seu jogo de futebol hoje? Acho que gostaria que isso virasse um hábito.

Além disso, minha mãe quer saber se você quer ir jantar lá em casa qualquer dia. Não esquenta, ela é legal, igual meu pai. Minha irmã provavelmente vai ser um pouco irritante, mas só porque ela vai ficar obcecada por você.

Diz que sim.

(por favor)

Dusty

Passei pelas portas automáticas da Instituição de Repouso de Meadowlark com flores numa mão e uma sacolinha de mantimentos na outra. A sacola só tinha duas coisas: pudim de tapioca e pêssegos enlatados, os favoritos de Anne.

A casa de repouso de Meadowlark era pequena. Ficava a menos de dois quilômetros do hospital e tinha uma vista deslumbrante das montanhas nas janelas dos fundos. Anne estava ali fazia alguns meses, e eu tentava visitá-la uma vez por semana para lhe atualizar sobre o que estava acontecendo na sua casa e fazer um pouco de companhia. Ela não tinha

nenhum filho ou neto em Meadowlark, e eu, embora não achasse que ela fosse solitária — fazia amigos rápido —, gostava de ir até lá.

Eu a encontrei na varanda com seu leitor digital. Anne estava com os óculos de leitura, e a fonte estava tão grande que só cabia um parágrafo por vez na tela. Eu conseguia lê-lo de onde estava, mas não fiz isso. Sabia que não deveria bisbilhotar a leitura de uma mulher. Eu tinha educação. Anne ergueu o olhar antes de eu falar algo.

— Senti que era você — disse ela com um sorriso.

O cabelo de Anne estava curto e enrolado. Ela só usava casacos de gola redonda desgastados no inverno e camisas de botão quadriculadas no verão.

— Como sabia? — perguntei, enquanto me inclinava para abraçá-la.

— Você faz muito barulho — respondeu. — Esses anéis e cintos todos tilintando.

— Flores novas para seu quarto — comentei, entregando o pequeno buquê de cravo-de-amor. — E umas comidinhas.

— Bem na hora — disse Anne com um sorriso leve. — Joguei fora as flores velhas ontem. Obrigada.

Fiz que sim.

— Como você está? — perguntei.

Os olhos azuis de Anne cintilaram.

— Estou ótima. Aparentemente, uma das enfermeiras começou a namorar o filho de um dos residentes há algumas semanas, e eles acabaram de terminar depois de um barraco, porque o filho estava flertando com uma das enfermeiras-assistentes.

Dei uma risada e balancei a cabeça.

— Por mais que eu adore uma fofoca, perguntei como você estava.

— Então você não quer saber que Donald tem duas namoradas, e uma não sabe da outra porque elas ficam em grupos diferentes de atividade?

Donald era o vizinho de Anne.

— Eu não disse isso — falei, sorrindo. — Mas sempre quero saber de você primeiro.

Anne tirou os óculos de leitura e soltou um suspiro contente.

— Gosto daqui mais do que achei que gostaria — respondeu. — Às vezes, sinto falta de casa, mas não sinto falta de me sentir tão isolada. — Ela tinha dificuldade em se locomover e não gostava mais de dirigir. Seus filhos temiam que a casa fosse afastada demais para ela conseguir ajuda se precisasse, então ela não se opôs quando eles sugeriram a mudança. — É legal ficar tão perto das pessoas, e tem sempre alguma coisa acontecendo. É como morar no correio — explicou com um sorriso. Todos sabiam que o Correio de Meadowlark era o ponto turístico da fofoca.

— Fico feliz — falei. — O que você fez essa semana?

Anne pensou naquilo por um momento.

— Os cães-guias vieram. E também tive aula de pintura. Sou uma pintora terrível.

— O que você pintou? — perguntei com uma risada.

— Um dos cães-guias. Eu ia dar para o dono da próxima vez que viessem, mas acho que ele poderia pensar que era um insulto. — Balancei a cabeça com uma risada. — Como está a casa? — indagou Anne depois de um instante.

— Bem. Provavelmente preciso substituir a calefação antes do próximo inverno. O aquecedor desligou algumas vezes, mas até agora só precisou de consertos rápidos.

— Eu devia pedir a Ed para contar isso para a Cam — disse Anne, olhando para o leitor digital de novo. — Ela vai

olhar a casa hoje.

Senti meus olhos se arregalarem, mas tentei controlar a expressão enquanto engolia em seco. Sabia que a casa tinha sido colocada para alugar, claro. Sabia que Cam amava a casa tanto quanto eu. E também sabia que, devido a mudanças recentes, Cam estaria procurando um lugar novo. Só não sabia se algum dia estaria realmente preparado para a possibilidade de Cam e eu acabarmos tão próximos um do outro.

— Que bom — respondi.

Tentei não parecer perturbado com aquilo, continuar tranquilo, calmo e firme.

— Ela sabe que você mora na propriedade? — perguntou Anne, diretamente.

Esfreguei a nuca.

— Não sei, mas com certeza vai saber em breve, se já não souber.

— É uma pena o que aconteceu com ela. Coitada — comentou com um suspiro. — Espero que ela consiga achar um pouco de felicidade. Sempre foi uma boa pessoa.

Assenti, sem saber bem o que dizer.

— Vocês dois ainda são amigos?

— Mais ou menos. A gente não se falava enquanto eu estava fora, mas já a vi algumas vezes desde que voltei pra casa. — Eu estava dando a Anne a versão rápida e fácil dos eventos.

— Ah. — Anne assentiu. — Parece que tem um passado aí.

Senti, então, as cinzas da esperança começarem a queimar e brilhar no meu peito de novo. A filha da mãe se recusava a ser sufocada. Sinceramente, eu não sabia se queria que ela fosse sufocada, não sabia se conseguia ver o mundo sem essa esperança acesa, mas sabia que minha vida provavelmente seria bem mais fácil se ela simplesmente se apagasse.

Revirei os olhos.

— Você é pior do que minha mãe.

— Ela veio me visitar essa semana também.

Aquilo significava que elas deviam ter passado bastante tempo falando de mim.

— Bem, você tem uma vida social bem cheia — rebati.

Anne assentiu.

— Tenho mesmo.

Na mesinha ao lado da sua cadeira, seu celular soou e se iluminou com uma mensagem. Consegui ler de quem era. Ed Wyatt.

Anne pegou o celular e o desbloqueou usando o dedo indicador. E sorriu.

— Tenho uma vida social cheia, e parece que você está prestes a ter uma nova vizinha.

Engoli em seco com dificuldade. *Lá vamos nós.*

Treze



Cam

Na segunda de manhã, enfim decidi que era hora de ligar para minha mãe. Agora que tinha um plano — bem, um lugar para morar, pelo menos —, senti que conseguiria finalmente encará-la. Me sentei na beira do sofá-cama do quarto de hóspedes de Gus e encarei o celular. Estava cedo, mas ela estaria acordada.

Depois disso, eu poderia seguir com meu dia. Afinal de contas, era dia de mudança.

Eu tinha feito uma lista de prós e contras depois de descobrir que Dusty seria praticamente meu vizinho. Não era o ideal, mas a casa dos Wilson vinha sendo minha casa dos sonhos desde que coloquei os olhos nela pela primeira vez, e ela tinha muitas coisas a favor, apesar da sua proximidade com um certo nariz com piercing.

Tudo nela era perfeito, incluindo o aluguel — que eu podia pagar sem mexer no fundo fiduciário —, a mobília, os termos de aluguel únicos e a proximidade de Gus, pelo bem de Riley. E, pelo que Ed disse, tudo que Dusty fazia para Anne era do lado de fora, exceto a lareira, que eu já tinha decidido que nunca usaria.

Mas como é que Dusty estava em *todo lugar*? Eu nem sabia como ele tinha tempo de fazer coisas por Anne, já que trabalhava em Rebel Blue e, ao que parecia, ia a um posto de gasolina fora da rota para comprar petisco de carne-seca uma vez por mês.

Sorte a minha ser especialista em evitar coisas, uma medalhista de ouro em me esquivar.

Respirei fundo. *Vamos acabar com isso.*

Rolei meus contatos à procura de Lillian Ashwood. Não mãe: Lillian. Cliquei no nome antes que desistisse e levei o celular ao ouvido.

Só tocou uma vez.

— Camille — cumprimentou Lillian. Sua voz gotejava desdém e decepção. Uma palavra dela, e eu já me sentia com meio metro de altura. — Estava imaginando quando teria notícias suas.

— Desculpe — pedi, baixinho.

— Sabe o quanto foi constrangedor para mim e para seu pai ficar sabendo que você tinha ido embora do próprio casamento? Que o noivo nem tinha aparecido? — Fiquei quieta. Ela não precisava de mim para aquele sermão. — Então você passou uma semana ignorando nossas ligações, usando aquele homem... — Gus. — ... para nos dar atualizações do seu paradeiro. E sua filha? Como acha que ela se sente?

Fechei bem os olhos.

— Desculpe — pedi de novo.

— Não é suficiente — respondeu ela. — Seu pai está fora de si. Os pais de Graham estão te culpando, sabia, dizendo que foi você quem tornou isso difícil. — Conclusão interessante, visto que eu compareci ao casamento. — Agora dois anos de planejamento e de contratos irrefutáveis que beneficiariam as duas famílias simplesmente desapareceram.

— Eu sei — falei. Não tinha começado assim, com contratos ou sei lá.

Começou comigo e Graham percebendo que tínhamos muito em comum quando se tratava dos pais, sobretudo que queríamos que eles nos deixassem em paz. Então nossos pais viram o casamento como uma oportunidade fortuita, e a partir daí tudo foi acontecendo. Seria mutuamente benéfico — o banco do meu pai elevaria o capital do fundo de investimentos do pai de Graham e, em troca, eles ficariam numa boa posição para fornecer aos seus clientes um retorno excelente no investimento, e todas as partes envolvidas ganhariam dinheiro. O que, claro, era a coisa mais importante. Quando percebi o que estava acontecendo, não consegui fazê-los parar, então decidi tentar tirar o máximo proveito daquilo ao garantir que Riley pudesse se beneficiar.

— E tudo o que acordamos para sua filha foi embora junto — declarou minha mãe, como se conseguisse ler minha mente.

Riley era a arma favorita da minha mãe. Aquele casamento deveria garantir segurança para Riley. Eu quis me certificar de que minha filha nunca seria forçada a escolher uma graduação específica ou uma carreira... ao contrário de mim. Quando eu era mais nova, meus pais me viam como um investimento, então incentivaram o acesso ao meu fundo fiduciário para garantir que conseguissem o máximo retorno de seu dinheiro. Eu tive que escolher entre uma lista seleta de faculdades e, dentre elas, uma lista seleta de cursos que me levariam a um caminho profissional aprovado. E, não me leve a mal, havia algumas coisas naquele acordo que eu apreciava — como não poder me casar até os vinte e cinco anos, ainda que meus pais pudessem interferir na escolha do futuro noivo, claro. Mas o que tinha me deixado mais ansiosa com o acordo foi que, se eu

não seguisse essas orientações, meu fundo poderia ser revogado a qualquer momento. Sei que isso me fazia soar presunçosa e mimada — talvez eu seja —, mas me ensinaram a vida toda que o dinheiro importa. E, sim, sei que dinheiro não resolve todos os problemas, mas, para a maioria das pessoas, acho que resolveria grande parte.

Eu não queria que Riley se sentisse nas mãos de ninguém, nem na minha. Então fiz o que tinha visto meu pai fazer com seu negócio a vida inteira: aproveitei a oportunidade. Falei para os meus pais que queria alguma vantagem daquele casamento também, algo tangível e irrefutável. Um fundo fiduciário substancial para ela, e só para ela, e a faculdade paga para estudar quando e o que ela quisesse. Quando fui até eles com meus planos e uma proposta, juro que foi a primeira vez que meu pai pareceu orgulhoso de mim. O contrato foi elaborado com cuidado e minúcia por mim e vários advogados sêniores da minha firma em Jackson Hole. Depois que eu me casasse, o fundo seria colocado no nome de Riley e não poderia ser acessado por meus pais ou por mim. Amos ficaria com a custódia, eu confiava nele. Era um fundo irrevogável. Não havia nenhum arrependimento.

E gastei cada parte do capital que tinha com meus pais para fazê-lo assim. Capital que vinha reunindo desde meus dezoito anos, depois de cavar o buraco mais fundo do mundo com eles por causa de Dusty.

Só que o casamento com Graham era o gatilho, e não aconteceu, então tudo o que havia feito por Riley, por esse dinheiro e pelo seu futuro foi inútil. Meu corpo fervilhou de raiva.

— Foi Graham que não cumpriu a parte dele do acordo, mãe — falei, sem pensar.

— Perdão? — Lillian soou chocada por eu ter retrucado.

— Deixa pra lá.

— Isso era uma boa coisa pra você, Camille. Sabe-se lá se você vai conseguir uma oportunidade como essa de novo. Você tem bastante... bagagem. — Ela acabou de chamar Riley de "bagagem"?

— Desculpe — pedi mais uma vez com os dentes cerrados. O motivo de eu dormir com protetor bucal era Lillian.

Minha mãe continuou ignorando minhas desculpas. Eu nem sabia pelo que estava me desculpando.

— Seu pai e eu tivemos que controlar um pouco os danos. Vou entrar em contato para falar das atualizações de como podemos salvar seu futuro. Espero que atenda quando eu ligar.

— Sim, mãe — respondi com um suspiro, que ela com certeza ouviu.

E então ela desligou.

Bem, não foi tão ruim. Poderia ter sido um milhão de vezes pior, já tinha sido antes. Talvez eu tenha acertado em dar um tempo para meus pais se acalmarem. Observei o quarto. Eu havia empacotado tudo na noite anterior, limpando o máximo que pude. Não tinha muito, só o que botei na mala para o que seria minha lua de mel bem glamurosa numa cabana de esqui em Park City, Utah. Eu tinha levado a mala para a igreja, o que, em retrospecto, foi uma decisão muito boa.

Soltei um suspiro enquanto refletia sobre a semana anterior. Pensei no quanto era estranho eu estar no quarto de hóspedes do pai da minha filha e mesmo assim não ser nem um pouco estranho ele e sua noiva terem me apoiado. Eu sabia, desde que Gus e Teddy ficaram juntos, que ela era boa para minha filha, mas era algo especial testemunhar o quanto Teddy era atenta a Riley e suas necessidades, como ela extraía o melhor lado de Gus, que ele preferia esconder, e como, quando

ele contou que eu ficaria ali por um tempinho, ela nem considerou negar.

Eu sabia por que Gus havia oferecido seu quarto de hóspedes em vez de me deixar ficar no Casarão com Amos. Não era só por estar preocupado. Ele sabia que levaria muito mais tempo para eu sair do Casarão do que levaria para sair da casa dele. Eu me sentiria segura demais, ficaria confortável demais. Deixaria Amos me preparar café da manhã e fazer sucos verdes para mim pelo resto da eternidade. Mas Gus sabia que eu começaria a me sentir estranha se ficasse em sua casa por tempo demais. Borraria os poucos limites sobre os quais o relacionamento entre Gus e a guarda compartilhada era construído. Dividíamos a guarda, mas também éramos pessoas próprias com vidas próprias, independentemente do quanto elas se transpassavam. Ele sabia que, se eu ficasse ali, em algum momento perceberia que precisava me levantar e ficar de pé sozinha de novo.

Após uma última olhada pelo quarto, para garantir que não tinha esquecido nada, puxei a mala de rodinhas até a cozinha, onde Gus tomava seu café.

— Bom dia — cumprimentei quando cheguei perto dele.

— Bom dia — respondeu ele. — Como está se sentindo com o dia de hoje?

— Bem. Ada deve chegar em breve. Vamos levar meu carro até a casa de Graham, pegar tudo o que conseguirmos colocar nele. Wes e Brooks vão seguir com um caminhão para buscar a mobília de Riley.

— Graham vai estar lá? — perguntou Gus.

Fiz que sim.

— Só para me deixar entrar.

— Você já falou alguma vez com ele?

— Não. Ada organizou tudo. Além do mais, não tem nada para a gente falar.

Ele voltou atrás na palavra dele e no nosso acordo. Sabia o que custaria para mim e não se importou. Eu não o culpava, mas não precisava falar com ele sobre isso.

Gus franziu as sobrancelhas.

— Acho que deve ter muito o que vocês conversarem.

— Não tem. — Dei de ombros. — Obrigada por essa semana. Você e Teddy têm sido incríveis. Fico feliz por nossa filha ter você. — Minha garganta se fechou. — Fico feliz por você ser o pai dela, por ela ter um bom pai.

— Ela também tem uma boa mãe, sabe. — *Tem*? Eu não me sentia assim, sobretudo depois de minha mãe ter acabado de me lembrar de tudo o que Riley havia perdido. Torcia para que ela não desse falta de algo que nunca soube que teria.

— E agradeça ao seu pai por cuidar dela hoje — pedi. — Venho buscá-la amanhã, e vamos voltar para nosso cronograma regular.

— Cam, você está, sabe... você está bem?

— Estou — respondi e dei de ombros. Sempre bem. — Ada e Wes chegaram — avisei, olhando para o celular. — Só vou dar uma espiada no quarto de Riley e sair.

Gus parecia querer falar mais, mas ficou quieto. Passei pela mesa e subi as escadas até o quarto de Riley. Sua porta estava aberta, Gus gostava de espiar quando acordava. Eu não queria arriscar acordá-la, então fiquei na porta.

Ela se mexia muito dormindo. O cobertor e os lençóis estavam caóticos, o lençol de elástico tinha até soltado do canto. O cabelo ondulado estava todo bagunçado também. A calça do pijama tinha subido e estava amontoada nas coxas. Sua boca estava arreganhada enquanto dormia.

Toda vez que olhava minha filha, me sentia emocionada. Não conseguia acreditar que ela existia e que era minha. Não conseguia acreditar que uma pessoa tão esperta, obstinada e inteligente saiu de mim. E queria ter certeza de que conseguiria dar tudo para ela.

Queria ficar naquela porta olhando-a para sempre, mas sabia que precisava preparar nossa casa nova. Soprei um beijo e, em silêncio, desci as escadas.

Gus não estava mais à mesa, devia ter ido se despedir de Teddy, então peguei minha mala e saí pela porta, onde encontrei Wes e Ada estacionados e se pegando na cabine da caminhonete de Wes.

Tinha vezes que era exaustivo estar rodeada de pessoas apaixonadas. Bati com a palma no capô da caminhonete, e os dois pularam e se afastaram.

Wes teve a decência de ficar corado e parecer constrangido, mas Ada aparentava estar satisfeita pra caramba quando saiu do carro e me deu um abraço.

— Nojento — falei quando ela me abraçou.

— Sai daí. Falei pra ele nos dar quinze minutos de vantagem, então ele vai pegar Brooks. Assim, podemos garantir que Graham se foi antes de ele chegar lá. Wes é o homem mais fofo do mundo, mas tenho medo de que ele dê um soco na cara de Graham se tiver oportunidade. E Brooks é imprevisível, sinceramente.

— Boa decisão — falei, acenando para Wes. Ele saiu da caminhonete e foi até minha mala.

— Vou colocar isso no seu porta-malas — avisou. Sempre um cavalheiro.

— Obrigada. E obrigada por sua ajuda hoje. Fico grata.

— Quando quiser, a hora que quiser — respondeu ele com um sorriso.

— Quer que eu dirija? — perguntou Ada, e assenti enquanto lhe entregava as chaves. Fiquei grata por ela se oferecer.

Entramos no meu carro, demos um aceno de despedida para Wes e começamos a sair de Rebel Blue.

— Então — disse Ada. — Ando pensando.

— Que perigo — respondi.

— Já que vou te resgatar hoje, acho que está na hora de me contar o que aconteceu entre você e Dusty.

Congelei. Não era o que eu estava esperando.

— Como assim?

— Bem, só acho meio estranho eu nunca ter visto vocês interagirem de verdade, pelo menos não se você puder evitar. Mesmo assim, foi ele quem você escolheu para passar o dia do seu quase casamento. Você finge que ele não existe, não fala nada sobre ele, mas não se importa de ele morar na mesma propriedade que você. Só quero saber o que é que aconteceu entre vocês dois que criou essa coisa... estranha... que vocês têm.

— Namoramos na escola — falei e dei de ombros. Quando disse, pareceu que aquilo era tudo. Amor de juventude.

Era mais do que isso, mas quando alguém se apaixona tão jovem, muita gente insiste em dizer que não é real e que esse amor não tem como durar.

Acho que tinham razão sobre a última parte.

Dusty foi meu primeiro em tudo, mas não apenas no campo do amor. Ele foi meu primeiro amigo de verdade. A primeira pessoa que se importou o bastante para me conhecer, que descascou as camadas que eu havia construído ao meu redor e gostou do que viu. Ele me fez querer gostar de mim também.

— Bem, dã — rebateu Ada. — Sei disso, mas tudo em vocês berra muito mais detalhes do que um caso ou namoro de escola, ainda mais numa cidade onde essas coisas são comuns.

Dei de ombros.

— Não quero mesmo falar disso.

— Por quê?

Porque dói.

— Porque não gosto.

— Cam — disse Ada com firmeza. — Desculpe, mas você tem que me dizer alguma coisa. Como sua amiga, estou preocupada com você, e estou preocupada por você ficar no mesmo quintal de alguém que claramente te afeta de uma forma significativa, e não sei dizer se isso é bom ou ruim.

Para alguém que me contou que não tinha muitos amigos antes de ir para Meadowlark, Ada era uma boa amiga.

Soltei um longo suspiro.

— Olha... você está certa, Dusty me afeta, e de verdade não é de forma boa nem ruim... só meio que *é*.

— Você nasceu assim, enigmática? Ou é algo que aprendeu com a vida?

— Deve ser um pouco dos dois — falei. — Agradeço por você se preocupar comigo, mas acho que não precisa se preocupar em relação ao Dusty.

— Por que não?

Dei de ombros.

— Porque ele é uma boa pessoa. E ele não mora lá para ficar mais perto de mim. Só está fazendo seu trabalho.

— Então você não está nem um tiquinho, tipo, apreensiva com essa coisa toda?

— Claro que estou — revelei. — Meu namorado da escola praticamente mora no meu quintal. Você não ficaria

apreensiva? Mas, sério, acho que qualquer coisa que eu esteja sentindo agora tem muito mais a ver comigo do que com ele.

Ada apertou os lábios.

— Tudo bem — disse. — Vou aceitar essa resposta. Por enquanto.

— E, afinal de contas, isso tem a ver com Riley. Ela merece uma casa daquela, um lugar bonito para crescer.

— Certo. — Ada assentiu. — Então é isso o que ela vai ter.

Levamos uns vinte minutos para chegar à casa de Graham. Ficava bem afastada da cidade, como a dos meus pais, num terreno enorme com vistas deslumbrantes de milhões de dólares que nunca usaríamos. A casa era uma construção nova — grande, branca e linda, mas nunca senti que era minha. Com o tempo, acho que Graham teria lançado a ideia de nos mudarmos para Jackson Hole ou Park City e mantermos aquela como segunda casa. Mas isso nunca teria acontecido. Ele não amava Meadowlark, mas eu, sim.

Graham e eu não tínhamos um relacionamento ruim. Só... não era um relacionamento. Ambos sabíamos que era conveniente, fácil, e os dois se beneficiariam com ele. Eu gostava de Graham. Ele era legal, e havia momentos em que eu pensava que fosse meu amigo, mas não estava apaixonada por ele e sabia que nunca estaria. Nós dois decidimos aceitar uma vida pela metade, mas, desde que nossos pais nos deixassem em paz, isso bastava. Nós poderíamos existir em paz, o que pode não ser muito para algumas pessoas, mas era muito para mim e até mais para Graham.

Os pais de Graham eram piores do que os meus, e por isso eu ainda não tinha entendido por que ele não apareceu no casamento; o que valia mais do que a vida com a qual concordamos e queríamos um para o outro?

Eu estava tão absorta em meus próprios pensamentos que nem percebi que Ada já tinha desligado o carro e saído. Saí correndo atrás dela. Ela caminhou — ou melhor, bateu os pés, graças aos sapatos plataforma que ela amava tanto — até a porta da frente. Seus ombros estavam eretos, e a cabeça erguida, o que me lembrou de erguer a minha também.

Embora minha vida estivesse uma merda, tirei um momento para sentir orgulho da minha amiga e do quanto ela tinha amadurecido e ganhado confiança de novo desde que a conheci.

Talvez eu conseguisse fazer isso também.

Ada olhou para mim.

— Está pronta?

Não.

— Estou? — respondi, alguns passos atrás, enquanto ela erguia a mão para bater na porta.

Graham a abriu menos de um segundo depois. Ele parecia bem. Estava bonito, com o cabelo escuro, o corte clássico e os olhos azuis. Ele hesitou um pouco quando me viu. Deu uma sensação boa.

— Oi, Camille — disse. Era sempre Camille. Nunca Cam.

— Eu... — falou Ada, lentamente — ... vou tirar as caixas do carro.

Ela voltou para o carro, dando a mim e a Graham um pouco de privacidade, embora eu soubesse que ela se esforçaria ao máximo para escutar de onde estava.

— Olá — falei, acenando brevemente a cabeça.

Graham enfiou as mãos no bolso e apertou os lábios. Depois de alguns segundos, ele falou:

— Desculpa — sussurrou. Assenti. — Não consegui.

— É — respondi, endireitando a coluna um pouco. — Você disse isso. No bilhete.

Graham se retraiu, e sustentei o silêncio desconfortável por alguns segundos.

— Por quê? — indaguei, enfim.

Ele ergueu a mão e esfregou a nuca.

— Eu... conheci alguém. — Senti meus olhos se arregalarem. — Nada aconteceu — informou ele imediatamente. — Você é ótima, Cam, você é ótima demais. Sei que nossa vida teria sido ótima, mas...

— ... não seria *daquele jeito*. — Terminei por ele.

Seus olhos azuis estavam tristes.

— É. Sei que isso não é o que planejamos, e lamento pra caralho.

— Eu... entendo — respondi, e entendia.

Sabia do que ele estaria desistindo se casasse comigo porque eu teria que desistir disso também: amor, paixão e toda a incerteza e o sofrimento que vinham junto. A diferença entre mim e Graham era que eu queria desistir de tudo isso. A vida ficava tão mais fácil quando havia menos possibilidades, menos escolhas a fazer, menos chances de uma pessoa fazer a escolha errada.

— Eu deveria ter contado antes — afirmou ele.

— Deveria — concordei.

— Se faz você se sentir melhor, meus pais estão putos — contou. — Provavelmente vão me odiar pra sempre.

Quem dera.

— Mas valeu a pena? — perguntei.

O rosto de Graham se suavizou.

— Sim.

Tirei o anel de noivado do dedo e lhe entreguei. Ele o pegou com suavidade. Era uma herança de família, passada por gerações, então eu não podia mantê-lo, penhorar ou jogar no lago.

— Isso é seu — falei.

Graham assentiu.

— Vou deixar você começar. Só deixe sua chave sob o capacho quando acabar. Volto em algumas horas.

Assenti, Graham passou por mim e foi para o seu carro. Ele me lançou um último olhar antes de entrar e sair de ré.

— Então, acho que foi tudo bem na medida do possível? — comentou Ada, aparecendo ao meu lado.

— Você tem que parar de bisbilhotar — declarei com um revirar de olhos exagerado.

Juro, era o passatempo favorito dela desde que tinha se mudado para Meadowlark.

— Vou parar quando morrer — respondeu, abrindo a porta. — Wes e Brooks vão chegar em breve. Vamos pegar suas tralhas.

Catorze



Dusty

Na manhã de segunda-feira, eu estava selando Huey nos estábulos. Não tinha meu próprio cavalo em Rebel Blue, o que era normal para mim, então não me importava com isso. Gostava de cavalgar em cavalos diferentes, dependendo do meu humor ou das necessidades do dia. Cavalos eram como pessoas. Cada um tinha sua própria personalidade, sobretudo quando estava trabalhando. Huey tinha se tornado uma das minhas montarias prediletas, mas também era uma das de Emmy, então tínhamos uma espécie de disputa, e quem chegasse aos estábulos primeiro o pegaria para que o outro não conseguisse. Infelizmente para Emmy, não durmo bem e fico entediado com facilidade, então sempre chegava no trabalho bem mais cedo do que precisava.

Eu estava tirando uma rápida foto de Huey selado para enviar a Emmy quando Gus e Amos entraram.

— Bom dia — falei aos dois.

— Começando cedo? — Amos sorriu para mim.

Era impossível não ficar tranquilo quando ele estava por perto. Gus, ao contrário, tirava um pouco da tranquilidade do lugar, mas eu achava que não era intencional.

— Sim, senhor. Eu tinha que pegar o Huey antes de Emmy — respondi com um sorriso, e Amos soltou uma risada

afetuosa.

— Ah — falou, os olhos cintilando. — Fico surpreso de ela ainda estar agindo conforme as regras. Clementine costuma achar um jeito de conseguir o que quer.

— Você acabou de admitir que ela é mimada? — perguntou Gus.

Amos sacudiu a cabeça.

— Não mimada, amada.

— Tá — respondeu Gus com um revirar de olhos. Ele retorceu os lábios de leve antes de me fitar. — Fico surpreso de você ter tido tempo de chegar aqui mais cedo. Soube que tem muita coisa acontecendo. — Aquilo pareceu uma menção direta ao fato de que eu era o cuidador do que estava para se tornar a casa de Cam.

— É legal da sua parte ajudar Anne — afirmou Amos, olhando de cara feia para Gus. — É disso que queríamos falar com você, na verdade. — De Cam? — Um emprego — terminou Amos.

— Achei que eu já tivesse um desses aqui — falei.

— Você tem — concordou Amos. — E apreciamos. Você é ótimo gerenciando os funcionários e a manutenção. Você preencheu um buraco que não sabíamos que existia. Certo, August?

— Certo — respondeu Gus antes de respirar fundo. — Então, a gente vem tentando ter um santuário equestre funcional aqui nos últimos dois anos.

Aquilo não me surpreendeu. Amos praticamente administrava um de forma não oficial. Ele levava cavalos para casa com frequência e, mesmo quando os cavalos que já possuía não conseguiam mais trabalhar, ele os mantinha. Todos viveriam a aposentadoria nas colinas de Rebel Blue, cuidados

pelo próprio Amos e sua filha, que amava cavalos do mesmo jeito que ele. Assim como eu também amava.

Assenti.

— Esse lugar é ótimo para um santuário. Você tem espaço.

— E podemos criar mais — declarou Amos, gesticulando para os estábulos ao nosso redor. Os Ryder tinham três estábulos na propriedade: um para o cavalo deles, um para os funcionários guardarem seus cavalos se tivessem e um que estava vazio no momento. — Você já trabalhou em santuários antes, certo?

— Já. — Assenti. Meu favorito foi no México. A maioria dos cavalos lá tinha sido encontrada enfraquecida na beira da estrada ou havia passado a vida amarrada. Só que, naquele porto seguro, eles conseguiam se juntar a um bando de animais correndo livres pelo lugar. Meus preferidos eram Mojo, um cachorro de três pernas ladrão de comida, e Choya, um cabrito que achava ser um cachorro. — Alguns. Foram lugares ótimos de trabalhar.

— Então você estaria interessado em nos ajudar a tirar do papel uma versão deles em Rebel Blue?

— Não só do papel — informou Gus. — Não temos a capacidade de fazer isso sozinhos. Seria no longo prazo. E... sei que gosta de pular de galho em galho.

Gus me lançou um olhar afiado, e senti o peito gelar. Eu não tinha planos de sair de Meadowlark, mas não significava que não sentia vontade, de vez em quando, sobretudo quando Gus me olhava como se fosse exatamente o que esperava que eu fizesse.

Só que ali estava eu, e ia ficar. E, se pegar um pouco de trabalho extra era a forma de provar isso a todos, eu pegaria.

— Bem, estou aqui pra ficar — declarei.

Amos estendeu o braço e me deu um tapinha nos ombros.

— Bom homem — afirmou. — Não estou preocupado.

Quando ele disse isso, engoli em seco. Não sabia que sua aprovação ou confiança em mim significavam muita coisa, mas quando o homem mais firme do mundo diz que tem confiança em você, isso significava muito, sim.

— Vem cavalgar comigo — pediu Gus. — E vamos falar dos detalhes.

— Claro. Obrigado pela oportunidade.

Amos desconsiderou e disse:

— Não há dúvida de que você é o homem certo para esse trabalho.

Mas, quando olhei para Gus, ele não tinha tanta certeza.

Acho que eu precisaria provar que ele estava errado.

Quinze



Cam

Quinze anos atrás

O braço de Dusty estava jogado sobre meu ombro enquanto subíamos os degraus da porta da casa dele. Era minha primeira vez ali. Mesmo do lado de fora, a casa branca de fazenda parecia grande, brilhante e aconchegante.

— Não tenho ideia do que minha mãe está preparando para o jantar — avisou ele quando abriu a porta. — Mas, se você não gostar, não precisa comer. Ela não vai ficar ofendida, prometo.

Ah, tá, tá bom, até parece que eu não ia comer qualquer coisa que ela colocasse na minha frente. Queria que a mãe de Dusty gostasse de mim.

Quando entramos na casa, logo senti que já tinha estado ali, embora não fosse verdade. Só senti que era muito familiar. Ao contrário da minha casa, que meus pais pagavam para as pessoas manterem tão meticulosamente limpa que quase parecia estéril, aquela ali tinha sinais de vida por todo lugar. Sapatos perto da porta, cobertores e livros no chão.

— É você, amigão? — Ouvi uma mulher gritar de dentro da casa.

— Sim — respondeu Dusty. Ele tirou o braço do meu ombro e colocou a mão na minha cintura para me guiar adiante.

A cozinha ficava no cômodo ao lado, e, quando chegamos lá, a mãe de Dusty estava de costas para nós, no fogão. Seu cabelo era comprido, batia no meio das costas. Uma parte era grisalha, outra parte era loira — agora eu sabia quem Dusty tinha puxado.

— Oi, mãe — cumprimentou ele, indo a seu encontro.

Dusty lhe deu um abraço, e ela retribuiu. E então se virou para mim e me deu um sorriso que poderia derreter a neve de um para-brisa num dia de inverno.

— E você deve ser Camille — falou, colocando a colher de pau num suporte e vindo até mim. Eu esperava que ela fosse me dar um aperto de mão, mas não deu.

Em vez disso, me puxou para um abraço. Um abraço apertado e caloroso. Fiquei imóvel por um momento, surpresa, mas me recuperei logo e a abracei também, antes de ela se afastar. Dusty sorria para mim.

— Tão bom conhecer você, querida — afirmou ela. — Ouvimos falar muito de você. Sou a Aggie.

Aggie e Dusty se pareciam bastante. Tinham os mesmos traços angulares e o corpo magro. Imaginei se ele tinha herdado algo do pai.

— É muito bom conhecer a senhora também — respondi com sinceridade. — Obrigada por me receber.

— Claro. Estamos só esperando que o pai de Dusty chegue em casa e então partimos pro ataque. Dusty, meu bem, você arruma a mesa?

— Claro — disse ele. Aggie ficou comigo.

— Você prefere Camille ou Cam? — perguntou ela. — Dusty já usou os dois.

Ninguém nunca tinha me perguntado aquilo.

— Cam.

— Será Cam então. — Aggie sorriu para mim.

Era normal as pessoas serem tão legais assim com quem tinham acabado de conhecer?

Aggie e eu conversamos um pouco, sobre escola e futebol. Ela perguntou se poderia ir a um jogo, e eu lhe disse que amaria se ela fosse.

Quando ouvi a porta se abrir de novo, também ouvi passos de duas pessoas entrando na casa. Uma delas correu para a cozinha. Quando vi uma criança aparecer, presumi que fosse Greer, a irmã caçula de Dusty.

— Quem é você? — perguntou ela, quando notou uma estranha na sua cozinha. Ela e Dusty tinham os mesmos olhos, mas seu cabelo era quase preto, e tão comprido quanto o da mãe.

— Greer! — repreendeu Aggie.

— Sou a Cam. Prazer em conhecer você.

Greer me olhou de cima a baixo.

— Você é bonita — afirmou ela.

E então um homem surgiu, o pai de Dusty.

Ele colocou as mãos nos ombros de Greer.

— Ela é muito intensa — disse ele para mim —, mas não faz por mal.

O pai de Dusty, Renny, era alto. Seu cabelo parecia ter sido preto, mas já estava quase todo grisalho. Ele usava barba feita, calça jeans e a camisa do mercado, com seu nome no crachá. Seus braços eram cheios de tatuagens desbotadas.

— Você deve ser a Cam — falou para mim. Seus olhos estavam brilhando. — Ouvimos muito a seu respeito.

— Espero que só coisa boa — respondi, estendendo o braço para apertar a mão de Renny.

— Você nem imagina — declarou Renny, pegando minha mão. Quando olhei para Dusty, ele parecia estar enrubescendo.

— Bem-vinda. Estamos felizes por você estar aqui — afirmou Renny antes de passar por mim a caminho da esposa.

Ele deu um beijo na têmpora de Aggie e então em seus lábios, e percebi que nunca tinha visto meus pais se beijarem.

Quando o cronômetro do forno apitou, Greer e Dusty foram ajudar a mãe a levar os pratos até a mesa: frango, brócolis cozido no vapor e

uma daquelas massas prontas de caixinha. Fui ajudar também.

A conversa no jantar fluiu com facilidade. Greer contou sobre o episódio de uma série sobre ciência que assistiu na escola naquele dia — sobre vulcões. Aggie e Renny falavam do trabalho, e Dusty lhes contou da escola. Eu interferia quando ele estava falando, e o jeito como todo mundo à mesa escutava e se inclinava para prestar atenção em mim quando eu falava era uma sensação... nova. Não estava acostumada a isso.

— Há quanto tempo vocês dois estão casados? — perguntei aos pais de Dusty.

Eles se sentaram perto um do outro à mesa, Aggie na cabeceira da mesa e Renny à sua direita. Ficavam de mãos dadas sobre a mesa durante a refeição toda, exceto quando um deles tinha que cortar algo.

— Vinte anos. — Renny sorriu. — De pura alegria conjugal. Não é mesmo, belezura?

Aggie revirou os olhos, mas estava sorrindo.

— Isso mesmo.

— Eca — resmungou Greer, e Dusty riu.

— E seus pais, Cam? Com o que trabalham? — perguntou Aggie.

Sabia que ela estava sendo legal, mas não queria falar dos meus pais. Não enquanto estava ali passando tempo com aquela família que realmente parecia uma família.

— Meu pai é CEO de um banco — respondi, rapidamente. — E minha mãe faz coisas de caridade.

— Você tem irmãos?

— Tenho uma irmã mais velha. Violet. Ela está no segundo ano em Yale.

— Caramba — exclamou Renny. — Seus pais devem ter muito orgulho de vocês duas, Dusty contou que você é extremamente inteligente.

Olhei para Dusty, e ele me deu um sorriso tranquilizador.

— Hum — comentei, sem saber realmente como responder. — Sim — foi o que escolhi dizer.

— Eu adoraria conhecê-los. Talvez em algum dos seus jogos? — disse Aggie. — Vou perguntar como tiveram tanta sorte com uma garota maravilhosa.

— Eles... é... — tropecei um pouco. — Eles são, é, bem ocupados.

Aggie inclinou a cabeça quando me fitou, e tive uma sensação de que ela estava descobrindo coisas demais sobre mim com aquele olhar.

— Bem — disse depois de alguns segundos —, você é bem-vinda aqui a qualquer hora.

— É, sim — concordou Renny. — Qualquer um que consiga fazer Dusty se comportar faz milagre. — E então ele piscou para o filho.

Amava observar essa família, a facilidade com que interagiam uns com os outros. Eu me senti sortuda por estar ali.

Com Dusty.

— Quem quer sobremesa? — indagou Aggie, depois de um instante, e Greer levantou a mão rapidamente.

Aquela noite estava perfeita.

Dezesseis



DUSTY

As luzes estavam acesas na casa principal da propriedade dos Wilson. Como eu sabia? Porque as encarei durante a última hora. Aquilo significava que ela estava ali, estava se mudando. Ia ficar a trinta metros de mim daqui em diante.

Senti que deveria ir até lá. Eu queria. Era melhor reconhecermos logo que viveríamos bem perto do que deixar isso para depois, certo?

Temia simplesmente aparecer, sobretudo se Riley estivesse lá. Só que eu não ficaria por lá. Só queria dizer "Oi, isso não é estranho", mesmo que fosse, e então ir embora.

Era só isso.

Abaixei o olhar para a pilha de três tábuas de cortar carne de madeira que minha mãe havia me dado outro dia. Um presente de boas-vindas, disse ela.

Aquilo não precisava ter muita importância. Eu levaria um presente da minha mãe. Cam gostava da minha mãe. Ela gostava de mim também, eu achava, mas acho que odiava gostar de mim, o que era complicado.

Passei a mão no rosto. *Se recompõe, Tucker.*

Que seja. Peguei as tábuas e saí. Estava quente na minha casinha, então o ar frio me deu um choque.

Um choque bom. Um choque necessário.

Eu só ia até lá, daria as tábuas, quebraria o gelo e então voltaria para casa.

Quando cheguei à sua porta, nem parei. Não queria perder a coragem, então bati logo.

Ouvi música atravessando as paredes até a varanda, mas não consegui entender qual era. Alguns segundos depois, ouvi passos vindo em minha direção. Quando a porta se abriu, tive que disfarçar o impacto que me atingiu.

Cam estava perfeita numa camisa de moletom azul-clara, legging preta e um par de meias de lã cinza-escura familiar que reconheci na hora. Não me importava nem um pouquinho por nunca tê-las recebido de volta.

— Ah — disse ela, piscando lentamente. — Oi.

— Oi — falei. — Eu, hum, achei que podíamos acabar logo com essa parte.

— Que parte?

— Você sabe, a parte "moramos na mesma propriedade, mas passamos o ano passado nos evitando" — respondi.

Embora nunca a tivesse evitado, senti que não era a hora de mencionar aquilo.

Cam assentiu lentamente

— E o que é isso? — indagou, apontando com a cabeça para a pilha de tábuas de cortar nas minhas mãos.

— Presentes de boas-vindas — falei. — Da minha mãe — emendei, rápido.

— Ah — disse ela. — Que legal. — Cam brincou com as mãos. Eu as observei, sem anel de noivado. Eu conseguia sentir o monstro da esperança subindo pela garganta. Precisava mesmo controlá-lo. — Você... quer entrar?

Eu queria?

— Claro — falei. — Sim.

Cam deu um passo para o lado, e entrei na casa. Havia caixas de papelão e de plástico por todo canto.

— Cadê a Riley? — indaguei, não havia sinal da Cam mirim em nenhum lugar.

— Está com o pai hoje — respondeu Cam, enquanto me guiava até a cozinha. — Achei que o período de adaptação poderia ser mais fácil se eu tivesse tudo pronto para ela quando chegasse aqui.

— E como está se saindo? — perguntei.

Cam bufou e riu.

— Wes e Brooks tiveram que desmontar a cama dela para entrar aqui, e eu disse a eles que conseguiria montar de volta. Adivinha? Não consigo.

— Quer que eu tente? — perguntei. — Sou muito bom com camas.

Não pretendia fazer uma piada, mas não consegui não aproveitar a oportunidade.

— Cala a boca — falou Cam, dando um empurrãozinho no meu ombro. — Você não tem compromisso?

— Só o de trazer essas tábuas para você — respondi, erguendo-as.

Cam as pegou de mim e as colocou sobre a mesa da cozinha.

— São lindas — elogiou. — Tipo, elas custariam pelo menos cem dólares numa loja de luxo. Você agradece Aggie por mim?

Fiz que sim.

— Claro. Ela vai fazer mais mil se você quiser.

— Ela sempre foi muito legal comigo — comentou Cam, atenciosamente. — Ela estava comigo quando descobri que estava grávida, sabe?

— Estava? — Eu não sabia daquilo.

Fiquei chocado por Cam ter dado aquela informação espontaneamente para mim, talvez eu tenha chegado no momento certo, ou sua fraqueza por Aggie Tucker a deixava mais comunicativa, ou talvez fossem as tábuas, como saber? Minha mãe nunca tinha me contado. Queria ter estado lá. Queria muitas coisas quando se tratava de Cam.

Cam assentiu.

— Esbarrei nela quando estava comprando o teste de gravidez na farmácia. Ela disse que eu não precisava fazer isso sozinha.

— Ela te ama — afirmei com sinceridade. Desde a primeira vez que levei Cam em casa, minha mãe a achou magnífica. Eu também achava. — Então, mudando de assunto, onde está essa cama que precisa de atenção?

— No quarto dos fundos — respondeu Cam. — Tenho uma caixa de ferramentas. Quer uma bebida ou algo assim? Não tem muita coisa. — Ela abriu a geladeira. — Dois seltzers alcoólicos, três seltzers sem álcool e dois sucos de caixinha. Preciso ir ao mercado antes de pegar Riley amanhã.

— Que sabor de suco? — perguntei.

— Frutas tropicais — respondeu Cam com um sorriso.

— Riley vai ficar com raiva se eu tomar um?

— Vai ser nosso segredinho — respondeu Cam, jogando uma das embalagens de suco para mim.

Eu a peguei, graças a Deus. Seria constrangedor se não tivesse conseguido. Cam pegou um dos seltzers sem álcool e o abriu antes de começar a ir para o quarto de Riley. Segui e tentei manter a atenção em qualquer lugar menos nas pernas compridas de Cam.

O corredor que saía da sala de estar tinha dois quartos e um banheiro. Havia caixas em ambos os quartos. Quando entramos no quarto de Riley, parecia que uma bomba tinha

explodido ali. Todas as peças da cama com dossel de Riley estavam espalhadas no chão. A cama era de madeira clara, provavelmente nogueira. Ela combinava com a cômoda, com a cabeceira e com a mesa. Havia um colchão apoiado na parede também. Eu conseguia ouvir um refrão tocando num alto-falante ali, "You Have Stolen My Heart", do Dashboard Confessional, e, por um segundo, saí do quarto.

Eu estava no banco do carona do meu Bronco. As janelas estavam abertas, e Cam estava dirigindo por uma estrada secundária. Cam tinha me convencido a deixá-la dirigir, e eu amava olhar pra ela enquanto isso. Estávamos cantando a plenos pulmões um CD que ela tinha gravado, o primeiro de muitos.

— ... eu realmente não consigo descobrir onde ficam as coisas. — A voz de Cam me puxou de volta ao presente. — Devia ter guardado o manual de instruções. Essa bolsa tem todas as ferramentas e coisas nela — disse, me entregando a bolsa.

— Tudo bem, vou cuidar dessa parte — falei com um sorriso.

Quando troquei olhares com Cam, seus olhos baixaram para o meu pescoço, especificamente o lado direito dele, assim como fizeram no Chili's, como se ela não conseguisse acreditar que eu ainda a tinha.

Será que ainda tinha a dela?

— Como posso ajudar? — perguntou ela.

— Deixa eu pegar a visão geral e partimos daí — respondi.

— Então tudo bem se eu desempacotar algumas roupas dela e tal? — indagou Cam, e fiz que sim.

Ela andou até o outro lado do quarto, e nós dois começamos nossas respectivas tarefas. Em relação à cama, parecia bem fácil de montar. Já em relação a Cam, eu realmente não sabia o que fazer.

Não era idiota a ponto de achar que ainda a conhecia como antes, mas queria. Conhecê-la, quer dizer, como era a vida dela naquele momento, se estava bem.

— Então — falei, mantendo os olhos na tarefa — como foi sua semana?

Cam deu uma risadinha. Ela estava sentada no chão, tirando roupas pequenas de caixas e as dobrando.

— Sinceramente, não foi a pior semana da minha vida. O que basicamente diz tudo o que você precisa saber da minha vida, eu acho.

— Preferiria que você me contasse tudo da sua vida — declarei, sem pensar.

Achei que ela se calaria e ficaria em silêncio, mas não o fez. Em vez disso, perguntou:

— O que quer saber?

Queria começar com o básico, coisas fáceis que não poderiam fazê-la escorregar ou parar de falar comigo. Assim como fiz na escola.

— Onde está trabalhando agora?

Eu já sabia, mas estava tentando ficar do lado seguro dos assuntos.

— Sou advogada — afirmou. Uma das carreiras aprovadas pelos Ashwood: medicina, economia, contabilidade e direito. — Em uma empresa em Jackson Hole. Fiz um estágio lá durante o verão antes de fazer a prova da Ordem de novo e, quando passei, eles me contrataram como associada júnior.

— Em que área do direito você atua, ou sei lá?

— Direito imobiliário, na maioria das vezes — respondeu. — Também trabalho com patrimônio imobiliário, essas coisas.

— Você gosta?

Ouvi Cam suspirar.

— É um bom trabalho com boas pessoas.

— Não foi o que perguntei. Você gosta do seu trabalho? Gosta de ser advogada?

— Gosto de entender as regras da lei. Gosto do quanto ela pode ser complexa e da quantidade de caminhos que existem para diferentes resultados, mas não, nem sempre gosto muito do meu trabalho atual.

— Por quê? — perguntei.

— Na maior parte do tempo, é bastante chato. Não tive muitas opções quando me formei em direito e passei no exame da Ordem, porque não podia me mudar ou assumir qualquer tipo de risco, já que tinha Riley, então só meio que fiquei presa fazendo o que estava disponível para mim.

— Isso é... meio chato — falei. — Por que não procura outra coisa?

— Está tudo bem, na maior parte do tempo — sussurrou ela. Quase não a ouvi. — Gosto das pessoas, e gosto do que o trabalho me oferece.

— E o que o trabalho te oferece?

— Segurança — declarou. — De várias formas.

Bem, aquilo com certeza soava como os resquícios da criação de Lillian e Rutherford. Sempre tão focados em dinheiro e resultados. Embora Cam estivesse vivendo sua própria vida, considerando seu novo trabalho e como se sentia com ele, parecia que ela ainda estava seguindo os caminhos esboçados para ela. Algumas coisas nunca mudariam para Cam.

— Qual sua comida predileta? — perguntei, mudando de assunto de novo.

Observei Cam pelo canto do olho e vi seus olhos baixarem ligeiramente. Ela era arisca, era preciso saber quando pressionar e quando aliviar.

— Ainda são tomates — afirmou, e ri. Ela comia tomates como se fossem maçãs, era a coisa mais estranha que eu já

tinha visto. — E qual a sua? Ainda qualquer coisa de sabor framboesa azul? Mesmo que isso nem exista de verdade?

— Sim — respondi. — Corantes azuis mexem comigo, fazer o quê? — Cam balançou a cabeça, mas ainda estava sorrindo. — Então você agora gosta de Bloody Marys também? Sempre achei que gostaria deles quando via as pessoas pedindo.

— Gosto. Não tem nada melhor do que um Bloody Mary gigante, com bacon ou camarão e um picles enorme.

Fiz uma cara de horror.

— Picles são nojentos.

— Picles são deliciosos — rebateu Cam. Sorri, lutando contra a vontade de mencionar a teoria dos picles de Cam. Ela costumava dizer que qualquer relacionamento bem-sucedido tinha um que amava picles e outro que os odiava. Ela passava nossos momentos juntos surrupiando picles de cada sanduíche que eu pedia na lanchonete. — E você?

— O que tem eu?

— Gosta do que faz? Trabalhar em Rebel Blue?

— Eu amo — afirmei com honestidade. — É bom trabalhar com os Ryder, e o lugar é o mais bonito do planeta. — Lembrei da conversa com Gus, em que ele me ofereceu uma chance e sua confiança para conquistar um pedaço de Rebel Blue para mim mesmo. De torná-la algo ainda mais especial. Empolgação e nervosismo dançaram sob minha pele.

— Um grande elogio vindo de alguém que já foi caubói pelo mundo todo.

Semicerrei os olhos para ela.

— Como sabe onde estive?

Era verdade que estive por todo canto fazendo trabalho temporário como caubói e vaqueiro, mas não sabia que ela estava acompanhando.

— Ouvi coisas — disse ela. Era verdade, sobretudo em Meadowlark. — E as redes sociais estão aí pra isso.

Observei Cam. Ela nunca havia me seguido nas redes, mas às vezes eu me perguntava se já tinha olhado meu perfil, já que as mensagens que eu recebia dela sempre pareciam chegar depois de alguma publicação minha. Na verdade, eu não postava com muita frequência, mas quando percebi esse padrão, passei a postar na frequência necessária para assegurar que ela não sumisse completamente.

— Você tem me vigiado? — indaguei. Tentei soar brincalhão, mas não sabia se tinha conseguido. Meu coração martelava no peito.

Vi as bochechas de Cam ficarem coradas.

— Não de um jeito esquisito — respondeu ela, na defensiva. — Era mais de um jeito "só para saber se você estava vivo". — Um sorriso surgiu no meu rosto, e, quando Cam me fitou, revirou os olhos. — Ah, vai — brincou. — Como se você nunca tivesse dado uma boa e velha stalkeada nas redes.

Cam tinha razão, claro, mas acho que ela não queria ouvir que, quando vi que estava grávida, fiquei sem ar. Ou que, quando vi uma foto dela, da Riley pequena e de Gus sem o contexto do relacionamento deles, quase desabei.

Eu estava numa pequena fazenda em Montana na época. Acho que isso tornou tudo pior. Não só por causa de nosso passado, mas também porque, em termos de distância, era o mais próximo que já estivera dela em anos, e mesmo assim nunca tinha me sentido tão longe. Àquela altura, eu sabia que havia um bebê, e sabia quem era o pai, mas era a primeira vez que via os três juntos. Na foto, estavam deitados, e Cam e Gus, cada um beijava uma das bochechas gorduchas da bebê Riley, que ria. Ela só tinha alguns meses, então não tinha muito cabelo, mas já dava pra ver que teria os cachos de Cam.

Tudo o que eu desejava era um vislumbre de Cam, e acabei recebendo mais do que pedi. Eu me senti uma merda por um longo tempo depois daquilo. Mas, por fim, percebi que queria que ela fosse feliz e, na foto pelo menos, ela parecia. Só não queria ouvir falar daquilo ou ver ou saber de qualquer coisa da sua vida. Quando ela me mandou mensagem depois disso — nas festas de fim de ano —, não respondi.

Não tive notícias dela de novo até o verão seguinte, no meu aniversário. Àquela altura, minha decisão tinha se enfraquecido. Decidi que receber migalhas dela era melhor do que não ter nada, então respondi com um rápido "obrigado" aos parabéns. Me lembro de ver os três pontos de sua digitação piscarem por alguns segundos antes de sumirem.

— Seu perfil está privado ultimamente — falei com um sorriso. Cam riu, e eu me deliciei com aquilo.

— Viu, você fez também — respondeu. — Como está Greer, falando nisso?

— Ela está bem — afirmei. — Mora no Alasca. Trabalha para o Serviço Florestal, mora numa cabanazinha, se preocupa com o planeta, manda fotos para a gente de ursos-pardos gigantes que apavoram minha mãe.

— Então ela está exatamente onde deveria estar? — perguntou Cam, e assenti. — Com certeza foi difícil para sua mãe quando vocês dois foram embora.

— É — falei, enquanto posicionava uma cavilha de madeira numa parte do estrado da cama, que estava quase pronta, antes de eu começar a juntar as peças e as prender. — Ela brinca que nos afastou, mas tomara que saiba que apenas herdamos seu amor pelo imenso mundo, sabe?

— Quando contei que estava voltando — continuei —, ela congelou. As primeiras palavras que saíram da sua boca foram algo sobre seu garotinho finalmente voltar pra casa, ou algo

assim, mas logo em seguida ela disse “você não vai morar na minha casa”.

Cam riu de novo.

— E aí você acabou morando numa casinha da propriedade de Anne? Por que não ficar em Rebel Blue no alojamento dos funcionários?

Dei de ombros.

— Já morei em alojamentos de funcionários ou temporários por mais de dez anos. Estava mais interessado em morar em algum lugar que enfim sentisse como meu, onde pudesse juntar mais pertences do que cabiam numa mala de viagem ou no meu carro, um lugar para o qual quisesse voltar no fim do dia.

Cam pareceu surpresa antes de baixar o olhar para as roupas que dobrava. Fiquei surpreso também, quando me peguei ansiando por um lar, por algo mais permanente. De certa forma, achei que isso significasse que enfim tinha me curado o suficiente para voltar. Mas quando olhava para Cam, ainda me sentia como o garoto de dezenove anos que teve o coração destruído e precisou lutar contra a vontade de correr, de correr dela.

— Mas como você acabou na Anne com tantos lugares?

— Encontrei com Anne no mercado quando voltei para casa uma vez, há alguns anos. Ela estava com dificuldade de alcançar o pão na prateleira, então a ajudei — expliquei. — Eu a acompanhei ainda no mercado, para garantir que conseguisse tudo. Conversamos o tempo todo. Ela me contou como estava ficando difícil administrar a propriedade sozinha, com os filhos e os netos todos longe de Meadowlark, e, quando chegamos ao caixa, ela me ofereceu a cabana. Concordei em fazer qualquer coisa que ela precisasse na casa ou na propriedade no futuro.

Eu estava deixando alguns detalhes de fora da história, mas eles não tinham mesmo muita importância no momento.

— Parece um bom acordo — comentou Cam.

— E é.

— E você acumulou mais pertences?

— Alguns, comprei meu primeiro colchão, alguns livros e uma pintura de Teddy há alguns meses. Ainda estou trabalhando nisso, em estar num lugar só. Levei seis meses para colocar minhas roupas na cômoda e no guarda-roupa.

— Bom, não tenho cômoda nem guarda-roupa, então você está na minha frente aí — falou Cam, dando de ombros.

— O quê? — perguntei.

— Encomendei uma dessas camas de baú na internet, essas que vêm embaladas a vácuo numa caixa, mas não chegou ainda — explicou Cam. Acho que aquilo significava que ela deixou todos os seus móveis para trás, talvez fossem do noivo? — Mas por sorte tenho alguns sofás como opções até chegar.

Cam era alta, devia ter mais ou menos um metro e oitenta de altura, então dormir num sofá a noite toda não seria confortável.

— Que chato — respondi, quebrando a cabeça e tentando lembrar se conhecia alguém com um colchão ou móveis de quarto extras.

— Tudo bem. Encomendei quando cheguei na casa do Gus e da Teddy, então deve chegar em breve.

— Como foi isso? Ficar com eles?

— Fácil — declarou ela. — Pelo menos por um período curto.

— Como tem sido? Se adaptar a uma nova dinâmica com eles e Riley?

Gus e Teddy tinham ficado juntos no começo daquele ano, chocando bastante todo mundo, exceto a mim, talvez, mas eu

não tinha testemunhado os dias lendários do ódio deles um pelo outro. Sinceramente, fiquei mais chocado com Brooks e Emmy.

— Fácil também — afirmou Cam. — Teddy ama muito Riley e, como mãe, é realmente recompensante ver sua filha ser banhada pelo tipo de amor que merece. Além disso, Teddy é tão diferente de Gus ou de mim. Ela é criativa e menos... não sei... rígida que nós dois. Acho que é bom para Riley tê-la por perto.

— Riley realmente tem uma boa família — continuou ela. — O tipo de família que eu queria ter. Quando minha mãe soube do novo relacionamento de Gus, ou "daquele homem", que é como ela gosta de se referir a ele, fez um comentário estúpido dizendo que Teddy ia ser uma concorrente minha na vida da minha filha, como se Riley só tivesse espaço para uma figura materna. Eu dei uma surtada por um tempo. Acho que fiquei imaginando que minha filha iria tipo... amar Teddy mais do que a mim.

Não me surpreendia que seus pensamentos tivessem ido por aquele caminho.

— Mas ela não ama — afirmei.

— Não. Talvez porque Teddy tenha estado presente a vida dela toda acho que Riley nunca teve a fase "Teddy é meu brinquedinho novo" e, mesmo que tivesse tido, teria sido normal. Não sei. — Balançou a cabeça. — Sinto que as pessoas esperam que seja difícil, acrescentar alguém na criação de uma criança já com dois pais, e talvez seja às vezes, mas não tem sido para nós, ainda.

— E com Greg? — perguntei, odiando sequer mencioná-lo, mas queria saber, mesmo que machucasse.

— Quer dizer Graham? — indagou Cam.

Ela estava sorrindo para mim, então mencioná-lo não fez com que se fechasse... ainda.

— Sei lá.

— Com ele foi diferente. Nós não éramos... — Ela hesitou e parou. — Não éramos como Gus e Teddy.

Como assim? Eles estavam noivos. Iam se casar, se unir legalmente um ao outro. Cam deve ter visto a confusão no meu rosto.

— Como está indo a cama? — Lá vinha a mudança de assunto.

Cam não gostava de ser pressionada, e eu não a pressionaria. Queria que ela continuasse conversando comigo pelo máximo de tempo possível.

— Bem — respondi, olhando a cama. — Me ajuda a juntar tudo?

— Precisa de muito esforço? — perguntou, achando graça.

— Preguiçosa. É só segurar as peças juntas que eu prendo.

— Tá bom.

Ela veio até mim e colocou as mãos na cintura quando parou ao meu lado. Desejei que se aproximasse só mais um pouquinho, mas aquilo teria que bastar por enquanto.

Cinco minutos depois, tínhamos terminado a cama. Colocamos o colchão, e Cam pegou uns lençóis e uma colcha. Ela começou a esticar o lençol de elástico, verde-oliva com florezinhas por toda parte, e eu peguei um canto. A mesma coisa com o lençol de cima e a colcha, que era rosa-claro com flores pequenas e bordadas.

— Riley gosta de flores?

— Gosta. — Cam assentiu. — Ela e Teddy fizeram uma caça a flores silvestres no verão, e ela ficou totalmente obcecada desde então. Pessoalmente, amo que seu quarto agora sempre pareça verão.

— Ainda é sua temporada favorita?

Na minha cabeça, eu estava eliminando as coisas que sabia sobre ela e que ainda permaneciam iguais.

— Ainda é minha estação favorita — afirmou Cam. Verão, continua; tomates, continua; picles, continua.

Quando ela me fitou, algo surgiu atrás dos seus olhos castanhos. Nenhum de nós disse nada. O único barulho era a música do alto-falante: "MakeDamnSure", do Taking Back Sunday. Outra música de um dos nossos CDs mix. Agora que parei para pensar, cada música que ouvi estava em um dos nossos CDs.

Sem pensar, estendi a mão, convidando-a para dançar. Vi seu semblante murchar e seus muros serem erguidos.

— Desculpa — pedi rapidamente, me enchendo de arrependimento. — A música... — Parei.

— Eu sei — sussurrou ela.

— Me desculpa — pedi de novo, engolindo em seco. — Não foi para isso que vim aqui. Vim dar uma olhada em você e, se isso corresse bem, perguntaria se você acha que podemos ser amigos.

Cam passou os olhos pelo quarto, evitando os meus.

— Vamos lá, Ash — falei. — Fomos amigos antes de qualquer outra coisa.

Vi as engrenagens funcionarem na sua cabeça. Ela mordiscou o lábio inferior e brincou com os dedos de novo. Em tempo real, a vi pesar os prós e os contras, e lutei contra a vontade de implorar.

Diga sim. Por favor.

— Sempre fomos amigos — respondeu ela, e suspirei. — Você tem razão.

— Então? — perguntei, com esperança.

— Amigos.

Dezessete



Cam

Quinze anos atrás

DUSTY
Faz trilha comigo nesse fim de semana?
Marque sim ou não (não marque não, por favor)

CAM
Você é obcecado por trilha por acaso? Você é insuportável. Eu nem sei se gosto de trilha.

DUSTY
Só tem um jeito de descobrir. Te pego às oito.

CAM
Da manhã?!

DUSTY
É, dorminhoca. Da manhã.

CAM
Tá bom, mas estaciona no fim da rua.

DUSTY
Isso tá ficando um pouco estranho, Ash.

CAM
Meus pais não são como os seus. Estou te protegendo, prometo.

DUSTY
Você que sabe. Vá com tênis bons.

— Você está bem aí atrás? — perguntou Dusty, enquanto continuávamos a nos arrastar pela montanha. Bem, eu estava me arrastando. Dusty estava praticamente flutuando, a inclinação parecia não incomodá-lo nem um pouco.

— Tá tranquilo — bufei. — Então você faz muito isso?

— Trilha? — perguntou.

Assenti, mas percebi que ele não conseguia me ver, então gritei:

— Sim.

— Bastante — respondeu. — Nem sempre tem muito o que fazer por aqui, sabe? E, mesmo quando tem, costuma ser coisa que você já fez pelo menos uma vez.

— Mas, se você faz muito isso, não é só uma dessas outras coisas?

— É, mas é diferente toda vez, eu poderia fazer essa trilha todo dia e ver ou perceber algo novo.

Tirei um segundo para olhar o cenário ao redor. Não conseguia ver muita coisa na trilha, árvores altas nos rodeavam, mas já devíamos estar bem no alto, porque caminhávamos fazia pelo menos uma hora.

Era lindo, mas eu ainda não estava convencida sobre essa coisa de fazer trilha. Tinha lição de casa para fazer.

— Quanto falta? — perguntei.

Dusty riu.

— Uns quinze minutos. Achei que gostaria disso. — Eu gostava de estar com ele. — Você não é toda empenhada em esforço e resultados?

— Gosto de ver os resultados. Tudo que vejo aqui são árvores.

— Alguém já te disse para aproveitar a jornada?

— Não — respondi com sinceridade. — Ninguém nunca me falou isso.

Dusty parou de andar e se virou. Parei quando cheguei a um ou dois passos de distância dele.

Ele me observou.

— Bem — falou, enquanto acariciava minhas bochechas com as costas da mão —, aproveita a jornada.

Revirei os olhos, e Dusty sorriu quando terminei.

— Vamos continuar andando para a jornada não levar duas horas — declarei.

— Justo — concordou Dusty, virando-se para guiar o caminho.

Eu também não sabia por quanto tempo a pessoa dona da calçada em que estacionamos aceitaria o Bronco do Dusty na frente da casa dela. Torci para que não se importasse por estacionarmos lá por muito tempo, porque fiquei encantada pela casa e queria explorar cada centímetro dela quando voltássemos ao carro. Quando Dusty e eu paramos, na hora me apaixonei pelo exterior azul e por como a casa era cercada por plantas e árvores. Não consigo explicar, mas ela parecia ter uma alma própria, como se fosse uma coisa viva.

Acho que Dusty amava me levar de carro por aí, me mostrar coisas novas. Na primeira vez em que andei em sua caminhonete, no último outono, fiquei meio apavorada. Não estava acostumada com carros grandes, barulhentos e instáveis.

Agora, contava os minutos até a próxima vez em que estaria no seu banco do carona. Até fiz um CD mix para ele escutar enquanto dirigia, porque seu rádio era péssimo em sintonizar as estações sem estática.

Mas ele tinha que me deixar no final da rua da minha casa quando me dava carona. Eu não precisava dos meus pais descobrindo sobre ele ou seu Bronco barulhento. Não aprovariam Dusty ou nossa amizade.

Pois era isso que eu e Dusty éramos: amigos. Bons amigos. Ele provavelmente era meu melhor amigo, mas eu nunca tive um, então não conseguia afirmar com certeza.

Mas também parecia que ele era mais.

Bom, não tínhamos nem nos beijado, só que, quando ele me tocava, eu sempre sentia frio na barriga. Achei que depois de um tempo pararia,

me acostumaria com aquilo, com o jeito como ele segurava meu rosto ou colocava meu cabelo atrás da orelha, ou me abraçava depois de termos estado longe por um tempo, mas não parou. Eu ficava com frio na barriga toda vez.

Ele foi a quase todos os jogos do primeiro semestre, e fazíamos algo quase todo sábado em que ele não precisava trabalhar — mesmo no meio do inverno. Nos meses mais frios, Dusty ensacava mercadorias e servia mesas na lanchonete. Quando esquentava, ele mantinha esses dois trabalhos e embalava feno no Rancho Rebel Blue. Wes era um dos amigos de Dusty, então eu sabia de Rebel Blue, mas nunca tinha estado lá. Talvez ele me levasse em breve.

Ao contrário de mim, Dusty tinha muitos amigos, então estar perto dele era bom para mim, acho, porque também significava que eu estava perto de outras pessoas. Não sabia se eram meus amigos também, mas eu tinha Dusty, e não sentia que precisava de mais do que isso.

— Consigo ouvir você pensando aí atrás — falou Dusty. — O que sua cabeça está remoendo?

— Você — respondi, sincera.

— Alguma coisa boa? — perguntou Dusty.

— Nadinha — menti. — Tudo ruim. Total e completamente ruim.

— Mentirosa — rebateu Dusty.

Consegui ouvir o sorriso na sua voz. Caminhamos mais um pouquinho, e as árvores começaram a se abrir. Apareceu uma subida acentuada por alguns minutos, e meus pulmões tiveram que trabalhar mais intensamente, mas continuamos caminhando.

Assim que chegamos ao topo, começamos a descer de volta — entre duas paredes rochosas. O espaço entre elas não era grande o suficiente para Dusty passar completamente.

— Cuidado — alertou ele.

Depois que ele passou, virou e estendeu a mão para me ajudar nos últimos passos. Saí da abertura e meu queixo caiu.

— Falei que você ia gostar — declarou Dusty, com os olhos em mim.

— É... uau.

A vista diante de mim era deslumbrante. Ao contrário da maioria dos mirantes que tinha visto em Meadowlark, aquele não ficava de frente para a cidade. Estávamos nas costas da montanha, então não havia nenhuma casa ou construção à vista, apenas uma extensão de sempre-vivas, álamos, relva e rochas irregulares e lindas, além de um rio que separava o cenário no meio conforme corria abaixo.

Dusty continuou segurando minha mão e me puxou até a beira da rocha em que estávamos. Olhei para onde ele me levava e pisquei algumas vezes para garantir que estava enxergando direito. O modo como as rochas tinham erodido e se partido criou algo que meio parecia um sofá posicionado de frente para... tudo.

— Olha onde pisa — disse Dusty.

Era bom que ele estivesse me segurando, porque eu estava tão distraída com o que havia diante de mim que acho que poderia facilmente ter caído do penhasco. Quando nos sentamos nas pedras, Dusty tirou a mochila. Ele me entregou uma garrafa de água, que peguei com avidez. Ele também tinha maçãs, sanduíches de pasta de amendoim, biscoitos e balas de gelatina compridas de framboesa azul.

Eu me sentei com as pernas cruzadas e me posicionei na diagonal para ver ambas as vistas: as montanhas e Dusty.

— Acho que agora entendi — falei, mordendo a maçã.

Aprendi com o pai de Dusty que ele achava as maçãs Pink Lady as melhores, e agora que as tinha comido algumas vezes, concordava.

— O quê?

— A graça de fazer trilha — respondi. — Você não me contou que a gente teria vistas incríveis e lanchinho.

Dusty riu.

— Então, gostou?

— Amei.

— Bom — respondeu. — Então... o que estava pensando sobre mim lá atrás?

Ele me olhou de canto de olho enquanto passava os dedos por uma mecha de cabelos loiros.

Respirei fundo. Dusty havia me tirado o hábito de me censurar, pelo menos perto dele. Talvez fossem os bilhetes ou o fato de eu me sentir mais próxima dele do que de qualquer pessoa, mas acho que não havia nada pelo que ele me julgaria.

— Por que a gente ainda não se beijou?

Dusty congelou, mas seus olhos cinzentos brilharam.

— Você quer que eu te beije, Ash?

Ali estava, o apelido. Recentemente, dobrei um dos trabalhos de inglês de um jeito que cortou a última metade do meu sobrenome para caber dentro do caderno. Dusty o viu na minha mesa e começou a me chamar de Ash. Ele enfim tinha achado um apelido para mim, aquele que o fazia se sentir especial.

Não falei que ele já era.

— Sim — afirmei, num tom que torcia para comunicar que era uma pergunta idiota. Quando ele ficou quieto por um segundo, logo falei: — Mas, tipo, só se você quiser. — Queria ter sido mais sutil.

— Eu quero — declarou ele na hora. — Sempre quis.

Ali estava, o frio na barriga.

— Então por que não beijou? — Minha voz saiu mais baixa do que eu esperava.

Vi Dusty engolir em seco.

— Acho que estava esperando pelo momento certo.

Apontei para o cenário ao redor.

— Isso parece talvez ser o momento certo — falei e cheguei um pouco mais perto dele.

Ele se aproximou também. O ar ficou rarefeito, e eu sabia que não era só a altitude.

— É? — perguntou. Sua voz saiu mais baixa do que eu tinha ouvido.

Assenti. Quando ele se inclinou, parei.

— Nunca fiz isso — soltei. Ah, Deus. Que constrangedor. — Não sei... eu me mexo?

Dusty sorriu, aquele sorriso de lado que fazia meu coração se apertar e minha respiração parar.

— Não, linda — falou, baixo, enquanto levava as mãos ao meu rosto. — Vou até você.

Tentei controlar minha respiração e os batimentos cardíacos, mas não adiantava, não com ele. Vi seus olhos percorrerem meu rosto antes de pousarem na minha boca. Ele se inclinou mais, e fechei os olhos — meio segundo depois, seus lábios estavam nos meus.

Foi basicamente o melhor primeiro beijo do mundo. Não queria parar de beijá-lo. E fiz aquilo de novo e de novo — continuando muito depois de termos saído do sofá de pedra, descendo a montanha e no banco da frente da caminhonete de Dusty.

Mal notei quando ele estacionou do lado de fora da minha casa porque, quando o carro parou, significou que eu podia começar a beijá-lo de novo.

E foi o que fiz.

Eu me movi no banco da cabine para ficar o mais próxima possível dele. Suas mãos vagavam, dos meus ombros para as costas, até a cintura. Quando ele usou a boca para abrir um pouco a minha, senti um raio de eletricidade do topo da minha cabeça até a ponta dos meus dedos do pé.

Por que não fizemos aquilo antes? Eu queria passar cada segundo livre que tinha com a boca colada na dele para recuperar o tempo perdido.

Uma batida na janela do lado do carona assustou a gente, e, quando olhei para ela — ah, merda —, vi minha mãe.

Merda. Merda. Merda.

— Camille Ashwood, sai desse carro. Agora.

Ela estava gritando. Minha mãe não gritava. Geralmente, era só um olhar frio de decepção.

Os braços de Dusty ainda estavam em volta de mim, e, quando minha mãe falou, ele os apertou.

— Essa é sua mãe?

A voz dele soou chocada, talvez até meio assustada.

Assenti e olhei para ela.

— Vamos sair daqui — falei.

— O quê?

— Me leva pra algum lugar. O dia de hoje está tão... incrível, e não posso lidar com ela agora — expliquei. — Por favor.

Minha mãe bateu na janela de Dusty de novo. Ela tentou abrir a porta do carona, mas estava trancada.

— Ash, eu... não posso. Ela é sua mãe. Acho que isso só vai piorar as coisas. Venho te pegar hoje à noite, tá bom? Talvez depois que tudo tiver... se acalmado.

Senti meus olhos se umedecerem de lágrimas, mas assenti.

Dusty me beijou de novo, não se importou de minha mãe estar vendo.

— Vou te tirar daqui um dia, prometo.

Dezoito



Cam

Riley e eu estávamos vasculhando os corredores da loja de artesanato da cidade naquela manhã. Eu podia contar nos dedos o número de vezes em que tinha ido ali. Aquela era a última semana de Riley na escola antes do recesso de fim de ano, e uma de suas amigas lhe ensinou a fazer pulseiras da amizade com linha de bordado, e ela estava determinada a fazer o máximo que conseguisse para os presentes de Natal.

— Papai vai querer uma verde — comentou, enquanto tirava alguns fios de bordado verdes do gancho.

— Boas escolhas — respondi. Até então, tínhamos um montão de rosa, roxo e vermelho. As verdes seriam perfeitas para Gus, e eu peguei algumas amarelas também. — Todas elas vão ser monocromáticas? — perguntei, e Riley me olhou, confusa. — Uma cor ou diferentes versões da mesma cor. — Apontei com a cabeça para suas mãos. — Tipo essas que são todas verdes, mas de tons diferentes.

— Mo-no-cro-má-ti-ca — repetiu Riley, baixinho para si mesma, memorizando a palavra e a guardando. Garota esperta. — Não. Titia Teddy e Ada vão ganhar com as cores do arco-íris.

— Elas vão amar — falei. — E o vovô?

— Amarelo, acho — respondeu ela com um aceno de cabeça. — Porque ele disse que sente saudade do sol e do verão.

— Que fofo, Rileyzinha.

— Que cor você acha que Dusty vai querer? — indagou ela, quando voltamos a procurar. Congelei.

— A... ah... — gaguejei. — Não sabia que ia fazer uma para Dusty.

— Tenho que fazer uma pra ele — explicou Riley. — Ele mora no nosso quintal, mãe. — Tinha razão. — Você sabe a cor favorita dele?

— Azul — respondi, sem pensar. Imagens de balas de gelatina azuis numa trilha, balas azuis no painel central da caminhonete dele e margarita azul no Chili's surgiram na minha cabeça. — A cor favorita dele é azul.

Depois de comprarmos metade das linhas de bordado da loja, Riley e eu caminhamos pela rua até a cafeteria. Fazia alguns dias que não nevava, de modo que as calçadas e estradas estavam na maior parte limpas, mas estava frio pra caramba — mesmo que o sol estivesse saído. Segurei a mão enluvada de Riley na minha enquanto andávamos. Bem, eu andava. Riley estava bem animada naquele dia — e todos os dias —, e seu jeito de andar era quase saltando.

Eram coisinhas assim, ou o modo como ela dava gritinhos quando chovia, que faziam meu coração se agigantar. Para mim, significava que ela se sentia segura e feliz, amada. Eu nunca tinha feito nada daquilo quando criança. Quando ela falava sem parar ou dançava na cozinha sem nenhuma inibição, eu torcia para que nunca perdesse essa alegria.

Um sino tocou quando abrimos a porta da cafeteria. Fomos imediatamente envolvidas por uma sensação de

aconchego e pelo aroma de café e açúcar derretido. O Grão sempre foi um clássico em Meadowlark, mas a loja tinha mudado de dono havia alguns anos, e a pessoa realmente tinha se dedicado.

Depois que entramos, soltei a mão de Riley, e ela foi direto para a vitrine de tortas, checar todas as opções antes de pedirmos.

Senti alguém me olhando enquanto esperava na fila. Não fazia muito tempo desde o não casamento, e as pessoas claramente ainda não tinham esquecido o assunto. Não queria saber o que estavam falando, não me importava. Bem, na verdade eu me importava, sim. Demais. Mas era mais fácil fingir que não.

Depois de um minuto, Riley correu até mim. Havia só uma pessoa na minha frente agora.

— Então, e se você pedir uma coisa e eu pedir uma coisa, e a gente dividir?

— Ideia excelente, Raio de Sol — respondi. — No que você está de olho?

— Na torta de chocolate — informou Riley, dando um sorriso enorme. A torta de chocolate em questão tinha ganache de chocolate com geleia de morango entre as duas camadas. — É apetitosa — declarou Riley com um aceno de cabeça.

— É uma boa palavra.

— Teddy me ensinou.

Chegou nossa vez então, e a funcionária acenou para eu ir até o caixa.

— Oi — cumprimentou ela. — O que vocês vão querer hoje?

— Você primeiro, Raio de Sol — falei para Riley. Ela gostava de pedir para si mesma.

— Hum... Gostaria de um leite quente cremoso com baunilha e um pedaço de torta de chocolate, por favor.

— Claro — respondeu a funcionária com um sorriso. — E para você?

— Vou querer um latte pequeno com leite desnatado e... — Olhei para a vitrine de tortas. — Um pedaço de torta de café, por favor.

— Ótimo. Volto já.

Quando nos sentamos, Riley tirou algumas de suas roupas e ficou com o suéter de tricô branco com um coração vermelho no meio.

— Está animada para ter um descanso da escola?

Riley fez que sim.

— Mas gosto da escola também. Essa semana foi divertida. A gente viu *Grinch*, decorou biscoitos com glacê e fez decorações de Natal.

— Amo decorações — afirmei.

A professora de Riley fez cada estudante fazer uma meiazinha com feltro e a decorar. Então, ela cortou um pequeno círculo na frente e colocou a foto de Riley ali.

Riley falou para a professora que precisava fazer dois porque seus pais não moravam na mesma casa, e a professora deixou, então eu e Gus ganhamos, cada um, uma meia decorativa brilhante.

— E pintamos também — falou Riley. — Muita pintura.

— Você acha que essa é sua coisa favorita de fazer na escola? — perguntei. — Coisas de arte?

A adaptação de Riley ao primeiro ano tinha sido um pouco difícil. No primeiro dia da segunda semana de escola, entrei em seu quarto para acordá-la, e ela me disse que estava doente demais para ir. Não estava com febre ou com o nariz escorrendo, disse que a barriga não doía, mas me olhou com os

olhos verdes grandes e cheios de lágrimas, então a deixei ficar em casa.

Eu tinha que trabalhar, mas a acomodei no sofá com alguns filmes e uns salgadinhos, enquanto fazia algumas coisas no escritório. Quando cheguei a um estágio em que pudesse encerrar o dia, saí e me deitei no sofá com ela. Depois de alguns minutos, ela se debulhou em lágrimas e confessou que não estava doente de verdade. Eu a abracei apertado e a deixei chorar antes de perguntar por que ela não queria ir para a escola.

Ela limpou o nariz e respondeu:

— Eu não sabia que estar no primeiro ano queria dizer que tinha que ir pra escola o dia todo.

No ano anterior, Riley só ia para o jardim de infância de manhã. Ela ficou completamente abalada com o fato de precisar ficar na escola por sete horas.

Observei a expressão de Riley mudar e adquirir um ar pensativo — a carinha mais fofa do mundo, aliás.

— Gosto da hora da biblioteca também — falou. — E minha professora diz que sou boa em matemática.

Ela não herdou aquilo de mim. Eu odiava matemática.

— Você gosta de matemática?

Riley deu de ombros.

— Gosto de fazer outras coisas quando acabo cedo.

Ah, ela tinha uma estratégia. Isso sim era a minha cara. Amava que ela estivesse usando a parte analítica do cérebro; só que, no caso dela, usava isso para fazer coisas que amava, ao contrário de quando eu era mais nova e só usava para fazer as pessoas me amarem.

Sempre achei que, se talvez mudasse isso ou aquilo — tirasse as maiores notas, corresse mais rápido e fizesse o

máximo de coisas —, eu seria a melhor. E meus pais teriam orgulho de mim se eu fosse a melhor, certo?

Era o esperado. Em geral, eu só conseguia provocar algo nos meus pais quando estava fazendo algo errado, então, na vida adulta, acho que só tentei mantê-los felizes. Assim eles me deixariam em paz.

Nunca quis que minha filha se sentisse assim. Queria que ela gostasse de passar as manhãs de sábado comigo na loja de artesanato. Nunca quis que sentisse que não poderíamos dividir um brownie e uma torta de café ou nos sentarmos à mesa e aproveitarmos a companhia uma da outra. Não posso dizer que aproveitei a companhia dos meus pais algum dia, e chutaria que eles devem sentir o mesmo.

Como qualquer pai e mãe, eu tinha expectativas para minha filha. Esperava que fosse gentil, curiosa e esforçada. Também tinha ideais para ela. Desejava que ela nunca se sentisse rejeitada ou descartável. Torcia para que tivesse sonhos e fosse bastante corajosa para ir atrás deles.

Mas nunca quis que as esperanças e expectativas que tinha por ela ofuscassem as esperanças e expectativas que ela tivesse por si mesma. Porque, se fizesse meu trabalho corretamente, ela as teria, e seriam maravilhosas.

Nunca realmente me vi como mãe, mas, quando era mais jovem, me perguntava se seria capaz de ser uma boa mãe, como os pais de Dusty. Eles foram o primeiro exemplo de pais... presentes. Meus pais sempre foram mais uma presença na minha vida em vez de estarem presentes de verdade. Eles são a base de toda decisão que tomo porque estão na minha mente quase constantemente, embora não os veja ou tenha notícia deles com muita frequência. Sinto que vivo minha vida como se eles estivessem assistindo — de uma forma negativa.

Tenho certeza de que sentiram orgulho de mim em alguns momentos ou se alegraram com algo que conquistei, mas acho que não sabiam demonstrar essas coisas. Acho que só sabiam demonstrar decepção, o que eu compreendo como uma faca de dois gumes, para eles e para mim.

De um lado, eu odiava quando ficavam decepcionados ou chateados comigo, mas quando estavam assim, eu recebia a atenção pela qual tanto ansiava.

Por vezes, me pegava refletindo se usava Dusty como arma contra meus pais, sobretudo depois que minha mãe nos pegou aos beijos no Bronco. Quando ele deixou de ser segredo, nosso relacionamento se tornou a única maneira de contrariar meus pais e de me defender. Mas acho que ele se via mais como um escudo, como se pudesse me proteger.

Eu torcia para que minha filha nunca precisasse de nenhuma dessas coisas.

— Eu te amo, Raio de Sol — declarei. — Sabe disso, não é?

Riley enrugou a testa.

— Sei, mãe — respondeu, quando uma funcionária colocou nossas bebidas e tortas na mesa com xícaras e pratos descombinados.

— Gosto de pratos assim — falou Riley.

— Pratos assim como?

— Pratos que não combinam. Podemos comprar uns pra casa nova?

— Já viu nossos pratos, Raio de Sol? — Dei risada. Eu com certeza não era mulher de usar pratos descombinados.

— Vi. Eles são todos brancos e chatos — disse Riley. Seus olhos estavam iluminados.

— Essa doeu, filha. Você acha meus pratos chatos?

Riley assentiu com entusiasmo.

— Chatos mesmo — disse ela. — A gente devia comprar pratos de arco-íris.

— E se a gente concordar em comprar uns pratos em tons pastel ou algo assim? Ou alguma coisa com um padrão?

— Pastel são cores suaves, né? — perguntou Riley, e assenti. — Tá bom. Pastel está bom.

Quando ela deu um gole no leite cremoso, que era apenas um xarope cremoso de leite e baunilha, minha filha de sete anos pareceu ter dezessete.

Dei uma mordida na torta de chocolate de Riley.

— Nossa, está bom.

— Ei! — exclamou ela. — Eu nem comi nada ainda.

Dei de ombros, e Riley deu a primeira mordida na minha torta de café com um sorriso. Enquanto mastigava, ela assentia e sorria.

— Bom? — perguntei.

— Bom — respondeu. Então, cada uma pegou um pedaço das próprias tortas com o garfo.

— Tim-tim — falei, e batemos os garfos.

Dezenove



Cam

Quinze anos atrás

Quando eu estudava em uma escola particular, amava o recesso de primavera. Não tinha algo da escola de que sentir falta na época, mas agora eu tinha. Tinha amigos... bem, tinha Chloe. Nós nos aproximamos bastante depois que a temporada de futebol terminou e, claro, eu tinha Dusty.

Estava contando os dias até a escola começar para vê-lo.

— Você parece distraída, Camille — afirmou minha mãe do outro lado da mesa de jantar.

Era a última manhã de sábado do recesso. Voltaria à escola na segunda, graças a Deus. Nós duas estávamos tomando café da manhã juntas. Era o único dia do ano inteiro em que fazíamos aquilo. Meu pai estava trabalhando. Sim, no sábado. Ele sempre encontrava motivo para trabalhar nos fins de semana, mas sempre terminava milagrosamente na hora de ele e minha mãe irem a uma festa chique com os amigos chiques enquanto eu ficava em casa.

— Só cansada — respondi enquanto espetava um morango e o tirava do prato.

Tomávamos o mesmo café da manhã todo sábado e domingo. Minha mãe tinha muitas regras estúpidas com comida, então fruta, dois

ovos e torrada de pão integral sempre. Durante a semana, era iogurte.

— Com o que você poderia estar cansada? — perguntou, mas sabia que ela não precisava de uma resposta para me criticar por algo: ir tarde para a cama, beber muita cafeína, colocar o alarme no modo soneca porque ela leu em algum lugar que isso deixava a pessoa mais cansada. Então fiquei quieta e continuei cutucando o café da manhã.

— Seu pai recebeu a conta do telefone há alguns dias — disse Lillian depois de alguns segundos. — Ele queria que eu perguntasse por que você está mandando muito mais mensagens.

Claro, meu pai não podia perguntar ele mesmo. Parecia que a novidade de ter uma filha ia perdendo a graça a cada ano, então seu investimento na nossa relação também diminuía.

— A gente não tem mensagens ilimitadas?

— Não é essa a questão. É que notei que suas notas caíram um pouquinho este semestre. Numa escola pública — disse ela com desgosto. Eu tinha tirado nove em cálculo avançado. — Agora, ao que parece, você tem mandado mais de dez mil mensagens por mês desde outubro. Estou vendo padrões.

Dei de ombros.

— Mando muitas mensagens por causa do futebol.

Minha mãe apertou os lábios, como se não acreditasse em mim.

— Espero que você não esteja se distraindo, Camille. Por nada... nem por ninguém.

Ela ergueu as sobrancelhas, e a imagem da minha mãe batendo na janela de Dusty surgiu na minha mente.

Eu nunca a tinha visto daquele jeito. Depois que saí do carro, ela me arrastou para casa pelo braço e, quando a porta se fechou, esperei que gritasse.

Ela não gritou. Fez algo pior. Disse completamente calma:

— Você é tão decepcionante.

Mais tarde, tive que conversar com ela e com meu pai, e ambos fizeram questão de dizer o quanto eu era decepcionante e que não

sabiam que eu podia ser tão descuidada. Eles me informaram de que eu deveria manter distância — como se fosse capaz de fazer isso com Dusty —, ou haveria consequências. A ameaça deles foi vaga o bastante para soar sinistra. Quase desejei que minha mãe ficasse brava de novo, para mostrar que se importava ou algo assim, mas ela não ficou. E meu pai? Bem, ele parecia entediado e desgostoso.

Nunca me senti tão pequena.

A voz da minha mãe invadiu minha memória.

— Você está no último ano. Precisa ficar de olho no seu futuro.

— Eu estou — respondi. Eu estava de olho no retorno à escola.

— Espero que sim — declarou. — Porque, para que possamos continuar apoiando sua decisão de viver essa fantasia boba de Meadowlark, sem falar de financiar sua vida, temos normas que esperamos que você siga.

Quanto mais perto eu chegava de me formar, mais meus pais me relembravam do fundo fiduciário. Eles o balançavam na minha frente como um chamariz — como se fosse o único motivo para eu fazer qualquer coisa. Não sabiam que eu faria qualquer coisa apenas para sentir que estavam orgulhosos de mim. Queria que meu pai lesse o trabalho que escrevi para a aula de inglês e o deixei na sua mesa. Queria que minha mãe me levasse para comprar vestidos para as danças na escola. Queria tomar café da manhã com os dois num sábado e ter uma conversa agradável sobre nossas partes favoritas da semana, e fazer planos divertidos para o fim de semana.

— Entendo — falei depois de um instante.

— E estou falando sério sobre aquele garoto — afirmou Lillian. — Você é melhor do que ele, Camille, mesmo que não saiba como agir assim ainda.

Minha comida virou cinza na boca.

Depois do café da manhã, passei a maior parte do dia no quarto assistindo a filmes. Mandei mensagem para Dusty, mas ele estava no

trabalho. Tomara que algum dia eu não precise passar tanto tempo sozinha.

Vinte



Dusty

Naquele ano, eu e minha mãe iríamos celebrar o Natal nos Ryder. Ela vinha fazendo isso desde que meu pai falecera, seis anos antes, mas eu sempre estive fora nas festas de fim de ano. Aquele era o primeiro ano que estava em casa.

Fui para lá por volta das três horas. Amos sempre dava folga para os funcionários, então ele, Gus e Wes trabalhavam de manhã, fazendo tudo o que podiam com uma equipe reduzida.

Quando estacionei na frente do Casarão, notei as caminhonetes de Gus, Wes e Luke. Também avistei o velho Toyota Highlander da minha mãe. Mas não havia nenhum sinal do SUV de Cam.

Ignorei a decepção que corroía minhas entranhas.

Peguei a sacolinha de presentes no banco traseiro e caminhei até a porta. Não me incomodei em bater, só empurrei a porta, e deixei o calor do Casarão me envolver.

Não importava quem você era, quando entrava no Casarão, se sentia em casa, mesmo que nunca tivesse pisado lá, ou ainda que tivesse cruzado a entrada inúmeras vezes. Sempre havia cheiro de couro e massa de torta. Naquele dia, também havia cheiro de muita comida boa.

Vozes e risadas ecoavam do corredor. Tirei o casaco e o pendurei em um dos ganchos perto da porta, antes de ir até o coração da casa.

— Tira o casaco, Luke — pediu Emmy. Ela e Brooks estavam sentados à mesa da cozinha. Parecia que estavam jogando cartas. — Você vai ficar com calor.

— Não — respondeu Brooks.

— Por favor — rebateu Emmy, piscando os olhinhos.

— Tá — resmungou Brooks. Ele abriu o fecho da jaqueta e revelou um suéter de lã bege, que parecia exatamente com o que Teddy tinha me dado para usar.

— Vocês estão de sacanagem — declarou Gus do sofá. Ele estava usando o mesmo maldito suéter.

Teddy, sentada no chão da sala montando quebra-cabeças com Riley, e Emmy caíram na gargalhada. Ada acompanhou de onde estava ajudando na cozinha, porque Wes estava vestindo o mesmo suéter também.

— Vocês todos estão tão fofos de suéteres combinando — disse Teddy com uma risada. Ela limpou uma lágrima do olho. — Inclusive você, Dusty.

Ela acenou para mim. Eu deveria ter sido mais esperto e desconfiado de um presente de Teddy alguns dias antes do Natal.

— Ah, meu Deus, você também não — reclamou Gus quando me viu. Não consegui conter o riso.

— Vou me trocar — avisou Brooks, levantando-se da mesa.

— Não, não vai — rebateu Emmy, puxando-o de volta. Ela riu e lhe deu um beijo na bochecha. — Eu gostei. — Brooks amoleceu na hora.

— É um suéter bonito — comentou Wes, dando de ombros e jogando um braço por cima dos ombros de Ada. —

Boa escolha, linda. Dusty — chamou, virando-se para mim. — Bom te ver.

Depois daquilo, houve um monte de cumprimentos e abraços trocados. Amos manejava o fogão, com um pano de prato jogado por cima do ombro. Minha mãe e Hank estavam num sofá de dois lugares de frente para Gus. Entrei na sala e me abaixei para dar um beijo no rosto da minha mãe e um aperto de mão em Hank.

— Oi, querido — cumprimentou ela.

— Oi, mãe. — Eu me sentei no chão, ao lado de Teddy e Riley. — O que está rolando aqui? — perguntei.

— É um quebra-cabeça — explicou Riley.

— É, lerdinho — disse Teddy. — Não dá pra ver?

— Valeu por explicar — respondi. — É a imagem do quê?

— De Rebel Blue — afirmou Riley. — Minha mãe comprou para o vovô.

— Amos, que sabonete é aquele que está no quarto de hóspedes? Tem um cheiro muito bom. — Ouvi a voz de Cam atrás de mim, e endireitei a coluna. — Ah, meu Deus. É o mesmo suéter? — Todo mundo riu de novo.

Ela estava ali.

Eu me virei. Ela vestia um suéter cinza-claro e calça jeans escura. Deixei meus olhos descerem por seu corpo, mesmo que não devesse. Suas meias de boneco de neve me pegaram de surpresa, e sorri.

— Ah, oi — disse ela.

— Ei. — Acenei. Cam engoliu em seco e me cumprimentou de forma acanhada. Quando se virou para ir à cozinha, Riley gritou para ela:

— Mãe, você está montando o quebra-cabeça com a gente! — Vi Cam respirar fundo e, quando me virei de volta para Teddy, ela estava segurando o riso.

Devo ter tomado o lugar de Cam sem saber. Depois de alguns segundos de hesitação, ela veio e se sentou no chão ao meu lado. Eu não tinha percebido que quase todo mundo havia parado de falar até Cam se sentar e as conversas serem retomadas.

— Quantas peças tem isso? — perguntei a ela.

— Acho que tem 2.500.

— A gente está resolvendo as beiradas agora — me contou Riley. — Bem, eu e Teddy estamos resolvendo as beiradas. Você e minha mãe podem achar as partes do meio e juntar todas.

— Sim, senhora — respondi, batendo continência, e olhei para Cam, que admirava a filha cheia de amor.

Torci para que eu não estivesse olhando para Cam da mesma forma.

Nós nos sentamos à mesa de jantar algumas horas depois. Amos e Hank estavam um em cada cabeceira da mesa, depois Riley, Gus, Teddy, Emmy e Brooks de um lado. Então minha mãe ao lado de Hank, Ada, Wes, Cam e eu. Nossos assentos eram os últimos disponíveis e, considerando a piscadela que Teddy me deu, foi de propósito. Meu Deus do céu!

Não sei o que eu esperava, era praticamente impossível para qualquer um naquela mesa cuidar da própria vida. Não que eu estivesse reclamando, mas não queria que Cam se sentisse sufocada ou desconfortável, sobretudo porque todo mundo ali, exceto Amos e Riley, estava em casal.

O banquete estava impecável. Amos não sabia fazer comidas medíocres. Havia costela, peru, alguns tipos diferentes de batatas, recheios, vários legumes assados e pãezinhos caseiros com cascas douradas e brilhantes.

As conversas se desenrolavam entre todos, menos entre mim e Cam. Ótimo.

— Então — falei, tentando quebrar um pouco a tensão —, está gostando da casa?

Ela não me olhou quando respondeu:

— É ótima. Riley gosta muito dela. Estou empolgada para quando ficar mais quente.

Assenti com a cabeça.

— Você vai ter que levá-la nas trilhas quando a neve derreter — comentei.

Para qualquer outra pessoa, era algo sem importância de se dizer, como falar do clima. Só que, para nós, tinha importância.

Eu havia mostrado a Cam cada trilha atrás da casa dos Wilson. Quando notei um rubor surgir lentamente em suas bochechas, soube que ela estava pensando em algo que compartilhamos no topo da minha trilha favorita.

— É — respondeu ela. — Eu já contei de algumas. Ela, hum, quer ver o sofá de pedra.

Sorri.

— É uma boa.

Cam me respondeu com um pequeno sorriso, e meu cérebro entrou em curto-circuito a ponto de eu deixar cair um bocado de purê de batata e molho nos meus jeans.

— Caramba — murmurei, mas Cam riu, e de repente não me importei com a batata.

Agora, toda vez que Cam e eu nos víamos, havia um momento constrangedor que fazia eu me perguntar se tínhamos mudado muito, se havia passado muito tempo. Mas, então, atravessávamos esse momento (no caso, eu passava vergonha) e encontrávamos uma sensação familiar de conforto e tranquilidade.

Aquilo era legal, aquela nova amizade frágil que vínhamos construindo. Não podíamos mais evitar um ao outro — bem, ela não podia mais me evitar como vinha fazendo —;

estávamos dividindo o mesmo quadrado de terra. A cada aceno, quando eu saía de casa de manhã, ou bate-papo breve ao passar no quintal, parecia que estávamos finalmente nos acostumando um com o outro de novo. A presença na vida um do outro era pequena, bem menor do que antes, mas era constante, o que era bom, após tantos anos de distância.

De muitas formas, sentia que estávamos perto de ser amigos de novo, na medida do possível. Não sei se chegamos àquilo sozinhos ou se só estávamos aceitando o fato de que nossas vidas tinham começado a se sobrepor demais para ignorarmos. Só que não importava para mim como tínhamos chegado ali, o resultado era o mesmo.

— Que bom que não caiu nada no seu suéter — declarou Cam. — Senão teria que se trocar.

— O que seria uma pena. — Balancei a cabeça. — Você participou disso?

— Eu? — Cam colocou a mão no peito, fingindo choque. — Jamais. — Aquilo significava que ela sabia que eu estaria lá, e foi mesmo assim. O que me deixou feliz. Não consegui evitar um sorriso e não tentei olhar para nenhum lugar que não fosse ela. Aquilo parecia outro passo na direção certa, outro pedaço de gelo derretido. — Mas ficou bonita em você, a cor.

— Não sei — respondi, tentando regular meus batimentos cardíacos. — Sinto que o bege meio que me apaga.

Cam balançou a cabeça e deu de ombros.

— Não. Fica bem.

— Valeu — agradeci, torcendo para que ela não visse meu peito arfar debaixo daquele suéter estúpido. — Você, hum, está bonita também.

Cam corou. Juro, o rubor de sua pele era uma das minhas cores favoritas. Ela abriu a boca para responder, mas foi

interrompida por Amos afastando a cadeira da mesa e se levantando.

— Só quero tirar um minuto — disse ele — para agradecer a todos vocês por passarem o Natal aqui. Quando Stella e eu nos casamos, Aggie fez para nós essa mesa em que estão sentados. — Olhei para minha mãe, cujas mãos estavam juntas sob o queixo enquanto ela sorria para seu velho amigo. — Ela não sai desse lugar há quase quarenta anos. Quando a vimos pela primeira vez, eu e Stella achamos que nunca conseguiríamos enchê-la de pessoas, era tão grande e, na época, éramos só nós dois. Então hoje, quando olhei e vi a mesa cheia — Amos enrugou o nariz um pouco —, o coração desse velho chegou bem perto de explodir. Stella me ensinou que a família que você escolhe é muito importante, às vezes mais do que aquela em que você nasce. Todo mundo aqui faz parte da família com a qual eu e Stella sonhamos. — Amos ergueu seu copo pequeno, e o restante de nós o seguiu. — A nós — disse ele.

— A nós — todo mundo à mesa disse em uníssono e começou a bater os copos.

Quando bati o copo com o de Cam, seus olhos não saíram dos meus até depois de ela dar um gole no seu vinho.

Depois do jantar, todo mundo se dispersou pela casa, para tirar um cochilo, ler ou assistir futebol. Entreguei a Emmy, Teddy e Ada seus presentes — caixinhas de joias de couro — e então fui procurar Cam.

Eu a encontrei nos fundos da casa, numa pequena varanda fechada com janelas grandes e uma vista da maravilhosa paisagem. Ela estava sentada no sofá, observando a janela. Nossa, estava deslumbrante! Meus passos vacilaram quando a vi. Ela ergueu o olhar.

Sorriu para mim, o mesmo pequeno sorriso que me deu na mesa de jantar.

— Oi — disse Cam.

— Oi. Eu, hum, tenho uma coisa pra você — expliquei, erguendo a sacola de lona larga que estava carregando. — Posso? — perguntei, apontando para o espaço livre no sofá pequeno ao lado dela.

— Ah, sim, claro — respondeu. — Você não precisava comprar nada pra mim. Não sou muito chegada a presentes, sabe.

— Eu sei — rebati quando me sentei ao seu lado. Mas eu sabia que, na verdade, Cam amava presentes. — E não comprei nada pra você... tecnicamente.

Cam inclinou a cabeça e me avaliou, confusa.

— Fecha os olhos — pedi.

Em vez de fazer o que pedi, ela só os semicerrou.

— Por quê? — perguntou ela.

— Só fecha. — Eu ri. — E estende as mãos.

— Você não está com uma cobra ou algo assim aí, está? — indagou ela, olhando para a sacola que estava entre nós.

Revirei os olhos.

— Sim, estou deixando um animal vivo nessa sacola o dia todo, só por uma chance de te assustar com ele.

— Nunca se sabe.

— Fecha os olhos, Ash — pedi. Cam fingiu estar muito irritada, bufando, antes de finalmente fazer o que pedi. — Mãos.

Ela estendeu as mãos. Respirei fundo antes de entregar sua pilha de presentes.

— Abre — falei e, quando Cam olhou para baixo, seu queixo caiu de leve.

— Meu Deus! — exclamou, enquanto colocava tudo no colo.

Havia uma bolsa de ombro de tamanho médio, uma capa de laptop e uma pasta de mão — todas de couro macio legítimo. Todas feitas, do começo ao fim, por mim, cortadas, pintadas de marrom-escuro intenso e marcadas com um pequeno monograma.

Assisti a ela passar os dedos por tudo, mas permanecer em silêncio. Comecei a me sentir constrangido. Foi bobo? Passei horas fazendo coisas que ela nem gostaria ou usaria? Era estranho eu ter feito algo personalizado em vez de só comprar algo genérico e simples?

— São... lindas, Dusty — declarou, enquanto examinava a pasta com mais atenção. — Mas você disse que não tinha comprado nada para mim.

— Não comprei — afirmei.

Cam me olhou.

— Você... você que fez? — Assenti, ainda me sentindo tímido. Cam olhou os presentes. — Uau! Parece que custam uma fortuna. — Ela me olhou de novo. — E, acredite, eu entendo disso.

— Gostou?

Ela foi sincera quando respondeu:

— Eu amei, Dusty. — Suas mãos ainda esfregavam o couro e acompanhavam a costura. Quando chegou ao fecho da pasta, ela abriu a capa. Seu sorriso aumentou.

— Papel de pauta universitária?

— Nós sabemos que papel de pauta simples é horrível.

Cam riu.

— Essa caneta...

Ela a tirou do gancho.

— Minha mãe que fez — expliquei. Era uma caneta fina de madeira com uma paisagem montanhesca entalhada nela. — Coloquei uma caneta 0.5 nela. Eu não sabia se ainda era o que você preferia, então tenho algumas outras, e podemos trocar — falei rapidamente.

— Está perfeito — declarou ela. — Sério, obrigada. — É o presente mais atencioso de todos. — Ela se inclinou para a frente, acho que para me abraçar, mas então parou, como se não tivesse bem certeza.

Eu me inclinei para a frente também.

— Você começou — falei —, agora seria estranho se não fizéssemos.

Amigos se abraçam, não é? E amigos dão presentes uns para os outros, afinal de contas, fiz algo para Emmy, Teddy e Ada também.

Cam revirou os olhos de novo, mas parecia que tentava não sorrir.

— Certo — respondeu, então aproveitei a oportunidade para envolvê-la com os braços. Ela tinha um cheiro tão bom, terroso e sofisticado.

Quando a senti relaxar no abraço, pareceu que eu segurava o mundo. Porra, ela me transformava num clichê ambulante.

— Tudo isso é incrível, Dusty. Obrigada.

— De nada — murmurei. Tentei não deixar óbvio que estava inalando seu perfume como um doido.

— Me desculpa por não ter comprado nada pra você — disse ela. Não tive coragem de dizer que aquilo era suficiente. Cam não se afastou, então passei as mãos para cima e para baixo nas suas costas. Ela me abraçou mais apertado. — Não sabia que você fazia isso.

— Trabalho com couro?

— É.

— Aprendi em Buenos Aires.

Deixei meus olhos se fecharem, memorizando aquele momento, pensando que eu tinha tantas lembranças dela nos meus braços, mas eram todas do passado. Aquilo era o presente.

E era tudo.

— Você está diferente — sussurrou ela.

— Você também — respondi. — Diferente bom ou diferente ruim?

— Acho que diferente bom — disse ela. — Mais encorpado.

— Está dizendo que eu era magricelo? — Senti-a sorrir no meu peito, as vibrações fizeram meu corpo todo relaxar. Achei também que ela me abraçou mais apertado por um instante.

Naquele momento, ouvimos passos correndo no corredor.

— Mamãe. — A voz de Riley chegou até nós, e Cam imediatamente se afastou de mim.

Pensei que sua ausência repentina fosse me deixar um vazio, mas só me senti normal. Talvez vazio fosse meu normal. Não era a primeira vez que pensava aquilo.

Acho que era por isso que eu tinha vindo para casa. Quando se está constantemente em movimento, é difícil ficar preenchido. Não há tempo suficiente para deixar tudo se acomodar. Eu gostava disso quando era mais jovem — de colecionar pessoas, lugares, experiências —, de aproveitá-los enquanto estava lá e então seguir em frente. Eu realmente não dava a nada um sentido de permanência.

Mas nos últimos anos isso começou a me abalar. Tudo — até as coisas mais incríveis — parecia meio... vazio. Mas até o ano anterior, só continuei me movendo. Talvez por inércia ou algo assim. Eu precisava estar em movimento, então ficaria em

movimento. Quando Gus ligou, finalmente vi uma oportunidade de ficar parado, de voltar para casa.

Estava esperando o momento de me sentir inquieto de novo, de sentir o desejo de me movimentar. E, embora tenha sentido algumas vezes, foi passageiro. Ainda mais agora, com Cam ao meu alcance, fisicamente pelo menos.

— Não consigo achar o Dusty — falou Riley, quando apareceu na entrada da varanda. Quando me viu, ela sorriu. — Ah, achei.

— Que foi, Raio de Sol? — perguntou Cam, e Riley correu até nós. Quando ela pulou no sofá, se acomodou entre mim e Cam, que passou amorosamente a mão no cabelo de Riley.

— Quero entregar o presente de Dusty — sussurrou ela para Cam, mas não muito baixo.

Cam sorriu.

— Boa ideia — sussurrou ela de volta.

Riley virou para mim e estendeu um pequeno punho fechado. Estendi a mão, e ela jogou um aro pequeno de tecido nela.

— É uma pulseira da amizade — explicou Riley. — Eu que fiz. — Olhei a pulseira. Era feita em diferentes tons de azul, todos envoltos uns nos outros. — Minha mãe falou que sua cor favorita é azul.

— Sua mãe está certa — respondi, olhando para Cam, que parecia constrangida. — Que maneiro — falei. Riley corou. — Muito obrigada por fazê-la para mim. Você coloca?

Riley assentiu com empolgação, como se aquela fosse a melhor coisa que eu poderia ter dito. Devolvi a pulseira e estendi a mão.

— Você tem tatuagens bonitas — elogiou ela, quando viu meu braço e minha mão.

— Obrigado. Também gosto delas.

Riley envolveu a pulseira no meu punho, mas começou a ter um pouco de dificuldade na hora de dar o nó.

Então ela se virou para Cam, que nos observava com atenção.

— Pode me ajudar, mãe? — Cam fez que sim e pegou as duas pontas da pulseira de Riley.

Eu me arrepiei quando seus dedos roçaram minha pele. Torci para que ela não tivesse reparado.

Cam amarrou as pontas da pulseira com um nó apertado e perfeito. Aquela pulseira não iria a lugar algum.

— Sabe — falei para Riley —, você e eu pensamos igual. — Enfiei a mão no bolso.

— Por quê? — perguntou ela, inclinando a cabeça, igualzinho Cam tinha feito mais cedo.

— Porque fiz uma pulseira pra você também.

Tirei a pulseirinha de couro para fora. Era a mesma base de cor dos presentes de Cam, mas tinha flores mais claras entalhadas nela, para criar um efeito de dois tons.

Os olhos de Riley se iluminaram, e sua alegria foi contagiante. Foi pegar a pulseira da minha mão, mas Cam a fez parar com um "Riley" e um olhar típico de mãe, "Sobre o que conversamos?"

Riley me olhou.

— Obrigada — disse, animada.

Eu poderia jurar que ela estava quase trêmula. Era fofo demais.

— De nada — respondi. — Posso? — Apontei para seu braço, e Riley o estendeu.

O fecho da pulseira era um pequeno rubi, a pedra de nascimento de Riley — e a minha também —, que passava por uma argola.

— É linda, Dusty — elogiou Cam.

Quando a olhei, ela estava me encarando como eu vinha sonhando que ela me olhasse desde que voltei para casa.

Você também, pensei.

Vinte e um



Cam

Peguei outro cobertor e me encolhi mais no sofá da sala. A casa estava quieta. Riley estava no Gus para o Ano-novo. Eles me convidaram, claro, mas, sinceramente, uma noite silenciosa em casa pareceu o modo perfeito de celebrar o Ano-novo, sobretudo depois do ano que tive.

Eu tinha feito bastante coisa naquele dia — limpei a casa, organizei a biblioteca e até finalizei o briefing de alguns casos que enviei para o associado júnior da empresa. No momento, eu estava esperando o jantar — uma receita de frango e legumes feitos na panela, que eu preparava pelo menos uma vez por semana.

O único ponto negativo era que a casa estava fria pra caramba (e que eu ainda não tinha uma cama, mas preferia ignorar isso). Eu havia checado o termostato, e ele mostrava que estava vinte graus, mas parecia bem mais frio do que isso. Eu estava cheia de roupas — leggings, calça de moletom, camisa de manga comprida, pulôver de lã e minhas novas meias favoritas quentes de algodão. Estava debaixo de três cobertores, e ainda congelava. Meu nariz estava gelado ao toque.

Encarei o grande buraco escuro que era a lareira. Eu vinha fazendo um contato ocular agressivo com ela desde que a temperatura da casa começou a cair naquela tarde. Com certeza isso ajudaria. No mínimo, aumentaria o calor da sala.

Só que o uso da lareira vinha com condições — bem, uma condição. Uma condição bem bonita e sedutora.

Estar com Dusty no Natal foi... legal. Ele foi tão gentil, e eu gostava de conhecer o homem que ainda guardava um tanto do garoto que eu havia amado, talvez o tanto mais importante.

Ele ainda me fazia sorrir e sabia me deixar muito confortável, fosse após o meu não casamento, montando a cama de Riley ou no encontro de Natal. Ele me deixava relaxada, e nem precisava se esforçar.

Mas também me lembrei de que anos nos separavam, anos em que ele não esteve por aqui por mais do que uma estação, em que foi embora para Buenos Aires e aprendeu novas habilidades e Deus sabe mais o quê, e ficou feliz fazendo isso. Eu não sabia como alguém que aparentemente amava pular de galho em galho tanto quanto Dusty poderia ser feliz num lugar só por muito tempo. O que me deixava hesitante.

Mas então havia o presente que ele fez para mim. Incrível. Aquele conjunto de peças de couro genuíno e de qualidade, feito à mão, custaria milhares de dólares numa loja. Só que ele o fez apenas para mim. Eu usava as peças todo dia desde então. Provavelmente as usaria pelo resto da vida. E, no dia após o Natal, achei um frasco de emoliente de couro e uma flanela na minha varanda com um bilhete.

Esqueci de te dar isso ontem. Use uma vez por mês ou sempre que o couro começar a parecer desgastado.

Espero que durem pra sempre.

Dusty

Mas havia uma grande diferença entre reconhecer um presente atencioso e aparecer na sua porta na véspera de Ano-novo pedindo para acender meu fogo — o fogo da lareira, não um metafórico. Eu me joguei no sofá e cobri a cabeça com os cobertores.

Quem sabe se eu só pedisse para ele me ensinar, e então poderia fazer sozinha? Anne não precisava saber, não é?

Quem eu estava enganando? Eu amava regras. Até mesmo a ideia de não seguir as que Anne havia determinado para mim me dava coceira. Que qualidade irritante de se ter, cacete.

Fechei os olhos sob o cobertor. Dusty nem devia estar em casa. Era véspera de Ano-novo, afinal de contas. Ele provavelmente estava fora fazendo... na verdade, não queria saber o que ele estava fazendo. E se ele estivesse com uma mulher? Eu me importaria? Não.

Sim.

E não tinha direito de me importar. Uma imagem de Dusty no Bota do Diabo com uma mulher sem rosto, agarrando-a e beijando-a à meia-noite embrulhou meu estômago. Nossa, aquilo era ridículo. Eu era ridícula. Não que nós fôssemos algo mais do que... amigos. Certo? Posso dizer que recuperamos algo parecido com amizade. Mas às vezes ainda parecia que havia algo... mais... borbulhando sob a superfície.

Não era possível que ainda me sentisse tão atraída por ele. Dusty não era o único homem que eu havia amado, mas eu precisava admitir que era com ele que comparava cada novo amor.

E nenhum deles nunca chegou à altura.

Eu costumava dizer que era por ele ter sido o primeiro e que era impossível que fosse tão bom quanto eu lembrava. Era tudo nostalgia e juventude. E isso devia ser pelo menos

parcialmente verdade. Mas, até aquele momento, Dusty ainda parecia... mais. Mais do que eu conseguia compreender de forma lógica. E mais não era realmente uma opção para mim no momento — pelo menos, eu não queria que fosse. Estava feliz por tê-lo de volta na minha vida, mas só queria ser capaz de manter algo estável e tranquilo entre nós.

Tudo bem, eu olharia pela janela da cozinha e, se a luz dele estivesse acesa, pediria para que ele acendesse a lareira. Se estivesse apagada, deixaria um bilhete para Gus junto com meu testamento, porque eu congelaria até a morte antes do amanhecer.

Perfeito.

Respirei fundo antes de arrancar os cobertores e ir até a cozinha antes de reconsiderar.

Quando espiei pela janela, avistei um brilho fraco laranja saindo da casinha de Dusty.

Bem.

Aqui vou eu.

Calcei um par de botas de neve que mantinha na porta dos fundos, apaguei o fogo para não incendiar a casa, já que era justo aquilo que estava tentando evitar ao procurar a ajuda de Dusty.

Só quando estava na metade do caminho, pelo quintal cheio de neve, lembrei que não estava vestindo nada, bem... nada bonito. Tarde demais agora.

É claro que já havia visto a casinha, mas nunca tinha estado tão próxima dela. Era pequena, marrom, de tijolo, e não devia ter mais do que uns sessenta metros quadrados. Havia um caminho por um matagal da minha casa para a dele. Dusty o tinha desobstruído.

Quando cheguei à sua porta, hesitei, embora estivesse congelando, ou pior do que isso. Era só uma lareira. Ficaria

tudo bem.

Respirei fundo antes de erguer o braço e bater na porta três vezes. O som me fez pensar em quando Dusty bateu na porta do banheiro do Bota do Diabo no dia do meu casamento. Foi realmente só um mês atrás? Como será que aquele dia teria sido se Dusty não tivesse me resgatado? Porque foi exatamente o que ele fez: me resgatar. Agora, quando pensava naquele dia, não pensava em Graham ou no fato de ele não ter aparecido. Pensava em Dusty e no fato de ele ter aparecido.

Ele sempre aparecia.

A porta se abriu alguns segundos depois, e consegui sentir o calor saindo da casa. Acho que ele não tinha nenhum problema no aquecimento.

— Ash, oi — cumprimentou. — Está tudo bem?

— Sim. — Assenti. — Desculpe te incomodar, mas...

— Seu aquecedor está pifado. — Ele balançou a cabeça e se moveu para o lado. — Entra. Se esquenta um pouco.

Hesitei por meio segundo, mas meus dentes batendo e o nariz dormente tornaram impossível dizer não ou recuar.

Deixei o calor de sua casa me envolver quando Dusty fechou a porta. Meus olhos passearam pela casa enquanto absorvia tudo. Logo na entrada, à direita, havia uma cozinha pequena com uma pia minúscula e o menor forno que já tinha visto. A cama estava encostada na parede dos fundos. Havia uma colcha de retalhos cobrindo-a. No pé da cama, ficava um sofá de couro de dois lugares e uma mesinha de centro. No outro canto, tinha uma estante de livros e uma pequena escrivaninha com um abajur.

O lugar estava bem vazio. Ainda assim, tinha a sensação de lar. Talvez fosse por causa do tamanho, ou da temperatura. Notei que ele também tinha uma lareira a lenha. Era um terço

do tamanho da minha, na parede à direita da cama, e estava funcionando com bastante eficácia.

— Há quanto tempo o aquecedor está ruim? — perguntou ele.

— Ah, hum, não sei — respondi. — Estava bastante frio quando acordei hoje, mas começou a ficar insuportável há, tipo, uma hora.

— Você está no frio o dia todo? — Dei de ombros, e Dusty balançou a cabeça. — Por que não veio me chamar antes?

— É véspera de Ano-novo. Não queria te incomodar.

Dusty suspirou.

— Senta perto da lareira um pouco.

— Posso tirar as botas? Não quero deixar neve pela sua casa toda.

— Sim, claro. Vou fazer um pouco de chá pra você.

Tirei a bota e, quando olhei meus pés, torci para ele não notar que estava usando suas meias. De novo. Elas eram muito quentes.

Dusty entrou na cozinha quando caminhei até o sofá. Quando me sentei, eu o vi pegar uma chaleira elétrica e enchê-la com água. Percebi que seu cabelo estava úmido, como se ele tivesse acabado de sair do banho.

— Earl Grey está bom? — gritou ele por cima do ombro.

— Está. Obrigada.

Dusty pegou uma xícara em um dos armários.

— Lamento pelo aquecedor — falou. — Às vezes, quando fica muito frio, ele sobrecarrega e queima o fusível.

— Quando você colocou conserto de calefação no seu currículo? — perguntei.

— Em algum momento entre Montana e Austrália — respondeu Dusty. — Você aprende a consertar muitas coisas aleatórias quando não tem certeza de como sua casa vai ser.

Analisei a casa de novo. Daquela vez, pousei os olhos na mesinha diante de mim. Havia uma caixinha de madeira em cima dela, talvez do tamanho de uma caixa de sapato. Estava coberta de adesivos. Avistei alguns de bandas e cidades e um adesivo "Amo sua mãe" com a imagem do planeta Terra.

— Esses adesivos são todos de lugares em que esteve? — indaguei enquanto estendia o braço e pegava a caixa. Algumas coisas se balançaram dentro dela de leve.

— São — respondeu Dusty, sem me olhar. — Eu não pegava muita coisa dos lugares, mas sempre tinha essa caixa, então ela meio que virou meu álbum.

— Foi sua mãe quem fez?

— Na verdade, eu que fiz essa. O acabamento ficou malfeito, mas deu para o gasto.

Dusty estava vindo na minha direção naquele momento, com uma xícara fumegante na mão. Ele a colocou na mesinha diante de mim.

— O que tem aqui dentro? — perguntei.

Dusty se sentou do outro lado do sofá.

— Nada — respondeu.

Dei uma sacudidazinha na caixa.

— Não parece nada.

Dusty engoliu em seco. Ele estava... nervoso? Mas só por um instante. Eu o vi disfarçar antes de dizer:

— Para com isso, sua xereta.

E estendeu o braço para tirar a caixa de mim.

Afastei a caixa, mas a mão de Dusty esbarrou na tampa e deslizou alguns centímetros para trás. Estava tão cheia que alguns papéis dobrados caíram. Caíram bem entre mim e Dusty. Pareceu acontecer em câmera lenta. Um deles caiu no sofá e vi "Ash" escrito na parte externa.

Meu coração parou. Abaixei a caixa lentamente até meu colo e deslizei a tampa até o final. Estava cheia de bilhetes dobrados. Tudo estava dobrado em forma de triângulo — do mesmo jeito que Dusty costumava dobrar bilhetes quando os passava para mim na sala. Alguns pareciam mais antigos do que outros, mais desgastados, mas cada um dos que consegui ver tinha algo em comum: meu nome rabiscado na frente.

— O que é isso? — perguntei.

Estava tão silencioso na casa que consegui ouvir seus batimentos cardíacos.

— Bilhetes — respondeu, depois de alguns segundos.

— Por que meu nome está neles?

— O que você acha?

Ir até ali tinha sido um erro, pensar que eu podia ficar ali sem sentir nada foi um erro.

— Acho melhor eu ir — falei, colocando a caixa na mesinha e me levantando.

— Espera — pediu Dusty, pegando minha mão com gentileza. — Não vá. Por favor.

Não sei o que me fez sentar de novo, talvez fosse a dor na voz dele ou talvez fosse porque eu ainda estava congelando.

E a dor de Dusty não era algo que eu queria voltar a ver ou ouvir. Acima de tudo não queria contribuir para isso novamente.

Minha mão ainda estava encostada na dele, e um dos meus joelhos estava pressionado ao dele no sofá.

— O que são? — sussurrei.

Dusty soltou um suspiro profundo e longo.

— Ash, mesmo depois de tudo ter dado errado, não deixei de querer você. Não parei de sentir saudade sua. Me adaptar a um mundo sem você foi horrível — declarou ele, em voz baixa. A lareira crepitou e estalou.

— Mesmo meses e anos depois, quando alguma coisa acontecia comigo ou havia algo que eu quisesse contar, você era a pessoa para quem eu queria contar. Então fiz isso. Escrevi bilhetes, como fazia antes. Te contei sobre meus trabalhos e minha vida e, às vezes, te contei o quanto sentia saudade sua e como era irritante pra caralho você não ter ido embora da minha mente ou do meu coração, nem um tiquinho. Eu sabia que nunca os enviaria, mas, não sei, algo neles era... reconfortante, acho.

— Por que os guardou?

Dusty se inclinou para a frente até nossas testas se tocarem. Não me afastei.

— Porque eles eram tudo o que tinha me restado de você. — Senti seu hálito no meu rosto. — Você quer que eu seja cem por cento sincero ou quer que eu pare por aqui?

Engoli em seco. Sabia que aquilo poderia logo se tornar algo grande rápido demais, mas não consegui evitar querer mais dele. Desejava ouvir tudo o que ele havia sentido nos últimos quinze anos. Desejava saber se ele pensava em mim tanto quanto eu pensava nele. Acho que só queria saber que não estava sozinha depois do que aconteceu entre nós.

— Cem por cento sincero — informei.

Dusty fechou bem os olhos.

— Eles me lembravam que tudo foi real, não importa o quanto as pessoas tenham dito que a gente era jovem demais ou que nunca daria certo. — Eu odiava que aquelas pessoas tivessem razão. — Os bilhetes faziam você parecer real. Precisava que tudo fosse real para a dor valer a pena.

— E então? — perguntei. Fechei os olhos e levei as mãos ao seu rosto. Ele segurou meus punhos. — Valeu a pena?

Dusty deu uma risadinha, mas ela soou dolorida.

— Eu te aviso se ela parar algum dia.

Eu conseguia ouvir meus batimentos cardíacos, quase como se estivessem tentando me dizer o que fazer e abafar o barulho da minha cabeça ao mesmo tempo. Minha mente queria correr, dar o fora pelo quintal, bater a porta e me esconder de Dusty Tucker enquanto ainda tinha chance. Meu coração? Queria que aquele momento durasse o máximo possível. Era avassalador o quanto parecia certo estar tão próximo assim dele.

— Isso melhora ou piora? — perguntei, esfregando os polegares para trás e para frente nas suas bochechas.

— Piora — respondeu. Sua voz estava sufocada e rouca.

— E se... eu te beijasse agora? — sussurrei, sabendo que, se dissesse aquilo mais alto, perderia a coragem.

— Pior — repetiu Dusty com um suspiro trêmulo, mas então falou. — Mas faz mesmo assim.

Inspirei profundamente, inalando-o. Ele tinha cheiro de limpeza e orvalho. Ele costumava ter cheiro do seu desodorante, o que eu amava na época, mas gostava mais dessa versão.

Eu estava muito perto de pressionar minha boca na dele pela primeira vez em quinze anos. Teria uma sensação familiar ou nova?

Mas quando Dusty se inclinou até mim e fechou os olhos, os batimentos nos meus ouvidos se tornaram sons de alarme. Um sinal de atenção lampejante. *Zona de perigo. Não ultrapasse. Você não vai sobreviver dessa vez*. Eu me afastei. Abaixei as mãos até o colo.

— Desculpa — pedi. — Eu não... eu quero, mas... — Eu não sabia realmente o que dizer.

Era como se, ao me afastar, o oxigênio tivesse permissão de retornar para mim. Pisquei lentamente, tentando processar o que tinha acabado de acontecer, o quanto eu tinha chegado

perto de perturbar o equilíbrio precário que eu e Dusty tínhamos encontrado por algo tão passageiro quanto um beijo.

— Não posso — comecei, mas não consegui terminar, então me levantei rapidamente. — Desculpa — pedi. — Você tem razão. Não sei o que foi isso.

Dusty esfregou a nuca.

— É difícil largar um hábito — declarou. Ele estava tentando dar um sorriso, mas o sorriso não chegava aos olhos. Eu a reconheci, a dor. Será que um dia eu pararia de magoá-lo? — Vamos dar uma olhada no seu aquecedor.

Vinte e dois



Dusty

DUSTY
Preciso da sua ajuda com uma coisa.

TEDDY
Sim, você devia cortar o cabelo.

Está um pouquinho maltrapilho.

DUSTY
Valeu pelo conselho, mas não é com isso que preciso de ajuda.

TEDDY
Você que acha.

O que houve?

No lugar de dar mais chances a Teddy de me zoar por mensagem, decidi ligar para ela.

— Teddy Andersen falando — disse ela, como saudação.

Revirei os olhos e torci para que ela pudesse ouvir de alguma forma.

— Pode descobrir se Cam ainda não tem cama? — perguntei.

Depois do quase beijo na véspera de Ano-novo, eu estava tentando deixar ela controlar a distância e a proximidade que

tínhamos um do outro. Até ali, estávamos bem no meio dos dois. Ela não me evitava completamente, ela e Riley me levaram sobras de um jantar que prepararam alguns dias antes, mas eu não a via tanto quanto durante as festas de fim de ano.

Eu não sabia exatamente o que a fez se afastar na outra noite. Ela tinha sido levada pelo momento? Eu a tinha assustado com os bilhetes idiotas? Ou havia algo que a preocupava tanto a ponto de estar pronta para correr de volta para a noite fria? Bem, ela tinha acabado de terminar um noivado, pelo amor de Deus. Não precisava que eu me jogasse nela. Seja lá o que tenha sido, queria tranquilizá-la e mostrar que estava tudo bem. Mesmo que eu tivesse quase saltitado com a chance de beijá-la de novo, ainda podia ser seu amigo, sem deixar tudo o que sentia por ela se meter no caminho.

— Provavelmente. Por quê?

— Eu estava na minha mãe hoje de manhã, e ela recebeu uma encomenda de cama em dezembro, mas não conseguiu entrar em contato com a pessoa. Já passou o prazo de trinta dias para a retirada, então agora a cama está disponível para qualquer um que a quiser.

— Que conveniente — respondeu Teddy. — Sua mãe construir uma cama que você poderia dar a Cam um dia antes do aniversário dela, bem quando ela estava precisando.

— É, acho que é — falei.

Realmente não tinha pensado muito naquilo. Contei para minha mãe sobre a situação de Cam com a cama depois que ajudei a montar o quarto de Riley. Bem, na verdade, contei a Greer, e ela contou para minha mãe.

— E mais sorte ainda o cliente não responder, mesmo que uma cama personalizada seja uma grande compra.

— Você quer dizer alguma coisa, Teddy?

— Só acho que Aggie tem um interesse pessoal nessa situação toda, só isso.

— Que "situação toda"?

— A situação Cam e Dusty, claro.

— Não tem situação Cam e Dusty. Minha mãe faria isso por qualquer um, você sabe disso. Ela ama dar coisas. Tenho certeza de que você tem uma mesa de cabeceira que foi deixada para trás por alguém.

— Sim, mas acho que ela preferiria fazer isso por Cam.

— Você pode descobrir pra mim ou não?

Se alguém soubesse que um amigo precisava de uma cama, e esse alguém tivesse acesso a uma, ele daria para o amigo, certo? É só isso que precisa ser.

— Me dá dez minutos — respondeu Teddy, e então desligou.

Uma hora depois, minha mãe e eu estacionamos na frente da casa de Cam com uma cama de nogueira na carroceria da velha caminhonete do meu pai. Essa era uma das desvantagens do Bronco: não tinha carroceria. Por sorte, a velha caminhonete de Renny Tucker ainda estava arrasando.

Cam deve ter ouvido quando estacionamos, porque saiu. Quando viu minha mãe, ficou radiante. Eu estava com ciúmes da minha mãe? Era patético.

Aggie saltou da caminhonete e foi até Cam. As duas se abraçaram.

— Feliz quase aniversário, querida — desejou para Cam.

— Obrigada — respondeu Cam. — E obrigada por me salvar! Estou bem cansada de dormir num colchão no chão, mas não consigo achar nada de que goste.

Minha mãe apontou para a caminhonete.

— Bem, vamos ver se essa é do seu agrado.

Ela deu o braço para Cam e começou a guiá-la até onde eu estava.

— Oi — cumprimentei, quando as duas se aproximaram. — Feliz véspera de aniversário.

Meu coração se agitou no peito. Ele tinha começado a fazer isso de novo desde o Ano-novo. Ao ficar tão perto dela assim, senti a ferida da rejeição. Mas continuava dizendo a mim mesmo que ela agiu certo ao se afastar, sempre tinha sido a mais inteligente. Do contrário, poderíamos ter prejudicado qualquer equilíbrio que tínhamos conquistado, e a última coisa que eu queria era que ela desaparecesse da minha vida. Mais uma vez.

Só era horrível eu não conseguir parar de pensar no quanto cheguei perto de descobrir se ela ainda tinha o mesmo gosto.

— Obrigada — respondeu Cam, com um sorriso genuíno. — *Engole essa, mãe.* — Andei até a carroceria da caminhonete e puxei a porta traseira para Cam ver a cama. Estava pintada de castanho-escuro e foi construída num estilo anos cinquenta. — Ah, meu Deus! — exclamou. — Ela é linda, Aggie. Não acredito que alguém não a quis.

Minha mãe tinha um brilho nos olhos que eu não consegui decifrar bem.

— É toda sua, querida — disse ela a Cam. — Dusty, você pode colocar lá dentro, não pode?

— Sim, senhora.

A cama era pesada, mas eu a coloquei na caminhonete sozinho com um pouco de jeito e força de vontade, então tinha certeza de que poderia tirá-la, sobretudo se Cam estivesse observando.

— Tem certeza? Posso ajudar — disse Cam.

— Não, não — disse minha mãe, balançando a cabeça. — Ele consegue. Por que você não me apresenta sua casa nova?

Cam me lançou um olhar em busca de confirmação, e eu assenti.

Observei as duas entrarem na casa, bem pertinho uma da outra, como se estivessem conspirando. Isso fez meu coração se encher no peito. O amor que minha mãe tinha por Cam sempre fora evidente. Eu ficava feliz por elas terem continuado uma relação própria, mesmo quando eu não estava por perto. Penei para subir com as quatro peças da cama nos degraus da varanda e colocar no quarto de Cam. Tentei não pensar no fato de estar no quarto dela enquanto montava tudo. Por sorte, foi um trabalho rápido, ao contrário da cama de Riley. Minha mãe a havia construído com uma espécie de engenhocas de blocos de madeira que entravam um no outro e se encaixavam com facilidade, sem precisar de ferramentas.

Quando acabei, minha mãe e Cam estavam sentadas à mesa da cozinha. Estavam jogando dominó.

— Tudo certo, Dusty? — perguntou minha mãe quando me viu.

— Tudo certo.

— Viu? — falou ela. — Te falei que ele conseguiria.

— Você criou um baita homem — declarou Cam com um sorriso. — É a segunda cama que ele monta na minha casa sem nenhuma ajuda.

— Você ajudou um pouquinho na última — rebati, sorrindo.

— Não de verdade — disse ela. — Mas agradeço por dizer isso.

— Pega uma cadeira, Dusty — pediu minha mãe. — Vem jogar com a gente.

A bolsa da minha mãe estava na cadeira ao seu lado, então eu não tinha opção a não ser me sentar perto de Cam, não que me importasse.

— Ah, isso é tão legal — refletiu minha mãe. — Ver vocês dois juntos de novo. Deixa meu velho coração feliz.

Abri a boca para dizer algo, mas não saiu nada. Fiquei com medo de o comentário da minha mãe espantar Cam, mandá-la para longe de novo, para os confins da sua mente. Não sabia como responder, mas não importou porque Cam respondeu por mim.

— Sim — disse ela, com um rápido olhar na minha direção. — É legal.

Vinte e três



Cam

Março em Meadowlark costumava ser frio e monótono. Naquele ano, estava mais quente do que o normal, havia menos neve, mas também mais chuva. Tudo ainda estava marrom, ainda não tinha sol suficiente para devolver vida à terra, mas eu estava aproveitando toda vez que ele espreitava entre as nuvens.

Estava indo pegar Riley em Rebel Blue. Era sábado, então ela tinha aulas de equitação com Emmy. Não estava quente o bastante para aulas externas ainda, então Riley estava na arena interna, só que os painéis laterais já tinham sido removidos, então era possível ver do exterior. Estacionei o carro no Casarão e fui assistir. Meu rosto estava frio, mas não me importei. O ar era mais fresco ali em cima, e eu me sentia mais livre.

Tanto Emmy quanto Riley estavam no centro da arena, enquanto a égua de Riley, Água-doce, andava em círculos. Quando me aproximei, Emmy me notou e acenou, mas não disse nada. Deixou Riley manter o foco, então fiquei quieta também.

As sobrancelhas espessas de Riley estavam juntas, observando cada movimento de Água-doce, o que me fez

sorrir. Tínhamos a mesma expressão pensativa. Era fácil para mim ver Gus nela — sinceramente, às vezes era mais fácil ver qualquer um dos Ryder nela do que me ver na minha filha. Mas aquela expressão era todinha minha.

Emmy caminhou até a égua e agarrou o cabresto dela.

— Bom trabalho, Raio de Sol — elogiou. — Vamos praticar a condução? — Riley assentiu e andou até Água-doce. — E sua mãe está assistindo.

Riley virou a cabeça para mim e me deu o grande sorriso de sempre. O sorriso da minha filha poderia me esquentar não importava a temperatura.

Eu me apoiei na cerca, e Emmy foi até mim.

— Oi — cumprimentou.

— Oi — respondi. — Como ela está se saindo?

— Ela nasceu pra isso. — Emmy sorriu.

— Claro que nasceu — declarei. Observei Riley enquanto ela conduzia Água-doce pela arena em círculos. Elas eram uma dupla adorável. — Não faz mal ela também ter uma boa professora.

O som de uma caminhonete capturou minha atenção. Ergui o olhar para o pasto e vi Dusty. Ele estava de pé na carroceria de uma caminhonete, empilhada até o alto de feno. Parecia que ele estava tirando montes de feno da traseira da caminhonete, pelo modo como os cavalos o seguiam.

Fazia uns dois meses desde a véspera de Ano-novo. Eu decidi que nós apenas tínhamos sido levados pela emoção daquela noite, sobretudo eu. O frio tinha me deixado um pouquinho doida.

Só não queria que as coisas mudassem entre nós. Estava tentando ficar feliz com o que éramos, sem me deixar ansiar por mais.

Mas quando se tratava de Dusty, eu vinha secretamente desejando mais havia anos, desejando poder vê-lo, desejando que ele viesse para casa, desejando que, um dia, ele respondesse a mais do que uma das minhas mensagens, e pudéssemos conversar. Agora, eu tinha todas essas coisas, mas elas vinham com o medo de perdê-lo de novo.

O medo era quase debilitante, assim como o desejo de estar perto dele, tanto que, quando eu estava sozinha com meus pensamentos, desejava que não tivesse me afastado.

Mas, desde então, as coisas estavam bem. Era como se tivéssemos decidido nos contentar com os pedaços um do outro, então eu só precisava me impedir de imaginar como seria se um dia tentássemos juntar esses pedaços outra vez.

Fiquei grata quando Aggie e ele levaram a cama, e nos divertimos jogando dominó durante uma hora. Pareceu o aniversário perfeito. Trocamos mensagens. Ele me visitava de vez em quando, para checar o aquecedor, consertar um vazamento sob a pia, coisas assim. As coisas com o Dusty pareciam normais demais. Éramos amigos, mas isso não significava que eu me incomodava quando ele flertava um pouco. Era só Dusty. Ele não conseguia evitar. Era bom para dar um up na autoestima, mas, acima de tudo, eu me sentia segura. O flerte era inofensivo. E eu só fingia que não notava como os olhos dele se fixavam em mim ou a decepção no seu rosto na hora de ir embora.

Era infalível, modéstia à parte.

A caminhonete estava andando devagar, mas quando tentei ver quem dirigia, não havia ninguém.

— O que está havendo ali? — Apontei com a cabeça para Dusty.

— O bem precioso de Luke e Dusty — respondeu Emmy com uma risada. — Eles fizeram uma gambiarra no motor,

então, quando alguém na carroceria puxa uma corda, ela acelera a caminhonete, e eles podem descarregar com uma pessoa em vez de duas.

Observei Dusty chutar feno para fora da caminhonete, e notei que, quando ela reduziu de velocidade, ele puxou a corda e a caminhonete se moveu de novo.

— Espertos — comentei, acenando com a cabeça, sem tirar os olhos de Dusty. Nossa, ele era bonito. Estava usando um boné trucker verde-escuro, jaqueta marrom e calça jeans desbotada.

— Ele fica bonito ali em cima, não é? — perguntou Emmy, e voltei rapidamente os olhos para os seus.

Ela estava com um sorriso perspicaz.

— Clementine Ryder — falei, chocada. — Não sei do que você está falando.

— Você está vermelha — respondeu com uma risada. — Mas é bom. Prefiro o olhar descarado do que as olhadelas furtivas que vocês dois têm trocado. — Fiquei boquiaberta. — O quê? — indagou Emmy. — Vi vocês dois no Natal.

— Não sei do que você está falando. Dusty e eu somos *amigos* — enfatizei. Emmy soltou uma bufada descrente. — Que seja, vou contar para o Brooks.

Emmy deu de ombros e mordiscou o lábio inferior.

— Gosto de quando ele fica com ciúmes.

— Aff — falei com um revirar de olhos. — Vai ficar apaixonada em outro lugar.

— Tenho mais dez minutos de aula de equitação para dar, então vou indo — rebateu Emmy, indo na direção de Riley, que conduzia Água-doce. — Além disso, parece que você vai ter companhia.

— Quê? — perguntei, seguindo o olhar de Emmy. Dusty estava a alguns passos de distância. Ah.

— Oi, Dusty — falou Emmy, acenando.

— Oi, Em — respondeu ele. — Cam. — E acenou para mim.

— Oi — cumprimentei. Por que minha voz saiu alta? E eu estava... suando? Meu Deus, que constrangedor. — Feliz sábado.

Merda. Aquilo foi até pior.

Dusty ergueu as sobrancelhas ao achar graça.

— Feliz sábado. O que te traz aqui?

Acenei com a cabeça para Riley.

— Meu fim de semana.

— Ah — respondeu ele. — Ela é boa. Eu a vi montar Maple mais cedo. Ela tem uma boa postura.

Sorri.

— Quem me dera saber o que isso significa, mas vou acreditar em você. Nem sei o que ela está fazendo agora.

Eu não sabia nadinha de cavalos, mas amava observá-los. Eram bastante majestosos.

Dusty fitou Riley e Emmy.

— Trabalho de base — explicou. — Ajuda a construir confiança entre um cavalo e seu cavaleiro. — Dusty balançou a cabeça. — Emmy parece a mãe dela ali.

Inclinei a cabeça.

— Você conheceu a Stella? — perguntei.

— Conheci. — Dusty assentiu. — Tive aulas de equitação com ela quando criança, então estive exatamente no mesmo lugar que Riley está.

— Não sabia disso — falei. A imagem de um Dusty menor lampejou na minha mente, conduzindo um cavalo pela arena, como Riley tinha feito. — Emmy me contou da sua, hum, engenhosidade — comentei, apontando para a caminhonete de serviço.

Dusty sorriu e, quando ergueu o velho boné trucker para alisar o cabelo para trás antes de ajustá-lo de novo na cabeça, só pude torcer para que eu não estivesse babando visivelmente. Sobretudo quando sua jaqueta subiu no braço um pouquinho, mostrando que a pulseira de amizade azul que Riley fez para ele no Natal ainda estava lá.

— Na verdade, é útil pra cacete.

— Como você sai dela? — indaguei. — Tipo, se ela fica se movendo?

— Se ninguém puxar a corda por um tempo, ela fica bem devagar, então é só pular da carroceria, correr para o lado do motorista e colocá-la em ponto morto.

— Queria ter visto essa parte — declarei com uma risada.

— Então você estava me observando? — rebateu Dusty com um sorriso convencido.

Revirei os olhos.

— Sabe, uma pessoa de pé na carroceria de uma caminhonete em movimento sem ninguém no assento do motorista é quase um espetáculo.

— Tudo o que me importa é que te fez olhar — declarou Dusty, e senti um frio na barriga.

— Sedutor sem vergonha — falei com um empurrão no seu ombro. Ele segurou minha mão e a manteve ali por um segundo antes de soltar.

Por um instante, desejei que não tivesse soltado, mas imediatamente fiquei frustrada comigo mesma. *Amigo*, *Cam*, me lembrei. Esse é seu amigo. *Você só está se divertindo com seu amigo*.

— Você gosta quando eu flerto com você — falou Dusty, com um sorriso.

— Cala a boca — foi a única resposta que consegui dar. Porque ele tinha razão. Sempre tinha me entendido muito

bem.

Dusty deu uma risadinha.

— Estou pegando leve com você.

— Acredite, sei disso — respondi.

Dusty tinha quinze anos a mais de experiência com flerte no currículo, e eu tinha um pouquinho de medo do que ele poderia ter aprendido. Também não queria pensar em quem tinha ensinado ou com quem aprendeu.

— Me avisa quando estiver pronta para elevar o grau de flerte — falou, com uma piscadela.

Meu único mecanismo de defesa foi outro revirar de olhos, e a resposta de Dusty foi rir de novo. Minhas bochechas estavam vermelhas, e só me restou torcer para que não estivessem tão vermelhas quanto a quentura fazia parecer. Se estivessem, eu culparia o frio.

— Então, estava pensando se... — Dusty começou a dizer, mas foi interrompido por Riley subindo do outro lado da cerca e envolvendo meu pescoço em um abraço.

— Você me viu conduzindo Água-doce, mamãe? — perguntou ela, com animação.

— Vi. — Abracei suas costas. — Estou muito orgulhosa de você.

— Você viu? — Riley olhou para Dusty com um sorriso imenso.

Dusty retribuiu o sorriso enquanto assentia.

— Você nasceu pra isso — afirmou ele.

— É o que a titia fala — contou Riley, direta. — Ela também disse que eu tinha que esperar um minuto antes de vir aqui pra vocês poderem conversar. Esperei, tipo, cinco minutos inteiros.

No tempo de Riley, aquilo significava que ela tinha esperado aproximadamente trinta segundos. Estávamos ainda

trabalhando na coisa da paciência.

Olhei para Emmy, que estava perto o bastante para ouvir. Ela estava com um sorrisinho. Enxeridazinha.

— Olha o que estou usando.

Riley ergueu o punho para Dusty e puxou a manga do casaco um pouco para cima. A pulseira de couro que Dusty tinha dado estava ali. Ela se recusava a tirar, o que eu secretamente amava quase sempre. Na hora do banho era meio complicado, porque eu tinha que pedir para ela tirar, e ela só topava por cinco minutos depois que eu dizia que ia estragar.

Dusty ergueu o punho do mesmo jeito, para que ela visse a pulseira azul.

— Estou usando a minha também — afirmou ele com um sorriso. — Eu amei.

Minha filha atrevida e corajosa ficou tímida, o que me fez sorrir. O Efeito Dusty parecia afetá-la também. Igualzinho fazia com a mãe. Ela se soltou de mim e moveu os pezinhos com rapidez pela cerca, se aproximando de Dusty. Quando subiu uma perna sobre a cerca, Dusty colocou a mão nas suas costas para ela não cair quando passou a outra perna. Em vez de descer como sempre fazia, ela estendeu um braço para Dusty, que a pegou com cuidado e a colocou gentilmente no chão.

— Obrigada — agradeceu, quando olhou para ele. De onde veio essa educação? Riley foi até mim e entrelaçou sua mão na minha. — Você acabou de trabalhar? — perguntou.

— Ainda não. Tenho que ajudar sua tia a levar os cavalos de volta para os estábulos.

— Ah. — Riley parecia decepcionada. — Minha mãe me leva para a cafeteria depois das aulas. Você pode vir se quiser. Ela gosta de você.

Olhei para Riley, boquiaberta. Ouvi Emmy reprimir uma risada atrás de nós e, quando virei para fitá-la, ela deu de

ombros com um sorriso.

Quando virei de volta, os olhos de Dusty estavam em mim. Iluminados.

— Da próxima vez eu vou — respondeu ele, sem quebrar o contato comigo por alguns segundos, tempo o bastante para eu ficar grata por ter apenas duas pessoas por perto para testemunhar. Quando ele finalmente desviou, olhou para Riley.

— Você foi bem hoje — afirmou, bagunçando o cabelo dela.

Ela deu uma risadinha. Ele era bom com ela. Isso não me surpreendia, mas me fazia mesmo perceber o quanto as coisas tinham mudado. Dusty parecia tão... estável agora. Quando estávamos juntos, eu sempre soube que podia depender dele, mas ele também era... Dusty. Era engraçado, sedutor e espontâneo na época, tudo o que eu não era. E ele ainda era todas essas coisas, mas também estava diferente. Eu não conseguia descobrir o quê, mas tinha algo nele agora. Ele parecia até mais consistente, firme, como um navio incapaz de afundar. Não conseguia explicar, mas também não sabia: um navio assim poderia permanecer ancorado num porto ou em algum momento desejaria partir para mares abertos e novos horizontes?

— Vejo vocês depois.

E então ele pulou a cerca com tanta graça quanto uma bailarina e foi até Emmy, que tinha quatro cavalos nas estacas no fim da arena.

— Tchau — falei, e Riley deu um aceno quando começamos a nos afastar.

Olhei para trás a tempo de ver Dusty sair da arena a cavalo até os estábulos. O cavalo em que ele estava trazia outro cavalo amarrado a si. Ele parecia tranquilo enquanto cavalgava. Lindo.

Suspirei. Lindo, e meu calcanhar de Aquiles, como sempre tinha sido.

Vinte e quatro



Cam

Quinze anos atrás

Tínhamos prova de inglês naquele dia — seis questões objetivas e quatro questões discursivas sobre A revolução dos bichos. *Eu estava com dificuldade em focar porque conseguia sentir Dusty na mesa bem atrás de mim. Ficava imaginando no que ele estava pensando, provavelmente na prova, o que também era em que eu deveria estar pensando, mas estava na maior parte do tempo só pensando nele.*

Nunca tinha vivenciado algo assim — empolgante, de dar frio na barriga e totalmente envolvente.

Eu amava.

Talvez o amasse também, mas não tinha certeza. Isso existia mesmo aos 17 anos? Ou em qualquer outra idade? Não sabia se já o tinha testemunhado, pelo menos não entre duas pessoas. Meus pais amavam coisas, dinheiro, mas não acho que amavam um ao outro.

Ou a mim.

Ouvi uma cadeira se arrastar, a cadeira de Dusty, tinha certeza. O que foi confirmado quando vi uma calça jeans desbotada familiar e uma mecha de cabelo loiro indo em direção à mesa do sr. Watson.

Dusty colocou a prova na mesa antes de se virar e voltar até mim, até sua mesa, quer dizer. Tentei não olhar.

Quando passou, jogou um pedaço de papel dobrado num triângulo na minha mesa, e meu coração saltitou um pouco. Eu o olhei por um instante. Deveria abrir naquele momento? Esperar até terminar a prova?

Não poderia fazer mal só dar uma espiada... não é?

Estendi a mão para o bilhete, mas antes que pudesse o pegar, alguém o fez. Quando ergui o olhar, me deparei com um sr. Watson bem irritado. Merda.

— Passando bilhetes, srta. Ashwood?

— Na... não. — Bem, mais ou menos. — Não é nada, senhor.

— Você conhece as regras. — Conhecia.

Se alguém passar bilhetes, eles são lidos na frente da turma toda. Ah, Deus. Queria derreter e morrer bem no meio da sala de aula. Se ele lesse aquele bilhete em voz alta, eu morreria. Nem sabia o que estava escrito, e àquela altura, não queria saber.

Sim, queria.

— Não é, bem — gaguejei. — Eu não...

— É meu, senhor — declarou Dusty. Senti-o se levantar atrás de mim.

Juro que o sr. Watson revirou os olhos.

— Tudo bem, então, sr. Tucker. Você gostaria de compartilhar com a turma ou eu devo fazer isso?

Dusty ficou quieto por um segundo. Sr. Watson começou a desdobrar o papel.

— Não paro de pensar em beijar você — soltou Dusty, e o rosto do sr. Watson ficou pálido. Até eu levei um minuto para me atualizar.

— Espero que esteja falando do conteúdo do bilhete, sr. Tucker.

— Sim, senhor — respondeu Dusty. Ele deu um passo à frente, vi seu sapato pela visão periférica, e então ele se ajoelhou bem do lado da minha mesa.

— Não paro de pensar em beijar você — afirmou Dusty de novo. Daquela vez, seus olhos cinzentos estavam em mim. — Na verdade,

penso em você o tempo todo. Acho que tem alguma coisa errada comigo.

— Penso em você quando acordo e quando vou dormir. Durante o dia, você simplesmente fica na parte frontal do meu cérebro, e não consigo tirar. Quando estou com você, não quero que acabe, e quando não estou, só quero te ver de novo.

"É estúpido escrever isso num bilhete que vou te dar na aula de inglês? Provavelmente. Mas gosto de escrever pra você. Gosto porque são só nossos... bem, não mais — emendou, sorrindo de leve. — Não posso dizer com certeza, mas acho que estou apaixonado por você.

Minha respiração ficou presa na garganta. O sorriso no meu rosto era largo e desajeitado, e minhas bochechas ardiam de vergonha e empolgação.

— Vou te beijar agora — avisou Dusty, e eu assenti com avidez.

Ele levantou e segurou meu rosto antes de me beijar. Esqueci que estávamos na sala de aula. Esqueci que as pessoas estavam nos assistindo. Esqueci completamente onde estava.

Acho que Dusty me deixava corajosa.

Gritos irromperam ao nosso redor. Nossos colegas aplaudiram e assobiaram. Ouvi o grito familiar de Chloe.

Só nos beijamos por um segundo antes de o sr. Watson pigarrear.

— Tá bom, vocês dois, já chega — falou. Dusty se afastou. Ele estava sorrindo. — Sr. Tucker, por favor, retorne ao seu assento, e srta. Ashwood — Ele me fitou —, recomendo que termine a prova.

Antes de o sr. Watson se afastar, devolveu o bilhete para Dusty.

Vinte e cinco



Dusty

Depois que encontrei Cam e Riley em Rebel Blue, Emmy e eu limpamos as baias e escovamos os cavalos. Estava cedo demais para eles começarem a perder a pelagem de inverno, então não terminei o dia com a boca cheia de pelos de cavalo, o que foi legal.

— Então — disse Emmy, enquanto voltávamos para o Casarão, para nossas caminhonetes —, alguma coisa nova ou interessante para contar sobre você e Cam?

Emmy e eu tínhamos nos aproximado desde que voltei para a casa. Trabalhávamos muito juntos. Geralmente, eu estava com ela ou Gus, praticamente a mesma pessoa com rosto diferente. Teimosos, esforçados, impulsivos, gentis — todas qualidades que eu gostava neles.

— Você está andando muito com a Teddy — respondi, balançando a cabeça. — Cadê sua sutileza? Seu refinamento?

— Vocês já fazem bastante rodeio um com o outro, então resolvi que ser direta seria o melhor.

Hum. Eu realmente não poderia argumentar sobre aquilo, exceto fazer uma pequena correção.

— Eu não faço rodeio com ela tanto quanto ela faz comigo, sabe?

Na verdade, havia poucos rodeios nos últimos tempos, mas eu ainda temia que um passo errado a assustasse.

— Você está bem com isso? — perguntou Emmy.

Dei de ombros. Não tinha conversado sobre aquilo com ninguém, mas gostei de Emmy perguntar.

— Não a culpo. Ela teve uns meses esquisitos, mas me dá o suficiente para que eu não consiga impedir que uma pequena esperança passe por todas as rachaduras, entende?

Emmy fez que sim.

— Mas esperança é bom, certo?

— Depende — falei com um dar de ombros.

— Do quê?

— Se você está ou não esperando algo que nunca vai acontecer.

De vez em quando, eu me perguntava se tinha passado quinze anos construindo Cam na minha cabeça e, quando ela voltasse para a casa, perceberia isso.

Agora que estava ali, não me sentia nem um pouco desse jeito. Quase me sentia como se os sentimentos que tinha por ela antes fossem apenas uma fundação sólida para apoiar os novos.

Só não sabia se ela estava de pé naquela fundação comigo. Talvez estivesse. Via o jeito como me olhava. Ela *tinha* se inclinado para me beijar (como eu me lembrava toda noite quando revivia o momento antes de dormir, tentando esquecer o instante em que se afastou). Quando conversávamos, parecia que ela estava se controlando, como se tivesse medo de se deixar cair de novo. Eu compreendia. Sentia empatia por isso. Estava tentando ser paciente, mas não sabia mais o que pensar.

Sinceramente, aquilo me frustrava. Eu a convenci de que podíamos ser amigos de novo. Mas agora eu temia que tivesse dado uma saída para ela, um caminho para fugir dos

sentimentos por mim, e ela parecia estar determinada a tomá-la. Eu sentia que não tinha realmente nenhuma escolha a não ser deixar acontecer.

Eu havia pressionado, e ela se afastou.

Já sabia como essa história terminava.

Emmy deu de ombros.

— Acho que isso vai se resolver sozinho — declarou ela.

— Que... otimista — respondi.

— Ultimamente, tenho acreditado que o amor vence tudo. — Emmy riu. — Não sei. Só acho que você e Cam estão ligados de muitas formas, até de mais formas do que eu e Luke. Vocês realmente gostavam um do outro. Acho que essas coisas não existem à toa, sabe?

— Está ficando com o coração mole, Ryder? — perguntei com sarcasmo. Sempre soube que Emmy era teimosa e brava, mas gostava de ver como ela tinha amadurecido desde quando fui embora. — Você praticamente se fez de escudo humano entre mim e Cam quando interrompi sua noite de garotas ano passado.

Eu me lembrei de como Emmy se posicionou de forma protetora entre nós dois. Por mais que tenha me abalado na hora, gostei de ver que Cam havia encontrado um lugar e pessoas que a protegiam. Especialmente se eu não pudesse mais exercer esse papel.

— Bem, ela estava noiva. Achei que estivesse feliz, e eu não precisava de você chegando e acabando com tudo.

— Ela não estava feliz? — perguntei.

Eu não sabia nada sobre o noivado de Cam. Não sabia como ela e Graham tinham se conhecido, quanto tempo ficaram juntos, nada. E, nos últimos meses, Cam não pareceu dar nenhuma indicação de que era uma mulher com o coração partido. Ela parecia... bem. Não triste, só abatida.

Emmy ficou quieta por um segundo antes de responder:

— Venho pensando bastante nisso desde o dia do casamento. Só acho que... havia algo no noivado que nenhum de nós sabia, e não sei se ela o teria escolhido se não tivesse um motivo.

Na hora meus pensamentos foram para os pais de Cam. Sendo franco, os Ashwood eram uns babacas. Por algum motivo, eram ao mesmo tempo completamente ausentes e totalmente controladores. Balançavam dinheiro como cenoura, mas nunca davam aprovação, amor ou afeição. Quando adolescente, acho que não entendi como era ruim para ela estar naquela casa. Sabia que ela não gostava dos pais, mas acho que não compreendi o quanto era danoso sentir que o amor precisava ser conquistado.

Acho que meus pais entenderam. E acho que é por isso que sempre deixaram Cam ficar para o jantar e colocar os boletins na geladeira. Acho que é por isso que meu pai lhe ensinou a trocar pneu e minha mãe ia aos seus jogos de futebol.

Havia partes de Cam que eu só entenderia depois de amadurecer. Acho que, por fim, a entendia.

— Isso me deixa triste — falei para Emmy com um suspiro.

— A mim também — concordou Emmy. — Então não desiste ainda, tá bem?

E, com isso, encerramos, tomando caminhos separados.

Quando cheguei em casa, notei uma humanazinha brincando nas pedras do lado de fora da porta. O que Riley estava fazendo ali?

Saí da caminhonete e fui até ela, que acenou para mim com animação.

— O que foi, pequena? — perguntei. — Está tudo bem?

— Estou entediada — respondeu ela, com uma bufada. — E não consigo alcançar os doces na despensa.

— Que tragédia. Cadê sua mãe?

— Está dormindo no escritório. — Riley suspirou.

Fiquei tenso.

— Ela está bem?

Riley fez que sim.

— Ela estava trabalhando. Acho que ficou cansada.

— Você não a acordou?

— Ela não me acorda quando estou cansada. — Riley ergueu e abaixou os ombrinhos. — Você pode pegar um doce pra mim?

— Sim, pequena — respondi com um aceno de cabeça. — Deixa eu trocar de roupa e te encontro lá.

— Eu espero — avisou Riley, e se sentou em uma das pedras.

Corri até em casa, tirei o casaco e arranquei a camisa de manga comprida térmica antes de pegar uma calça de moletom e um casaco de capuz. Eu estava com cheiro de cavalo, mas não queria tomar banho. Queria pegar o doce para Riley e garantir que Cam estivesse bem.

Abri a porta menos de dois minutos depois. Riley saltou da pedra e, antes que eu percebesse, tinha deslizado a mãozinha na minha e estava me levando para sua casa.

— Como foi na cafeteria? — perguntei, enquanto ela caminhava.

— Foi bom — respondeu Riley. — Experimentei um leite quente com avelã hoje.

— Não gostou? — perguntei, sentindo o tom dela.

Ela fez que não.

— Também não gosto de avelã. Que sabor você costuma pedir?

— Baunilha.

— Os clássicos nunca decepcionam.

— Também acho — concordou Riley. — Mas minha mãe diz que preciso experimentar algo novo uma vez por semana.

— É uma regra boa — comentei. — Porque você nunca vai saber se não gosta se não experimentar.

— Mas às vezes eu gosto das coisas novas, como azeitonas. Você gosta de azeitonas?

Enruguei o nariz.

— Não, nem um pouco.

— Teddy também não gosta, mas minha mãe e meu pai gostam — declarou Riley. Estávamos perto da casa agora. — Então sou igual a eles.

— Sorte sua parecer com eles — falei, enquanto abria a porta da casa de Cam. Música tocava em um alto-falante, e ali estava agradável e quente. Bom. O aquecedor não tinha pifado de novo. — Tá bom, pequena. Me mostra onde ficam os doces.

Riley soltou minha mão e correu até a despensa. Eu a segui quando ela apontou para uma caixa branca de balas mastigáveis, na prateleira do topo. Eu a peguei e levei até ela.

Quando Riley colocou a mão na caixa, fechou os olhos enquanto remexia, e um sorriso se abriu em meu rosto. Uma imagem da Cam de dezessete anos surgiu em minha mente, de olhos fechados enquanto vasculhava uma sacola gigante de balas depois de uma das nossas trilhas. Ela não sabia que sabor queria, então eu disse para deixar o destino decidir.

Falei a mesma coisa para Riley naquele momento, e ela me fitou com os olhos grandes e verdes.

— É isso o que minha mãe sempre diz!

Senti que alguém tinha acabado de me dar uma rasteira. Mesmo quando não estávamos perto um do outro, Cam aparecia em muitos momentos da minha vida. Eu sempre pedia sorvete num copo com a casquinha no topo, porque Cam havia me ensinado que assim podíamos ganhar todos os benefícios de uma casquinha sem a parte da lambança. Eu sempre batia no painel do carro quando passava por um sinal amarelo, porque costumávamos fingir que isso nos daria superforça para passar por um cruzamento antes que o sinal ficasse vermelho. Nunca passou pela minha cabeça que eu fosse aparecer na sua vida da mesma forma.

Até aquele momento.

— Você pode pegar um também — avisou Riley, e sorri.

— Valeu, pequena.

Peguei uma bala da caixa antes de colocá-la de volta na prateleira. Vi Riley se lançar — literalmente, não havia outra palavra para isso — em um dos sofás diante da TV. Queria esse tipo de energia.

— Vou dar uma olhada na sua mãe rapidinho, tá bom?

Riley desembrulhou a bala e assentiu. Andei pelo corredor no final da sala de estar. A porta para o escritório de Cam estava aberta, e um brilho suave saía dali, mais do que só a luz do cômodo.

Quando espiei, vi que vinha de uma lâmpada na mesa, que estava cheia de papéis e pastas. Analisei o cômodo e a vi dormindo numa cadeira perto da janela. Seu cabelo estava preso no topo, e ela usava óculos. Uma pasta de arquivos com papéis aparecendo estava pousada no seu peito, e sua boca estava levemente aberta. Ela não estava roncando, ainda.

Passei pela porta com o máximo de silêncio que pude, para tirar os arquivos dela. Tentei manter tudo em ordem enquanto os colocava no chão ao seu lado. Peguei um cobertor no cesto

perto da cadeira — escolhi o mais macio — e o coloquei sobre ela.

Por um segundo, pensei que talvez devesse acordá-la, mas decidi que não. Ela claramente estava cansada. Eu podia ficar com Riley, não tinha planos para aquela noite.

Eu a olhei mais uma vez antes de voltar para a sala. Foi a expressão mais pacífica e calma que tinha visto nela desde que voltei para casa.

Quando saí, apaguei as luzes e fechei a porta, não toda, mas o suficiente para impedir que qualquer barulho a acordasse.

Riley estava com o controle remoto da TV na mão quando entrei na sala.

— Pode me ajudar com isso? — pediu ela. — Não sei como funciona.

Caminhei e me joguei no sofá ao lado dela. Estendi a mão para o controle, e Riley o entregou para mim.

— O que a gente vai assistir?

Riley deu de ombros.

— O que você gosta de assistir?

— Não sei — respondi com honestidade. — Não tenho TV há uns dez anos, menina.

Riley deu uma risadinha.

— Você é velho. Você tem a idade do meu pai?

— Não tão velho — falei. — Talvez você é que seja nova.

Liguei a TV e comecei a zapear.

— Vou fazer oito logo — comentou ela. — Já tenho sete anos e meio.

— Você vai fazer oito em julho — falei. — É daqui a meses. Meu aniversário é em julho também.

— Quantos anos você vai fazer?

— Trinta e dois.

— Velho. — Riley assentiu com a cabeça.

— Sua mãe é mais velha do que eu, sabia? — mencionei, só por seis meses, mas ainda assim.

— Minha mãe não é velha — declarou Riley.

— Bem, ela é mais velha do que eu, então acho que isso significa que eu também não sou velho.

Riley cruzou os braços e revirou os olhos, e tentei não rir.

— O que acha de *Os caçadores de mitos*? — perguntei, enquanto mudava os canais.

— Não sei o que é isso.

— *Trato feito*?

— Gostei do nome. — Riley deu de ombros.

— Então *Trato feito* — falei e coloquei no canal.

Depois de alguns minutos, Riley perguntou:

— O que é loja de penhores?

— É um lugar aonde as pessoas vão para vender coisas, só que em geral não conseguem tanto dinheiro quanto queriam ou precisavam.

— Por quê?

— Porque a loja tem que lucrar, e o pessoal costuma ser meio desonesto.

— O que é lucrar?

— Hum. É como as pessoas ganham dinheiro com as coisas, tipo, sua camisa deve ter custado uns dois dólares para alguém fazer e então venderam por dez.

— Como as roupas que Teddy faz? — perguntou Riley.

— É, Teddy vende as roupas por mais dinheiro do que custou para fazê-las. — Havia toda uma conversa sobre custo e mão de obra, mas talvez pudéssemos guardar o assunto para quando ela tivesse oito anos. — E então ela recebe para fazê-las. Faz sentido?

Riley fez que sim.

— Por que as pessoas vendem coisas?

Dei de ombros.

— Talvez precisem de um pouco de dinheiro extra ou só não precisem mais daquilo.

— Como uma venda de garagem? — Assenti. — Ada gosta disso. As pessoas da cidade às vezes fazem.

— Fazem, sim. — Concordei com a cabeça.

— Tem alguma loja de penhores por aqui?

Riley me olhou. Suas sobrancelhas estavam franzidas, e ela havia mordido o lábio inferior. Quando pisquei, minha visão ficou oscilando entre reconhecer Cam e Riley diante de mim.

— Tem — respondi depois de me recuperar. — Mas só dá pra chegar nela pelo beco atrás da lanchonete. Não tem entrada pela frente.

— Quero ir lá — afirmou ela.

— Vou te levar — respondi. Dahlia, a dona da loja, provavelmente amaria uma visita de Riley, sobretudo se Wayne tivesse ido até lá no dia com todas as suas sucatas pedindo um pagamento bom. — Eles têm uma boa coleção de vinis.

— Meu pai tem vinis. A gente podia comprar um pra ele.

— Podia. Do que você acha que ele iria gostar?

Coloquei o braço nas costas do sofá.

— De Conway Twitty ou Billy Idol — respondeu ela, e sorri.

Aquela criança estava sendo muito bem criada, com toda certeza.

Riley se aproximou mais de mim até que pudesse colocar a cabeça no meu peito. Quando fez isso, congelei. Eu não ficava muito perto de crianças. Não sabia o que fazer, então só a deixei ficar ali. Assistimos a alguns episódios seguidos de *Trato feito*. Riley fez muitas perguntas. E me diverti tentando descobrir como respondê-las.

— Por que ele não paga o que as pessoas pedem?

— Porque ele tem que negociar — expliquei. — O que a pessoa pede é só o ponto de partida.

— Posso negociar?

— O que você quer negociar? — perguntei, achando graça.

— A hora de dormir — falou ela.

— Aposto que conseguiria — falei. — Você só precisa saber o que pedir, tipo, se você quer ficar acordada mais meia hora, ou uma hora.

— Por quê?

— Porque você pode derrubar seus pais como esse cara faz com os clientes.

Quase conseguia ouvir as engrenagens funcionando na cabeça de Riley.

Comemos mais alguns doces, e eu preparei um sanduíche quando ela disse que estava com fome. Não muito tempo depois, ela adormeceu curvada ao meu lado. Quando estava para acompanhá-la à terra dos sonhos, ouvi passos apavorados vindo do corredor.

Cam apareceu um segundo depois, estressada e exausta e como se estivesse prestes a berrar. Quando me viu, levei um dedo até os lábios pedindo silêncio e então apontei para Riley dormindo ao meu lado.

Cam suspirou.

— Eu deveria levá-la para cama? — sussurrei, e Cam fez que sim.

Peguei Riley nos braços e tentei não incomodá-la muito. Quando me levantei do sofá, Cam olhava de mim para Riley, como se indecisa, mas a expressão não mudava. Parecia muito com amor.

Tentei não pensar naquilo quando passei por ela. Cam me seguiu pelo corredor até o quarto de Riley e abriu a porta para

mim. Quando coloquei Riley na cama, ela se mexeu um pouco, pegou um cavalo de pelúcia que estava ao lado e o puxou para perto, mas não acordou. Puxei seu cobertor e encontrei Cam no corredor, quando fechei a porta suavemente.

— Calma. Ela dorme com a porta fechada? Vi um negócio há alguns anos sobre uma casa que pegou fogo e a porta do quarto da criança fechada a manteve segura, então agora sempre fecho as portas, só que posso abrir se você quiser.

Eu estava divagando. Por que estava divagando?

— Está tudo bem. Ela dorme com a porta fechada — sussurrou Cam.

Retornamos para a sala.

— Ela, hum, estava esperando do lado de fora da minha casa quando voltei — expliquei. — Queria um doce e não conseguia alcançar a caixa.

Cam passou a mão no rosto. Parecia exausta.

— Não acredito que peguei no sono. — Ela se sentou no braço de um dos sofás. — Eu estava fazendo briefings na mesa e achei que não faria mal mover a cadeira e, quando olhei, Riley estava alucinada com alguns dos livros de colorir.

— Está tudo bem — garanti. — Você estava cansada.

— Não posso ficar cansada — declarou ela. — Não posso pegar no sono trabalhando, não com minha filha aqui. — Cam soltou um suspiro pesado, e vi a tensão voltar para seus ombros. — Um milhão de coisas poderiam ter dado errado. Ela podia ter tentado escalar para pegar os doces, caído e quebrado o braço. Podia ter decidido perambular para mais longe do que sua casa.

— Ei — falei e coloquei as mãos em cada ombro seu. — Nenhuma dessas coisas aconteceu. Você tem uma filha esperta e atenciosa, Cam. Ela não queria te acordar. Veio e me chamou. Assistimos *Trato feito* e ela dormiu no sofá. Está tudo bem.

— Você não entende, Dusty. Você não é pai.

— Não, não sou — concordei —, mas também não sou idiota, então sei que não vale a pena ficar nervosa por isso. — Levei as mãos ao seu rosto sem pensar. — E da próxima vez que estiver cansada e precisar de um cochilo, me chama, tá bom? E venho me sentar no seu sofá com Riley. Eu já vi a rede de apoio de Gus, então me deixa ser parte da sua, tudo bem?

Cam bufou, mas seus olhos estavam suaves.

— Obrigada... por cuidar dela. Ela gosta de você, sabe.

— Fico feliz — falei. — Espero que ainda me agradeça quando ela tentar negociar a hora de dormir.

Cam me deu um olhar confuso.

— Como assim?

— Não esquenta com isso — afirmei. — Tem mais alguma coisa em que posso te ajudar? Com trabalho ou algo assim?

— Não — respondeu Cam, e esfregou o rosto. — Não quero que você morra de tédio.

— Se é tão chato, por que você não faz outra coisa? Talvez algo que não te faça trabalhar tanto? Ou que te deixe mais feliz e menos sonolenta? — Tentei manter o clima leve.

Vi seus ombros murcharem, o *leve* não funcionou muito.

— Sinceramente, não sei bem por onde começar — falou ela. — Não sei mesmo se tem alguma outra coisa que quero fazer. Só parece mais fácil fazer isso e saber que tenho um emprego seguro, mesmo que não o ame.

— Parece um modo de viver bem meia-boca, Ash, e eu realmente nunca achei que você fosse meia-boca em alguma coisa.

Cam suspirou e deu de ombros, como se estivesse esgotada.

— Não quis despejar tudo isso em você — declarou ela. — Só fico esperando as coisas se acalmarem um pouco, mas

nunca se acalmam. Tenho que ver meus pais semana que vem e estou mais nervosa do que de costume.

— Por quê? — perguntei. — Não por que está nervosa, isso eu entendo, mas por que tem que vê-los?

Do lado de fora, não parecia que a relação de Cam com os pais havia mudado muito, então eu me perguntava por que ela ainda estava tentando.

— Eles têm uma coisa de gala anual para arrecadação de fundos em Jackson Hole — respondeu ela com um aceno da mão. — Arrecadam bastante dinheiro para a pesquisa de câncer infantil, então não me importo de ir. Só queria poder ir... sem falar com eles.

— Eles ainda...

Não terminei a frase antes de Cam falar:

— Sim. São do mesmo jeito.

— Posso fazer algo para ajudar? — perguntei.

Cam começou a sacudir a cabeça, mas então mordiscou o interior da bochecha.

— Quem sabe... — Ela parou por um instante. — Você... quem sabe... queira vir comigo?

Pisquei algumas vezes, chocado por ela pedir.

— Ah. Hum. S... sim — respondi rapidamente. — Sim, eu vou.

— Sério? — Ela parecia tão chocada quanto eu.

— Sério.

— Você teria que usar um terno — declarou.

— Parece um pesadelo — rebati com uma voz animada. — Mas quem sabe a gente possa amenizar.

Vinte e seis



Cam

Quinze anos atrás

Ash,

Sei que já nos formamos, mas decidi continuar te mandando bilhetes. Não tenho certeza de quando vou te entregar este. Quem sabe quando você vier me visitar no trabalho hoje. O dia vai passar tão devagar enquanto você não chega. Eu poderia só mandar mensagem, e devo mandar, mas sei lá… gosto dos bilhetes. Gosto de serem especiais e parecerem nossos, entende?

Enfim, esse bilhete tem um propósito.

Meus pais vão sair da cidade neste fim de semana para comemorar o aniversário de casamento, e Greer vai ficar com uma amiga. Pela primeira vez, provavelmente na vida, não tenho que trabalhar no sábado ou no domingo. Acha que você consegue fugir tempo o bastante para passar um tempinho comigo?

Marque sim ou não e me devolva isso antes de sexta, com os pedidos de lanches. Também vou (tentar) te preparar um jantar. Mas não prometo que vai ser bom. Tomara que você me ame mesmo assim.

Eu te amo, Dusty

Quando estacionei na calçada de Dusty, passava um pouco depois das seis horas. Meus pais me deram um carro na graduação — uma BMW *série 3, que tinha mais botões do que eu sabia usar. Gostei do carro. Estava grata por ele. Disseram que eu precisaria dele quando fosse para os Vanderbilt no começo do ano letivo, o que devia ser verdade, mas vinha com uma condição: eu não tinha permissão para ver Dusty.*

Dizer que meus pais não aprovavam nosso relacionamento seria um baita eufemismo, mas eu não me importava. Até onde sabiam, Dusty e eu tínhamos terminado quando nos formamos. O que não viam, não sentiam. Não era minha culpa meu pai estar fora da cidade e minha mãe chegar em casa do clube de campo tarde o suficiente para presumir que eu já estivesse na cama. Tudo valia a pena para estar, e arriscar meu carro era a coisa mais fácil do mundo.

Qual a importância de um carro comparado a alguém que eu amava?

Sobretudo porque não tínhamos mais muito tempo juntos — pelo menos em Meadowlark. Queria passar cada segundo com ele. Ele iria embora para escola de guias profissionais em Montana depois do seu aniversário.

Nossa, eu o amava tanto. Quando pensava em nós dois indo embora, meu coração afundava tanto que sentia o vazio no peito quando respirava.

Espantei esses pensamentos da cabeça e saí do carro.

Dusty deve ter ouvido a porta do carro bater porque, quando me dei conta, ele estava saindo, me beijando na bochecha e pegando minha mala. Eu ia ficar o fim de semana todo.

— Oi, linda — cumprimentou, quando me puxou para mais perto. — Senti sua falta.

— Também senti a sua — falei.

Agora que havíamos terminado a escola, não via Dusty todo dia. Ele trabalhava muito, tentando guardar dinheiro. Eu o visitava quando ele trabalhava na lanchonete. Ele me dava um milk-shake de chocolate ou um doce de framboesa azul, e eu lia enquanto ele trabalhava. Mas não conseguia vê-lo nos dias em que ele trabalhava no mercado ou em Rebel Blue.

Tirei um tempo para observá-lo. Ele estava usando calça jeans desbotada e uma camisa branca desgastada, com buracos, alguns espalhados pela gola. Ficava perfeita nele. Quando estava com Dusty,

minha cabeça ficava em silêncio do melhor jeito possível, como se não houvesse nada que não pudesse esperar até o dia seguinte. Também me sentia eu mesma na maior parte do tempo perto dele. Não precisava ser tão... fechada, acho.

Era libertador e maravilhoso, e queria me sentir daquele jeito para sempre.

Depois que entramos, Dusty colocou a mala no chão e levou os lábios aos meus. Será que eu gostaria de beijar tanto se não estivesse beijando Dusty? Eu não tinha nenhuma outra experiência para comparar, mas acho que não iria. Sua língua deslizou dentro da minha boca, e agarrei sua camisa.

Logo, minhas costas foram pressionadas na parede ao lado da porta. Uma das mãos de Dusty estava na minha cintura, e a outra, na minha nuca, as duas me segurando nele. Passei as mãos para cima e para baixo em seu peito, abaixando cada vez mais toda vez que eu as descia.

Quando cheguei ao topo da calça, deslizei o dedo para dentro de sua cueca.

— Opa, linda — falou, na minha boca. — Vai com calma.

— A gente já teve calma demais — respondi. — Muita, muita, muita calma.

Sem querer ser dramática, mas sentia que tentava seduzir Dusty havia um tempo. Ele fazia eu me sentir segura, respeitada e amada. Queria aquilo com ele.

Tínhamos feito outras coisas e, até ali, tinha sido tudo incrível. Mas toda vez que chegávamos perto dos finalmentes, Dusty nos parava, como estava fazendo naquele momento. Quando se afastou, seus olhos estavam selvagens, e eu tinha bagunçado seu cabelo com sucesso. Sua expressão estava meio... sofrida?

Senti a insegurança surgir no meu corpo e cruzei os braços. Olhei para o chão.

— Você... — comecei. — V... você não quer, hum, ficar... comigo?

Finalmente consegui dizer. Assim que falei, senti vontade de me arrastar para o buraco mais profundo que conseguisse encontrar e me enterrar viva. Não conseguia olhar para ele, então deslizei as costas pela parede até me sentar no chão. Coloquei a cabeça nos joelhos e envolvi as canelas com os braços.

— Ash — Dusty disse, baixinho. — Não. — Sua voz soou gentil e próxima, o que significava que ele tinha se abaixado também. — Olha pra mim, linda.

Sacudi a cabeça, envergonhada.

— Ash — chamou ele com mais firmeza. — Me olha. Por favor.

Suspirei. Não poderia recusar, então ergui o olhar.

— Eu quero você. — Seus olhos cinzentos estavam grudados nos meus. — Eu te quero muito, de todas as formas. Eu te amo e quero ficar próximo de você dessa forma. Estou pronto para ficar próximo de você dessa forma.

— Então por que não fica?

— Sei que não gostamos de falar disso, mas vou para Montana mês que vem, e você vai para a faculdade no próximo semestre — respondeu. — Não quero fazer sexo com você e ir embora semanas depois.

— Mas você não está me deixando — rebati. — Só vai embora. Vamos ficar juntos. Vamos conversar o tempo todo e visitar um ao outro.

Dusty engoliu em seco.

— Eu sei — respondeu. — E fico muito feliz com isso. Só... te amo demais e quero que nossa primeira vez seja especial. Não quero que sinta que só vou tipo... comer e sair fora.

Uma risada escapou de mim. Foi alta e libertadora.

— Comer e sair fora? — repeti, enquanto ria.

Dusty esboçou um meio-sorriso.

— Você sabe o que quero dizer. Respeito você pra caramba e preciso que saiba disso e sinta isso, tá bom?

Fiquei de joelhos, então Dusty e eu estávamos cara a cara. Nossa, ele era tão maravilhoso. Eu o analisei por um instante: as sobrancelhas, que eram alguns tons mais escuras do que o cabelo, o piercing prateado na narina direita, a pequena cicatriz sob o olho esquerdo que conseguiu ao bater na quina de uma mesa quando era pequeno.

— Eu te amo também — declarei. — Sei o que sou para você, Dusty. O fato de que a gente vai ficar afastado um pouco não muda isso, não para mim.

— Nem pra mim — respondeu ele, baixinho.

Coloquei as mãos em seu rosto.

— Tudo bem, então — falei, e o beijei de novo.

Com menos urgência daquela vez. Deixei minha boca demorar na dele enquanto o calor começava a aumentar entre nós de novo. Suas mãos vagaram por meu corpo e as minhas exploraram o seu.

— Espera — pediu, e então se afastou de novo. — Antes de a gente ir longe demais, preciso te mostrar uma coisa.

Bufei, impaciente.

— Você sabe acabar com o clima mesmo, Tucker, sabia disso?

Ele riu um pouco antes de se levantar e me puxar.

— Acho que você vai gostar disso — declarou. Ele enlaçou os dedos nos meus e começou a me levar para os fundos da casa. Quando chegamos à porta dos fundos, disse: — Fecha os olhos. — E dei uma encarada. — Estou com você.

Revirei os olhos de forma dramática e os fechei. Dusty agarrou minha outra mão, estava segurando as duas. Ouvi a porta dos fundos abrir e ele me guiar com cuidado para o lado de fora. Dei alguns passos até sentir o chão sob os pés mudarem de cimento para grama.

— Certo — falou Dusty. — Abre.

Quando abri os olhos, não consegui acreditar. Ali nos fundos estava tudo muito encantador. Dusty tinha usado alguns lençóis e cordas para criar uma tenda aberta, com galhos do grande carvalho perto da oficina de Aggie. De onde conseguia ver, parecia que todos os

travesseiros e cobertores da casa dos Tucker estavam ali dentro. Havia uma toalha de piquenique com lanchinhos também.

— Ah, meu Deus, Dusty — falei, arfando. — Que lindo!

Quando o fitei, ele estava com um sorriso imenso.

— Olha para lá — pediu, apontando para os fundos da casa com a cabeça.

Quando o fiz, notei outro lençol branco pendurado com um pequeno projetor a alguns metros atrás dele. Não conseguia acreditar que tinha feito tudo aquilo. Era perfeito.

Comecei a puxá-lo para os cobertores dentro da tenda, e caímos neles assim que estiveram ao nosso alcance. E então nos beijamos de novo. Eu estava com as mãos no seu rosto e minha perna erguida no seu quadril, dando tudo de mim para puxá-lo para perto.

Uma das suas mãos deslizou no bolso da minha calça jeans e juntou nossos corpos. Arfei.

Comecei a beijar seu pescoço. Eu já tinha deixado Dusty com um chupão visível mais de uma vez, mas não me importava.

— Tem certeza? — perguntou ele. Sua voz soou ofegante e tensa.

— Tenho — respondi, com uma mordidinha onde o estava beijando. Ele grunhiu, e me senti poderosa. — Você tem?

— Tenho. Tenho. Tenho — respondeu rapidamente. — Eu nunca fiz isso.

— Eu sei — declarei. — Nem eu.

Gostava da ideia de ser a primeira dele, e ele o meu primeiro. E meu último também. Eu sabia.

Ele rolou para cima de mim. Quando seus olhos cinzentos encararam os meus, senti que éramos as únicas duas pessoas no mundo. O carinho em seu olhar me deixou com um nó na garganta.

— Se você mudar de ideia, tem que me falar. Temos que falar um com o outro, tá? Não quero te machucar.

— Tá bom — respondi.

Minha voz estava sufocada de emoção. Não sabia de onde vinha aquilo. Ele me beijou de novo, mais lentamente dessa vez. Pus as mãos sob sua camisa e a subi pelas costas. Ele se afastou do beijo para tirá-la totalmente. Nossa, ele era lindo.

E era todo meu.

Fomos devagar. Quando nossos corpos se aproximaram, Dusty colocou a mão no meu rosto e olhou diretamente para minha alma.

— Vou te amar até virarmos poeira, Camille Ashwood.

Vinte e sete



Cam

Com a intensidade do frio na minha barriga, alguém acharia que eu estava prestes a pular de avião ou de um penhasco, e não que estivesse a caminho de um evento de gala com meu namorado da escola e atual... amigo.

— Esse vestido ficou incrível em você — comentou Ada, pela tela do celular.

Estávamos em uma chamada de vídeo, Riley no colo dela. Ada e Wes iriam cuidar de Riley durante a noite. Tecnicamente, era meu fim de semana, e eu já tinha pedido demais a Gus desde o não casamento e a mudança.

Eu odiava a culpa materna que sentia por passar metade do tempo que teria com minha filha longe dela. Conhecendo meus pais, eles provavelmente planejaram o momento do evento de propósito.

— O que acha, Raio de Sol?

Tirei dos fundos do guarda-roupa um vestido que nunca tinha usado. Comprei quando achei que estaria casada e compareceria ao evento com meu marido. Era deslumbrante — cetim, azul-cobalto, um ombro só e se agarrava ao meu corpo até a metade da coxa.

— Você está arrasando — disse Riley, e riu.

— Onde você ouviu isso? — perguntei.

Ela absorvia cada coisinha.

— Papai fala pra Teddy. — Ela deu de ombros.

— E funciona aqui também — comentou Ada. — Como está se sentindo?

— Bem — respondi e ergui duas opções diferentes de brincos, uma em cada mão, para a tela: um com uma gota de diamante e o outro com dois diamantes pequenos e uma safira no meio. Ada e Riley apontaram para as safiras, então as coloquei.

Ada ergueu a sobrancelha para mim. Ela não era fã das minhas respostas monossilábicas.

— Você e Dusty vão a um encontro, mãe? — perguntou Riley do nada.

Arregalei os olhos.

— H... hum — gaguejei. — Não, Raio de Sol, não vamos num encontro. Dusty e eu somos amigos há muito tempo — expliquei.

Ada revirou os olhos e parecia estar lutando contra um sorriso.

— Ah — respondeu Riley. Não conseguia dizer com certeza, mas parecia que ela... ficou um pouco cabisbaixa? — Gosto de Dusty.

— Eu também — concordou Ada, e olhei de cara feia para ela.

A campainha tocou, salva pelo gongo.

— Tenho que ir, Raio de Sol. Se divirta hoje, tá?

— Eu vou. Tio Wes disse que vamos fazer marshmallows e que Loretta pode vir com a gente. — Loretta era a bezerrinha que Wes tinha cuidado no ano anterior. Riley era obcecada por ela.

— Te amo, Raio de Sol. Te vejo de manhã.

Desliguei o telefone. Mandei uma mensagem rápida para Dusty, dizendo para ele entrar que eu sairia em um segundo.

Calcei um par de scarpins e conferi o cabelo e a maquiagem pela milésima vez. Amava me arrumar — fazer minha própria maquiagem e meus próprios penteados, curtir um tempo sozinha. Tinha feito escova e tentei modelar umas ondas suaves estilo "Old Hollywood". Coloquei o cabelo para o lado oposto ao ombro nu, e amei o resultado.

Dei uma última olhada no espelho, mas antes de sair do quarto percebi que não tinha colocado o colar. Fui até a cômoda buscá-lo, para colocá-lo no carro, e peguei a bolsa.

Dusty estava de costas para mim quando cheguei à entrada. Ele estava olhando pela janela, ainda havia uma boa quantidade de neve, mas o sol estava aparecendo cada dia mais.

Metade do cabelo loiro dele estava puxado para trás em um coque. Seus ombros largos preenchiam o terno com perfeição e, quando ele virou, fiquei sem ar.

Uma mecha de cabelo curto demais para ficar preso caía na lateral do seu rosto angular. Sem o cabelo solto, seus olhos eram ainda mais impactantes.

Ele levou a mão ao peito — com uma rosa presa nela —, e sua boca se abriu um pouquinho.

— Você está... — Ele engoliu em seco, e observei o movimento do seu pomo de adão. — Nossa, você está deslumbrante, Ash.

A voz de Dusty soava extasiada, o que me fez querer correr e me esconder, mas também me deleitar com ela.

— Obrigada — falei, passando os olhos por ele.

Olhando melhor, vi que ele não estava só de terno, era um smoking. Não achei que ele fosse mesmo usar um smoking. Ele não era esse tipo de cara.

— Você também... onde conseguiu um smoking?

Dusty sorriu.

— Sou uma caixinha de surpresas.

Ele viu o colar na minha mão e apontou com a cabeça para ele.

— Quer que eu coloque?

— Acho que não combina com a roupa — comentei.

Dusty estendeu o braço, e tentei desviar, mas ele deu um peteleco suave no meu nariz.

— Espertinha — falou. — Me dá aqui — pediu com a mão estendida.

Coloquei o colar na sua mão, e com a outra ele fez um gesto para eu me virar. Virei.

Depois de um instante, senti os dedos de Dusty no meu ombro, movendo meu cabelo para o lado. Lembrei dele abrindo meu vestido de noiva há alguns meses.

Ele sempre parecia surgir justo quando eu precisava.

Minha pele se arrepiou quando seus dedos a tocaram, e tive que lutar contra o arrepio que atravessou minha espinha. Fechei os olhos e me deliciei com seu toque leve.

Senti o colar se acomodando no pescoço, quando Dusty mexia no fecho. Prendi a respiração e tentei não deixar o clima ficar tenso. Depois que ele conseguiu fechar, soltou o colar, que encontrou um lugar adequado no meu pescoço. Não me movi por um momento, nem ele.

Quando virei para encará-lo, ele disse:

— Você está linda, Ash.

Eu revirei os olhos, tentando retomar o clima divertido. De repente, Dusty segurou minha mandíbula com firmeza.

— Não faz isso — pediu. — Não se esconde de mim. Quero te ver.

Eu deveria ter tentado me afastar, mas não o fiz. Em vez disso, deixei meus olhos prenderem os deles, assim como sua

mão segurava meu queixo e se recusava a soltar.

Seus olhos percorreram meu rosto como se ele estivesse me memorizando e memorizando aquele momento, e então voltavam para os meus a cada poucos segundos. Eu ficava indefesa quando suas mãos me tocavam, então ficamos parados na entrada da minha casa, e deixei que ele me olhasse.

— Você é linda — declarou de novo. — Linda pra caralho.

Ele se inclinou, e esperei meu cérebro entrar no modo sobrevivência, como tinha feito da última vez que ficamos tão próximos. Só que não aconteceu. Ele o recebeu no meu espaço, queria-o ali.

— A... a gente devia ir — gaguejei.

Dusty sorriu.

— Devia — repetiu ele. — Cadê suas chaves?

Iríamos no meu carro, pois consumia menos combustível e provavelmente era mais confiável, mas Dusty nunca poderia saber que falei isso de seu Bronco.

Eu me atrapalhei com a bolsa e, de algum jeito, consegui pegar as chaves, e Dusty as tomou de minha mão gentilmente.

— Ah — falei. — Posso dirigir.

Dusty me olhou como se aquilo fosse ridículo.

— Acho que não — falou. — Vamos pegar um casaco pra você e ir.

Peguei um casaco de lã comprido no armário do corredor, e Dusty me ajudou a vesti-lo. Ao que parecia, eu não conseguia fazer nada sozinha quando ele estava por perto.

Não me importava.

Deixei a luz da entrada acesa e saímos pela porta, que Dusty trancou, me levando até o carro com a mão na minha cintura. Abriu a porta para mim e se assegurou de que eu estava dentro antes de fechar.

Quando cruzou a frente do carro para chegar ao lado do motorista, observei-o pelo para-brisa e cheguei à mesma conclusão que tinha chegado várias vezes: ele também era lindo.

— Pronta? — perguntou, quando entrou no carro.

— Pronta — respondi.

E, com ele, talvez estivesse mesmo.

Levamos um pouco mais de duas horas para chegar ao local em Jackson. Dusty e eu conversamos o caminho todo, sobre Riley, Rebel Blue, preparar o quintal para a primavera, um balanço na varanda, a transformação do pessoal do Fall Out Boy em tiozões emos, esse tipo de coisa.

Estávamos num debate acalorado sobre os méritos da filmografia de Nicolas Cage e se *A lenda do tesouro perdido 3* aconteceria ou não. Dusty virou no hotel em que o evento aconteceria. Era uma construção estilo cabana de madeira, rústica, atemporal e grandiosa.

Quando meu carro parou, recaiu um silêncio sobre nossa conversa. Senti o peso de quem encontraríamos no interior se arrastando até meus ombros.

— Então — disse ele depois de um minuto —, é verdade que esse lugar ganhou um prêmio de arquitetura pelos banheiros?

Não consegui evitar o riso.

— Do que está falando?

— Banheiros — disse com um sorriso. — Soube que eles têm ônix branco retroiluminado e pias revestidas de ouro.

— Têm, sim — concordei. — Os banheiros na verdade são irritantemente lindos.

— Irritantemente — repetiu ele, e dei um pequeno sorriso. Sabia o que ele estava fazendo, deixando as coisas leves

de novo. — Tem certeza de que quer fazer isso?

— Não — respondi com sinceridade, mas torcia para que aquilo pudesse ajudar a mudar a opinião dos meus pais sobre mim.

Talvez vissem que eu estava bem. Não tinha subido ao altar, e todo mundo sobreviveu. Ainda tinha um bom emprego e morava numa casa que amava. Estava feliz. Talvez vissem que isso era mais importante do que as expectativas deles sobre mim.

Embora não estivesse exatamente feliz, ainda não. Mas achava que poderia ficar.

— Você não tem que fazer isso — garantiu Dusty. — Podemos ir para um restaurante qualquer.

Balancei a cabeça.

— Eu preciso — afirmei.

Olhei para Dusty, achei que o vi morder a língua. Sabia como ele se sentia em relação aos meus pais. Não precisava ouvir aquilo no momento. Eles provavelmente achariam que eu o levei para irritá-los de propósito, mas não era o caso. Eu o levei porque, embora pudesse fazer aquilo sozinha — podia fazer tudo sozinha —, não era necessário.

— Tá bom — falou. — Vamos lá dar uma olhada nesses banheiros.

Vinte e oito



Cam

O interior do hotel era bonito. Lindo num dia comum, mas, naquela noite, estava cintilando. Arranjos de rosas brancas e vermelhas, copos congelados e champanhes borbulhantes. Os Ashwood não pouparam despesas, nunca poupavam.

Dusty guardou meu casaco e depois retornou para meu lado.

— Você quer uma bebida? — perguntou ele, e assenti.

Ele pegou duas taças de champanhe numa bandeja quando um garçom passou. Vi o garçom olhar para Dusty duas vezes. As tatuagens no pescoço e nas mãos eram as únicas visíveis no momento, mas era o suficiente para ele se destacar, além do cabelo comprido e do piercing no nariz.

Mas Dusty não parecia notar. Seus olhos estavam só em mim.

— O que acha que seus pais vão pensar quando me virem aqui?

Ele deu um gole no champanhe e pôs a mão no meio das minhas costas.

— Eles vão sobreviver — falei, dando um suspiro cansado, como se tentasse me convencer. Dusty foi o que me levou até ali, então pelo menos eles deveriam ser um pouco gratos.

— Adoro ver essa coragem, Ash... — declarou Dusty.

Sua mão desceu um pouquinho quando dei um gole no champanhe, o que não foi uma boa hora, porque ele ficou preso na minha garganta, e comecei a tossir.

— Vai com calma, matadora. — Dusty riu. Ele pegou a taça de champanhe da minha mão e colocou nossos copos numa mesa. — Dança comigo.

Daquela vez, quando ele estendeu a mão, eu a peguei e o deixei me levar para a pista de dança.

A música era uma valsa simples, mas não esperava que Dusty soubesse disso, então só coloquei os braços sobre seus ombros para que pudéssemos andar e balançar conforme a música. Só que Dusty pegou minha mão e segurou minha cintura, antes de começar a nos guiar.

— Você sabe dançar valsa?

— Caixinha de surpresas. — Ele sorriu, e soltei uma risada chocada. Dusty estava um pouco sem jeito, mas na maior parte era bom, mais que aceitável. — Eu costumava assistir a vídeos no YouTube quando a gente estava na escola — explicou. — Lembro de você falar que tinha que dançar sempre que seus pais organizavam ou iam a um evento, e queria estar preparado... no caso de um dia ir com você.

— Você quer dizer no caso de eu te forçar a vir comigo?

Dusty sacudiu a cabeça.

— Não. Estar com você é um privilégio, Cam. Uma puta honra.

Olhei por cima do seu ombro. Como é que eu deveria responder àquilo?

— Não acredito que fez isso quando a gente era tão novo... por alguém com quem você nem tinha certeza de que ficaria — falei.

Senti seu dar de ombros sob a minha mão.

— Você sempre foi algo certo pra mim — sussurrou.

— Dusty... — comecei. — Você não pode falar assim.

— Assim como?

— Como se a gente fosse mais do que somos — respondi.

— Acho que você vai precisar me esclarecer então — rebateu ele. — O que somos?

— Amigos. — Suspirei. — Somos amigos. Não somos?

— Ash, tentei ser seu amigo. Tentei mesmo. Mas amigos não sentem o que eu sinto por você — disse, enquanto me puxava ainda para mais perto. Nossos corpos estavam se tocando no momento. — Ou o que você sente por mim. — Eu conseguia sentir seu hálito no meu rosto. — Esperei metade de uma vida por você, Cam.

Dusty inspirou meu perfume.

— E esperaria uma vida inteira se achasse que precisava, mas aqui estamos. Juntos. Sem distância, sem tempo, sem anel... nada está nos afastando. — Nossa dança havia diminuído e a música tinha mudado, mas ainda estávamos na pista de dança. Dusty usou o dedo para erguer meu rosto, com gentileza daquela vez. — Exceto você — sussurrou.

Eu me recusei a encontrar seus olhos. *Exceto eu.*

— Então preciso que me olhe, Ash. — Era como se meus olhos não conseguissem evitar ceder a ele. — E preciso que me diga por quê.

Porque não sou a garota por quem você se apaixonou. Porque nem sei quem sou. Porque amar você foi a coisa mais corajosa que já fiz na vida, e não sou mais corajosa.

Porque não consigo aguentar a dor de perder você de novo.

— Ora, que surpresa. — A voz da minha mãe rompeu nossa bolha, e eu, por instinto, me afastei de Dusty, colocando mais distância entre nós do que só a física. Tentei fingir que

não vi seu rosto murchar, mas ele logo endureceu a expressão. Tentei fazer o mesmo.

— Oi, mãe — cumprimentei, quando me inclinei para dar dois beijinhos na minha mãe. — Você está linda.

E ela estava. Lillian Ashwood era pura beleza discreta. Ela usava um vestido de gala prata até o chão, feito perfeitamente para seu corpo esbelto, e uma gargantilha de diamante que meu pai tinha dado em um dos seus primeiros aniversários de casamento, com brincos combinando.

— Você está... — Ela sondou minha aparência. Eu estava acostumada com aquela leitura minuciosa e tentei instintivamente me preparar para o que viria. — Confortável — foi o que ela escolheu.

— Camille — disse meu pai ao lado dela.

— Pai — respondi, enquanto o fitava.

Eu me parecia mais com ele, o cabelo escuro, os traços e o peso. Ele me ignorou. Seus olhos fuzilavam o homem com quem eu estava.

— Sr. e sra. Ashwood. — Dusty assentiu.

Sem gracejos ou *prazer-em-vê-los*, não entre esses três.

— Interessante vê-lo aqui, sr. Tucker. Acho que você não estava na lista de convidados — declarou meu pai. — Você não se encaixa muito bem.

— Graças a Deus por isso — respondeu Dusty. — Sou o acompanhante de Cam.

Depois disso, meus pais começaram a nos guiar de forma estratégica para o espaço externo do cômodo, para fora da pista de dança e para as sombras, onde sempre prefeririam me manter. Conforme andávamos, a mão de Dusty achou o caminho até minha cintura de novo. Foquei na sensação de seu toque.

— Você não nos contou que traria alguém, querida — disse minha mãe. Sua voz e seu rosto estavam tensos. — Tem alguns solteiros adoráveis aqui hoje que acho que você deveria conhecer.

Afundei os ombros.

Meu pai não disse nada. Ainda estava avaliando Dusty.

— Por favor... agora não — pedi com o máximo de firmeza que consegui, mas saiu fraco.

— Na verdade, em nenhum momento — declarou Dusty, com os dentes trincados.

— Isso não é da sua conta — rebateu meu pai.

— Cam é da minha conta — replicou Dusty. — Sempre foi.

Naquela hora, um garçom, que não notou a postura tensa do nosso grupo ou não se importou, estendeu uma bandeja para nós. Estendi o braço para pegar algo. Nem sabia o que era, só precisava fazer algo com as mãos.

— Isso é fritura, Camille — repreendeu minha mãe. — Melhor esperar outra coisa aparecer.

Parei a mão e a trouxe de volta.

— Você é um caso sério, Lillian — criticou Dusty, e meu corpo todo ficou tenso. — Sempre foi.

— Perdão? — respondeu minha mãe, enquanto levava a mão ao peito. Horrorizada seria a palavra que eu usaria.

— Não acredito que um dia pensei que seria melhor, mais fácil para Cam tentar ignorar suas palhaçadas. Acho que eu era novo, idiota. Mas não sou mais. Mudei, mas você não, e estou exausto de assistir calado você acabando com essa mulher.

— Você não tem direito de falar conosco desse jeito — afirmou meu pai. Eu quase conseguia ver a fumaça saindo dos seus ouvidos.

— Não, Rutherford, é aí que você se engana. É você que não tem direito de falar comigo ou com Cam ou com qualquer outra pessoa dessa forma — disse Dusty.

Ele me puxou para mais perto pela cintura.

— Agora você escuta. — Meu pai pôs o dedo atarracado na cara de Dusty, que o interrompeu.

— Não, acho que cansei de escutar. Sei que Cam cansou. Você tem uma filha incrível, e nós dois temos coisas melhores pra fazer do que *escutar* vocês dois por mais tempo.

Dusty pegou minha mão e começou a se afastar.

— Camille — chamou minha mãe, eu podia ver que ela queria gritar, mas não desejava atrair atenção. — Camille Montgomery Ashwood, você não vai sair andando.

Dusty me olhou. Seus olhos dançavam. *Diga algo*, imploravam. Com ele, talvez conseguisse ser corajosa de novo.

— Hoje, eu vou — rebati.

Ouvi minha mãe bater o pé, mas não me importei. Tudo com o que me importava era a risada de Dusty quando ela flutuou até meus ouvidos.

Eu não sabia aonde íamos, mas o deixei me guiar. Viramos algumas esquinas, descemos um lance de escadas e passamos por um corredor.

— Aonde vamos? — perguntei.

Com a quantidade de adrenalina correndo pelas minhas veias, alguém pensaria que eu tinha acabado de pular de um avião, e não só dito algo um pouco desafiador para meus pais.

— Olhar um pouco de arquitetura de primeira — respondeu.

E então abriu a porta e me puxou atrás dele.

Quando a porta se fechou, Dusty me pressionou nela. Estava mais escuro ali, não um breu total, mas escuro o bastante para meus olhos precisarem de um segundo para se

ajustar. Pisquei algumas vezes. Havia um pouco de luz ali, vindo de um balcão.

Ônix branco cintilante.

— Lamento por isso — disse ele.

Ele estava mais perto de mim do que estivera em um bom tempo.

— Não, não lamenta — falei, ofegante.

Dusty sorriu.

— Não, não lamento — disse ele, e então me beijou, me beijou de verdade. Colocou as mãos no meu cabelo, puxando minha cabeça para trás para lhe dar toda a vantagem de que precisava para dominar minha boca. Segurei seus punhos e tentei acompanhar. — Eu disse que te tiraria daqui, como sempre faço.

Logo, havia um braço em volta da minha cintura, me erguendo, e envolvi Dusty com as pernas. Afastei a boca da dele e comecei a beijar seu rosto, e então o pescoço. Quando cheguei à base da garganta, Dusty gemeu.

— Linda — falou ele, ofegante, o que me atingiu bem no peito. Senti saudade daquilo. Senti saudade dele. Senti saudade de nós. — Talvez a gente esteja sendo levado pelo clima.

— Talvez — falei na sua pele, mas não me importava. Subi por seu pescoço com a língua e encontrei sua boca de novo. Ele mordiscou meu lábio, e grunhi. Dusty esfregou o quadril no meu, e grunhi de novo.

— Meu Deus.

Perdi a noção do tempo. Poderíamos estar ali há cinco minutos ou cinco horas quando fiz o movimento de tirar o smoking de Dusty, e senti o ar mudar. Tudo começou a vibrar e tremer à nossa volta.

Dusty me afastou da porta. Envolvi mais as pernas ao seu redor, e meu vestido subiu até o quadril quando ele me

carregou até o balcão brilhante. Antes de me deixar ali, ele o subiu todo, então o vestido se amontoou na cintura, expondo a calcinha fina preta. Quando a pele nua atingiu o balcão, arfei na sua boca.

Suas mãos agarraram minhas coxas com tanta força que quase doeu.

— Linda — gemeu ele. — Não podemos fazer isso. Não aqui.

— Sim, podemos — falei, olhando-o.

Ele levou a mão ao meu rosto, acariciando meu lábio inferior com o polegar. Ele me olhava como se eu fosse a única coisa que o mantinha conectado ao planeta, mas também aterrorizado, com medo de que eu desaparecesse de repente.

Segurei sua mão no meu rosto por um momento antes de chupar seu polegar.

— Caralho — murmurou, e então me beijou de novo. Com força. — Tem certeza?

— Tenho certeza — garanti. — Sempre tenho certeza com você.

— Te prometo que não a trouxe aqui para isso — declarou ele na minha boca. Dei uma risadinha.

— Claro — respondi de forma sarcástica, embora acreditasse nele. — Agora para de falar.

Movi as mãos e o agarrei pela calça, enfatizando o que havia dito.

— Entendido — grunhiu, e me beijou de novo. Um dos seus dedos subiu pela minha coxa, e ele soube que eu estava molhada. Quando ele chegou à calcinha, arfei. — Eu devo arrancar isso ou só tirá-la do caminho? — Sua voz estava baixa. — Quantas decisões.

— Melhor tomar uma logo — falei, ofegante.

Dusty parou o que estava fazendo e colocou a mão no meu pescoço, seu polegar pressionou meu rosto.

— Estou esperando por isso há mais de uma década, linda — declarou, puxando minha calcinha para o lado. — Não quero fazer nada rápido com você. — Ele desceu o dorso da mão até minha buceta, e respirei fundo sofregamente.

O aperto no meu pescoço se intensificou ao mesmo tempo que ele enfiou um dedo dentro de mim.

— Ah — arfei.

— Linda — murmurou Dusty, enquanto me olhava. — Linda pra caralho.

E então sua boca estava na minha de novo. Sua língua se moveu dentro da minha boca, enquanto seu dedo se mexia dentro de mim. Minha respiração acelerou, e meu corpo começou a se mexer por conta própria.

Quando ele enfiou um segundo dedo dentro de mim, joguei a cabeça para trás com um gemido.

— É isso aí, linda — falou, enquanto lambia e chupava meu pescoço. — Deixa eu te escutar. Não seja tímida. Você nunca foi comigo.

Ele pressionou o polegar no meu clitóris, e não reconheci o som que saiu do meu corpo.

— Dusty — gemi, e ele mordiscou meu pescoço.

— De novo — grunhiu na minha pele. — Fala de novo.

Agarrei suas costas, tentando segurar sua camisa para me firmar.

— Dusty — falei de novo.

Mais. Eu queria mais. Arreganhei mais as pernas.

Senti quando a boca de Dusty deixou minha pele, mas não tive tempo de me perguntar para onde ela ia porque, quando ergui a cabeça, o vi cair de joelhos, me puxar para a beirada da bancada e meter a cara entre as minhas pernas. Eu me perdi

naquela sensação — de como ele parecia familiar e novo ao mesmo tempo. Era como se meu corpo lembrasse dele e reagisse a isso.

Ele segurou a calcinha para o lado enquanto me chupava. Eu o assisti absorta, enquanto ele me devorava com a boca e me fodia com os dedos.

A visão dele com as minhas pernas sobre seus ombros e os olhos fechados de prazer, fez meus quadris se animarem.

— Ah, meu Deus — arquejei, enquanto seus dedos entravam e saíam de mim.

O ritmo veloz e estável deles parecia tão diferente da languidez de sua língua que eu só queria mais. Nem registrei os sons que fazia ou como meu corpo estava se contorcendo. Simplesmente estava focada nele. Encarei Dusty entre minhas pernas até que senti um frio na espinha.

— Dusty... — gemi de novo e revirei os olhos.

Não conseguia saber se eu estava tremendo ou se era o mundo ao meu redor, mas algo com certeza estava desmoronando. Dusty aumentou a pressão no meu clitóris, lambendo e então chupando, e eu desfaleci.

Não estava acostumada com aquilo. O modo como meu corpo derretia sob o toque de Dusty pareceu estranho e maravilhoso. Não que não fosse incrível antes, mas havia algo diferente em ser mais velha, mais sábia e mais experiente.

E ele continuou. Não se levantou, me forçando a cavalgar na onda do orgasmo. Ele o fez durar, extraindo cada pedaço de mim. Quando enfim retornei, a boca de Dusty ainda estava lá, e pareceu demais. Eu precisava de algo diferente, algo mais. Eu o queria dentro de mim.

— Dusty — arquejei. — Não consigo... — balbuciei. — Chega, por favor — arfei.

Dusty ergueu a cabeça do meio das minhas pernas devagar e sorriu para mim.

— Desculpa — pediu, embora não soasse nem um pouco arrependido. — Eu estava com saudade... de fazer isso.

— Percebi — ofeguei.

Enquanto se erguia, ele limpou a boca com as costas da mão e, se já não estivesse sentada, eu provavelmente teria colapsado.

— Você é, hum... — Meu Deus, por que eu não conseguia fazer minha voz soar normal? — Você ainda é... bem bom nisso. — Pareceu uma coisa estúpida de se dizer. — Bem...

Dusty me beijou, interrompendo minha tagarelice idiota. Foi suave, afetuoso e me fez sentir que estava numa poça no chão naquele banheiro bem bonito.

— Estava há tempos esperando para colocar a boca em você de novo — sussurrou ele, sombriamente. — E não estou nem um pouco perto de acabar.

Envolvi seu pescoço, puxei-o para mais perto e usei a outra mão para tentar desabotoar sua calça.

Uma batida na porta nos assustou, e paramos o beijo.

— Tem alguém aqui? — chamou um homem.

Tapei a boca e comecei a rir.

— Tá ocupado! — gritou Dusty.

Quando seus olhos encontraram os meus, ele sacudiu a cabeça e começou a rir também.

Pressionou a testa na minha e respirou fundo.

— Vamos sair daqui.

Vinte e nove



Cam

Quinze anos atrás

Antes de conhecer Dusty, eu nunca teria entrado em nenhum estúdio de tatuagem. Só que, agora, ali estava eu, sentada ao seu lado enquanto ele riscava o braço. Dessa vez era uma mariposa de aparência esquisita, com crânios, perto do ombro. Eu já amava. Amava tudo nele.

A mão do braço que não estava sendo tatuado estava na minha coxa. Achei que ele ficaria tenso ou algo assim, mas não ficou. Estava relaxado. Às vezes, seus olhos ficavam fechados, e outras vezes estavam em mim.

Estávamos tentando não pensar no fato de que ele partiria em uma semana.

O artista trabalhando nele era um cara mais velho chamado Shannon, que estava coberto de tatuagens. Ele até tinha as palavras "OLD SCHOOL" tatuadas atrás da cabeça.

— E se eu fizer uma pra você? — disse Dusty do nada.

Olhei para ele desconfiada.

— Uma tatuagem?

— É. — Ele assentiu.

— Isso é... hum...

— Permanente — concluiu Shannon para mim.

— Isso — concordei, acenando com a cabeça para o tatuador. — Permanente.

Dusty ergueu e abaixou um ombro.

— E a gente também.

Embora estivesse partindo, eu não poderia argumentar. Parecíamos permanentes. Achei que isso me assustaria, mas não assustou. Me fez sentir que conseguiria aguentar tudo contanto que tivesse Dusty.

— Vou fazer uma também — informei, quase sem pensar. Achei que, uma vez que as palavras saíssem da minha boca, eu desejaria retirá-las. Mas não.

— Sério? — perguntou Dusty, depois de alguns segundos.

— Sério — respondi. — Somos permanentes.

— Ah, Deus — exclamou Shannon entredentes.

— O que você acha? — indagou Dusty.

— Acho que é idiota — declarou Shannon, enquanto tatuava. Senti meus ombros murcharem um pouco. Talvez fosse. — Mas às vezes coisas idiotas impulsionam a gente, então, se vocês querem, eu faço.

Meu coração começou a acelerar. Eu ia mesmo fazer aquilo? Quando olhei para Dusty, ele estava sorrindo, e foi quando soube a resposta. Sim. Sim, eu ia.

Sorri de volta para ele.

— Alguma ideia, Shan? — perguntou Dusty, mas seus olhos ainda estavam em mim.

— Nada de nomes completos — disse ele. — Ainda não descobri como cobrir ou mudar o nome da Betty no meu braço.

— Betty da lanchonete? — perguntei, chocada. Shannon fez que sim, e Dusty e eu caímos na gargalhada.

— Fique parado, garoto — ordenou a Dusty. — Já estou quase terminando.

— Desculpa — pediu Dusty, ainda rindo, e então se virou para mim. — E se eu fizer um A de Ash?

— Parece um pouquinho A letra escarlate, *não acha?*

— Mas funciona porque começamos trocando bilhetes na aula de inglês, e lemos A letra escarlate. *— Ele sorriu com sinceridade, seus olhos brilhando.*

O quanto eu era sortuda por encontrar um homem como ele, um amor assim, tão nova? E como eu poderia ficar a milhares de quilômetros longe dele? Como poderia dizer adeus?

— Onde você vai fazer? — perguntei.

Dusty ergueu a mão direita até a lateral do pescoço e bateu ali com o indicador.

— Bem onde você gosta de me beijar.

Menos de uma hora depois, Dusty tinha duas tatuagens novas, e eu tinha a minha primeira: a letra T no quadril. De Tuck, Tucker ou o nome completo de Dusty. Não doeu tanto quanto eu estava esperando. Além disso, a dor não importava. Agora eu tinha um símbolo da marca que Dusty deixou em mim. Para sempre. Eu estava mudada agora... e sabia que nunca voltaria atrás.

Quando a olhei no espelho, depois de acabarmos e antes de Shannon cobri-la para cicatrizar, me senti mais bonita, mais poderosa e mais eu do que nunca.

— Dusty — falei, enquanto andávamos até seu carro, de mãos dadas.

— Que foi, linda? — respondeu, e o puxei para mim, tomando cuidado para evitar o plástico filme e a gaze enrolada no seu pescoço.

Quando o fitei, me senti determinada.

— Quero ir com você — declarei.

— Para onde? Está com fome? Quer ir comprar algo para comer?

— Não, Dusty. Quero ir com você pra Montana. Semana que vem. Me leva com você.

Trinta



Cam

Depois que Dusty e eu pegamos os casacos e saímos correndo do evento, nos deparamos com uma parede de neve caindo. As camadas estavam enormes, e eu mal conseguia enxergar o que estava na minha frente. Havia pelo menos dois metros empilhados no estacionamento. Dusty me puxou para mais perto dele e usou o braço na minha cintura para me pegar e colocar sobre suas costas.

— Esses sapatos que você está usando não vão passar pela neve — avisou ele.

Joguei a cabeça para trás com uma risada e chutei os pés involuntariamente.

Tentei olhar para a frente, mas a neve ficou na frente, então olhei para Dusty. Encarei o contorno do seu rosto afilado, e seu pomo de adão se moveu quando ele engoliu em seco. Queria memorizar como Dusty estava naquele momento, tão perto de mim. Usei a mão para abaixar o colarinho branco do seu smoking para ver seu "A" tatuado inteiro. Eu me aproximei dele para beijá-lo de novo.

— Ash — falou, ofegante, quando fiz aquilo.

— Esqueci o quanto amava isso — falei, enquanto o beijava novamente.

Dusty grunhiu, e vi sua mandíbula tensionar.

— Eu não — rebateu.

Ele continuou me segurando enquanto colocava a mão no bolso e pegava a chave do meu carro. Eu o ouvi destrancá-lo. Estendi o braço para abrir a porta e, quando fiz isso, Dusty me colocou cuidadosamente dentro.

— Você tem tração nas quatro rodas, não é? — perguntou Dusty.

Uma de suas mãos estava na minha perna, e a outra, no meu pescoço.

— Claro — falei. — Moramos em Wyoming.

— Espertinha — disse, e ele me deu um beijo rápido, como se fosse fazer aquilo mais um milhão de vezes. Pareceu natural, só que o efeito que teve em mim foi tudo menos natural.

Levei as mãos ao seu paletó e o segurei por um instante. Ele deixou. Não perguntou por que, só ficou parado na neve enquanto eu estava sentada no carro, deixando-me sentir seu cheiro e gravando aquele momento em minha memória. Quando o soltei, ele me deu um sorriso.

— Coloca o cinto, linda.

Seja lá qual fosse a bolha em que estávamos, eu não queria estourá-la.

Ele se afastou e fechou a porta com suavidade. Fiz o que pediu. Quando entrou no carro e o ligou, estendeu a mão e acendeu o aquecedor do meu banco antes de pegar a escova de neve no banco de trás e sair de novo para limpar o carro.

Eu o observei pelas janelas enquanto as limpava. Não sabia se outra pessoa já tinha limpado o carro algum dia para mim. Tinha me acostumado a fazer aquilo sozinha, assim como todo o resto. Por um segundo, me assustei, como seria fácil me

acostumar com aquilo, ter alguém acendendo o aquecimento do carro ou limpando, dirigindo quando eu não quisesse.

Eu queria aquilo? Sempre pensei que, se pudesse cuidar de mim e da minha filha, se nunca precisasse depender de ninguém, nunca correria o risco de decepcionar ninguém também. Estava cansada de me sentir uma decepção, pelo menos aos olhos dos meus pais. Mas precisava admitir: isso fazia eu me sentir extremamente solitária às vezes. E se houvesse um modo diferente? Um modo que me permitisse dividir a carga, abrir mão do controle total de vez em quando?

Quando Dusty voltou para o carro, tirou a neve do cabelo e esfregou as mãos antes de pegar a minha. Os dois anéis de prata em sua mão estavam congelantes, e amei a sensação deles na minha pele.

— Pronta? — perguntou, e fiz que sim, grata mais uma vez por ele estar ali.

Eu odiava dirigir na neve. Já deveria ter me acostumado depois de todo aquele tempo, mas ainda me apavorava. Mas quando olhei para Dusty, ele estava calmo e com o carro sob controle.

— Você pode olhar os alertas de tempo para a estrada? — pediu. — Sinceramente, ficaria chocado se o cânion não estiver fechado.

— Acho que deveríamos só ir a um hotel — falei. — Mesmo que o cânion esteja aberto, acho que não é seguro fazer o caminho todo até em casa hoje. — Peguei o celular e procurei hotéis próximos. — Tudo bem pra você?

— Hum, sim — respondeu. — Se estiver tudo bem pra você.

Continuei rolando a tela enquanto Dusty se aproximava da cidade. Não havia nada perto do resort de esqui, e

provavelmente levaríamos menos de trinta minutos para avançar na montanha em direção a algo próximo da civilização.

— O que temos?

— Sem sucesso até agora. — Soltei um suspiro. — Não parece ter nenhuma opção boa.

— Já tentou só olhar pela janela e procurar uma placa neon "temos vaga na neve"?

Eu realmente ri alto com aquilo.

— É, não — falei. — Não costumo fazer isso.

Placas neons em geral não combinavam com minha preferência por lençóis brancos novinhos e roupões macios.

Dusty riu e sacudiu a cabeça.

— Sabe... tem um motel a uns dez minutos na estrada. Aposto que podemos encontrar algo por lá.

Grunhi, mas, quando tirei o olhar do celular e vi a estrada na nossa frente — tudo totalmente branco —, cedi:

— Tá bom.

— Prometo que não é ruim — garantiu Dusty. — Deve ser um dos lugares mais legais em que já fiquei na vida.

— É, mas você não é fresco como eu — falei.

— Não acho você fresca — respondeu Dusty. — Você sabe do que gosta e tem suas preferências.

— Então você não acha que sou uma esnobe? — perguntei.

Dusty me lançou um sorriso rápido antes de retornar os olhos para a estrada.

— Não falei isso — declarou ele. — Mas gosto do seu tipo de esnobismo, acho.

Ele pareceu estar remoendo algum pensamento antes de falar de novo.

— Falando em esnobismo... o que aconteceu com seus pais hoje? — perguntou Dusty. — Eles estavam tentando arranjar

alguém pra você? Bem, claramente não ficaram felizes de me ver, mas tentar exibir você como se fosse um pedaço de carne no mercado de casamentos parece um tanto antiquado... até para eles.

— Não quero falar sobre isso — repliquei.

Minha resposta pronta para tudo e qualquer coisa relativa aos meus pais.

— Não — rebateu Dusty na hora. Ele soava mais frustrado do que estava há um segundo. — Não vamos mais fazer isso. Preciso que você fale. Preciso que fale *comigo*. — Sua voz falhou, e me senti com meio metro.

Respirei fundo. Pelo menos ele estava dirigindo, então não precisava encará-lo. Talvez estivesse na hora de falar sobre aquilo, e conversar com Dusty parecia ser mais fácil do que conversar com outra pessoa.

— Há uns dois anos, eu estava pensando no que queria para Riley e para o meu futuro, e conheci Graham logo depois. Tínhamos muito em comum quando se tratava dos pais: não eram presentes na nossa vida, mas tentavam estar presentes nas nossas decisões. A gente não combinou... romanticamente, mas quando fomos a um evento juntos em que nossos pais estavam, eles ficaram empolgados. Assim que meu pai me viu com Graham, acho que sua mente começou a trabalhar em como aquilo poderia beneficiá-lo. Graham contou a mesma coisa sobre o pai dele.

— E nós dois tínhamos a condição de que os parceiros em nossos... fundos fiduciários precisavam da aprovação dos nossos pais. Então a gente meio que entrou nesse relacionamento estranho em que ambos sabíamos que estávamos usando um ao outro, mas não tínhamos problemas com isso, porque era a primeira vez que conseguiríamos um pouco de paz. Mas, depois do confronto no evento de gala,

percebi que eu era a principal responsável por todo o incômodo que sentia perto dos meus pais. Tudo o que eu fazia era me esforçar para evitar a decepção ou as críticas deles. Se eu pudesse andar bem na linha que eles consideravam apropriada, eles me deixariam em paz. Eu poderia mantê-los a uma distância segura. E, se fizesse algo que eles realmente *quisessem*, como me associar a um homem adequado que beneficiaria o futuro financeiro deles, achei que fosse conseguir até mais do que isso, achei que talvez conseguisse finalmente fazê-los felizes. Quem sabe conseguisse substituir todas as decepções deles por algo melhor. Só que, claro, eu deveria ter percebido: nunca conseguiria deixá-los felizes de verdade. Então, quando Graham mencionou o casamento, pareceu uma boa ideia. E decidi aproveitar a oportunidade para garantir alguma espécie de herança deles para Riley, dinheiro mais do que suficiente para a faculdade e um bom pé-de-meia.

Olhei as mãos de Dusty pelo canto do olho. Elas apertavam o volante com força.

— Então ficamos noivos. As coisas estavam bem. Nós dois nos sentíamos... bem. Talvez não felizes, mas contentes, pelo menos.

— E ele cancelou o casamento.

— Conheceu alguém — sussurrei.

Alguém que o fez perceber que a oportunidade de uma vida completa valia mais do que a garantia de uma pela metade.

— Então você ia se casar com alguém que não amava para sua filha ter um pouco de dinheiro? — perguntou Dusty.

Seu tom foi cortante e me magoou.

Ele fez parecer tão simples, mas não era.

— Você não entende — falei na defensiva.

— Explica pra mim então — pediu ele. — Porque, você tem razão, não entendo mesmo. Você não é mãe solo da Riley. E não é como se Gus não tivesse dinheiro. Entendo que os Ryder não têm o dinheiro dos Ashwood, mas são estáveis. Riley teria apoio.

Dusty saiu da estrada.

— Eu queria cuidar dela também — falei. — E não tinha nada na época. Decidi trancar a faculdade de direito por um tempo quando engravidei, e nos primeiros anos após o nascimento de Riley, precisei focar em aprender a ser mãe. Então só... não queria ser um fardo para os Ryder. Me senti insegura com o fato de ter acabado de ser jogada numa família que se importou comigo na hora. Eu estava... só me preparando para quando tudo desse errado.

— Mas agora você está bem. Se tornou advogada, ganha bem. Mesmo que odeie. Mesmo que Gus não estivesse com você, Riley ficaria bem.

Sua voz grave retumbava de frustração.

— Não odeio!

Dusty bufou.

— Desculpe, mas por que está com raiva? — perguntei.

— Por que estou com raiva? — ele repetiu. — Não estou com raiva. Estou puto. Estou puto porque, depois de todos esses anos, parece que você ainda não se vê com clareza. Estou puto porque seus pais gravaram uma ideia ridícula em você, de que amor precisa ser merecido e não somente dado. Estou com raiva porque você ia se acomodar com uma vida que não amava porque era mais conveniente. Estou puto por você, de todas as pessoas, pensar que sua filha precisa de todas as coisas que você teve. Eu estava lá, Cam. Você teve tudo o que o dinheiro podia comprar e mesmo assim não era feliz. Riley

tem apoio. Ela tem segurança e um exército de gente que faria qualquer coisa por ela.

— Estava só sendo prática — falei na defensiva.

— Que se foda a praticidade — disse Dusty, baixo. Baixo demais.

Ele ficou estranhamente calmo depois do desabafo, e senti a dor familiar dos últimos quinze anos voltar a me invadir, enquanto Dusty entrava com meu carro num estacionamento coberto de neve. Ele desligou o motor antes do carro estar totalmente no estacionamento.

E então saiu do carro. Eu esperava que ele saísse com raiva, mas não. Ele deu a volta na frente do carro, abriu a porta para mim e me pegou, ainda não me deixando andar na neve, embora eu pudesse sentir sua raiva nos ombros tensos.

Entramos num saguão mal iluminado que tinha um cheiro um pouco estranho. Assim que entramos, Dusty me colocou no chão e seguiu adiante. Havia uma mulher na recepção com cabelo bem preto e piercing no septo. Os únicos barulhos que conseguia ouvir vinham da música fraca vazando dos fones de ouvido que ela usava e do chiclete que ela mastigava.

A mulher ergueu o olhar quando chegamos ao balcão. Seu crachá dizia “Mal”. Ela olhou duas vezes ao avistar Dusty.

— Oi — saudou ele. — Você tem dois quartos para esta noite?

Não sei por que aquele pedido foi como um tapa forte na cara, mas foi.

— Hum. — Mal procurou desajeitada no computador. — Só temos um quarto disponível para esta noite. A neve tirou muita gente da estrada — informou. Vi os ombros de Dusty subirem e descerem de frustração. Mal olhou atrás dele e me

viu. Ela olhou para nós dois, provavelmente sentindo a tensão. — Mas tem duas camas.

— Tudo bem — disse Dusty, entredentes.

— Ótimo — respondeu Mal. — Só preciso de algumas informações de vocês.

Escutei Dusty dizendo seu nome e sobrenome e dando a Mal sua carteira de motorista.

— Dinheiro ou cartão? — perguntou ela.

— Dinheiro — respondeu Dusty, e pegou a carteira no bolso interno do paletó. Eu o vi tirar uma nota de cem dólares e colocá-la no balcão. Mal deslizou uma chave por ele ao mesmo tempo.

— Vocês vão ficar no quarto 48 — avisou ela. — Podem sair pela porta dos fundos atrás de mim. O corredor é coberto, então não precisam se preocupar com a neve. Seu quarto fica à direita, perto do fim do corredor.

— Obrigado — respondeu Dusty, ao pegar a chave na mesa.

Ele me olhou e me deu um aceno de cabeça antes de ir até a porta. Segui. Quando saímos, fui caminhar do lado que dava para a rua, mas ele colocou a mão na minha cintura e gentilmente me empurrou para o outro lado, mais longe do frio — para que eu estivesse segura. Caminhamos em silêncio.

Quando nos aproximamos do fim do corredor, comecei a olhar os números dos quartos até ver o nosso. O 4 era de metal, mas parecia que o 8 tinha caído.

Dusty colocou a chave na fechadura e abriu. Ele me deixou entrar primeiro. Ele tinha razão, não era nem um pouco ruim. Era rústico, com cobertores de flanela nas camas e paredes de painel de madeira, mas também era limpo e aconchegante.

— Vou dar uma olhada na máquina de vendas — avisou Dusty, com a voz ainda ríspida. Eu odiava aquilo, e odiava que estivesse direcionado a mim. — Pegar um pouco de água e lanches para a gente. Algum pedido?

Meu estômago roncou com a menção dos lanches.

— Se tiver aqueles donuts pequenos cobertos de açúcar, eu quero — falei.

Dusty não respondeu. Só assentiu e me deixou sozinha no quarto de hotel.

Suspirei quando me joguei em uma das camas e tirei os sapatos. As palavras de Dusty ressoavam repetidamente na minha cabeça, como uma bateria no meu crânio. Eu não podia lidar com aquilo no momento.

Então me levantei, fui até os fundos do quarto e acendi a luz do banheiro, que estava surpreendentemente limpo e era bonito. Graças a Deus. Precisava de um banho. Abri a torneira antes de voltar à cama. Tirei o casaco e vasculhei a bolsa.

Nunca seria pega saindo de casa sem cinco coisas: lenço demaquilante, solução de lente de contato, uma presilha de cabelo, algum tipo de hidratante e pelo menos oito protetores e hidratante labiais. Naquele momento, estava imensamente grata por isso.

De volta ao banheiro, tirei o vestido, graças a Deus era de fecho lateral. Prendi o cabelo no topo da cabeça e entrei no chuveiro, deixando a água quente cair no meu corpo. Esfreguei os ombros e mantive o rosto sob a água corrente.

Tentei esvaziar a mente. Bem, tentei empurrar tudo que estava sentindo para um pequeno compartimento que pudesse fechar e trancar. É ali que mantinha tudo relacionado a Dusty bem fechado e trancado. Fora da vista, fora da mente. *Igualzinho à caixinha de madeira dele*. Caramba.

Só que Dusty não estava mais fora de vista. Ele estava ali. Comigo. E ocupava cada parte livre da minha mente.

Não sei por quanto tempo fiquei no chuveiro, mas, depois que minha pele ficou num tom vermelho forte por causa da água quente e ficou difícil respirar por causa do vapor, fechei a torneira, saí e me enrolei numa toalha.

Quando abri a porta do banheiro, vazou vapor para fora. Dusty tinha retornado da máquina de venda. Havia um conjunto de lanches em cima do minibar, incluindo os donuts de açúcar.

O homem estava deitado na cama. Ele tinha tirado o paletó e a camisa, e estava com o peito nu e com as mãos atrás da cabeça no travesseiro. Era a primeira vez que o via sem camisa depois de adulto. Seu peito e sua barriga eram iguaizinhos ao restante dele: tonificados e cheio de tatuagens espalhadas. A adaga que se estendia desde uns centímetros acima do seu umbigo até o peitoral capturou meu olhar. Seus olhos estavam fechados. Quando me ouviu, Dusty suspirou e os abriu.

— Quero falar com você — avisou sem me olhar. Seus olhos estavam no teto.

— Tá bom — falei, baixinho.

— E preciso que você fale também.

Ele me olhou, e vi seus olhos me analisarem rápido. Andei até a outra cama e me sentei na beirada, de frente para ele.

— Tá bom.

— Me desculpa por gritar com você — pediu.

— Você não gritou.

— Mas fiquei com raiva. Eu só... no último ano, vim tentando manter distância porque você estava noiva, e não sabia se conseguiria ser realmente seu amigo sem querer algo que você não podia dar. Acho que machuca saber que você estava escolhendo alguém que nem amava em vez de... bem,

em vez de mim, em vez de ser minha amiga. E estou puto pra caralho com você por achar que aquilo era tudo que você merecia.

Abaixei o olhar para meus pés descalços. Não sabia como responder.

— O que eu sou pra você, Ash? — perguntou. — E se disser que somos só amigos, juro por Deus, vou fazer a Mal procurar outro quarto pra mim. Não ligo se precisar dormir na mesma cama que um caminhoneiro qualquer.

— Não sei — falei com honestidade.

— O que quer que eu seja?

— Não sei — repeti.

Daquela vez, não fui sincera, e ele deve ter percebido.

— Não acredito em você — rebateu ele. — Tenta de novo.

Seus olhos estavam em mim e não mostravam nenhum sinal de que desviariam. Aquela era a primeira vez que ele me pressionava, realmente me pressionava, desde que reentramos na vida um do outro. Ele era o único que sabia como e quando fazer isso.

Suspirei. Não podia fugir dele, e não queria mesmo. Não de novo. Encarei seu olhar e, pela primeira vez em anos, destranquei a caixinha na minha cabeça e fui total e completamente honesta comigo mesma.

— Tudo — sussurrei. — Quero que você seja tudo.

Seus olhos permaneceram em mim enquanto ele levantava da cama e se ajoelhava na minha frente. Dusty colocou as mãos de cada lado das minhas coxas.

— Estou pronto pra isso. Você está?

— Não — declarei com honestidade. — Mas acho... acho que estou ficando.

Vi algo lampejar em seus olhos: esperança. Dusty pôs a cabeça no meu colo, e ergui a mão para acariciar seu cabelo e a

lateral do seu rosto sem nem pensar.

— Senti saudade de você — murmurou. — Amei viajar pelo mundo, Ash. Amei mesmo. — Ele apertou minhas coxas um pouquinho. — Amei conhecer gente nova e ver partes do mundo com que meu eu adolescente só podia sonhar desta cidadezinha. Amei dormir sob as estrelas e escutar poesia de caubói e fazer tatuagens bobas. Mas, sobretudo, amei, no fim disso, ter voltado pra cá. Pra você.

Mas ele ficaria? Ele roçou o nariz na minha coxa nua.

— Dusty — falei, ofegante. Ele ergueu a cabeça e me fitou. Segurei seu rosto. — Suas tatuagens não são bobas — declarei, e o sorriso que se estendeu por seu rosto poderia me energizar por semanas.

— Você... — Ele engoliu em seco, nervoso. — Ainda tem a sua?

— Sim — sussurrei. — Tenho.

— Posso ver? — perguntou.

Fiz que sim, e nos levantamos da cama. Parecia que alguém havia aumentado o calor no quarto. Antes que perdesse a coragem, soltei a toalha, e os olhos de Dusty não perderam tempo e foram direto para a lateral do quadril esquerdo. Bem ao lado do osso, um pequeno "T" preto na mesma fonte que o "A" do seu pescoço.

Não saberia dizer se ele caiu de joelhos de novo de propósito ou se foi a visão daquilo que o impulsionou, mas agora ele estava na altura da tatuagem. Senti seu polegar raspá-la, enquanto ele a encarava com descrença. O som que escapou de sua garganta foi algo entre um gemido e um lamento, enquanto levava os lábios a ela.

— Sobe na cama — pediu ele, perto da minha pele.

— Qual? — perguntei com uma risada ofegante.

— A minha — indicou, rouco. — Quero você na minha.

Ele levantou e agarrou minha cintura, me virando para as minhas costas ficarem na direção da sua cama antes de me erguer e me jogar nela. Uma risada de surpresa me escapou, quando minhas costas atingiram o colchão, mas ela foi interrompida por Dusty subindo em mim e selando a boca na minha.

Foi intencional, lento e faminto. Ele me beijou como se estivesse faminto, mas quisesse saborear cada pedacinho restante da refeição.

— Senti sua falta — ele falou contra minha boca. — Senti sua falta todos os dias.

Agarrei seus ombros.

— Estou aqui agora — respondi. — Nós estamos aqui agora.

Ele continuou me beijando lentamente. Moveu sua boca até a minha bochecha, meu pescoço e meu peito, me saboreando. Senti a ponta da sua língua e seus dentes. Dusty nem tinha colocado as mãos em mim, e eu já estava arfando embaixo dele.

Dusty se apoiou nas mãos e pairou sobre mim. Arrastou os olhos pelo meu corpo, e foi como se fizesse isso com a língua.

— Você é tão linda — disse.

Quando estávamos no banheiro do evento, as coisas foram muito rápidas. Ficamos tão frenéticos e excitados que esqueci que meu corpo era algo de que costumava ter vergonha, pelo menos quando estava nua. Esperei a apreensão surgir, afinal de contas, meu corpo havia mudado completamente desde quando ele o viu pela última vez, porque eu tinha carregado um bebê inteiro nele, mas ela não surgiu.

Quando Dusty me dizia que eu era linda, eu acreditava nele.

— Você também é — devolvi. Eu o olhei, seus braços e peito desenhados. Tracei a adaga no peitoral com os dedos, e ele fechou os olhos, respirando fundo.

— Quero saber tudo sobre essa.

— Temos tempo — falou ele, e então me beijou de novo.

Dusty foi quem me ensinou o quanto eu gostava de beijar e, caramba, eu ainda gostava. E beijar, sobretudo, ele.

Sua mão começou a vagar — por minha clavícula, pela cintura, pela coxa — enquanto a outra o mantinha pairado sobre mim. Dusty me tocava com reverência, como se não conseguisse acreditar que eu estava ali com ele.

Eu não conseguia acreditar também. Mas queria mais, então passei as unhas por suas costas e agarrei seu quadril. Tentei puxá-lo para ficar alinhado com o meu, mas ele continuou parado.

— Não me apressa — pediu no meu ouvido. — Quero passar a noite toda adorando seu corpo, aprendendo todas as coisas que não sei sobre ele e lembrando de todas as coisas que sei.

— Pode pelo menos fazer isso sem calça? — pedi, ofegante.

Dusty tirou a cabeça de onde beijava meu pescoço e me olhou. Levou a mão ao meu rosto e passou o polegar no meu lábio inferior.

— Abre — mandou, então abri, sempre a seguidora de regras. Ele enfiou o polegar na boca, e na hora mordi e o chupei. Dusty gemeu. — Não sou mais um adolescente atrapalhado, linda, e, quando eu falo que quero ir sem pressa, eu vou sem pressa, e você vai amar. E então, quando estiver pronta, quero que pegue o que quiser. Quero que pegue tudo de mim de que você sentiu saudade nos últimos quinze anos, tá bom?

Ele tirou o polegar da minha boca, para que eu respondesse.

— Sim — respondi, ofegante.

— Essa é minha garota — disse, e então me beijou de novo.

Com mais força daquela vez e, quando sua mão encontrou a umidade entre minhas pernas, arqueei as costas e gemi sob ele.

— Tenho uma camisinha na carteira — avisou.

— Estava esperando se dar bem hoje? — perguntei de brincadeira.

Dusty colocou a língua dentro da minha boca ao mesmo tempo que um de seus dedos entrou em mim, e fiquei molenga com um gemido.

— Sempre sinto que me dei bem com você — declarou. — Mas não, está ali há um tempo. Mas estou com todos os exames feitos.

— Eu uso DIU — falei. — Mas... — parei, de repente nervosa e tímida.

Dusty percebeu imediatamente. Rolou para o lado e me puxou com ele para ficarmos de frente um para o outro. Por instinto, engatei a perna na sua coxa.

— Mas o quê?

Senti um rubor surgir nas bochechas. Nunca tinha dito aquilo para ninguém, não costumava ser verbal em nenhum momento na cama. Pelo menos, não desde Dusty.

— Não quero que goze dentro de mim — sussurrei. — Eu, hum, não quero mais filhos.

Dusty parou por um segundo e me olhou com atenção.

— Saquei, linda — respondeu, e me beijou de novo. — Obrigado por me falar. Quero que sempre me conte coisas

assim, tudo bem? Pode fazer isso por mim? — Assenti, mas Dusty falou: — Dou minha palavra, meu anjo.

— Sim — afirmei. — Vou te contar.

— Obrigado — disse ele, com a boca na minha.

Ele me beijou por um tempo, explorando minha boca com sua língua e meu corpo com os dedos. Fiquei tão excitada que meu quadril começou a se mexer por conta própria sempre que seus dedos se aproximavam do meio das minhas pernas.

Levei as mãos até sua cintura e comecei a desabotoar sua calça. Ele deixou. Baixei o olhar quando a empurrei por seu quadril e vi seu pau duro na cueca preta.

— Ainda usa o mesmo modelo?

— Algumas coisas nunca mudam. — Ouvi o sorriso na sua voz. Ele me ajudou a descer sua calça e a tirar. Então a joguei do outro lado do quarto. Sua risada ressoou. — Que agressiva. Gostei.

— Quero você — foi como respondi.

Com os dedos presos no seu cabelo, puxei-o para mim de novo. Nossos corpos estavam alinhados, e não era o bastante. Queria ficar mais perto dele. Queria tudo.

Dusty deslizou o dedo para dentro de mim de novo, e nós dois gememos. Rebolei na sua mão.

— Isso aí — disse ele. — Essa é minha garota.

Outro dedo, outro gemido. Mais beijos, mais línguas.

Meus quadris se mexiam mais rápido, e Dusty manteve o ritmo com os dedos.

— Meu Deus — grunhi. — Mais, Dusty. Por favor.

Ele tirou os dedos de mim, só que, antes de eu ter tempo de sentir falta deles, Dusty agarrou minha bunda, me rolou e me colocou sobre si. Arfei com o contato com seu pau duro.

Então me sentei, deixei a cabeça cair para trás e rocei nele.

— Ah, caralho, linda — murmurou. — Isso mesmo. Sou seu. Você passou tempo demais se entregando para outros. Agora pega o que quiser. Pega de mim. Roça no meu pau. — Gemi com suas palavras. Não sabia que gostava disso. — Nossa, você é linda, Cam. Amo como você está agora.

Eu o fitei. Seus braços estavam flexionados enquanto ele agarrava meu quadril, e a mandíbula estava tensa, como se estivesse focando muito em algo.

— Posso sentir pela cueca o quanto você está molhada — disse ele, enquanto inclinava a cabeça para trás. — Puta que pariu.

Entre o ritmo que eu tinha encontrado, a estimulação no clitóris e as palavras de Dusty, eu estava perto de gozar pela segunda vez naquela noite, e queria. Queria demais.

— Posso gozar assim?

— Você pode gozar como quiser, linda. Continua. Continua roçando em mim. — Minha respiração acelerou, e comecei a sentir o aperto familiar na base da minha coluna. — Isso aí, amor. Você está bem perto, não está? Consigo sentir. Caralho.

— Tô — choraminguei. Dusty apertou mais ainda meu quadril. O movimento dele se tornava mais esporádico e irregular. O aperto na minha coluna ficou mais intenso enquanto eu me mexia mais devagar. — Ai, não para — gemi. — Ai, caralho, vou gozar...

— Isso, amor. Isso.

Caí para a frente e segurei a cabeça de Dusty pelos dois lados. Eu mal conseguia me segurar enquanto gozava. Meu corpo tremia, e fechei os olhos.

Quando os abri, Dusty me olhava como se eu fosse a coisa mais linda que ele já tinha visto. Não tive chance de absorver aquilo antes de ele me virar de costas de novo. Dusty levantou

e tirou a cueca, seu pau saltando livre, e então ele voltou para cima de mim.

— Quero meter em você — declarou.

Eu agarrei seu pau. Quando fiz contato com a mão, Dusty murmurou um palavrão. Eu o guiei para a minha buceta.

— Estou pronta — avisei. — Quero você. Por favor.

— Você tinha que usar o "por favor"... — falou ele com uma risada ofegante. — Uma garota boazinha pra caralho.

Quando a cabeça do seu pau deslizou para dentro de mim, nós dois arfamos. Ele entrou tão devagar que foi torturante. Tentei erguer o quadril, mas ele me segurou, levando seu precioso tempo.

— Sentir você é gostoso pra caralho — elogiou ele, e arqueei as costas com um gemido. — Isso, linda. Mal posso esperar pra você tomar cada centímetro meu.

— Eu quero — pedi. — Por favor, Dusty. Mais rápido.

Em vez de fazer o que eu queria, Dusty tirou tudo de mim, e eu bufei, frustrada.

— O que falei sobre me apressar?

— Pra não fazer — reclamei.

— Isso mesmo — rebateu ele, quando começou a meter em mim de novo. Meu Deus, era demais. — Olha pra mim, Cam. Quero ver você.

Encontrei seus olhos, e o carinho neles teria me feito derreter na cama se eu já não estivesse toda encharcada. Senti tantas coisas de uma vez só, excitação, frustração, adoração, que quase não conseguia lidar com tudo.

Dusty entrou mais em mim e, quando se acomodou completamente, nós dois sentimos. Ele desmoronou em cima de mim por um instante com um grunhido.

— Só preciso de um segundo — pediu. — Me dá só um segundo.

Passei a ponta dos dedos por toda a coluna dele. Senti ele se arrepiar inteiro. Eu daria a ele o quanto precisasse. Amava aquilo. Acho que ainda o amava, mas não conseguia pensar muito nisso ainda. Não no momento.

Quando Dusty começou a se mover dentro de mim, se apoiou nos braços de novo. Ele entrava e saía lentamente, com a mão no meu pescoço. O metal frio dos seus anéis pressionados contra minha pele me fazia estremecer, e gememos enquanto ele se movia. Porra, estávamos fazendo barulho. Não sabia que horas eram, mas me senti mal pelas pessoas no quarto ao lado.

Mantive os olhos em Dusty o máximo que pude, só que, de vez em quando, eles se reviravam. Quando faziam isso, ele se abaixava e me beijava, me lembrando que queria meus olhos nele.

— É isso — falou. — Não se esconde de mim.

Dusty aumentou o ritmo dos quadris, e tentei encontrá-lo em cada estocada. Os barulhos que saíam dele eram obscenos. Queria memorizá-los, para escutá-los várias e várias vezes.

— Você está indo tão bem, linda. Está indo tão bem pra mim.

Suas palavras caíam sobre mim como água quente. Empurrei o quadril até ele, tentando encontrá-lo.

Dusty gemeu.

— Caralho, amor — exclamou. — Você tem que me avisar se for fazer isso. Ai, meu Deus. — Eu me sentia poderosa com a forma como ele reagia a mim, então continuei, continuei acompanhando-o em cada estocada. — Só mais algumas e então vou tirar, só mais algumas, tá bom?

— Tá — gemi.

— Onde você me quer, linda? Me diz pra onde ir.

— Lá no fundo, por favor. Quero sentir você.

— Porra, lá vai você de novo. — Suas estocadas se tornaram mais esporádicas conforme ele perdia o controle. Dusty afundou os dentes no lábio inferior e arfou. Seus gemidos e arquejos ficaram mais altos e mais frequentes, como se ele mal estivesse se controlando. — Pelo amor de Deus, mulher — grunhiu quando tirou.

Dusty soltou meu pescoço e agarrou o pau. Ele deu uma última estocada com a mão e eu senti uma quentura por toda a minha barriga.

Observei seu rosto enquanto ele gozava, como se estufava e arfava. Nossa, ele era lindo. Seus braços tremeram enquanto ele se segurava sobre mim. Quando seus olhos se encontraram com os meus, depois de um minuto, estavam quase fechados e entorpecidos.

Movi a mão até a barriga e passei um dedo pela lambança ali antes de trazê-lo de volta para a boca e o provar.

— Porra — ele falou, entre dentes, e então desceu a boca para a minha. — Você é gostosa pra caralho. — Ele me beijou por um tempo, até nossa respiração diminuir. — Espera aqui — pediu, e então saiu da cama. Ouvi a água jorrar no banheiro.

Encarei o teto do motel, tentando processar o que tinha acabado de acontecer, mas meu cérebro estava frito. Eu estava simplesmente... contente. Feliz até. Quando Dusty retornou, me limpou com cuidado antes de se deitar ao meu lado e me puxar para si.

Ele me segurou perto e passou as mãos delicadamente pelas minhas costas, de cima para baixo, enquanto eu colocava a cabeça no seu peito.

— Você foi incrível, linda — elogiou, com um beijo na minha testa. — Você é perfeita. Você é perfeita pra caralho.

Apertei os braços ao redor dele. *Perfeita*. Eu sabia que nada nem ninguém poderia ser realmente perfeito, sobretudo eu. Só

que, com Dusty, eu me sentia bem perto disso.

— Senti saudade — sussurrei, finalmente ficando corajosa o bastante para dizer isso no meio da madrugada.

Os batimentos dele estavam no meu ouvido, e os ouvi parar.

— Venho esperando ouvir isso há quinze anos — respondeu, num sussurro.

— Obrigada por voltar — murmurei.

Trinta e um



Cam

Quatorze anos atrás

Ash,
Hoje é um longo dia. Não devo chegar em casa antes de você dormir.
Saudade. Te amo.
Dusty

Encarei o bilhete que Dusty tinha deixado na bancada da cozinha do nosso pequeno apartamento de um quarto. Estávamos ali desde quando viemos para Montana em julho, e era quase novembro. Dusty conseguiu um emprego como guia florestal pelo resto do verão e começo do outono. Estávamos planejando ficar ali durante o inverno e então tentar ir para o Colorado ou norte da Califórnia durante o verão.

Trabalho por estação era... diferente do que achei que seria. Dusty amava. Ficava tão animado em ir para novos lugares e experimentar coisas novas. Eu amava a alegria no seu rosto quando me contava do seu dia e dos planos para o futuro.

Dusty falava que eram nossos planos, mas eu ainda não sabia onde me encaixava neles. Não sentia que tinha gosto por me mudar a todo tempo e não ter algo tangível para almejar. Acho que eu estava sem objetivos. Não tinha mesmo planos ali. Eu trabalhava numa lojinha de roupas country na cidade, o que era legal, mas, na maioria das vezes,

ficava entediada. Quando estava no trabalho, desejava estar no apartamento e, quando estava no apartamento, desejava que Dusty estivesse lá, mas ele dificilmente estava. Ele saía cedo e muitas vezes chegava tarde em casa.

Eu sabia que melhoraria quando a estação acabasse em algumas semanas, só que, no momento, era horrível. E, quando estava sozinha, a única companhia que tinha eram meus pensamentos. Havia cometido um erro? Tinha arruinado minha vida ao seguir Dusty?

Li o bilhete de novo. Saudade. Te amo.

Eu o amava também. Demais. Mais do que o amava antes deixar Meadowlark. Tudo nele parecia muito certo, mas quase tudo o que estávamos vivendo parecia... errado. Eu descontava em Dusty o tempo todo — quando ele deixava o armário aberto ou a louça na pia ou as botas de trabalho na porta. Sabia que estava exagerando ou descontando meus sentimentos e minhas frustrações na pessoa errada, mas não conseguia evitar. Dusty era paciente comigo, mas eu me sentia muito envergonhada. Sentia que estava tentando sabotar a mim mesma e nosso relacionamento.

Pela primeira vez em um tempo, também pensava nos meus pais. Eles sabiam onde eu estava, mas eu não falava com eles desde algumas semanas após partir. E até ali, eles não agiram como se estivessem preocupados comigo ou quisessem que eu voltasse para casa. Minha mãe só me lembrava de que minha decisão significava que eu não estava satisfazendo os requisitos do meu fundo fiduciário. Depois disso, eles cancelaram meu celular e congelaram minha conta bancária, o que fazia sentido. Era o dinheiro deles.

Não sei por que achei que se importariam além disso. Nunca tinham se importado.

Um suspiro longo escapou dos meus lábios, um desses suspiros em que a pessoa sente o corpo todo murchar e não sabe se um dia conseguirá se erguer de novo.

Fui em direção ao banheiro e liguei o chuveiro, girando a torneira até a água ficar o mais quente possível. Quando arrastei a cortina e entrei, afundei na banheira. Deixei a água quente cair em mim até começar a ficar fria.

O colchão afundou quando Dusty subiu na cama ao meu lado mais tarde naquela noite. Ele envolveu o braço na minha cintura e me puxou para seu peito. Senti seus lábios na minha nuca. Não sabia que horas eram, provavelmente tarde, mas não tinha conseguido pegar no sono ainda.

Enrosquei os dedos nos dele.

— Ainda está acordada, linda? — sussurrou no meu ouvido.

— Não consegui dormir — falei, sufocada.

— O que há de errado? — perguntou, me puxando mais para perto.

Dei um suspiro profundo.

— Você está feliz, Dusty?

Ele ficou tenso atrás de mim. O mundo nunca tinha ficado silencioso de forma ensurdecedora como naquele momento. Quase conseguia sentir as fissuras se formando no meu coração enquanto o esperava responder.

— Eu te amo, Cam — sussurrou ele. — Eu te amo muito.

— Não foi isso que perguntei.

— Você está feliz?

— Eu não... — Uma lágrima deslizou do canto do meu olho até o travesseiro. — Acho que não estou, Dusty.

De repente, estar perto dele, em seus braços, pareceu demais. Eu me sentei, me soltando dele, e saí da cama.

— O que posso fazer? — perguntou ele.

Não olhei para ele.

— Quero ir pra casa — falei. — Quero voltar para Meadowlark.

Não sabia se era aquilo o que queria, mas, agora que tinha dito, senti que tinha um anzol de pesca no meu peito, que me puxava de

volta. Não queria ficar ali. Queria ficar com Dusty, mas não queria ficar ali.

Em Meadowlark, eu podia pelo menos participar das aulas da Universidade de Wyoming no campus de lá. Podia começar a sonhar com algo.

— Certo — falou Dusty, baixinho. — Posso te levar de volta esse fim de semana, e podemos... podemos resolver a coisa da distância, tudo bem?

Juntei as sobrancelhas quando enfim virei para ele.

— Não — respondi, confusa. — Quero que a gente volte para Meadowlark.

Dusty passou as mãos pelo cabelo loiro. Não conseguia realmente ver seu rosto no escuro, só o que estava iluminado pelo luar entrando pela janela do quarto.

— Cam... eu tenho um emprego.

— Eu sei. Podemos voltar quando a estação acabar semana que vem.

Ouvi Dusty suspirar.

— Eu... não quero voltar pra casa, Cam. Esse era meu plano. Esperei por isso a vida toda, uma chance de explorar.

Senti que alguém tinha me dado uma rasteira.

— Certo — falei, com frustração borbulhando sob a pele. — Mas meu plano era ir pra faculdade, e mudei de ideia por você. Pela gente.

— Eu nunca te pedi pra fazer isso — Dusty disparou, com raiva.

Ele nunca tinha falado comigo irritado. Sempre que brigávamos, ele ficava calmo. Era eu quem tinha um temperamento difícil.

— Só que eu fiz — disparei de volta. — E me arrependo todo santo dia.

— Conversamos sobre isso antes de virmos pra cá, Cam. Eu te falei que estava preocupado por você não ir para a faculdade, que estava preocupado com a gente assumindo muita coisa cedo demais, e você ignorou.

— Bem. — Cruzei os braços. — Achei que seria diferente.

— E de quem é a culpa? Não pedi pra você vir pra cá. Não pedi pra você abandonar a faculdade. Eu estava pronto pra tentar um relacionamento a distância. Estava pronto pra gente seguir em frente assim.

— Certo, bem, desculpe por te amar, então — rebati, odiando como aquilo soou saindo da minha boca.

— Ai, meu Deus — exclamou Dusty, se levantando da cama. — Você está de sacanagem comigo? Que palhaçada o que você acabou de dizer. Você sabe disso.

Foi uma palhaçada, mas não me importei. Dusty tinha acabado de me dizer que estava escolhendo aquele apartamento mequetrefe em Montana em vez de nosso relacionamento.

— Não consigo mais. Não quero ficar aqui, e acho que você não me quer aqui.

— Claro que eu te quero aqui, Cam, mas não te quero aqui se você não quiser estar aqui. Eu me preocupo com você o dia todo, todo dia. Odeio que você fique aqui sozinha, mas você não faz nada para mudar isso. Não posso ser responsável por nós dois. Ainda estou aprendendo a ser responsável por mim.

— Tá bom. — Dei de ombros, tentando disfarçar o quanto me sentia magoada e confusa. — Então terminamos por aqui.

No escuro, consegui ver Dusty se enrijecer antes de suspirar.

— Acho que não deveríamos continuar isso agora — respondeu. — Estamos no meio da madrugada. Estou cansado. Você está cansada. Nós dois estamos sentindo muitas coisas.

Bufei, como se importasse.

— A gente pode, por favor, falar disso amanhã quando eu chegar em casa? — implorou Dusty.

— Tá. Que seja.

Então, Dusty pegou o travesseiro e foi para a sala. Eu chorei até dormir e, na manhã seguinte, depois de Dusty sair para trabalhar, fiz a

mala.

Dusty,
Achei um ônibus que vai pra Jackson Hole. Boa sorte com seus planos.
Cam

Trinta e dois



Cam

Acordei com o peso do braço de Dusty na minha cintura e com sua respiração na nuca. Quando comecei a me mexer, ele me puxou para mais perto e esfregou o nariz no espaço entre meu pescoço e meu ombro.

— Bom dia — murmurou na minha pele. Sua voz matinal era uma delícia.

— Bom dia — respondi. — Que horas são?

— Não tenho ideia — disse Dusty, então pressionou os lábios bem atrás da minha orelha. — Não importa. — Ele me beijou de novo.

Abri os olhos, olhando para a outra cama totalmente feita. Na noite anterior, depois que fui ao banheiro, Dusty tomou banho. Perguntei se ele queria que eu fosse para a outra cama. Ele respondeu "Nem ouse", e depois me puxou para a cama com ele. Adormeci nos seus braços quase na hora.

— Você dormiu bem? — perguntou.

— Uhum — respondi e peguei o celular na mesinha de cabeceira.

— Por favor, não me faz sair dessa cama — murmurou Dusty. — Parece cedo.

— Seis horas — informei. — O que acho que é tarde pra você.

— Não se eu fui pra cama há quatro horas e estou deitado com você, Ash.

— Cala a boca, garanhão — mandei, e me virei para ele.

Metade do seu rosto estava escondido num travesseiro, e seu cabelo estava um desastre. Ele era perfeito. Seus olhos estavam fechados, e um sorriso puxava a metade da boca que eu conseguia ver.

— Vem calar — rebateu e me puxou mais.

Erguei as mãos e tapei a boca.

— Preciso escovar os dentes.

— Do que está falando? Me dá um pouco desse hálito matinal — pediu Dusty, com um aperto na minha cintura, mas me afastei.

— Nojento. — Ri.

Dusty levou a mão até meu rosto e alisou meu cabelo. Fiz o mesmo com ele. Amava o jeito dele sob o brilho da manhã, queria me lembrar para sempre de como ele estava naquele momento, guardado em segurança na caixinha Dusty.

Observei seus olhos analisarem meu rosto.

— O quê? — sussurrei.

Parecia que Dusty queria dizer algo.

— Quero conversar. — Ele hesitou. — Sobre algo que você falou ontem.

— Tá bom... — Parei de falar, esperando que ele continuasse.

— Sobre a coisa de “mais filhos” — respondeu ele, e de repente fiquei bem acordada.

— Isso é... inegociável pra você?

Dusty negou com a cabeça imediatamente.

— Não, claro que não — garantiu. — Em relação a filhos, me sinto exatamente como me sentia quando falamos disso na época em que nem deveríamos estar falando disso. Conseguia ver minha vida com ou sem eles, assim como você disse.

— Eu tinha dito aquilo no passado, e ainda era verdade. Agora, só via minha vida com um, em vez de zero ou múltiplos.

— Quando soube que você estava grávida, fiquei pensando se tinha mudado de ideia.

Dei de ombros.

— Meio que sim — respondi. — Não é um segredo que Riley foi um acidente e, quando contei a Gus que estava grávida, a primeira coisa que ele me perguntou foi o que eu desejava fazer, sem julgamento. Ele só disse que faríamos o que eu quisesse porque o corpo era meu, e nenhum de nós sabia como ser pai ou mãe. A gente mal se conhecia na época. E, não sei, ele só se importou comigo com tanta facilidade... de novo, uma mulher que mal conhecia, e pensei que uma criança merecia ter ele como pai. Então conheci o pai dele e soube que estava certa. Aí tomamos a decisão de fazer aquilo juntos, e não me arrependi em nenhum momento, mas soube assim que concordamos que só ia fazer aquilo uma vez. Odiei estar grávida, odiei de verdade. Sei que algumas mulheres amam, mas não fui uma delas. Odiei como meu corpo não parecia ser meu, como se estivesse preso num jogo de fliperama no espaço. Dar à luz foi a coisa mais assustadora que já fiz, e acabei na terapia depois. Tive pesadelos com isso, embora o parto de Riley tenha sido relativamente fácil, pelo que li e ouvi desde então. Ainda assim foi traumático para mim. — Dusty esfregou a mão por meu braço. — E tudo valeu a pena para ter Riley no fim disso, de verdade, mas agora que sei o que envolve, não quero fazer de novo.

— Isso faz total sentido para mim — comentou Dusty, baixinho. — Eu só... sempre quis saber mais do... começo de Riley, acho.

Esfreguei o polegar no rosto dele. Não conseguia manter as mãos longe. Não queria.

— Me desculpa se te magoou — sussurrei. — Descobrir que eu estava grávida.

Dusty colocou a mão sobre a minha, levando-a até seus lábios e a beijou.

— Nunca se desculpe por isso — declarou. — Se não tivéssemos terminado, você não a teria, o que seria uma baita pena. Além disso, estávamos separados há muito tempo àquela altura. Só foi meio horrível pensar em você e Gus juntos. — Dusty sorriu.

— Certo. Esqueci que ele era seu herói quando era mais novo.

— Tá, isso é um pouquinho demais — falou Dusty. — Eu achava ele e Brooks legais, só isso.

— Claro — concordei com uma risadinha. — Só isso. Então tudo bem pra você a coisa de "sem mais bebês"?

— Tudo — garantiu sem hesitação. — Como falei, sempre consegui imaginar minha vida com ou sem eles, mas, mesmo que tentasse, nunca consegui imaginar minha vida sem você.

— Dusty... — Ele estava sendo bem direto de novo, igual quando estávamos dançando na noite anterior. Eu amava, só que, ao mesmo tempo, me sobrecarregava.

— Eu sei — falou. — Não deveria falar coisas assim, mas, Ash, você é doida se acha que um dia vou te deixar escapar de novo.

Trinta e três



Cam

Riley e Ada não estavam no Casarão quando fui buscar minha filha depois que Dusty e eu chegamos em casa naquela manhã, mas Amos estava sentado à mesa da cozinha com papel e uma vitamina.

— Como vai?

— Oi — respondi com um sorriso. Tirei a jaqueta e sentei ao seu lado. — Como está seu sábado?

— Bom. Como foi sua noite de sexta? — Havia uma luz nos seus olhos verdes. Eram iguaizinhos aos da minha filha.

— Quem quer saber?

— Um idoso — respondeu. — Que mora numa casa silenciosa, sozinho... — Ele parou, e revirei os olhos.

— Uma casa silenciosa e grande que ele construiu para si mesmo no pedaço de terra mais bonito do estado. Coitado de você — falei, e Amos riu. — O que quer saber?

— Soube que Dusty foi com você.

Olhei para a madeira marrom-escura da mesa.

— Acertou — respondi, baixo.

— E?

— E foi legal.

— Um eufemismo estrondoso vindo de você. — Quando ergui o olhar, Amos me olhava atento. — Estamos sabendo bastante sobre você e Dusty ultimamente.

— É porque sua família ama falar — disse com uma risada.

— Exatamente. E, tanto quanto vocês todos amam falar, eu amo escutar. Então... — Amos bateu as palmas — ... fale.

Encarei Amos, aquela figura paterna que eu amava e respeitava com tanto carinho. Ele me olhava como eu queria que meu pai fizesse: com cuidado, esperança e interesse. Ele realmente queria saber.

Então falei.

— Dusty e eu temos um passado complexo. Acho que às vezes ele parece o sol e outras vezes parece uma nuvem de tempestade...

Amos assentiu como se compreendesse completamente.

— E onde o evento de gala se encaixa nisso?

— Bem, eu sabia que precisaria ver meus pais, ele faz eu me sentir corajosa. Ele sempre foi meu amigo antes de qualquer coisa, e é daí que estamos tentando começar... como amigos.

— Então ontem pareceu o sol?

Respirei fundo.

— Na verdade — respondi —, pareceu maior do que as duas coisas.

— Ah — exclamou Amos, com um sorriso perspicaz. Mas eu não tinha certeza do que ele sabia, pois sentia que não sabia de nadinha.

— O que quer dizer? — perguntei.

— Passado é só uma parte dessa analogia, Cam. Claro, você já teve o sol e as nuvens de tempestade, mas e a sujeira sob seus pés? A chuva na pele? O ar fresco nos pulmões?

O ar fresco nos meus pulmões.

— Se tudo entre você e Dusty está começando a parecer maior, talvez seja porque é. Não tem mais a ver com o passado de vocês, porque vocês começaram a construir a partir dele e com ele. O passado ainda faz parte do cenário, mas é menos importante do que onde estão agora. Há um motivo para retrovisores serem pequenos e para-brisas serem grandes.

Joguei a cabeça nos braços e suspirei.

— Você é muito sábio — resmunguei na mesa.

Senti uma das mãos enrugadas de Amos no ombro.

— É o que me dizem — respondeu, e então deu alguns tapinhas na minha cabeça. Eu a ergui para poder encará-lo. O brilho em seu olhar tinha sumido. Agora, parecia quase melancólico. — E sei que é diferente, mas, se eu tivesse uma segunda chance de ficar com a pessoa que parecia o sol, a chuva, o ar e tudo, eu aproveitaria sem pensar duas vezes.

Coloquei a mão sobre aquela que estava no meu ombro.

— É diferente — falei, baixinho.

— Mas se trata da mesma coisa — declarou Amos. — Uma marca no seu coração e na sua alma que se recusa a desbotar, não importa quanto tempo passe ou o quanto você ache que mudou. — Pensei na tatuagem "T", a marca física de Dusty em mim. Só que Amos estava certo, aquela marca foi um pouco mais profunda. Amos continuou: — As pessoas e nossos sentimentos por elas ficam gravados na gente por um motivo, Cam.

— E se der errado?

Amos soltou uma meia risada.

— E se não der?

— *Touché*. Só não sei bem como conciliar nosso passado com um possível futuro, acho. Não lidei de verdade com isso.

— Existe sempre a possibilidade de as coisas darem errado, Cam. É isso o que torna o amor um risco, mas há a mesma possibilidade de as coisas darem certo.

Fácil para ele dizer, ele não foi o motivo de as coisas darem errado para começo de conversa.

— Como você soube? — indaguei. — Que Stella era a pessoa certa pra você?

Amos me olhou, pensativo.

— Eu a adorei desde o início e quis saber tudo sobre ela pelo resto da eternidade, quem ela era na época, quem seria depois. Eu só queria existir na sua órbita. Liguei para meu irmão de um telefone público do lado de fora da lanchonete logo depois que a conheci e contei que tinha encontrado a garota com a qual ia me casar.

— Está falando sério? — rebati, com a voz cheia de dúvidas.

— Estou falando sério. — Ele assentiu. — E posso dizer a você por experiência que a coisa mais preciosa que temos é o tempo. Nunca haverá o suficiente dele.

— Você vai me dizer pra viver a vida no modo *carpe diem* ou algo assim?

— Sim. Vou. Você tem tempo, Cam. Não o desperdice. Para de deixar seu passado te segurar.

Eu entendia o que Amos estava dizendo, entendia mesmo. Só que Dusty e eu tínhamos um passado que moldava quem éramos agora, mesmo que não quiséssemos. Eu o tinha enterrado tão bem para não ter que lembrar dele ou do quanto o que deu errado tinha sido minha culpa. Nunca tinha conversado sobre isso com ninguém. Mas, depois de tudo o que aconteceu nas últimas vinte e quatro horas, nas últimas semanas e meses, se eu for honesta, conseguia senti-lo emergindo, agitando o solo e ameaçando irromper para a luz.

— Amos... — falei, mas a porta abriu. Ouvi os pés de Riley correrem pelos pisos de madeira e, em questão de segundos, senti seus braços ao redor do meu pescoço.

— Oi, Raio de Sol — falei, dando um beijo ao lado de sua cabeça. Ela deu outro abraço em mim antes de pular no colo de Amos. Perto do seu avô, eu não era ninguém, e isso não me importava nem um pouco.

— Oi — cumprimentou Ada, quando entrou na cozinha. Ela usava um casaco de lã comprido preto sobre a calça jeans preta e o coturno preto. Ela sempre estava tão na moda.

— Oi. Obrigada por ficar com ela ontem.

— Foi um prazer — respondeu Ada. — Mal posso esperar pra saber de tudo.

Ela ergueu uma das sobrancelhas escuras sugestivamente para mim, e revirei os olhos, mas estava tentando não sorrir. Eu nunca tinha realmente vivido aquilo, alguém com quem conversar na manhã seguinte, para atualizar e dar risadinhas.

— Mãe, olha meus sapatos — pediu Riley.

Virei para ela no colo de Amos e olhei para seus pés, que estavam com coturnozinhos pretos.

— Ah, meu Deus — exclamei, olhando de volta para Ada. — Amei.

Ada sorriu.

— Não são perfeitos? Decidi que vou dar um par pra ela toda vez que seus pés crescerem.

— Você agradeceu, Raio de Sol?

Riley fez que sim.

— Muitas vezes — garantiu ela, direta.

— O que vocês vão fazer hoje? — perguntou Amos.

— Bem — falou Ada —, Riley acha os pratos da Cam sem graça, e não tenho nada pra fazer, então estava pensando que podíamos ir à loja de antiguidades? — Ela me olhou.

— Primeiro — disse, erguendo um dedo —, meus pratos não são sem graça. Segundo, o que acha, Raio de Sol? Parece divertido?

Riley assentiu com avidez.

— Tá bom, vamos lá.

A loja de antiguidades em Meadowlark era surpreendentemente bem abastecida para uma cidade pequena — devia ser porque era a única no condado, a outra mais próxima ficava a quase duas horas de distância em Sweetwater Peak.

Estar na seção de vidraria me deixava um pouco nervosa. Riley era um tornado, então mantive um olho atento nela enquanto examinávamos e garantíamos que ela não pegasse coisas sem a minha ajuda ou a de Ada.

— Então como foram as coisas ontem? — perguntou Ada, enquanto empurrava um carrinho ao meu lado.

— Boas — falei, tentando ficar tranquila.

— Muito boas?

— Tem uma criança presente, Ada Hart.

Ada deu uma risadinha.

— Tão boa assim?

Bufei.

— Sim. Tão boa assim.

— Sabia — murmurou Ada. — Não é possível ter uma tatuagem no pescoço e um piercing no nariz e não ser bom. E nem vou falar das camisas meio curtas.

— Ai, meu Deus — respondi. — Você e Emmy precisam de um borrifador. São duas gatas ferozes.

— Porque temos olhos — falou Ada. — Ele é um homem bonito, não tão bonito quanto Wes, claro, mas bonito. É só um

fato. Seu rosto tem uma proporção perfeita e é quase simétrico demais. Sou designer de interiores, noto essas coisas.

— Ele tem mesmo um rosto bonito — concordei. — Entre outras coisas.

— Isso aí — exclamou Ada, baixinho, assegurando-se de que Riley não ouvisse. Riley e os palavrões tinham um passado complicado, graças a Gus. Estávamos resolvendo isso. — É disso que estou falando.

Uma risada me escapou.

— Você é ridícula — devolvi, enquanto pegava um par de saleiro e pimenteiro em formato de galinha, tentando eliminar o rubor das minhas bochechas. — Ontem foi bom — declarei, dando de ombros. Era infinitamente melhor do que bom, mas parecia grande demais para verbalizar.

— Certo... então o que acontece agora? — indagou Ada.

— Eu... realmente não sei — suspirei, enquanto colocava o saleiro e o pimenteiro no carrinho. Era verdade, mas vi Ada registrar a hesitação na minha resposta.

— Cam. — Ada assentiu. — Se você não começar a falar de você e Dusty logo, tudo sobre vocês dois que você manteve sob a superfície vai começar a escapar.

Caramba! Ada era perspicaz e tinha me pegado, mas tentei continuar tranquila.

— Ah, é? O que você exatamente acha que mantenho sob a superfície?

— Me diz você — respondeu. — Vou facilitar começando com o que já sei.

Acenei com a cabeça para ela continuar e então olhei ao redor procurando Riley. Ela estava ocupada com um monte de almofadas.

— Você e Dusty namoraram na escola. Ninguém sabe me dar uma resposta direta sobre quando ou como ou onde

terminou, o que é estranho, considerando que todo mundo sabe tudo de todo mundo nessa cidade.

Abaixei o olhar. Ada já estava trilhando perigosamente em direção à coisa exata da qual não queria falar.

— E venho observando vocês dois...

— Esquisita — interrompi.

— Preocupada — argumentou Ada. — Parece haver uma tensão estranha sempre que vocês dois estão juntos. Mas então é fácil ver a intimidade. Como no Natal. Parecia que vocês preferiam se sentar em qualquer outro lugar do que ao lado um do outro, mas aí, dois segundos depois, estavam se encarando e sorrindo como se não houvesse outro lugar em que quisessem estar.

— Não teve encaradas — falei, com um revirar dos olhos.

— Teve encaradas. E desejo, ainda mais dele.

Bufei.

— Desde quando você virou uma romântica incorrigível?

— Desde Wes, dã. — Ada deu de ombros.

— Não sei, Ada — sussurrei. — Fomos o primeiro um do outro em tudo. Essa intimidade sempre vai estar lá.

— Então ontem foi apenas duas chamas antigas, presas com uma cama só, cedendo àquele sentimento familiar, ou foi algo mais?

— Você também tem lido os romances de Teddy agora?

Ada só me encarou, esperando.

Suspirei. Não havia nenhum motivo para mentir. Era hora de soltar aquilo.

— Mais.

— Foi o que pensei — respondeu ela. Parecia convencida. — Então por que não aparenta estar mais feliz? Você teve uma noite ótima e um ótimo sexo com um cara ótimo, que parece

bem gamado em você, pelo menos vendo de fora, mas parece que... você está lutando muito contra isso.

Ela estava certa, claro. E eu estava muito cansada de lutar. Dei um suspiro profundo.

— Estou com medo.

— De Dusty?

Sacudi a cabeça.

— Do que acontece se não der certo de novo.

Porque é minha culpa não ter dado certo da primeira vez.

— Cam... — disse Ada, baixinho. — Por favor... Sei que você não queria falar disso. Mas... o que exatamente aconteceu entre vocês dois?

Hesitei por um segundo, tentando encontrar as palavras.

— Tivemos meio que um... fim traumático, acho.

Ada assentiu. Ela entendia daquilo.

— Bem, pelo que sei de Dusty, ele parecia se mudar muito. Ele desapareceu um dia?

— Não — respondi, engolindo em seco. — Eu desapareci.

Ada arregalou os olhos e esperou que eu continuasse.

— Dusty e eu éramos muito importantes um pro outro, mesmo naquela época. Achei que a gente fosse ficar junto pra sempre. Então, quando ele foi para a escola de guias em Montana, fui com ele.

— Vocês fugiram juntos?

— Sim.

— Isso não... parece você — comentou Ada.

— Não sou eu — concordei. — Só que, com Dusty, eu era... não sei... uma versão mais ousada de mim mesma. Despreocupada.

Ele ainda era a única pessoa que já me tirou da minha cabeça, a única pessoa que me fez querer viver fora dela.

— E quando penso nele ou quando estou perto dele, penso naquela menina, naquela menina feroz e corajosa que decidiu estabelecer suas próprias metas e que queria sua própria vida. — Minha garganta estava fechada. — E quando penso nela, penso no quanto ela ficaria decepcionada com a mulher que me tornei, com a mulher que voltou rastejando para uma vida que não desejava.

Recordei como foi voltar para Meadowlark. Quando cheguei em casa, minha mãe mal se surpreendeu em me ver, e meu pai me olhou com desgosto. Nunca vou esquecer o que ele falou: "Se você fizer alguma coisa assim de novo, está fora. Está acabado."

Lembro de querer desmoronar e chorar. Lembro de querer que eles me confortassem e me falassem que tudo ficaria bem e que estavam felizes por eu estar em casa, mas eles não o fizeram. E eu ainda me senti... em dívida com eles de alguma forma. Eles me deram uma segunda chance de fazer o que achavam ser a coisa certa, e eu nunca tinha ouvido falar de meus pais darem segundas chances, então fiquei tão focada em não estragar as coisas que mal notei que estava perdendo partes de mim mesma que havia passado a amar porque Dusty as amou primeiro.

Ainda sentia vergonha do quanto foi fácil para mim retornar para as expectativas deles, o quanto fiquei aliviada quando percebi como a vida poderia ser fácil contanto que eu sacrificasse a mim mesma e a felicidade verdadeira.

— E, sinceramente, não consigo lidar com isso. Parte meu coração. Fico de luto por aquela menina constantemente e, quando Dusty está perto, o luto é quase... esmagador. Porque fica muito óbvio que ela se foi de verdade e que não pode voltar.

— Ah — exclamou Ada, suavemente.

Eu dei uma risada sem graça.

— Deve ser mais do que você estava pedindo.

— Não — afirmou. — Mais do que eu esperava, mas é exatamente o que pedi. — Ela ficou quieta por um segundo após aquilo, e arrastei o dedo por algumas xícaras velhas de café. — Acho que não precisa ficar com medo de Dusty — declarou ela. — E ainda acho que você é feroz e corajosa e todas as outras coisas. — Dei de ombros. — Você é. É mesmo. Bem, Cam, olha para a vida que você está construindo agora.

— Como assim?

— Você encarou a situação depois do casamento, e sei que não teve realmente opção, mas ainda é impressionante. Você achou a casa dos sonhos para você e sua filha e criou uma vida nova para vocês duas, tudo sozinha.

— Bom, tive uma ajudazinha.

— Todos precisamos de uma ajudazinha para chegar a algum lugar, sabe? O que importa é que o resultado é seu. E acho que, se as coisas tivessem sido diferentes no passado, com Dusty, com seus pais, com Graham, você não teria acabado aqui. Você era nova demais. Tinha muitas descobertas para fazer... e talvez ainda tenha. Mas você merece tudo o que tem e tudo o que quer, inclusive Dusty. Entendo quando diz que tem medo dele e do que pode acontecer, mas parece que você só está com medo de que isso tudo seja bom demais pra ser verdade, mas não é. É real e está acontecendo, e acho que deveria só... permitir.

As palavras de Ada me deixaram... mais leve. Eu tinha passado anos construindo uma parede, tijolo a tijolo, dentro da minha cabeça e do meu coração, tentando bloquear tudo o que envolvesse Dusty. Só recentemente havia percebido o quanto esses tijolos estavam pesados.

Trinta e quatro



Dusty

GREER
Alguma atualização do Alasca? Interessado?

DUSTY
Sinceramente, valeu, mas estou feliz onde estou.

GREER
E quanto à companhia?

DUSTY
Também.

GREER
Feliz por você, T. Te amo.

DUSTY
Te amo.

Abri a porta dos fundos da casa de Cam sem pensar duas vezes. Talvez devesse ter batido, mas estava empolgado para vê-la.

Riley estaria no Gus, e teríamos um encontro naquela noite.

Cam virou para mim quando ouviu a porta abrir.

— Oi — cumprimentou.

Seus olhos estavam arregalados, embora estivesse me esperando. Não desperdicei tempo, coloquei a sacola do

mercado e a garrafa de vinho na bancada e fui até ela, puxando sua boca para a minha.

Ela pareceu... tensa por um minuto antes de se derreter em mim. Saboreei a sensação dos seus braços envolvidos no meu pescoço e de seus dedos enroscados no meu cabelo.

Não sei por quanto tempo ficamos assim, só que, de repente, veio um "uhum" do corredor. Cam se sobressaltou na hora, e avistei Gus parado na cozinha. Ah, merda. Ele e Riley não deviam ter saído ainda.

— Ei, cara — cumprimentei.

Eu me senti como um adolescente que tinha acabado de ser pego dando amassos com a namorada no carro, o que já tinha acontecido. Com Cam. A lembrança fez uma risada vir à tona.

Gus definitivamente não era tão assustador quanto a mãe de Cam, mas, caramba, o olhar que ele estava me dando era aterrador. Tentei me importar, mas simplesmente... não consegui. Tudo o que me importava era Cam.

Cam e Gus me olharam. Cam caiu na gargalhada alguns segundos depois de mim. Ela tapou a boca e continuou rindo.

— Desculpa — pediu. — Isso não deveria acontecer.

— O beijo ou eu flagrar vocês?

— Você flagrar a gente — falei. — O beijo com certeza deveria acontecer.

Cam me deu um olhar de aviso, mas só pisquei para ela.

Gus cruzou os braços, como se estivesse prestes a dar sermão em alguém. Bem, em mim.

Riley apareceu atrás dele antes que conseguisse reagir, com um animado "pronta". Ela tinha mudado de roupa e segurava suas chuteiras.

— Vamos, Raio de Sol — falou Gus, sorrindo para ela, então fitou Cam. — Quero conversar com você sobre uns

formulários que preciso preencher para registrar parte de Rebel Blue como organização sem fins lucrativos. Posso te mandar?

— Claro — respondeu ela. — O santuário de cavalos vai sair?

— Depende dele — declarou Gus, acenando com a cabeça para mim.

Não gostei de como ele falou, como se estivesse me esperando dizer que não poderia me comprometer e que estava fora. Nem ferrando. Eu estava envolvido naquilo, em tudo aquilo. Cam me olhou. Havia uma pergunta em seus olhos.

— Vai sair — garanti, tentando não mostrar a frustração. — Eu te falei, estou aqui pra ficar.

Senti Cam relaxar ao meu lado. Ela achava que eu ia embora? A ideia me deixou com um nó na garganta. Eu não sabia o que mais poderia fazer para convencê-la de que estava junto dela naquilo.

— Tomara — respondeu Gus. Sua voz não estava tão ríspida, mas ainda havia algo ali. Filho da puta protetor. — Vai dar tchau pra sua mãe — mandou ele para Riley.

Riley correu para Cam, que a ergueu no colo e lhe deu um abraço.

— Te amo, Raio de Sol. Vejo você amanhã de manhã.

— Te amo — declarou Riley, e então beijou sua mão e a pressionou na bochecha de Cam.

Quando ela a colocou no chão, em vez de voltar para Gus, ela jogou os bracinhos na minha cintura. Olhei para Cam, claramente chocado. Eu não sabia o que fazer, então lhe dei um tapinha nas costas.

— Você vai no meu jogo de futebol sábado? — perguntou Riley, com esperança.

— Ah, hum — gaguejei e olhei para Cam de novo.

Posso ir? Eu queria. Estaria tudo bem? Cam fez que sim.

Sempre me perguntei como seria conhecer Riley, e agora conhecia. Ela era incrível, igualzinha à mãe.

Riley me olhou radiante antes de correr para o pai e sair pela porta.

— Você não precisa ir se não quiser — avisou Cam, quando a porta se fechou.

Ela estava me dando uma saída agora que Riley tinha partido, mas eu não a queria.

Envolvi os braços na cintura dela e a encarei.

— Eu quero — garanti, com a maior sinceridade que consegui. — Não tem outro lugar em que eu preferiria estar.

Cam pôs a cabeça no meu peito, e aproveitei a chance para cheirá-la.

Trinta e cinco



Cam

— Obrigada pelo jantar — falei, pouco tempo depois.

Dusty e eu estávamos sentados nos banquinhos da bancada da cozinha.

Ele sorriu para mim.

— Esperava que tivéssemos algo assim há muito tempo.

— Falafel? — perguntei, confusa.

— Não, doida. — Dusty estendeu a mão e me deu um peteleco no nariz. Sorri para ele. — Tempo. — Ele me beijou. Com suavidade. — Não sabia se um dia teríamos isso, mas esperava. Esperava por você.

Senti tantas coisas de uma vez só, mas nem tudo foi bom.

— Desculpa — pedi, num sussurro. — Por ser o motivo de nosso tempo ter sido interrompido da última vez.

Dusty ergueu a mão, e senti seus dedos envolverem minha nuca.

— Preciso que saiba que não culpo você, linda... por me deixar em Montana. Não te culpo nem um pouco.

Fechei os olhos por um segundo. Pensando naquela mágoa.

— Não?

— Nadinha. Bem, fiquei arrasado por um longo tempo, mas, a cada ano que passava, percebia que, mesmo que você tivesse ficado, não significava que teríamos sobrevivido. Talvez as coisas tivessem ficado tão ruins que não fôssemos conseguir consertar. Eu sabia que você não estava feliz. Sabia que a vida pela qual eu ansiava não era a vida que você imaginava para si.

— Eu via uma vida com você — falei. — E... acho que meio que era esse o problema. Eu não me via de verdade ou o que desejava. Só via você, e então percebi que estava vivendo sua vida em vez da minha, ou até da nossa — declarei com honestidade.

Não deixei Dusty porque não o amava ou não queria ficar com ele. Eu o deixei porque queria algo para mim também. Não sabia disso na época, mas sabia agora. O problema, que percebi quando cheguei em casa, foi que eu não sabia como ir atrás daquilo, então acabei vivendo a vida que meus pais queriam.

— Acho... que você escolher ir embora, até mesmo sendo corajosa o bastante para ir, é o que torna esse momento possível — respondeu Dusty, enquanto seu polegar passeava pelo meu rosto.

— Como assim?

— Éramos novos, Cam. E não significa que nosso relacionamento não era real ou consistente, ou todas as coisas que sabemos que eram verdadeiras. — Ele parou por um instante. — Estávamos apaixonados e, por mais que eu desejasse que isso fosse suficiente na época, acho que não era.

— Tem várias coisas que não conseguimos controlar que nos impulsionam: tempo, sonhos, estresses, expectativas, e faz sentido para mim que dois jovens de dezoito anos não tenham conseguido lidar com a pressão. Pegamos direções separadas,

mas as estradas que vão em direções opostas se reencontram o tempo todo.

— É o que estamos fazendo agora? — perguntei. — Nos reencontrando?

— Tomara — respondeu ele. — É o que eu quero. Você quer?

— Você sempre imaginou tanto... o futuro — comentei com uma risadinha. — Isso costumava me deixar nervosa. Eu sentia que não era digna de alguém tão... certo para mim.

— E agora?

— Ainda me deixa nervosa — respondi com honestidade. — Mas também me dá mais segurança sobre onde estivemos e onde estamos e... para onde vamos.

— E para onde vamos, linda?

— Para a frente? O que acha... — Dusty me beijou antes que eu pudesse terminar. Deixei tudo em volta sumir. Ficamos apenas eu e ele, e todas as coisas que sentimos um pelo outro. Três palavras ficaram presas no fundo da minha garganta e, embora eu não as tivesse dito, acho que Dusty sabia.

Trinta e seis



Dusty

Cam e eu fomos ao jogo de futebol de Riley juntos na manhã de sábado. Eu não queria faltar na primeira vez que Riley me pediu para fazer algo, mesmo que esse algo fosse no Meadowlark Rec Center num sábado de manhã.

Quando Cam e eu entramos, meu primeiro pensamento foi que eu não tinha ideia de que havia tantas meninas de sete anos naquela cidade.

O lugar estava lotado.

Quis segurar a mão de Cam quando entramos, mas não o fiz. Deixei minha mão encostar na dela, e ela não se afastou, então fiz isso mais algumas vezes antes de ver Gus, Teddy e Riley sentados na arquibancada. Minha mãe e Hank estavam lá também.

Gus estava prendendo — bem, tentando prender — o cabelo cacheado de Riley num rabo de cavalo. Ela estava fofa pra cacete com o uniforme roxo. Ela me contou que no ano anterior seu uniforme era rosa, mas naquele ano era roxo porque estava no time de meninas de sete anos.

Um sorriso se abriu no rosto de Teddy quando ela me viu, e na hora ela olhou para nossas mãos.

— Gosto dessa vista — gritou Teddy, quando Cam e eu nos aproximamos. Quando olhei para Cam, ela estava corada.

Minha mãe olhou. Um sorriso imenso se estendeu no seu rosto. Ela levantou quando nos aproximamos mais.

— Bom dia pra vocês dois — disse ela.

— Oi, mãe.

Quando me abraçou, sussurrou no meu ouvido.

— Você tem algo pra me contar, Dusty?

— Podemos falar disso mais tarde — sussurrei de novo.

Quando saí do seu abraço, minha mãe me lançou um olhar que dizia não haver nenhum jeito de não falarmos disso mais tarde.

— Oi, meu bem — disse ela para Cam, e Cam a abraçou também.

— Cam — cumprimentou Gus. — Pode me ajudar com isso?

Cam riu.

— Cachos de Riley: 8 mil. Gus Ryder: 0. — Cam tomou o lugar atrás de Riley e lhe deu um beijo na bochecha. — Seu pai nunca melhora nisso, não é?

Riley assentiu, mas não respondeu verbalmente. Ela estava saltitando na ponta dos pés, pensando no jogo, eu tinha certeza. Cam costumava fazer a mesma coisa antes de um jogo de futebol. Ficar quieta e focar na vitória.

— Mas estou melhorando em cuidar deles — disse Gus. — Eu e a lavagem de cabelos somos melhores amigos agora.

Cam riu.

— Só levou sete anos.

— Certo, pra ser justo, ela não teve tanto cabelo assim durante quatro anos. — Ele deslizou ao lado de Teddy na arquibancada e lhe deu um selinho antes de me olhar. — Oi, Dusty. Você veio. — Soou decepcionado.

— Riley me pediu — respondi, e olhei para ela. — Não vejo a hora de te ver jogar, pequena. — Aquilo arrancou um

sorriso dela, e senti que tinha ganhado na loteria. — Sabe, eu via sua mãe jogar.

Riley se animou enquanto Cam puxava seu cabelo para trás.

— Sério? — perguntou, e me sentei no banco da arquibancada diante dela, para ficarmos cara a cara.

— Sim — respondi. — Aposto que você é tão boa quanto ela — garanti. — Quem sabe até melhor. — Riley parecia tímida.

— Certo, Raio de Sol — disse Cam. — Você está pronta pra ir. Vai se aquecer.

Riley se levantou e bateu na mão de cada um de nós antes de correr para a quadra com as outras camisas roxas.

— Então — falou Teddy, olhando para mim e Cam enquanto eu me sentava ao lado dela —, alguma novidade ou coisa interessante pra relatar de vocês dois?

— Theodora — disse Gus, com um tom severo.

— Quê?

— Eu também gostaria de saber — emendou minha mãe, e olhei de cara feia para ela.

Cam ficou tensa ao meu lado, despreparada para receber a provocação de Teddy.

— Fui derrubado de um cavalo essa semana — falei. — O danado se assustou, e eu voei.

— É verdade — concordou Gus. — Eu vi.

Teddy fez um beicinho.

— Vocês são sem graça.

Só que, quando olhei para Cam, ela murmurou “obrigada” justo quando alguém apitou em campo.

— Parece que o jogo vai começar — avisou Gus.

Não sei se você já viu garotas de sete anos jogando futebol, mas é tão adorável quanto confuso e frustrante pra caramba.

Há umas duas meninas que sabem mais ou menos o que estão fazendo, e o resto só está ali pela diversão.

Riley ficou com a posse da bola por um bom tempo. Num momento, ela sofreu a falta e pôde bater uma lateral. Na verdade, eu não sabia nada de futebol. Cam tentou me ensinar quando jogava, mas toda vez que começava a falar e tentava explicar as regras, nós começávamos a nos pegar...

Pelo menos eu sabia torcer.

Enquanto o jogo acontecia, nós conversávamos. Bem, Teddy conversava, na maior parte do tempo. Ela tentava (e falhava em) me convencer a pegar um gato que viu no site do abrigo de animais.

— Você sabe que sou alérgico a gatos, Ted.

Ela revirou os olhos.

— Não sei por que você não cresce e toma um antialérgico como os adultos fazem.

— Não posso tomar conta de um gato se eu estiver inconsciente — afirmei.

Antialérgicos me *apagavam*. Ouvi Cam dar uma risadinha ao meu lado, e ela pressionou a lateral da perna na minha por um segundo.

— Está gostando da casa, Cam? Está bem acomodada? — perguntou minha mãe.

— Estou — respondeu ela. — Não consigo parar de pensar que talvez tenha que sair daqui a um ano. Ela parece minha.

— E Riley? Ela gosta?

— Ama — declarou Cam. — Vou ter que manter o olho nela quando ficar mais quente. Ela está se coçando para começar a escalar as árvores, e não quero nenhum osso quebrado nas minhas mãos.

O grupo da idade de Riley jogou uma versão encurtada do jogo, com cada tempo tendo só quinze minutos. No intervalo,

Riley se reuniu com o time ao redor de um cooler com caixas de sucos e tangerinas. Quando ela olhou para nós, acenamos.

Não deixei de notar todos os olhares das pessoas da cidade em nossa direção. Não me importei. Eu amava estar ali com Cam e apoiar Riley.

Perto do fim do jogo, Riley colocou as mãos (os pés, na verdade) na bola, e me levantei para ver. Ela driblou a bola entre os pés como uma profissional.

Conseguiu se afastar da pequena ameba que estava seguindo a bola e começou a ir em direção ao gol.

— Ah, cacete, ela está indo — falei mais alto do que pretendia. Gus, que estava ao meu lado, se levantou também.

— Essa é minha garota — gritou Gus. — Vai, Raio de Sol, vai!

Uma das jogadoras estava ganhando terreno até ela, mas Riley estava se preparando para tentar o gol. Observei-a dar um passo grande e levar a perna direita para trás antes de chutar.

A bola foi direto para o gol.

— Isso aí, porra! — gritei e ouvi o grito de vitória de Gus ao lado. Sem pensar, pegamos a mão um do outro e demos aqueles abraços de caras do esporte. Não sei o que deu em mim. Ouvi Cam e Teddy rirem.

— Eles estão bem, o que achamos? — perguntou Teddy, mas Cam nunca respondeu porque a puxei para perto de mim e beijei sua testa. Escutei minha mãe resmungar atrás de mim.

— Terrance Tucker — gritou ela. — Você vem escondendo isso de mim?

Fiquei imóvel quando ouvi meu nome todo e olhei para Cam, pronto para me desculpar por não pensar, mas ela estava sorrindo. Cam enroscou os dedos na minha mão que estava em

cima do seu ombro, me mantendo ali. Quando nossos olhares se encontraram, ela deu de ombros.

— Só um segundo — interrompeu Teddy. — Seu nome verdadeiro é Terrance?

Ai, puta que pariu.

Cam caiu na gargalhada ao meu lado, e minha mãe se juntou, nos abraçando várias e várias vezes.

Não tive chance de me deliciar com o momento porque Riley veio correndo para nós.

Ela foi diretamente para Gus, e depois para Cam. Seus pais estavam radiantes. Cam saiu dos meus braços para abraçar a filha, e minha mãe aproveitou outra oportunidade para me abraçar.

— Não estraga isso, Dusty — pediu ela no meu ouvido. — Nem todo mundo recebe uma segunda chance com o primeiro amor.

Eu estava para lhe dizer que não tinha intenção de fazer aquilo, mas então Riley me chamou.

Ela estava ruborizada com a atenção de todo mundo. Teddy lhe deu um abraço rápido e, quando chegou minha vez, Riley jogou os braços ao redor do meu pescoço. Ela ergueu o punho para me mostrar que estava usando sua pulseira, que eu não tinha notado quando chegamos ali.

— Você acha que dá sorte? — perguntou.

Sorri.

— Sim, pequena, acho.

Trinta e sete



Cam

Oito anos atrás

Ash,

Toda vez que escrevo um desses bilhetes, me sinto muito estúpido. Para que escrever pra você se você nunca vai lê-los? Não sei. Mas acho que ajuda. Não acho que me faça sentir menos saudade, e não sei se faz eu me sentir mais próximo de você, só que, por algum motivo, eles realmente me ajudam a me sentir mais próximo de casa. E, hoje, eu só queria estar em casa.

Meu pai morreu. Ele partiu em paz enquanto dormia. Minha mãe está arrasada. Estou arrasado também. Não o via há um ano. Cancelei minha última visita. Falei para meus pais que pagaria a passagem para eles e Greer irem ao próximo lugar que eu pousasse, mas nunca fiz isso.

Queria que estivéssemos numa situação diferente, em que eu pudesse te ligar, e você atenderia. Queria poder conversar sobre ele com você. Sobre mim. Sobre tudo isso.

Meu pai te amava, você sabe. Ele me mantinha atualizado sobre você. Ele me contou que você ia ao mercado às quintas-feiras, então, toda quinta, ele se assegurava de que as maçãs Pink Lady estariam lá. Acho que queria que eu soubesse que você estava bem, que havia pessoas cuidando de você e que ele sempre seria uma delas.

Não tenho escrito há um tempo porque, quando escrevo, lembro do quanto é real. Mas a saudade... Sinto saudade de você o tempo todo. Nem sei como é não sentir saudade.

Sinto saudade do meu pai também.

Eu nem sabia por que estava no Bota do Diabo, ainda mais numa noite como aquela. Estava movimentado. As pessoas estavam espremidas ali como sardinhas. Cinco minutos atrás, vi Teddy Andersen tentar arranjar briga com um cara que parecia ser parente do Pé Grande.

Só que eu queria uma bebida. Queria ficar cercado de pessoas. Gostava de observá-las. Fazia eu me sentir menos sozinha e, naquele dia, eu me sentia sozinha.

Aquele era o primeiro dia em que eu existia num mundo sem Renny Tucker, o que era o bastante para me fazer querer me deitar no chão e não levantar. Não que Renny e eu conversássemos o tempo todo, ainda mais depois que as coisas entre mim e Dusty terminaram. Mas eu gostava de saber que a família Tucker ainda estava ali. Algum pedaço de Dusty ainda estava ali.

Eu tinha retornado há poucos meses. Depois de quatro anos na faculdade, um ano sabático no exterior e o estágio que meu pai conseguiu para mim antes que eu fizesse a prova para a especialização em direito, tudo naquele lugar parecia o mesmo.

Na verdade, era reconfortante.

E, enquanto dava uma olhada pelo Bota do Diabo, minha mente fazia a mesma coisa que tinha feito pelos últimos sete anos: vagava de volta para Dusty. Eu não costumava deixá-la ficar nele por muito tempo, mas naquela noite deixei.

Porque, embora não nos falássemos de verdade há anos, meu peito doía por ele hoje. Queria poder ligar para ele. Queria poder lhe oferecer alguma coisa, conforto, alguém com quem conversar, qualquer coisa.

Peguei o celular e rolei a tela até achar o contato de Dusty. Senti meu coração disparar desvairado enquanto meu polegar pairava sobre ele. Uma mensagem não faria mal, certo? Seria esperado que enviasse meus pêsames. Afinal de contas, eu amava o pai dele também. Cliquei no ícone de mensagem e digitei algumas linhas antes de deletá-las. Fiz

aquilo pelo menos dez vezes até escolher algo simples — no nível superficial, mas ainda gentil.

CAM
Oi. É a Cam. Lamento pelo seu pai. Estou pensando em você.

Fiquei com o polegar em cima da seta de enviar. Dei um suspiro profundo, mas, antes de abaixar o dedo e me comprometer, alguém esbarrou em mim, e o celular caiu no meio do balcão do bar.

— Ah, merda — falou a voz de um homem. — Mil desculpas. Está uma loucura aqui hoje.

Quando ergui o olhar, me deparei com olhos verdes impressionantes e um franzido. Gus Ryder. Ele parecia corado, meio tenso, e estava ofegante como se tivesse saído correndo de algum lugar.

— Tudo bem — respondi, estendendo a mão e pegando o celular. Quando o apanhei e vi que a mensagem ainda estava no rascunho na tela, senti a coragem de alguns segundos atrás evaporar. — Você provavelmente acabou de me salvar de fazer uma coisa idiota.

Vi Gus olhar para o celular. Ele conseguiria ler o nome na tela?

— Queria parar de fazer coisas idiotas — respondeu ele, com uma risada sem humor.

— Noite difícil? — perguntei, interessada. Não conhecia Gus muito bem, embora tenha sido amiga de Wes na escola.

Mas sabia que ele não costumava se irritar facilmente.

Ele passou a mão grande pelo rosto.

— Noite estranha — comentou. — Você é Cam Ashwood, certo?

Fiz que sim.

— Gus Ryder. — Ele estendeu a mão para eu apertar. Então o cumprimentei.

— Eu sei — disse. — E aí, que coisa idiota você fez hoje? — Gus soltou um longo suspiro, e ri um pouco. — Tão ruim assim, hein?

— Tão ruim assim. — Ele assentiu.

— Você, hum, quer falar disso? — perguntei.

Eu não sabia por que, mal conhecia aquele cara. Ele só parecia precisar de um amigo, e o melhor amigo de Gus, Luke Brooks, parecia estar ocupado. Eu conseguia vê-lo perto da jukebox. Estava com os braços ao redor de dois homens mais velhos, e todos eles estavam cantando "Family Tradition", do Hank Williams Jr. Bem alto e muito mal.

— Quem sabe depois de eu pegar mais uma?

Gus notou minha quase vodca vazia. Deu um leve sorriso, e passou pela minha cabeça que a maioria das pessoas provavelmente o acharia bonito. Acho que eu achava também. Tinha uma queda por loiros.

— Claro — respondi, mantendo o contato visual com ele. Estávamos... flertando?

Gus acenou para o bartender, pediu uma cerveja e se virou para mim.

— Vodca com água com gás — respondi.

— Na minha conta — falou Gus. — E dá um chute no Brooks e tira ele dali quando for lá. — O bartender deu um aceno de cabeça a Gus.

Depois disso, Gus e eu entramos numa conversa fácil. Pelo que eu sabia, Gus não era bem um falador, mas nossa conversa fluiu. Ele falou de Rebel Blue. Falei de me preparar para a prova de especialização e estudar direito. Rimos quando um dos clientes do bar fez a dança da minhoca no chão sem camisa.

E, algumas horas mais tarde, quando Gus me perguntou se eu queria ir para outro lugar, falei sim sem pensar duas vezes.

Na manhã seguinte, meu celular vibrou e, quando vi o nome na tela, meu coração disparou como um foguete. Dusty Tucker. Era uma resposta à mensagem que digitei na noite anterior. Não sabia quando a tinha mandado. Talvez na caminhonete de Gus? Talvez depois?

DUSTY
Obrigado. Significa muito para mim.

Trinta e oito



Cam

Quando ouvi uma batida na porta da frente, encontrei Gus parado sob a luz da varanda.

— Riley se deu conta de que não estava com o cobertor dela na bolsa para a noite de pijamas com o time de futebol.

— Ah, droga. Está na secadora. Deve estar quase seco.

Ela teria sobrevivido sem ele se só fosse ficar no Gus, mas, quando dormia com as amigas, gostava de ter um pedaço de casa consigo.

— Você quer entrar enquanto o pego?

— Claro — respondeu. — Como está sua noite?

— Estava só trabalhando um pouco. — Quando fechei a porta, notei que sua caminhonete ainda estava ligada. — Teddy está lá fora? Ela quer entrar?

— Ela está bem — garantiu Gus. — Falando em trabalho, queria mesmo falar com você sobre uma coisa.

Gus e eu andamos até a cozinha, e ele se sentou à mesa comigo.

— Juro que estou quase terminando os formulários de organização sem fins lucrativos — declarei. — E vou enviá-los pra você, então não precisa se preocupar. Quer um pouco de água ou algo?

Gus sacudiu a cabeça.

— Não estou preocupado com isso — respondeu. — Mas obrigado.

— Ah. Então o que foi?

— Rebel Blue é grande, você sabe. Estamos com muita coisa acontecendo, coisas normais de fazenda de gado, Bebê Blue, e tirar o santuário do papel. — Assenti. — Meu pai ficou bem bom na parte jurídica de coisas da fazenda de gado ao longo da vida. Ele sabe o que procurar nos contratos e consegue decifrar a maioria das coisas. Eu? Não muito.

— Você sabe que sempre fico feliz de olhar as coisas pra você.

— Eu sei. E estava pensando se você gostaria de fazer isso de uma forma mais oficial.

Inclinei a cabeça em confusão.

— Você quer que eu seja sua advogada?

— Quero que seja a advogada de Rebel Blue — explicou. — Confio em você, Cam. Não tenho o mesmo conhecimento e a experiência do meu pai e, algum dia, isso vai cair em cima de mim. Quero preparar Rebel Blue para o sucesso antes que aconteça.

— E seu pai?

— Ele concorda. — Gus deu um pequeno sorriso. — Ele ama quando delego funções.

— Isso é, hum... uau. — Balancei a cabeça. Aquilo parecia muito bom para ser verdade.

— Não sei quanto você ganha na sua firma, e não sei se conseguimos cobrir, mas vou chegar o mais perto que puder.

— Eu faria de graça — afirmei com honestidade. — Talvez eu consiga fazer os dois?

Meu celular vibrou na mesa, e eu o olhei. Dusty estava a caminho de casa.

Gus também viu, e o vi reparar no nome na tela.

— Só pensa nisso. Sei que poderia fazer as duas coisas. Mas quero seu tempo total e sua atenção integral, e acho que não deveria tentar fazer dois trabalhos. Sei o que acontece quando você faz coisas demais ao mesmo tempo. Ainda mais porque parece que tem bastante coisa acontecendo por aqui. — Ele apontou para o celular com o queixo. — Então vocês estão juntos?

Suspirei.

— Sinceramente, Gus, não sei se já estivemos um dia separados.

— E você está feliz?

— Estou — garanti com sinceridade.

Tentei definir o momento em que meus sentimentos antigos por Dusty se tornaram novos, ou o momento em que parei de afastá-lo e comecei a puxá-lo para mais perto, mas realmente não consegui. Pela segunda vez na vida, me apaixonei por Dusty, deixei que ele me desmontasse, e não sentia nenhum arrependimento.

— Quando o casamento não deu certo, senti que minha vida tinha virado de cabeça para baixo, como se todas as partes que eu tinha juntado com tanto cuidado tivessem sido bagunçadas e jogadas no ar, abandonadas. Só que agora... acho que caíram todas juntas. Tenho uma casa linda para criar minha filha. Tenho nossa família. Tenho uma vida que é minha e tenho alguém que... se importa comigo. Profundamente.

— Ele se importa com você profundamente? — indagou Gus. Seu sorriso estava aparecendo. — Não sei bem, mas acho que tem uma palavra pra isso.

— Eu sei — respondi. — E estamos nela. — *Permanente*.

— Você merece ser feliz, e você merece um parceiro, Cam. Um de verdade. Alguém que possa te apoiar, te dar gás, ajudar com Riley e te amar do mesmo jeito que nós amamos. Não percebi o quanto precisava e queria algo assim até Teddy, e só... estou realmente feliz por você por ter encontrado também. Sei que posso ser um saco às vezes, mas acho que o que estou dizendo é que você tem minha aprovação, mesmo que não precise dela. Só sei o quanto foi importante para mim quando você me deu a sua.

— Gus... — Minha voz saiu um pouco trêmula. — Foi um baita discurso esse.

Gus riu.

— Sim, eu treinei algumas vezes. Teddy fez alguns comentários.

— Claro que fez.

— Mas, sério, Cam, Dusty é um homem bom. Ele é um trabalhador esforçado. É leal e gentil e vem olhando pra você do mesmo jeito há quinze anos: como se fosse capaz de fazer qualquer coisa por você. Sei que, se ele tivesse a oportunidade, estenderia isso para nossa filha também. — Gus segurou minha mão. — Nem consigo imaginar o que ele sentiu quando descobriu que você estava grávida. Isso deve ter deixado ele arrasado, mas ele apoia nossa filha mesmo assim. — Meus olhos se encheram de lágrimas. — Ele estava pronto pra brigar por ela no jogo de futebol.

Ri com aquilo.

— É, vocês dois agiram como bobos mesmo. — Mas então respirei fundo. — Isso é muito importante pra mim, Gus. Obrigada — falei.

Quem diria que, quando fiquei grávida, ganharia um baita amigo também?

— Dusty Tucker é um bom homem — repetiu Gus. — E você é uma das melhores pessoas que já conheci. Parece bobo agora, mas sou grato pela noite que nos uniu porque passar a vida criando Riley junto com você e Teddy... e Dusty... vai ser uma das minhas maiores realizações.

Joguei os braços ao redor do pescoço de Gus, e ele me abraçou.

— Teddy ajudou você com essa parte também?

Gus riu.

— Essa parte foi toda minha. E é tudo verdade.

Eu o apertei mais um pouquinho antes de me afastar. O apito da secadora soou.

— Eu pego — avisou Gus, enquanto se levantava da mesa. — Me avisa do emprego, tá?

— Aviso — respondi. — Obrigada.

Trinta e nove



DUSTY

Quando cheguei em casa mais tarde naquela noite, fiquei sentado no carro por um segundo depois de desligar o motor. Eu fazia aquilo toda vez que chegava em casa, tirava um instante para ficar parado.

Eu amava as noites. Acho que amava mais as manhãs, provavelmente porque precisei amá-las por causa do trabalho, mas ainda assim amava a noite. Acho que amava os dois porque aqueles eram os momentos em que o mundo ficava silencioso. Gostava do silêncio. Gostava da quietude. Gostava da sensação esquisita de calmaria e estabilidade que eles invocavam em mim. Não importa onde estava no mundo, sempre haveria manhãs, e sempre haveria noites.

Fiquei sentado na minha caminhonete com os olhos fechados no escuro. Pensei naquela manhã de jogo de futebol, em quanto amei estar lá com Cam e em como ela não se afastou de mim quando precisou contar da gente para as pessoas.

Algo bateu no capô do meu carro, e me assustei. Acho que gritei. Quando olhei, Teddy Andersen sorria do lado de fora da minha janela. Lá se foi o silêncio.

— Qual é o seu problema, merda? — falei, rindo, para que ela pudesse ouvir pelo vidro.

Ela jogou a cabeça para trás antes de abrir a porta com força.

— Chega pra lá. Está frio pra cacete aqui.

Eu me mexi no assento, e Teddy entrou.

— O que está fazendo aqui?

— Riley tem festa do pijama do time hoje, mas esqueceu o cobertor. Viemos aqui pegar e levar pra ela.

— Isso não explica por que você está sentada no meu carro.

Teddy deu de ombros.

— Queria falar com você.

— Sobre?

— Tudo — respondeu. — Não tivemos chance de nos atualizar ultimamente.

— Do que vamos nos atualizar?

— Bem, você e Cam são o assunto óbvio da conversa — declarou. — Mas depois de hoje, queria falar com você sobre Riley. Você a apoiou hoje.

— Ela me pediu para ir. — Dei de ombros.

— E você quase estourou os tímpanos de todo mundo torcendo alto por ela.

— Acho que esse foi seu noivo — rebati.

— Foram vocês dois — disse Teddy. — Enfim, queria saber como você está se sentindo com tudo isso. Se está com Cam, tem que amar as duas.

— Eu a amo — declarei sem pensar.

Eu pensava bastante em Riley. Assim como a mãe, ela era tão fácil de amar.

Era engraçada, esperta e obstinada. Eu me pegava pensando nela com mais frequência naqueles dias, curioso com o que ela estava aprendendo na escola, como foi seu dia ou se

ela se sentia desequilibrada na sela por não ser bem do tamanho certo.

Pensava na vida que Cam havia construído para Riley, não a vida que tinha construído com a ajuda de Gus e da família, mas as partes da vida de Riley que Cam tinha construído sozinha. Quando Riley estava no Gus, ela tinha um grupo de pessoas aparentemente infinito que desejavam vê-la e agarravam a chance de cuidar dela. Quando estava com Cam, eram apenas as duas. As duas dinâmicas eram especiais, mas eu imaginava se Cam já tinha sentido a pressão para ser... mais. Eu sentiria, em seu lugar.

Embora fosse impossível para Cam ser mais do que já era.

— Bom — falou Teddy. — Porque é uma coisa especial fazer parte dessa pequena unidade que Cam e Gus criaram. Não faltam pessoas que amem a Riley, mas é diferente ser a outra metade dos pais dela. Pode ser muita coisa, mas vale a pena.

— Claro que vale — respondi, e então parei por um segundo. — Em algum momento... isso é uma preocupação pra você? Como você se encaixa na vida de Riley? Quero estar presente na vida dela, quero fazer parte de tudo, mas não quero me intrometer nem nada.

— O tempo todo — confessou Teddy. — Mas a gente tem a melhor saída. A gente pode pegar dicas com Cam e Gus. É a parceria deles que torna a vida de Riley tão especial.

Assenti.

— Algum conselho?

Teddy refletiu sobre aquilo por um segundo.

— Não coloque pressão em si mesmo para se "encaixar" na vida deles. Os Ryder, e estou incluindo Cam nessa árvore genealógica, são especialistas em abrir espaço para pessoas que são exatamente como eles.

— Você é muito sábia, Theodora — falei, depois que absorvi suas palavras.

— Eu sei, Terrance. — Ela sorriu.

Esfreguei o rosto.

— Não acredito que minha mãe soltou meu segredo.

— É por isso que ela é minha Tucker favorita — respondeu Teddy. A buzina de um carro soou, e ela abriu a porta. — Essa é minha deixa. Até mais.

— Obrigado, Teddy. Você é uma boa amiga.

— Eu sei — concordou ela, e então se foi.

Fiquei sentado na caminhonete por mais um tempo, pensando em Cam, Riley, em família, futuros e amor, tudo isso.

Eu nunca tinha deixado de ser apaixonado por Cam, não durante todo o tempo que ficamos separados. Cam me ensinou como era amar e ser amado. Levei aquilo comigo pelo mundo. Eu me construí em cima disso e todo tipo de amor que sentia era comparado a ele, e nada nunca chegou perto, sempre foi ela. Sempre seria ela.

Quando saí da caminhonete, vi uma luz fraca e quente saindo da cozinha de Cam.

Comecei a andar até lá, como uma mariposa até a chama. Parei quando vi Cam pela janela da cozinha. Ela estava com papéis espalhados por toda a bancada da cozinha e a tampa de um marca-textos na boca. Seu laptop e o iPad estavam perto dela também. Trabalhando. Sempre trabalhando. Sempre.

Dei mais alguns passos até a porta dos fundos e bati com as costas da mão. Ela estava com música tocando, então não consegui ouvir quando se levantou, mas abriu a porta alguns segundos depois.

— Oi — cumprimentou. — Está tudo bem?

Fiz que sim.

— Está agora. Posso entrar?

Ela arregalou os olhos.

— Hum, sim, mas deveria te avisar que não estou vestindo calça.

Dei uma gargalhada.

— Gus não estava aí agorinha?

— Eu a tirei assim que ele saiu.

— Acho que dou conta.

Ela apontou um marca-textos rosa para mim.

— Nada de gracinha.

— Eu? — falei com um choque fingido. — Jamais.

Cam abriu a porta mais um pouquinho, oferecendo espaço para eu passar e, realmente, suas pernas estavam expostas dos pés às coxas e desapareciam sob uma camisa grande do Blink-182.

— Como foi o restante do seu dia? — perguntou, quando fechou a porta e retornou à cadeira e aos papéis.

Eu me sentei ao seu lado e pousei o braço nas costas da sua cadeira.

— Foi bom — falei. — Esbarrei com Teddy lá fora. Ela disse meu nome completo.

Os olhos de Cam cintilaram.

— Bem, Terrance — disse. Seu tom era divertido. — Acho que podemos dizer que você não consegue escapar mais disso agora.

Estendi a mão e dei um peteleco no seu nariz.

— Engraçadinha. Você também não ficaria feliz se Teddy Andersen tivesse munições contra você.

— Justo — concordou Cam. — Mas, se for sincera, não acho que seu nome seja uma munição tão grande.

— Eu deveria começar a usar Terrance então?

Cam riu.

— Acho que não. Dusty com certeza é mais sexy.

Ergui a sobrancelha para ela e vi um rubor surgir em suas bochechas. Porra, eu amava quando ela ficava corada.

— Como você se sente após o jogo de Riley hoje de manhã? E todo mundo sabendo... de nós?

Cam mordiscou o lábio inferior e assentiu.

— Estou contente.

Orgulho me atravessou.

— Sério? — indaguei. — Não dá pra voltar atrás em nada nessa cidade.

— Eu sei — falou Cam. — Não estou preocupada com isso. Você está?

Neguei com a cabeça.

— Nem um pouquinho. Isso parece, parecemos...

— Permanentes? — completou Cam com um sorriso.

— Permanentes — concordei.

Cam se inclinou e pressionou os lábios nos meus.

— Estou feliz que está aqui — falou. — Que estamos aqui, juntos. — Senti suas palavras como o sol no rosto.

— Eu também — declarei, beijando-a de novo. Por mais tempo. Mais devagar daquela vez. Puxei Cam para mais perto de mim até ela sair da cadeira e ir para meu colo com os braços no meu pescoço, tudo sem tirar a boca da minha.

Quando se afastou, suspirei, e ela deu uma risadinha.

— Você beija bem — afirmou. — Gosto de te beijar.

— Então por que paramos? — perguntei e tentei levar sua boca para a minha de novo, mas ela sorriu e empurrou meu peito, então parei.

— Só preciso dizer uma coisinha antes de começar a beijar você de novo, e o mundo parar e a probabilidade de roupas irem para o chão aumentar. — Abri um sorriso convencido, achando graça. — Não quero que a gente desperdice mais tempo. Já passamos anos separados, amadurecendo e nos

tornando nós mesmos. Acho que o fato de a gente ainda se encaixar é meio que um milagre, e não quero desperdiçar nenhum momento.

— Chega de desperdício — falei com um sorriso. — Você que manda.

Daquela vez, quando ela levou a boca à minha, nenhum de nós se afastou. Suas mãos alisavam meu tórax. Seguravam meu rosto e agarravam minha camisa, como se, não importa onde estivessem, não fosse o bastante.

Cam seguiu beijando meu pescoço até achar a tatuagem, então a mordiscou com força e chupou. Joguei a cabeça para trás com um grunhido.

— Está tentando deixar uma marca, linda?

— Estou — falou, na minha pele. — Esse foi o objetivo da tatuagem, lembra? Uma marca que não some? — Ela a chupou de novo.

— Caralho — falei, ofegante. — Amo você marcando seu território.

Cam passou os lábios por meu pescoço de novo antes de erguer a cabeça e dizer:

— Me mostra.

Agarrei sua cintura enquanto a levantava, e a coloquei no chão por meio segundo apenas para poder erguê-la de novo de um jeito que permitisse que me abraçasse com as pernas. Eu a apertei firme enquanto a levava até o sofá.

— Gosto disso — comentou ela, na minha boca. — Não me pegam muito no colo. Problemas de garotas altas.

— Essa é a última vez que você vai dizer isso — rebati. — Vou te pegar quantas vezes quiser, te jogar pra lá e pra cá também.

Quando chegamos ao sofá, segurei bem Cam enquanto me deitava com ela em cima de mim.

— Sutil — falou, na minha boca. — Isso foi bem sutil. — Sorri.

Deixei as mãos perambularem por seu corpo, ciente de que ela não estava usando calça e que eu estava ficando desconfortavelmente duro na minha. Nossa, sua pele era macia pra cacete. Ela era tão cheirosa! Era como se tudo nela fosse elaborado especificamente para me atrair e me fazer desejá-la.

E eu a desejava pra caralho.

Cam se sentou, e fui com ela, ajudando-a a tirar a camisa pela cabeça. Ela não estava usando sutiã.

— Porra — grunhi. — Você estava nua aí debaixo esse tempo todo?

Fui beijando e descendo até seu peito, e puxei um dos mamilos para minha boca.

Ela arfou de repente.

— Não é minha culpa você não ter notado que eu não estava de sutiã. — Sua voz saiu trêmula. Eu amava isso.

— Estava focado em você — falei. — Como um baita cavalheiro.

Mudei para o outro mamilo e senti meu pau pulsar quando ela puxou meu cabelo.

— Isso é você sendo cavalheiro? — perguntou ela.

— Não mais — disse, enquanto a empurrava para trás e cobria seu corpo com o meu. — Quero fazer coisas não cavalheiras com você.

— Tipo o quê? — indagou Cam, ofegante.

Eu a beijei com força e enfiei a língua na sua boca, querendo provar cada canto dela. Quando me afastei, deslizei um dedo na sua boca e a deixei chupá-lo antes de arrastá-lo por pescoço, peito e barriga até chegar à calcinha preta. Esfreguei as costas da mão nela.

— Daqui a pouquinho, vou te curvar nesse sofá e te comer por trás, só que, agora... — Coloquei sua calcinha para o lado e deslizei um dedo para dentro dela. — ... quero sentir o quanto você está molhada pra mim.

Cam arqueou as costas e revirou os olhos enquanto eu enfiava e tirava o dedo dela. Porra, os sons.

— Garota necessitada — falei, baixinho, e Cam assentiu em desespero.

— Mais, por favor — arfou.

— Mais o quê, linda? Mais um dedo? Ou você quer minha língua?

— Qualquer um. Os dois — respondeu ela. — Quero tudo.

Eu a beijei de novo e puxei sua calcinha pela perna, mas não a joguei pelo cômodo. Então me sentei sobre meus joelhos e levei o dedo que estava dentro de Cam até a boca. Só uma provadinha.

— Você está no comando aqui. Me mostra o que quer que eu faça — declarei, enquanto lambia meu dedo. — Me mostra como você se toca quando está pensando em mim.

Cam me olhou com os olhos quase fechados, mas fez o que pedi. Minha boca salivou enquanto a observava arrastar os dedos pela barriga e deslizá-los dentro de si. Gemi com a visão. Desabotoei minha calça jeans e empurrei a cueca o suficiente para tirar meu pau. Enquanto a assistia, enrolei sua calcinha nele e me dei algumas estocadas.

Nós dois estávamos ofegantes, e eu podia sentir meu coração batendo acelerado.

— Ai, meu Deus! — exclamou Cam.

Enquanto ela me observava usar sua calcinha para esfregar meu pau duro, seus dedos aumentavam a velocidade no clitóris e seus quadris se mexiam.

Antes que ela pudesse ir adiante, agarrei seu pulso e afastei sua mão. Ela soltou um gemido frustrado.

— Dusty — gemeu, mas não olhou para mim. Seus olhos ainda estavam no meu pau e estavam excitados pra caralho.

— Você só goza se for em mim — declarei.

— Então mete em mim — mandou. — Estou pronta. Quero você.

Parei o que estava fazendo, deslizei por seu corpo e me abaixei como se fosse beijá-la. Quando ela fechou os olhos para me encontrar no caminho, deslizei a calcinha na sua boca. Seus olhos se abriam na hora.

— Lembra do que falei sobre me apressar?

Suas pálpebras ficaram pesadas quando ela assentiu, e deslizei o dedo de volta nela. Cam gemeu na calcinha.

— Não me apressa. Gosto de aproveitar meu tempo com você, linda. Gosto de ver seus olhos ficarem pequenos e seu peito ofegante. Gosto de ver sua pele ficando arrepiada.

Levei o polegar até seu clitóris e pressionei levemente. Cam se arqueou sob mim.

Comecei a mover a mão, rápido como ela estava fazendo consigo mesma, e colocar pressão no clitóris. Ela mexeu o quadril, e gemidos abafados saíram da sua boca.

— Nossa, você está tão desesperada — falei. — Já vai gozar, não vai? Consigo sentir sua buceta apertando meus dedos. — Levei a outra mão para a parte de baixo da sua barriga e pressionei. O corpo inteiro de Cam reagiu, e seus olhos se arregalaram. Senti sua buceta se contrair. — Isso, linda. Goza nos meus dedos.

Seu corpo estremeceu várias vezes enquanto ela cavalgava a onda do orgasmo, e eu a observei com gosto.

Nossa, ela era deslumbrante.

Quando seu corpo ficou mole, estendi a mão, tirei a calcinha da sua boca e a joguei pela sala antes de levar a boca até a dela. Ela a abriu imediatamente para mim, e nossas línguas se enroscaram.

— Você foi maravilhosa, amor — falei.

— Nossa — ela gemeu. — Não consigo aguentar quando você fala comigo assim.

— Assim como? — perguntei. Eu sorria na sua boca.

— Você sabe — disse. — Você sabe exatamente o que está fazendo.

Fiquei de joelhos e levei Cam comigo.

— Lembra do que falei sobre te curvar no sofá? — perguntei, e Cam assentiu. — Quero fazer isso agora, se estiver tudo bem para você.

Ela riu, e o som foi como ar fresco nos meus pulmões.

— Quero — respondeu, e então agarrou uma das minhas mãos e a beijou. — Gosto delas... das tatuagens.

A mão que ela segurava tinha uma rosa no dorso.

— Sabe onde elas ficam melhores? — perguntei, e Cam inclinou a cabeça e assentiu. Levei a mão até seu pescoço. — Bem aqui. — Senti-a engolir em seco sob meu toque. Apertei e arrastei sua boca até a minha. — Estou prestes a pular sobre o encosto desse sofá. E não vai ser suave ou sexy.

— Vamos ver — disse Cam, com um sorriso. Eu a beijei mais uma vez antes de colocar a mão no encosto do sofá e pular sobre ele como se pulasse uma cerca. — Hummmmm, eu daria um 7 de 10.

— Chata — falei, abraçando-a pela cintura e a puxando por cima do encosto também, para que se juntasse a mim. Ela cambaleou quando seus pés encostaram no chão. — Está um pouquinho bamba, linda?

Ela me deu um tapa de brincadeira no braço.

— Quem sabe se você não precisasse se exibir o tempo todo, eu conseguiria ficar de pé.

— Não esquenta. Eu te pego. — Eu a beijei então, e ela levou a mão até meu pau dolorido. Arfei quando ela o envolveu e me masturbou com força. — Caralho — murmurei. Segurei seu rosto e lambi o canto da sua boca, enquanto ela fazia aquilo mais algumas vezes.

— Quero isso dentro de mim — pediu. — Quero sentir você me abrindo e me comendo por trás. — Cam mordiscou o lábio inferior. — Por favor.

Levei as mãos até sua cintura e a virei. De quatro, ela ergueu o quadril no sofá. Fiquei de joelhos atrás dela e a lambi por inteiro.

— Só preciso provar sua buceta perfeita primeiro.

Cam gemeu quando minha língua chegou ao meio de suas pernas.

— Acho que você gosta de ficar de joelhos pra mim — falou ela, ofegante.

— Você está errada, linda, eu *amo* pra caralho ficar de joelhos pra você — declarei, enquanto me levantava. Enfiei os dentes na sua bunda e senti um arquejo disparar por seu corpo. — Está pronta pra mim?

— Estou, meu Deus, Dusty, por favor.

Agarrei sua bunda e comecei a deslizar o pau nela.

— Vou devagar — sussurrei no seu ouvido. — Vai ser mais profundo desse jeito, então preciso que você me fale se ficar muito intenso, tá bom?

Seu corpo ficou rígido enquanto eu avançava mais nela.

— Relaxa, linda. Estou com você — murmurei e beijei seu pescoço. — Estou com você. Você aguenta, não aguenta?

— Aguento — gemeu Cam.

— Essa é minha garota — rebati. — Minha garota perfeita pra caralho.

Olhei nossos corpos conectados e xinguei entredentes. Eu era o homem mais sortudo do mundo.

Minha respiração ficou irregular quando me encaixei completamente dentro dela.

— Porra, estar dentro de você é incrível. — Comecei a mover o quadril e não consegui evitar o gemido que saiu de mim.

— Mais alto — mandou Cam.

— Você quer ouvir o que faz comigo, linda? — perguntei, enquanto minhas estocadas ficavam mais fortes.

— Quero — gemeu Cam. — Gosto quando você é barulhento.

— Porra, amor — gemi.

Cam rebolava em mim no ritmo das minhas estocadas, e o gemido estrangulado que saía da minha garganta quase não era humano.

— Ai, isso, me fode também, sei que consegue.

Em seguida, nos entregamos a gemidos, movimentos e sons. Nossos suspiros ficaram mais acelerados e altos enquanto corríamos em direção ao ápice, prontos para desmoronar a qualquer momento.

Eu tive o cuidado de esticar a mão até o clitóris de Cam e colocar um pouco de pressão ali. Não queria deixar minha garota na mão.

— Isso, isso, isso — entoou Cam, e senti uma tensão no ventre.

Cam ficou mais apertada no meu pau, e minha visão começou a embaçar.

— Caralho, linda, vou gozar — falei, mecanicamente.

Seu corpo ficou rígido nas minhas mãos. Ela me apertou com tanta força que quase esqueci de tirar, mas me lembrei no último minuto e o líquido jorrou nas suas costas.

— Caralho — falei, ofegante. — Puta que pariu.

O corpo de Cam se contorceu.

— Como pode ficar melhor a cada vez? — perguntou.

— Porque somos nós — respondi.

Abaixei e beijei seu ombro.

Depois que nos limpamos, deitei Cam no sofá comigo e a abracei.

— Dusty... — Ela não terminou.

— Fala comigo, linda — sussurrei com os lábios nos seus cabelos.

— Fica aqui esta noite? — perguntou. — Quero acordar com você. Não quero me despedir.

— Nem eu.

Quarenta



Cam

Quando acordei na manhã seguinte, o braço de Dusty estava jogado sobre a minha cintura, então saí da cama com todo o cuidado. Não queria acordá-lo. Sim, dormimos um pouco juntos, mas antes *fomos para a cama* outra vez, tomamos um banho e voltamos para a cama.

Tirei o cabelo loiro do rosto de Dusty enquanto ele dormia. No silêncio da manhã, tudo o que sentia por Dusty quase me esmagava, não conseguia acreditar que tínhamos feito aquilo, que voltamos um para o outro, que voltamos um para o outro prontos, melhor ainda.

Fui para a cozinha e liguei a cafeteira. Olhei a casa que tinha se tornado um lar nos últimos meses. Embora não fosse *tecnicamente* minha, dava a sensação de que era. Não conseguia me imaginar deixando-a. Talvez eu conseguisse comprá-la da pessoa para quem Anne a deixou. Talvez, se ela soubesse que alguém estava construindo uma vida ali, deixaria a pessoa ficar.

Porque eu queria mesmo viver ali. A verdade disso dentro de mim estava clara, depois de tantos anos sendo incapaz de ouvir meus próprios instintos. E outra coisa estava clara também: eu queria trabalhar em Rebel Blue. Queria ter meu próprio pedaço dela como o restante das pessoas na minha

vida tinha. Não queria ficar num trabalho só porque ele me oferecia segurança. Pois a verdade era que Rebel Blue sempre me ofereceu a maior das seguranças, de todas as formas que realmente importavam. Queria retribuir o lugar que havia me dado tanto. Tinha me dado uma família.

Depois que tomei uma xícara de café, peguei o celular e olhei a hora. Era um pouco depois das sete, o que significava que Gus estaria acordado.

— Alô? — Ele atendeu no primeiro toque.

— Eu aceito — falei. — Vou aceitar o trabalho.

— Tem certeza? — perguntou Gus.

— Tenho certeza — garanti. — Vou ligar amanhã para o meu escritório e dar meu aviso prévio e, depois que terminar meus casos, sou toda sua.

— Porra, que bom — exclamou Gus. — Obrigado, Cam.

— Eu que agradeço — rebati. — Precisava mesmo disso.

— Vou contar ao meu pai, e vamos oficializar as coisas assim que pudermos. Você quer vir tomar café da manhã no Casarão e comemorar?

— Tenho algumas coisas pra fazer aqui, mas falo com você mais tarde, certo?

— Certo, tchau.

Depois que Gus desligou, não consegui parar de sorrir. Quando minha vida tinha ficado tão... boa?

Não sabia quanto tempo havia passado quando ouvi a porta do quarto abrir e vi os pés descalços de Dusty no piso de madeira, enquanto ele ia até a cozinha. Ele estava só de cueca, o cabelo estava um desastre, e esfregava os olhos, sonolento.

Lindo.

Toda vez que eu via mais dele, tentava catalogar suas tatuagens e registrar minhas favoritas — a adaga no meio do peito, a abelha na coxa, o escorpião nas costelas. E, claro, o “A”.

— Bom dia — cumprimentou, quando me viu. Um sorriso se estendeu por seu rosto. — Fiquei de coração partido por você não estar lá quando acordei.

Ele chegou por trás de mim, colocou os braços sobre meus ombros e puxou minhas costas até seu peito.

— Você estava apagado, não quis te acordar, e tinha que ligar para Gus.

Senti Dusty se enrijecer de leve.

— Riley está bem?

Assenti.

— Ela está bem. Deve estar dormindo ainda, ela odeia manhãs. Tinha que ligar para ele por causa de um trabalho. — Sorri.

Dusty beijou meu pescoço.

— Que tipo de trabalho?

— Um trabalho em Rebel Blue. Pra mim — expliquei.

Dusty ergueu a cabeça e me olhou, confuso. Respirei fundo e comecei a explicar.

— Ontem à noite, Gus me pediu para ser a advogada de Rebel Blue, em tempo integral, não só passar o olho em coisas quando precisassem, mas realmente trabalhar para eles. Gus só falou de umas duas coisas, mas sei que tem milhões de coisas que eu poderia fazer lá. Todas as coisinhas que escapam pelas frestas, como os termos de isenção de responsabilidade para os hóspedes de Bebê Blue. O santuário vai precisar da atenção total na parte administrativa, e acho que eu seria bem boa nisso.

— Seria — confirmou Dusty.

— E você ficaria bem com isso? Provavelmente trabalharíamos muito juntos.

Dusty sorriu.

— Não consigo imaginar nada melhor, linda — garantiu ele, com outro beijo no meu pescoço. — Então você aceitou?

Eu me virei na banqueta para envolver a cintura de Dusty com os braços. Gostava dele ali de manhã, gostava de ver sua aparência quando acordava.

— Aceitei — confirmei e pousei a cabeça no seu peito, bem no topo da adaga. — E vou conversar com Anne sobre a casa, ver se tem algum jeito de eu comprá-la do seu comprador ou ficar mais tempo. Esse lugar só... é muito importante. É finalmente algo que parece... meu. E quero achar um jeito de mantê-lo.

— Ah. — Dusty soou surpreso.

— Sim, ah. — Eu o fitei, e ele pareceu ter algo a dizer, mas então bocejou. — Precisa de um pouco de café?

Ele respirou fundo.

— Sim, uma mulher tirou meu couro a noite toda.

Beijei seu peito.

— Parece que você precisa melhorar sua estamina, melhorar a resistência.

— Ah, é?

— É — falei. — Ainda mais porque ela realmente gostaria de fazer de novo hoje à noite ou, sabe... agora.

Lambi seu peito e o ouvi inspirar com força.

— Agora é bom — respondeu. — Agora é bom mesmo.

Pouco depois de uma hora, Dusty e eu estávamos no mercado. Nenhum de nós realmente queria deixar o outro. Eu tinha coisas para fazer, então Dusty decidiu acompanhar.

— Você compra cereal de marca famosa? — perguntou, quando peguei uma caixa de uma marca conhecida na prateleira. — Chique pra caramba.

— Acho que o gosto é diferente — respondi, com um dar de ombros.

— É porque você tem o paladar sofisticado, Ash.

Passamos por cada corredor do mercado, embora eu não precisasse, porque tinha uma lista, mas gostei de fazer isso. Gostava de todo momento nosso redescobrindo um ao outro, de ouvir tudo sobre seus lanches favoritos, comidas prediletas ou se ficava ou não com nojo de ovos de vez em quando.

Quando peguei um pote de plástico de picles na seção de frios, Dusty fez um movimento de vômito dramático.

— Ainda não é fã?

— Não, picles são nojentos, Ash.

— Mais pra mim. — Dei de ombros e os coloquei no carrinho.

— Cam? — Ouvi a voz de uma mulher na nossa frente.

Seu cabelo estava mais escuro do que de costume e curto. Ela usava calça jeans preta, botas pretas e um suéter de tricô branco.

— Chloe? — respondi. Minha antiga colega de time da escola e neta de Anne. Que irônico. — Ah, meu Deus, oi.

Ela veio até mim e me puxou para um abraço, o que foi inesperado. Me senti estranha com aquilo, mas torci para que Chloe não percebesse.

— Como você está? — perguntei, quando ela se afastou.

— Bem — declarou. — Oi, Dusty — cumprimentou, desviando o olhar para o homem ao meu lado, que parecia meio... nervoso.

— Oi, Chloe — respondeu ele. — Bom ver você.

— Veio à cidade para quê?

— Só uma paradinha a caminho de Nova York para ver minha mãe. Está gostando da casa? — perguntou Chloe, mas parecia que ela falava com nós dois.

— É perfeita, na verdade. É uma casa ótima, como você sabe bem.

Chloe deu um sorriso caloroso.

— Amo ver vocês dois ainda juntos — afirmou. — Sempre soube que conseguiriam. Estão casados há quanto tempo? Uns cinco anos agora?

Arregalei os olhos.

— Perdão? — Engasguei.

— Ah. — Chloe olhou de mim para ele. — Desculpe, achei que estavam casados desde quando Dusty comprou a casa.

— Comprou a... casa?

Olhei para Dusty, que estava olhando para as botas.

— Ah, desculpa, um segundo. — Chloe pegou o celular. — É minha mãe. Tenho que ir. Vou ficar na cidade até segunda, quem sabe a gente toma um café ou algo assim.

— É — respondi, me sentindo um pouco tonta. Minha voz parecia bem distante. — Claro. — Chloe deu outro abraço rápido em nós dois e foi embora, sem saber o caos que deixava pra trás.

Virei lentamente para Dusty.

— Você... é dono da minha casa? — Havia mágoa na minha voz.

— Ash... — Dusty me olhava como se eu tivesse acabado de chutá-lo no estômago. — Eu ia te contar.

— Quando? Quando você me conquistasse de novo? E se eu não me apaixonasse por você dessa vez? Você ia me botar pra fora?

— Posso explicar, por favor? — pediu. — Vamos pegar suas compras e podemos conversar sobre isso em casa.

— Na casa de quem? — indaguei. — Porque, pelo que parece, você é dono da minha.

— Não é bem assim. Nunca foi assim.

— Bem, eu não saberia, não é? — rebati com raiva. — Porque você nunca me contou.

— Por favor — implorou ele. — Não quero fazer isso aqui.

— Tá — cedi, e então empurrei o carrinho até o caixa.

Fui na frente e não olhei mais para a cara dele.

Nem quando estávamos pagando, nem quando caminhamos até o carro ou quando ele abriu a porta para mim, nem durante a viagem toda de volta para minha casa, ou melhor, casa dele.

O silêncio era tenso e pesado, até ele enfim falar.

— Comprei a casa cinco anos atrás. — Ele suspirou.

Cruzei os braços.

— Isso eu entendi.

— Os filhos da Anne queriam colocá-la à venda porque ela não conseguia cuidar. Eles tinham um comprador pronto que queria uma licença para derrubar a casa e construir condomínios ou alguma droga assim no terreno, e, quando minha mãe me contou, eu não quis que isso acontecesse.

— Por quê?

— Porque era a casa dos seus sonhos — disse ele. — Porque, toda vez que eu vinha pra casa e passava pela entrada que me levava até a calçada ou quando estacionava lá para fazer trilha, pensava em você, e não queria perder isso. Mas também porque já vi lugares como esses desaparecerem pelo mundo, e não queria que acontecesse com essa casa. Então liguei para Anne e falei para ela que compraria, que pagaria para alguém vir e fazer a manutenção que ela não conseguia fazer mais e que ela poderia morar aqui por quanto tempo quisesse.

— E ela aceitou? — perguntei.

— E ela aceitou. Ela não queria vender, mas seus filhos e netos tinham se espalhado pelo país e não podiam ajudá-la, então vender era o consenso. Se eu comprasse a casa,

funcionaria para mim e para ela. Quando decidi voltar, sabia que poderia ir para a cabana e teria a chance de fazer muitas das manutenções eu mesmo.

— Por que você a alugou para mim quando Anne se mudou para a casa de repouso em vez de ficar nela?

— Não conseguia me imaginar morando nela sem você — declarou ele, baixinho, esfregando o pescoço, esfregando o "A". — Não sei, Cam. Acho que só queria que você a tivesse. Queria que você tivesse algo que fosse só seu.

— Mas ela não é minha. — Apontei para a casa. — Eu continuo presa a um homem, só que agora a outro.

— Isso não é... — Dusty respira fundo. — Isso não é justo, Cam. Eu não estava tentando te enganar ou te prender, estava tentando ajudar sem ser esquisito ou invasivo. Não sabia que íamos reavivar as coisas. Bem, torcia para que talvez tentássemos, mas não foi o motivo de eu alugar a casa para você.

— Você ia me contar?

— Claro que ia. — Ele passou a mão pelo cabelo loiro solto. — Só não sabia quando ou como. Eu ia fazer antes, mas aí começamos a engrenar as coisas, e só quis que a gente estivesse estável, seja como amigos ou algo mais.

— Então quando te perguntei como você acabou na cabana, não achou que era uma boa hora para mencionar isso?

— Não — disse Dusty. — Não achei mesmo.

Eu me senti sufocada. Senti raiva, tristeza e frustração, e não o queria ali. Não queria ficar perto dele. Precisava de espaço.

— Preciso que você vá embora — falei com calma.

— Cam... — Dusty tentou me tocar.

— É melhor você ir. Só vai. É isso que você faz, não é?

— Por favor, não diz isso, Ash. Eu voltei... por você.

E foi quando dei o golpe final.
— Sim, voltou. Mas devia ter continuado longe.

Quarenta e um



Cam

Quando entrei no carro, bati no volante algumas vezes de frustração. *Puta que pariu.* Liguei o carro e dirigi direto para Rebel Blue. Precisava conversar com alguém. Como as coisas tinham ficado tão confusas?

No dia anterior, achei que Dusty e eu tínhamos um futuro garantido. Hoje, não tinha tanta certeza. E não era só pela casa. Talvez eu estivesse errada, talvez o que sentisse por ele não fosse algo novo, feito para durar. Talvez esses fossem os mesmos sentimentos da garota de dezessete anos, tão desesperada para ser amada, ricocheteando de volta para mim, e eu não conseguia enxergar a realidade diante de mim.

A ideia embrulhou meu estômago, e comecei a questionar tudo.

Meus pensamentos ardiam como num incêndio florestal, enquanto dirigia até acabar na porta de Wes e Ada.

Provavelmente devia ter ligado ou mandado mensagem primeiro, mas, ah, bem. Bati na porta.

Wes a abriu alguns segundos depois, de calça jeans e camisa branca. Seus pés estavam descalços e seu cachorro, Waylon, estava ao lado, como sempre.

— Cam? — Havia preocupação na sua voz. Podia imaginar minha aparência. — O que houve?

Ele deu um passo para a varanda e colocou as mãos nos meus ombros, me acalmando.

— Ada está em casa? — perguntei.

— Ela tinha uma reunião com um cliente, posso ligar para ela. Quer que eu descubra quando ela volta?

— Não — respondi, murchando um pouco. — Está, hum, tudo bem. Falo com ela depois.

Os olhos de Wes transbordavam de preocupação.

— Você quer entrar? Não sou a Ada, mas posso ajudar até ela chegar aqui.

Mordi o lábio inferior por um instante antes de assentir. Wes me deixou entrar, e Waylon lambeu minhas mãos enquanto isso. Ada e Wes tinham reformado aquela casa aos poucos, no estilo de Wes de Rebel Blue. Não haviam acabado ainda, mas toda vez que eu ia ali tinha algo novo para explorar.

Wes me guiou até o sofá, e não consegui evitar me jogar nele. Ele se sentou numa poltrona confortável grande na minha frente e pegou o celular.

— Vou mandar mensagem para Ada e contar que você está aqui.

— Me desculpe por chegar sem avisar — respondi, de repente acanhada.

— Não se desculpe — falou Wes. — O que está acontecendo?

Peguei uma das almofadas no sofá e a grudei no rosto.

— Dusty — falei na almofada.

— Desculpe — disse Wes. — Eu não entendi isso direito, mas você disse Dusty? — Fiz que sim. — Ah, soube que vocês dois estavam de rala e rola.

Tirei a almofada do rosto e o encarei.

— Rala e rola, sério?

Wes sorriu, com as covinhas à mostra, minha filha as herdou também, e deu de ombros.

— Mas estão, não estão?

— Talvez — falei. — Mas talvez não mais.

— Ah — exclamou Wes, como se compreendesse. — Entendo. Quer falar disso?

Soltei um longo suspiro e fiz que sim.

— Não sei. As coisas estavam indo bem, achei que íamos conseguir dessa vez. Só que então hoje caiu uma bomba no meu colo, e não estou lidando bem com ela.

— Que tipo de bomba? — perguntou Wes.

— Uma bomba grande, destrutiva e repentina que está me fazendo questionar se tudo era bom demais pra ser verdade.

— Ele tem uma família em Connecticut, Austrália ou algo assim?

Neguei com a cabeça.

— Nada desse tipo.

— Mas deve ser bem ruim pra você estar duvidando de tudo, não é? Pelo que eu soube, as coisas pareciam estar indo bem.

— O que você soube? — perguntei, erguendo as sobrancelhas.

Wes deu de ombros.

— Ada disse que você está feliz. Riley não parava de falar dele quando dormiu aqui há algumas semanas. Não sei, faz sentido para mim vocês terem se reencontrado. Sempre invejei a amizade de vocês na escola, e então vocês começaram a se pegar e tal, achei que ficariam juntos para sempre.

— Wes, você tinha mais amigos do que qualquer um que eu conhecia.

— Só que não tinha realmente um melhor amigo ou amiga como você e Dusty, ou Teddy e Emmy, ou Brooks e Gus. Queria isso. Sempre achei que vocês eram sortudos por terem isso. E agora que eu tenho mesmo uma melhor amiga, sei que estava certo em querer.

Meu coração se encheu de ternura por ele. Wes amava muito Ada, e com força.

— Bem — falei —, não está mais indo tão bem assim. Descobri essa manhã que já tem uns cinco anos que ele comprou a casa em que estou morando e não me contou.

Wes piscou lentamente.

— E isso é ruim por quê?

— Porque ele mentiu. Porque significa que não é realmente minha, e eu ainda não tenho nada meu, e a casa que era para ser supostamente meu novo começo na verdade veio com a própria bagagem.

— Entendi... — respondeu Wes, devagar. — Mas você a aluga mesmo assim, então não seria sua de nenhum jeito, certo?

Mordi o lábio.

— Não é essa a questão. A questão é que ele me deixou acreditar que Anne era a dona da casa esse tempo todo, embora fosse ele o dono. Além disso, ele sabia o quanto eu amava a casa, então não gosto que ele tenha comprado comigo em mente.

— Você sabe que ele fez isso?

— Ele falou que não foi o único motivo, mas foi um deles. Falou que não se mudou porque não queria morar lá sem mim.

Wes acenou com a cabeça mais uma vez e parecia que estava lutando contra um sorriso.

— Então você está brava porque seu namorado atual, da escola, comprou uma casa pra você e deixou você morar nela quando precisou de um lugar para ir?

— Essa é uma simplificação exagerada, Weston — afirmei.

— Tem vezes que as coisas *são* simples, Cam. — Ele deu de ombros. — Claro, não sei a história toda de nenhum de vocês, mas, sei lá, parece um contratempo, não algo que muda abruptamente o relacionamento ou motivo de término. Ele devia ter contado da casa? Com certeza. Acho que teria sido melhor para ele ser sincero quando concordou em deixar você alugar. Mas, se ele te contasse, você teria se mudado?

Eu não sabia a resposta para aquilo, provavelmente não. Estava com muito medo de me aproximar dele na época. Wes deve ter percebido a expressão no meu rosto porque continuou falando.

— Entendo querer algo para chamar de seu, realmente entendo, Cam. E sei que tem muitas outras coisas envolvidas nesse sentimento, ainda mais depois do que você passou. Mas também já fui a pessoa que estava só tentando mostrar a uma mulher independente, assustada e feroz que a amava. E às vezes... — Ele sorriu. — ... as coisas não saem como o planejado, e você acaba a assustando em vez de conquistando.

— Não estou assustada — declarei. — Estou com raiva.

— Então você pode afirmar com cem por cento de certeza que o combo Dusty comprando a casa por sua causa, você passando mais tempo com ele de novo e um futuro potencial em que vocês estão juntos e felizes não te assusta nem um pouquinho? Só te deixa com raiva?

— Você está tomando muitas liberdades com essa aberturazinha de conselhos que está tendo, Wes — falei com um revirar de olhos.

— Cam. — Seu rosto estava pensativo, a voz, sincera. — Eu te amo. Você é como uma irmã para mim. Quando tudo aconteceu no dia do seu casamento, fiquei tão triste por você, mas também me senti meio... aliviado. Como se não tivesse mais que fingir que achava ok você se acomodando com menos do que merecia. — Engoli em seco. — Mas a ideia de você e Dusty enfim se entendendo depois de todo esse tempo e deixando isso agora atrapalhar parte meu coração ao meio. Acho que você precisa conversar com Dusty sobre a coisa da casa... dizer que segredos assim não podem acontecer no futuro. Fala o que isso significa para o relacionamento agora e no futuro, mas acho que você não precisa usar isso como desculpa para deixá-lo.

Virei a cabeça abruptamente para ele.

— O que você falou?

— É mais fácil ser quem deixa do que ser aquele que é deixado. Acho que você e Ada pensam iguais nesse sentido, mas vocês duas têm o mesmo problema: vocês esperam que as coisas deem errado, embora isso nunca vá acontecer. Dusty está criando raízes. Você já tem raízes, e agora os dois finalmente têm uma chance de deixar essas raízes crescerem juntas, ficarem tão enroscadas uma na outra que vocês não consigam de jeito nenhum se separar de novo, e isso é lindo.

— É assustador — sussurrei.

— Viu? Te falei que estava assustada.

— Como você sabia?

Wes ergueu o celular para eu ver. Era a troca de mensagens entre ele e Ada.

WES
Cam tá aqui. Acho que tem a ver com Dusty.

ADA
Estou a caminho de casa. Não deixa ela desistir dele porque está assustada.

A porta da casa se abriu então, e Ada entrou correndo. Ela estava ofegante, e o cabelo desarrumado.

— Não ouse desistir de você e Dusty, Cam, porra, juro por Deus — foram as primeiras palavras saídas da sua boca.

— Wes foi ótimo me acalmando.

Ada sorriu. Ela foi até a poltrona de Wes e o beijou na testa.

— Bom — falou. — Sabia que podia contar com ele. Ele entende um pouco de mulheres ariscas.

Wes sorriu para Ada, e meu coração doeu.

— Então o que devo fazer? — perguntei.

— Acho que você já sabe o que quer fazer. Acho que só precisa dizer.

— Quero ficar com Dusty — afirmei.

— Essa é nossa garota — respondeu Ada. — Agora vai atrás dele.

Quarenta e dois



Dusty

Alguém bateu à porta. Não seria ela, seria? Soltei um suspiro e arrastei os pés até a porta. Não era ela. Cam levava um longo período para se acalmar, só Deus sabe quando estaria pronta para conversar comigo.

Nossa, não sabia como as coisas tinham dado errado tão rápido. Estávamos tendo um dia tão bom. Quase falei para ela que a amava por cima de um pote de picles, pelo amor de Deus. Talvez devesse ter falado. Talvez, se tivesse falado, as coisas seriam diferentes.

Talvez ela conseguisse ver o futuro que eu via com ela. Havia muitas pessoas que me chocariam por encontrar na minha porta numa tarde de sábado, mas nunca esperaria encontrar Amos Ryder parado ali.

— Ah, oi — cumprimentei.

— Oi, Dusty. Quer dar uma caminhada comigo?

Eu não podia dizer não. Podia?

Não, não podia.

— Hum, claro — respondi. — Deixa eu calçar um sapato.

Peguei o par de botas mais próximo da porta e o calcei sobre as meias. Eu me atrapalhei um pouco, nervoso com o que estava para acontecer naquela pequena caminhada.

Tinha uma jaqueta de couro pendurada na porta, então a vesti também, antes de encontrar Amos na varanda.

— Dia bonito — falou ele, sorrindo para mim. Ele tinha um olhar muito gentil.

Fiz que sim. Era um dia bonito. Ainda havia bastante da brisa de inverno no ar, mas debaixo do sol ficava agradável e quente. Eu amava estar ao ar livre. Era como um girassol, sempre virava o rosto para o sol e me deliciava com ele só por um segundinho.

— Tem uma trilha legal para caminhar saindo da principal — comentei. — É leve e não tem nenhuma elevação.

— Parece uma boa — respondeu Amos, e começamos a andar. A terra amassava sob nossos pés. — Fiquei feliz em ver que você tem tirado alguns sábados de folga.

Em geral, eu trabalhava em Rebel Blue todo dia. Gus insistia que eu tivesse alguma espécie de folga, mas costumava tirá-la nas quartas e quintas-feiras. Até recentemente, não me importava em trabalhar no final de semana inteiro, se isso significasse que outra pessoa não precisaria trabalhar. Agora, eu queria ir a jogos de futebol ou dormir com Cam.

— É — falei. — Obrigado por permitir.

— Eu me pergunto o que deve ter inspirado essa mudança de rotina — comentou Amos ao meu lado.

O tom na sua voz me informou que ele já sabia.

— O senhor veio aqui para conversar comigo sobre Cam? — perguntei, e então murmurei: — Os boatos realmente viajam rápido por aqui.

Amos riu.

— Não planejei passar aqui, mas estava visitando Anne quando a neta dela passou por lá, e então ouvi uma história interessante sobre um proprietário de imóveis.

— Ah — exclamei. — Não sabia que o senhor e Anne eram próximos.

— Eu a conheço há muito tempo — respondeu. — Ela foi minha babá, acredite se quiser. — Meu Deus, aquela cidade era tão complicada.

— Eu acredito — declarei. — Acho que não tem muita coisa que o senhor possa me dizer sobre os relacionamentos em Meadowlark em que eu não acreditaria.

— Mesmo assim você voltou — comentou Amos.

Dei de ombros.

— Bem, isso foi graças a Gus.

O que era verdade, mas sua oferta de emprego foi apenas uma justificativa. Queria voltar para casa há muito tempo. Finalmente queria a chance de estabelecer uma vida. Só que agora não sabia se a vida com que tinha sonhado encontrar quando retornasse para a casa era apenas isso: um sonho.

— Rebel Blue não funcionaria como funciona sem você, e você já trabalhou muito no santuário. Agradeço. Estou contente por termos você de forma definitiva.

— Obrigado, senhor — respondi.

Não sabia que precisava da confiança de Amos no meu trabalho, no meu comprometimento, até ele me dar isso. Mas, com suas palavras, senti meus ombros relaxarem.

— Você é um bom homem, Dusty. Seu pai estaria orgulhoso de você, sabe.

Minha cabeça se encheu de lembranças do meu pai e do quanto desejava que ele estivesse ali. Ele saberia o que fazer e o que falar, então não consegui falar muito em seguida, só caminhamos em silêncio por um tempinho. Escutei os sons nas árvores e foquei no ar fresco preenchendo os pulmões.

Após um tempo, quando finalmente chegamos à trilha, Amos quebrou o silêncio.

— Cam é como uma filha para mim. Eu a amo como uma e me preocupo com ela como uma. Me matou vê-la passar pelo que aconteceu no dia do casamento, e ela não sai do meu pensamento desde então.

Assenti.

— Eu sei.

— Então, quando algo acontece com ela, isso ocupa muito espaço nessa cabeça velha. Penso nisso o tempo todo. Me pergunto o que posso fazer para ajudar sem ser um velho intrometido. — Estava para lhe dizer que ele não era tão velho, mas ele continuou: — Costumo escolher conversar, tentar dar algum conselho sábio que talvez possa acender uma lâmpada ou abrir uma porta nova. E, na maioria das vezes, funciona. Eles acham o caminho deles, seja lá qual for. E Cam não é diferente. Eu lhe dei meu conselho sobre você mês passado, falei para ela que estava tudo bem ir atrás disso, ir atrás do futuro que realmente quer. — Engoli em seco. Não sabia que Amos estava envolvido naquilo, em nós. — Estou torcendo para que não tenha errado em dizer isso.

Certo, doeu.

— Não, senhor — respondi. — Quero um futuro com ela. Eu... eu a amo. Eu a amo desde sempre.

— Foi o que pensei — declarou Amos. Conseguia ouvir um sorriso na sua voz. — Tudo bem se eu te der um conselhozinho então?

— Por favor — falei com honestidade.

Eu confiava em Amos, valorizava seus pensamentos e suas opiniões e sabia que ele fazia o possível para cuidar de todo mundo. Cam, minha mãe e agora eu, aparentemente.

— Tome cuidado com o quanto de espaço você dá a ela — afirmou Amos. — Ela precisa de um pouco, mas, no fim de tudo, é mais importante para Cam saber que é amada.

— Entendo, senhor.

— Outra coisa que aprendi? Há um momento para deixar as coisas irem, mas você também precisa saber quando segurar algo com muita força. Há valor em grudar em algo e não o deixar se afastar de você. A coisa mais corajosa que pode fazer quando ama alguém é se esforçar para mantê-lo, se segurar na pessoa com tudo o que tem e, mesmo quando ela afrouxar o aperto, você não solta.

Deixei suas palavras penetrarem. Eu tinha dito a Cam que ela estava certa em partir naquela época, e ainda acreditava nisso. Mas dessa vez parecia diferente. Parecia errado de todas as maneiras. *Mesmo quando ela afrouxar o aperto, você não solta.* Como eu poderia mostrar a Cam que queria ser sua âncora, seu abrigo estável na tempestade, mas que nunca a arrastaria? Eu só queria ser seu norte, assim como ela sempre tinha sido o meu, a luz que me guiou para casa.

— Sei que você é esforçado, Dusty, vejo isso todo dia, então o que você vai fazer para garantir que Cam não fuja de novo?

Quarenta e três



Cam

Quando acordei na manhã seguinte, minha cama pareceu vazia sem Dusty nela, e ele só havia dormido ali uma noite.

Ada e Wes estavam certos. Eu tinha direito de ficar com raiva de Dusty, mas toda a situação da casa não precisava ser a coisa que nos separaria por eu ser teimosa demais para conversar sobre aquilo.

O brilho laranja entrando pela janela me avisou que era cedo. Olhei para o relógio ao lado da cama. Seis e meia. Suspirei e rolei para fora da cama. Metade de mim torcia para que, quando fosse à cozinha, Dusty estivesse lá, bebendo um pouco de café e pronto para me confrontar por causa das minhas baboseiras.

Só que ele não estava.

Quando olhava pela janela dos fundos, em geral conseguia ver sua casa, mas, naquela manhã, parecia que havia algo grudado ali.

Que diabos?

Calcei um par de sapatos e saí pela porta dos fundos até o lado exterior da janela. Com marcador preto, escrito com uma letra que reconheceria em qualquer lugar, “Ash” estava escrito atrás do envelope.

Eu o arranquei da janela e o abri na hora. Nem me importei por estar frio e eu não estar usando nada além de pijamas. A primeira coisa que vi foi um bilhete e então uma pilha de papéis dobrados três vezes.

Fui primeiro no bilhete.

Ash,

Sei que deveria ter contado sobre a casa. Me desculpe por fazer você sentir que ela não poderia ser sua por ser minha casa. Espero que isso compense. A caixa é para você.

Te amo.

Dusty

Abaixei o olhar e vi a caixa da mesinha de centro de Dusty aos meus pés. Senti lágrimas nos olhos. *Te amo*. Foquei nas duas palavras até minha visão ficar borrada. Então peguei a caixa e a levei para dentro. Coloquei-a na mesa da cozinha e me sentei. Achei que precisaria criar um pouco de coragem para abri-la, mas não precisei. Mergulhei na hora.

Quando a abri, notei que todos os bilhetes foram desdobrados e empilhados com cuidado, tornando fácil eu mexer neles.

Ash,

Estou numa fazenda no norte da Califórnia agora. A cozinheira me perguntou o que significa o "A" tatuado no meu pescoço. Eu respondi que era de "adúltero", mas ela não entendeu a piada.

Pensando em você,

Dusty

Sorri, e minha mão achou o lugar no quadril em que minha tatuagem ficava. Eu a mantive lá enquanto continuava lendo.

Ash,

"Dashboard Confessional" tocou no rádio hoje. Cantei cada palavra.
Dusty

O próximo que li foi escrito num cartão-postal do México.

Ash,
Estou num abrigo de resgate de animais este inverno. Ele é de propriedade de mulheres e também administrado por elas, e elas não aceitam nenhuma baboseira. A dona, Paola, é como acho que você vai ser com sessenta anos, brava pra cacete.
Queria que você pudesse conhecê-la.
Dusty

Ash,
De vez em quando, tenho um dia em que sinto tanta saudade sua que dói de verdade respirar. Hoje foi um desses dias. Torço para que esteja bem.
Dusty

Ash,
Fui a um mercado de fazendeiros em Calgary hoje de manhã. Cheguei pertinho de te enviar uma caixa com os tomates Heirloom mais bonitos que já vi. Os outros fregueses devem ter pensado que eu era louco, porque fiquei sorrindo para os tomates como um idiota.
Dusty

Ash,
Hoje vi uma mulher no aeroporto com um cabelo igual ao seu. Por um segundo, achei que fosse você. Tem vezes que sentir saudade sua não dói. Hoje não foi um desses dias.
Dusty

Ash,
Estou com tanta raiva de você por ter ido embora, mas torço para que tenha encontrado seu lar. Eu não encontrei o meu ainda.
Dusty

Tirei bilhete atrás de bilhete da caixa. Devia ter centenas ali.

Depois, vi as palavras “transferência de propriedade” num papel perto do fundo. Eu o arranquei da caixa. Ele também tinha o endereço da minha casa, e “escritura”, e achei que fosse cair no chão. Ele... ele tinha acabado de me dar aquela casa?

Olhei para a casa de Dusty e, sem pensar, comecei a ir em direção a ela. Quando cheguei à sua porta, bati com mais força do que pretendia.

Ele abriu a porta em um segundo. Parecia chocado em me ver.

— Que merda é essa? — perguntei, erguendo a pilha de papéis, com o bilhete que estava preso na minha janela.

— Acho que o termo técnico é declaração de amor ou grande gesto — respondeu. — E também uma escritura.

— Qual é o seu problema? — indaguei. — Você acha que pode me dar uma casa, dizer que me ama e tudo isso é perdoado?

— Não — declarou ele. — Mas achei que podia ser um bom começo.

Ele se moveu para a lateral da porta, me convidando a entrar, mas não me mexi.

Ele usava uma jaqueta de couro, mas a tirou e a colocou sobre meus ombros. A ação nos aproximou, mas ainda não me mexi.

— Cam — falou. — Desculpa por não ter contado da casa. Sei que devia. Sei que foi loucura minha comprá-la cinco anos atrás com você em mente. Sei que o fato de eu estar apaixonado por você desde que tinha dezessete anos é meio ridículo e sei que está com raiva de mim, e tem todo direito de estar. Só que, meu Deus, você é tudo pra mim. Sempre foi, sempre vai ser. Eu nem lembro como era minha vida antes de você entrar nela, nem acho que quero lembrar. Me matou te ver partir, mas, não sei, só senti que era a coisa certa te deixar

ir, mas nunca perdi a esperança de que encontraríamos o caminho de volta um para o outro no fim das contas, e a esperança de que teria a oportunidade de nunca te deixar ir. Sinto que passei quinze anos me preparando para este momento, em que poderia dizer a você, sem nenhuma dúvida, que quero ficar com você pra sempre. Quero acordar com você todo dia. E isso significa que também quero fazer parte da vida de Riley. Quero ir aos jogos de futebol de Riley e carregá-la pra cama quando ela dormir no sofá.

Minha respiração saiu trêmula quando suspirei.

— Sempre quis tudo com você, e me desculpe ter dado tantos passos à frente, mas, prometo, vou te dar quanto tempo você precisar. A casa é sua. Sem amarras. Eu me mudo daqui se você quiser que eu mude. Quero fazer isso nos seus termos, Cam.

— Esse bilhete diz que você me ama — sussurrei.

Dusty levou as mãos até meu rosto e me forçou a fitá-lo.

— Eu te amo mesmo — afirmou. — Te amo louca e profundamente. Te amo de uma forma que as pessoas não acham possível na vida real. Te amo por quem você tem sido, por quem você é e por quem você vai ser, Ash.

Minha garganta se fechou, e ficou ainda mais difícil falar.

— Eu... eu te amo também — gaguejei, enquanto lágrimas começavam a cair pelo meu rosto. — De todos os mesmos jeitos.

Dusty deu um sorriso fraco.

— Isso parece trapaça — respondeu. — Como se você só estivesse copiando meu trabalho sobre confissão de amor.

— Bem — falei —, é a única vez que já fiz isso, e a única vez que vou fazer, então aguenta.

— Espertinha — devolveu ele, e então me beijou.

Nós nos beijamos sob a luz do amanhecer. Um novo dia em Meadowlark, um recomeço, a promessa de coisas maiores ainda por vir.

Era um recomeço para nós também.

Epílogo



Dusty

Seis meses depois

Cam tinha arrumado seu escritório do dia na mesa de piquenique bem do lado de fora da porta dos fundos do Casarão. Ela estava no laptop, totalmente focada no que estava fazendo, então não ouviu nem me viu ir até ela. Há alguns meses, Cam deixou a firma em Jackson Hole e começou a cuidar da administração e logística do novo santuário equestre do Rancho Rebel Blue. Sua formação jurídica a tornava uma bênção com todos os formulários de organizações sem fins lucrativos e arrecadação de fundos para o cuidado veterinário. Além disso, visto que eu cuidava das partes relacionadas aos cavalos do santuário — cuidando deles quando chegavam —, tinha ganhado a melhor colega de trabalho do mundo com essa história.

— Oi — falei, dando um beijo no topo da sua cabeça. Ela se sobressaltou um pouco, surpresa.

— Oi — respondeu, me olhando com um sorriso. — O que você já está fazendo aqui?

— São três e meia, linda. Temos que ir.

Ela arregalou os olhos castanhos e checou o relógio no canto do laptop.

— Meu Deus. Como isso aconteceu?

— No que está trabalhando? — Apontei com a cabeça para o laptop.

— Tem um monte de cavalos de rodeio velhos do Cody que acabaram num lugar de abate. Amos os quer, então estou tentando descobrir como consegui-los.

— Precisamos adiar? — perguntei, esfregando a nuca dela. Eu a senti relaxar e se encostar no meu toque.

— Não — respondeu, sacudindo a cabeça. — Me dê alguns minutos e te encontro na caminhonete.

Assenti. Eu me inclinei para beijá-la. Ainda não conseguia acreditar que podia fazer aquilo o tempo todo, depois de todos esses anos.

— Você que manda, esposa.

Eu a beijei de novo, e senti seu sorriso na boca.

— Te amo — falei, quando me afastei.

— Também te amo.

Cam e eu nos casamos no cartório na semana anterior, só nós dois e Riley. Eu lhe perguntei um milhão de vezes se queria uma cerimônia grande, ou alguma espécie de cerimônia, e ela disse não todas as vezes. Eu lhe perguntei de novo na semana anterior, e ela disse que desejava se casar bem naquele momento.

Eu vinha esperando me casar com ela há quinze anos, então respondi que sim, com toda certeza. Cada parte do casamento foi simples, íntima e perfeita. Ainda não tínhamos contado a ninguém e, por sorte, o escrivão do cartório era novo na cidade, então provavelmente não sabia sobre seu dever oficial de manter as senhoras do correio informadas de tudo o que acontecia entre as paredes do cartório.

Emmy e Luke iam se casar, finalmente, na semana seguinte, então contaríamos depois deles. Ou provavelmente

descobririam após realizarmos a tarefa que iríamos fazer naquele dia.

Quando passamos pela porta do estúdio de tatuagem, Shannon estava nos esperando.

— Vocês estão atrasados — falou ele, mas estava sorrindo.

Toda vez que eu entrava naquele lugar, era jogado de volta para aquele dia de verão calorento, quando dois adolescentes que se amavam tomaram uma decisão estúpida, mas fodona juntos. E, por sorte, acabou dando certo. Só demorou alguns anos, uma gravidez inesperada, um casamento fracassado e viagens para cinco continentes para isso acontecer.

— Estamos dois minutos atrasados — falei, com um revirar dos olhos.

— Ainda atrasado — respondeu, mas então cruzou o saguão para abraçar cada um de nós. — Vocês estão prontos?

— Pronta demais — declarou Cam, e então me olhou. — Você está?

— Estou pronto há quinze anos, linda.

Eu me abaixei e beijei sua têmpora. Toda vez que a tocava, ela se aconchegava em mim como se existisse uma espécie de atração magnética entre nós. Ela nos uniu pelo tempo e pelo espaço. Ela nos levou até ali e nos levaria até o resto das nossas vidas.

Quando os olhos de Cam estavam em mim, tudo o que eu queria fazer era beijá-la. Então fiz isso.

Shannon pigarreou.

— Vocês tão pior do que quando eram adolescentes — resmungou. — Quem for primeiro senta na cadeira. Não tenho o dia todo.

Cam riu quando me afastei. Suas bochechas estavam coradas. Quis beijá-las também.

— Eu vou primeiro — avisou ela, e ergui as sobrancelhas. — O quê? Você foi primeiro da última vez.

De mãos dadas, fomos até a sala de tatuagem de Shannon. Cam se sentou na cadeira de tatuagem, e eu me sentei na cadeira ao lado, para que ainda seguíssemos de mãos dadas.

Shannon preparou seu estêncil: uma linha preta simples que envolveu no dedo anelar de Cam. Quando tirou o estêncil, fiquei com um nó na garganta. Ali estava, a coisa que seria a manifestação física da minha promessa a Cam.

Um lembrete de que eu tinha sorte o bastante por meu primeiro amor também ser o último.

Shannon ligou a pistola de tatuagem, e Cam apertou minha mão, que ela segurava quando a pistola tocou sua pele.

— Estou com você, Ash — sussurrei.

— Permanente?

— Permanente — concordei.

Então me puxou para ela para que pudesse beijar o "A" tatuado no meu pescoço, e meu coração transbordou com tudo que sentia por ela. Camille Ashwood era o amor da minha vida. Eu a amava com cada parte minha.

— Te amo — declarei. Eu ia chorar? Do jeito que meus olhos estavam se enchendo, eu diria que sim. — Vou te amar até virarmos poeira.

— Até virarmos poeira — devolveu Cam, e eu a beijei de novo. Deus, eu não queria nunca parar de beijá-la.

— E até depois disso.

Agradecimentos

Ainda não estou totalmente convencida de que sei escrever um livro, então é uma sensação incrivelmente estranha escrever os agradecimentos não só para meu quarto livro, mas também para o fim da série que iniciou essa coisa toda.

Não seria uma seção de agradecimentos da Lyla se eu não mencionasse meus pais primeiro. Mãe e pai, obrigada por apoiarem de forma incondicional tudo o que já fiz e contarem com orgulho para quem quiser escutar que sua filha mulher favorita (e única) escreve romances (e obrigada por nunca os lerem).

Falando nisso, obrigada aos meus irmãos por venderem pessoalmente várias cópias dos meus livros sem nunca os terem lido. Vocês são especiais por isso. Obrigada por serem as primeiras pessoas a me obrigarem a ser humilde e também as primeiras pessoas a se gabarem das minhas conquistas.

Olho para o céu todo dia e agradeço seja quem for lá em cima por vocês serem minha família. Meu maior sonho é deixar vocês orgulhosos.

Stella, minha garota, conseguimos. Obrigada por ser minha companheira constante durante Rebel Blue e pelo que está por vir a seguir. Você é meu maior conforto.

Obrigada à minha parceira eterna, Lexie. Meadowlark e o Rancho Rebel Blue não existiriam sem você. Obrigada por fazer parte dos altos e baixos desta jornada. Já falei isso antes e falo

de novo: sua confiança em mim poderia mover montanhas e, para mim, moveu.

Sydney, obrigada por comemorar comigo nos dias bons e por me apoiar nos dias ruins. Compartilhar essa parte da minha vida com você tem sido uma das minhas maiores alegrias. Obrigada por estar sempre presente.

Jess, o melhor agente do mundo, obrigada por ver algo nestes livros e em mim. Não há ninguém lá fora mais adequado para defender minhas histórias do que você. Obrigada por ser meu protetor mais feroz. Te amo.

Emma, não há um dia desde que você entrou na minha vida em que eu não tenha pensado o quanto sou grata a você. Você é uma verdadeira força da natureza como editora. Obrigada por lidar comigo e minhas histórias com tanto cuidado e compaixão. Quero fazer isso com você para sempre.

Obrigada a Hannah e Becs por acreditarem em mim quando eu nem conseguia lembrar de fazer isso.

Obrigada à minha equipe na The Dial Press por darem aos meus livros um lar muito amável.

Angie, esta série passou por um longo caminho desde aquele quarto de hotel em Dublin. Obrigada por estar aqui a cada passo da jornada.

Obrigada a *Capitão América 2: O Soldado Invernal*. Sinceramente, obrigada a todos os três filmes da franquia do Capitão América e, como sempre, às pastas de amendoim.

O agradecimento mais especial, claro, vai para você, querido leitor. Para vocês que estão aqui desde que *Feita pra mim* era um romance de estreia, uma publicação independente de uma garota sem nome, e para vocês que montaram na sela durante o caminho. A maior alegria da minha vida tem sido compartilhar este mundo com vocês.

Obrigada por contarem aos amigos sobre meus livros. Obrigada por passarem seu tempo criando coisas lindas inspiradas por eles. Obrigada por nos amarem em voz alta. Sou uma autora melhor por causa de vocês, e o Rancho Rebel Blue é um lugar melhor por causa de vocês. Obrigada. Por tudo.

Um brinde a vocês e, claro, a Rebel Blue.

Um casamento



Emmy

Tombei para a frente na sela enquanto Maple subia nossa última colina íngreme antes de chegarmos ao meu cume favorito do Rancho Rebel Blue. Era cedo, bem cedo. Em geral, alguém teria que me arrastar da cama chutando e gritando para acordar naquela hora pecaminosa. Só que não hoje. Hoje seria diferente.

Hoje, eu ia me casar.

Fiquei na casa do meu pai na noite anterior — sim, teve toda a palhaçada de "noiva e noivo não podem se ver antes do casamento", mas também porque eu queria passar tempo com meu pai e dormir com minhas amigas. Queria acordar na casa em que cresci mais uma vez antes de tudo mudar. Sobretudo, porque queria aquilo: uma cavalgada pelo Rancho Rebel Blue com minha melhor garota.

Aquele dia seria um dos melhores dias da minha vida. Eu já sabia disso. Sabia que me casar com Luke Brooks era a melhor coisa que tinha me acontecido, que passaria o dia rodeada pelas pessoas que eu amava e que mais me amavam.

Naquele momento, porém, tudo o que eu queria era o chão aos meus pés, o céu azul acima de mim, as montanhas atrás e o horizonte na minha linha de visão. E queria conversar

com uma pessoa — mesmo que essa pessoa não pudesse responder.

Maple e eu passamos pelas árvores para chegar até o topo do Cume Norte de Rebel Blue. O vento soprou meu cabelo castanho e comprido para trás e pelo meu rosto. Apertei um pouco Maple nos lados, impulsionando-a para a frente. Eu amava lá em cima, no topo do mundo. Absorvi tudo enquanto Maple caminhava em direção a uma roseira enorme a uns cinquenta metros à frente.

Eu conseguia ver o Casarão a distância, junto com a pequena cabana em que me hospedei quando voltei para a casa. Foi só há alguns anos, mas parecia uma vida inteira. A extensão vasta de Rebel Blue nunca falhava em me deixar com a sensação de que meu coração era grande demais para caber em meu peito. Quase conseguia senti-lo empurrando minhas costelas, implorando para ser libertado e voar por Rebel Blue.

Maple parou quando chegamos à pequena estaca que meu pai tinha colocado ali, há mais de duas décadas, para prender os cavalos. Eu não ia até ali com a frequência que deveria, mas ele visitava todo santo dia, sem pular um.

Tirei o pé do estribo e dei a volta com a perna, desmontando facilmente de Maple, tão natural quanto respirar. Eu agradecia essa facilidade até agora, porque sabia como era quando esse conforto era arrancado, quando você perdia a parte de si mesmo que achava estar tão entrelaçada no seu ser que nem sabia que *poderia* ser arrancada.

Atingi o chão com as botas e senti um esmagar familiar, então envolvi a corda do cabresto de Maple na estaca. Eu lhe fiz algumas carícias antes de abrir um dos meus alforjes e tirar umas flores silvestres que tinha colhido na nossa cavalgada daquela manhã.

Inspirei fundo, me deliciando no que parecia o ar fresco matinal que atingia meus pulmões.

— Oi, mãe — sussurrei, enquanto ficava de joelhos e colocava as flores na base da sua lápide, um pedaço pequeno mas bonito de ágata esculpido com o texto "Stella Rhodes Ryder. Amada. Para todo sempre". As cinzas da minha mãe estavam espalhadas por Rebel Blue, mas algumas estavam ali, no ponto mais alto do rancho, junto com algumas rosas.

Diferentemente de meu pai, meus irmãos, Luke e até Aggie e Dusty, eu não tinha nenhuma memória da minha mãe. Tudo o que sabia dela era o que tinham me contado e o que eu conseguia ver em fotos. Sempre achei que me parecia com meu pai, porque parecia muito com Gus, e Gus era a xerox de Amos Ryder, mas os dois me disseram que eu parecia com a minha mãe — que tinha seu cabelo bagunçado e seus olhos; não eram da mesma cor, mas meu pai dizia que eram selvagens e livres como os dela. Ele disse que a via em mim — na minha teimosia, na determinação e na delicadeza também.

— Vou me casar hoje — falei para sua lápide. Olhei para a aliança dourada, a que meu pai usou para lhe pedir em casamento, adornando meu dedo anelar esquerdo. — Com Luke Brooks. Você conheceu o pai dele, Jimmy. E provavelmente a mãe e o padrasto também. Mas ele não é como Jimmy ou Lydia. Ele é gentil, tem o coração aberto e confiável. E ele me ama de um jeito que realmente não achava ser possível.

O vento se moveu ao meu redor de novo.

— E ele também é bonito de verdade — falei com um sorriso. — Queria que você estivesse aqui. Sentimos muito a sua falta — declarei. E eu sentia mesmo. Não como todo mundo, mas sentia. — Meu pai principalmente.

Ele era o que mais sentia.

— Ele ama Luke — falei. — Ele o amava antes de eu amar. Mas ele é assim, sabe? Ama as pessoas de um jeito que não compreendo, mas acho que você deve compreender.

— Todo mundo está bem também — contei, lhe dando uma atualização. — Tenho uma forte suspeita de que Teddy e Gus estão escondendo um segredo da gente até depois do casamento. — A minha menstruação e a de Teddy estavam sincronizadas havia mais de quinze anos, então eu soube quando ela ficou um mês sem, depois dois. Ela também tocava muito a barriga. — Estou feliz por ela e Gus, mesmo que tenha que fingir que essa criança foi concebida pela concepção imaculada. Ada e Wes terminaram de reformar a casa deles, está linda. Eles colocaram três pinturas suas nela.

— Dusty e Cam se casaram — falei. — Eles acham que ninguém sabe, mas essa aqui é Meadowlark, e eles são nossa família, então claro que sabemos.

Sorri sozinha, pensando na tinta preta ao redor do dedo anelar deles, que acharam que ninguém ia notar.

— Mas estamos esperando eles contarem. Aggie e Hank estão bem. Estão felizes, então você pode contar para o Renny, se você o vir, que Aggie sente falta dele, mas que ela está feliz. E Riley. Riley é o orgulho e a alegria de todo mundo, mas você já sabe disso.

Olhei para o céu e fechei os olhos, deixando Rebel Blue me envolver. Às vezes, quando ia ali, parecia que conseguia senti-la, como se ela estivesse ali comigo. Aquele dia era um desses dias.

Não sei por quanto tempo fiquei daquele jeito, mas, depois de um tempo, ouvi Maple começar a se mover atrás de mim. Isso significava que mais alguém estava ali ou estaria em breve.

Quando olhei para trás, avistei o chapéu preto de caubói inconfundível do meu pai vindo na minha direção na garupa

do seu cavalo preto e branco. Comecei a me levantar, mas ele gesticulou para eu ficar onde estava.

Depois que Cobalt estava seguro na estaca junto com Maple, meu pai foi até mim, colocando os joelhos cobertos de jeans no chão ao meu lado. Seus movimentos estavam mais lentos ultimamente, e tive que fechar os olhos por um segundo e sacudir a cabeça um pouco para espantar os pensamentos de que ele estava envelhecendo.

— Bom dia, Batata — falou meu pai, enquanto colocava um braço nos meus ombros e beijava minha testa.

— Bom dia — respondi, e então deixamos o silêncio cair.

Fiquei imaginando no que ele estava pensando, se era difícil estar ali com ela ou se era uma das coisas que tinha feito tantas vezes que havia se tornado fácil. Eu e meus irmãos tínhamos perguntado se ele já havia pensado em tentar de novo um dia, encontrar alguém mais tarde na vida com quem poderia passar os anos. Temíamos que ele estivesse solitário.

— Fui feito para isso — ele disse. — Essa vida. Com vocês três. Essa família é meu "felizes para sempre". Nunca quis outra coisa. Sinto saudade da sua mãe todo dia, e queria que ela ainda estivesse aqui, mas não significa que não amo o que minha vida se tornou, que não achei felicidade, alegria e amor, que não estou realizado e contente.

— Oi, Stelinha — sussurrou a voz grave do meu pai ao meu lado, me trazendo de volta ao presente. Vi uma das suas mãos enrugadas se estender e pressionar o chão à sua frente. Ele pegou um pouco da terra e a deixou cair por seus dedos. — Nossa bebê vai se casar hoje.

Foi quando aconteceu: deu um nó na minha garganta, e não consegui desfazê-lo.

— Ela estaria tão orgulhosa de você, Batata — comentou meu pai. — Tão orgulhosa da mulher que você se tornou.

— Você acha? — perguntei, sufocada.

— Eu sei — garantiu meu pai. E consegui notar o sorriso na sua voz. — Ela teria amado o dia de hoje. Amava casamentos. No de Renny e Aggie, ela dançou até cair, sorte minha, bem nos meus braços.

Pensei na foto deles que meu pai mantinha na sua mesa de cabeceira: suas mãos na cintura dela, os lábios na testa. Os olhos dela estavam na câmera, e os dele, nela. Na minha cabeça, conseguia vê-los sorrindo, rindo e dançando a noite toda.

— Lamento por ela não estar aqui — falei.

— Eu também, Batata, eu também. — Ele suspirou. Ficou silencioso por alguns instantes até dizer: — Estou surpreso por você estar acordada tão cedo, por vontade própria, na verdade.

— Eu queria falar com ela — expliquei. — E não consegui dormir. Coisas demais chacoalhando na minha cabeça, acho.

— Coisas boas? — indagou meu pai.

— As melhores — respondi, sincera. A noite toda, pensei em Luke e em mim. Pensei nas nossas vidas até aquele ponto, em como tínhamos chegado até ali e em como foi inesperado e perfeito. Pensei em como seriam nossas vidas dali a cinquenta anos. — Não vejo a hora de me casar com ele, pai.

Meu pai riu.

— É um bom sinal. Fico feliz por não ter que descobrir como te tirar de fininho daqui.

Eu ri.

— Você faria isso?

— Eu faria qualquer coisa por você, Clementine — declarou. Eu o fitei, os olhos verdes sinceros, gentis e atenciosos. — Eu amo você, Batata.

Coloquei a cabeça no seu ombro como já tinha feito um milhão de vezes, mas daquela vez foi especial, e eu estava feliz

por ter feito isso. Ele cantarolou uma melodia, “Oh My Darlin’ Clementine”, enquanto ficamos sentados juntos. Memorizei a sensação daquele momento para guardá-lo no coração depois que terminasse.

Houve mais farfalhos atrás de nós.

— Não consegui mantê-los longe — avisou meu pai. — Espero que esteja tudo bem.

Virei e avistei meus irmãos, Gus, no Scout, e Wes, em Ziggy, se aproximando de nós. Estava tudo mais do que bem.

— Qual o veredito? — gritou Wes, de cima do cavalo. — Vamos ajudar a noiva a fugir?

Uma risada saiu de mim, e balancei a cabeça, concordando.

— Essa noiva vai ficar bem firme no lugar.

— Tem certeza? — perguntou Gus. — Todos sabemos que aguento Brooks numa briga se precisar...

Revirei os olhos quando os dois desmontaram.

— Aquela não foi uma briga justa — falei. — Ele nem tentou revidar.

— Ainda conta — respondeu Gus.

Wes se agachou ao meu lado.

— Oi, mãe — disse, baixinho. — Saudade.

Gus não disse nada, só beijou a ponta dos dedos e a pressionou no topo da lápide de nossa mãe.

— Amo vocês — disse, e lágrimas escorreram dos meus olhos. — Tipo, amo vocês mesmo.

Relembrando, não conseguia acreditar que houve uma época em que desejei ficar afastada do Rebel Blue e de Meadowlark. Da minha família. Essa ideia parecia doida para mim no momento.

Wes bagunçou meu cabelo.

— Também te amamos, esquisitinha.

— O que me diz, Clementine? — Gus estendeu a mão para me ajudar a levantar, e eu a peguei. — Devemos te levar pra esse casamento?

Assenti com um sorriso.

— Antes de irmos — falou meu pai —, sabem, esse cume está plano há um tempo. É bonito e macio também.

Eu sabia aonde ele ia chegar com aquilo, e meu sorriso aumentou. Wes e Gus entenderam também e, após todos pressionarmos as mãos na lápide da minha mãe mais uma vez, subimos em nossos cavalos.

Meu pai guiou o caminho com Cobalt, Gus e Wes seguiram atrás deles, e eu fiquei na retaguarda. Mas aquilo não duraria muito. Maple e eu não teríamos nenhuma dificuldade em deixar esses homens comendo poeira. Cobalt começou com um trote, então o restante de nós também, e depois um galope.

Aquele era um dos melhores sentimentos do mundo — voar por uma trilha do Rebel Blue na garupa de um cavalo. Houve uma época em que eu não sabia se conseguiria fazer aquilo de novo um dia, mas ali estava eu — levando Maple para a lateral da trilha e impulsionando-a num galope para passar todo mundo.

Eu me inclinei para a frente na sela e deixei Maple trabalhar. As quatro batidas de seus cascos atingindo o chão aconteciam junto com meus batimentos cardíacos. Soltei uma risada desinibida quando passei por Wes, cujas covinhas e sorriso energizador quase me cegaram, e então Gus, com o espírito competitivo todo à mostra, até estar ao lado de meu pai e Cobalt.

Ele ficava muito jovem e livre quando estava num cavalo. Não olhava para mim, mas para o céu — provavelmente para minha mãe, enquanto cavalgávamos.

Maple e eu passamos meu pai e Cobalt, e eu o ouvi quando soltou um selvagem "irrá".

Não importava quantas vezes fazíamos aquilo, eu não conseguia acreditar que essa era minha vida. Essa era minha vida, e era *boa*.

E hoje ficaria ainda melhor.

— Esse é meu melhor trabalho — comentou Teddy, quando me olhou de cima a baixo com um sorriso.

— Você diz isso toda vez. — Ri.

— E estou sendo sincera toda vez — rebateu ela. — Acho que só vou ficando melhor.

Minha melhor amiga ajustou uma mecha de cabelo que ela tinha deixado habilidosamente de fora do penteado meio preso-meio solto que pedi.

— Certo, então me deixa olhar.

Teddy sorriu e agarrou meus ombros para me virar. Fiquei boquiaberta quando vi meu reflexo no espelho, de corpo todo. Eu não via o vestido desde a última vez que Teddy o ajustara. Ela havia feito o vestido dos meus sonhos. Era todo de seda branca, que cobria meu corpo lindamente com um decote quadrado e tiras finas que se cruzavam no meio das costas. Meu cabelo e minha maquiagem estavam simples.

— Ah — exclamei, ofegante. — Estou...

— Deslumbrante — terminou Teddy por mim.

Ela envolveu os braços na minha cintura e colocou a cabeça no meu ombro. Seu cabelo avermelhado estava preso num rabo de cavalo baixo. Ela estava linda no vestido azul-bebê de madrinha.

— Está incrível, Ted — elogiei. — Você é incrível.

Emoções atravessaram meu corpo e tive que enrugar o nariz para impedir alguma lágrima de cair. Teddy viu e deu

uma batidinha no meu braço com as costas da mão.

— Não — falou. — Não, não, não. Juro por Deus, Clementine. Não começa a chorar.

Olhei para o teto e tentei forçar as lágrimas a voltarem.

— É culpa sua — declarei.

— Não me culpe por sua completa falta de controle emocional.

— Eu sou a noiva! Posso fazer o que quiser!

— Bem, sou a madrinha, e digo: nada de chorar.

— Madrinha não supera a noiva — rebati, os olhos encontrando os de Teddy no espelho. Assim que fizemos contato, nós duas caímos na gargalhada.

Quando a risada morreu, Teddy me deu outro abraço.

— Bem, Clementine Ryder — falou. — Acho que está na hora de você se casar.

Meu pai me levou com Teddy de carro até o começo da trilha, onde havia um quadriciclo esperando para nos levar pelo resto do caminho. Todos os outros já deveriam estar nos esperando — se tudo tivesse saído de acordo com o plano. Deixei a logística para Cam e Ada, então não tinha dúvida de que o plano estava saindo com perfeição.

Enquanto passávamos pela trilha, dei a Teddy minha aliança para ela segurar, até chegar a hora de trocá-la na cerimônia, e meus votos, que ela dobrou e enfiou em um dos bolsos do vestido de madrinha.

Meu pai parou o quadriciclo a alguns metros de onde as árvores se abriam numa clareira. Eu conseguia ouvir a cachoeira caindo, junto com um pouco de música tocando em algum lugar.

— É isso, minha garota — disse Teddy. — Seu buquê está lá. — Teddy apontou para um pequeno cesto escondido nas

árvores. Tinha dois buquês de flores silvestres nele, um menor para ela, e um maior para mim. — Eu te encontro lá, certo?

Assenti, enquanto Teddy beijava minha bochecha e saltava. Eu a vi espiar pelas árvores e, quando olhou de volta, disse:

— Ah, ele está gato. — E me deu uma piscadela.

A música mudou, e soube que Teddy estava subindo ao altar. Cam e Ada tinham programado aquilo perfeitamente, com todo mundo em constante comunicação o dia todo. Eu não tive que pensar em nadinha. Tudo que precisava fazer era colocar um pé na frente do outro e andar em direção ao resto da minha vida.

Ao Luke.

— Pronta, Batata? — perguntou meu pai.

Ele havia saído do quadriciclo e estava com a mão estendida para mim. Eu a peguei.

— Pronta — respondi.

E estava. Esperei por aquele dia por bastante tempo, talvez desde a noite em que voltei para casa e vi Luke no Bota do Diabo. Eu teria casado com ele no dia da minha última competição, se ele tivesse pedido, e teria casado com ele um milhão de vezes desde então. E estava feliz por termos tido a chance de começar a juntar as peças da nossa vida conjunta primeiro — ter estabelecido meu papel em Rebel Blue, Luke renovado o bar. Estou feliz por termos construído móveis, feito viagens e deitado no sofá juntos por alguns anos antes de chegarmos ali.

E ali era onde eu queria estar.

A música mudou de novo. Daquela vez para um instrumental lento de “Forever and Ever, Amen”.

Estava na hora.

Deslizei o braço no do meu pai e respirei fundo. Durante os últimos meses, eu tinha me perguntado qual seria a

sensação daquele momento. Achei que poderia ficar nervosa ou ansiosa, mas nunca me senti mais calma ou mais pronta para o que vinha a seguir.

Meu pai e eu começamos a andar e, quando chegamos ao ponto em que as árvores se abriam para a clareira, arfei.

Havia flores silvestres e folhagens por todo lugar — contornando o altar, penduradas nas árvores de alguma forma. Não havia muitas cadeiras, não quis uma cerimônia grande, mas ali, naquela clareira, estava cada pessoa que já amei. A família que meu pai encontrou que se tornou a minha, a família em que nasci e a família que escolhi para mim. Analisei os rostos — Wes, Ada, Hank e Aggie. Greer estava ao lado deles. A mãe de Luke estava ali também. Meu tio Boone até saiu do seu porto seguro em Sweetwater Peak. Dusty sorriu para mim, ele estava com a mão no ombro de Riley.

Cam não estava ao lado deles porque estava parada no centro, sob um arco de flores silvestres, no seu lugar como nossa celebrante.

Desviei os olhos para o homem ao seu lado, e meu mundo inteiro parou.

Ali estava ele. O amor da minha vida. Minha luz na escuridão. Meu porto seguro. Meu lar. Luke Brooks.

Seus olhos estavam em mim. Estavam intensos, brilhantes, cheios de amor. Ele usava uma camisa branca que não estava abotoada até o fim e uma calça azul-marinho. Estava barbeado, com o cabelo escuro atrás das orelhas.

Ele estava lindo.

De repente, quis chegar o mais rápido possível até ele. Meus pés começaram a se mover mais rapidamente, e meu pai riu ao meu lado.

— Calma, Clementine — sussurrou. — Absorva tudo.

A voz do meu pai me acalmou, como sempre.

Quando chegamos diante do altar, meu pai deu um abraço em Luke e, com a mão num lado do rosto dele, juntou suas testas só por um momento antes de virar para mim e colocar minha mão na de Luke.

Depois daquilo, só o que eu conseguia enxergar era Luke. Não lembrava de entregar o buquê a Teddy ou do que Cam disse. Tudo o que me importava era o homem diante de mim.

— Emmy e Luke prepararam seus votos — foi a frase que finalmente penetrou a névoa rosada dos meus pensamentos.

Luke tirou a mão da minha, enfiou-a no bolso da calça e puxou uma ficha. Mas antes de começar a ler as palavras, ele parou.

— Desculpa — disse, enquanto me olhava. — Você está muito bonita. Só preciso fazer uma coisa rapidinho.

Fiquei confusa até ele se inclinar e me beijar, só um selinho... até não ser mais, e então eu estava agarrando sua camisa e o segurando em mim.

Cam pigarreou com uma risada.

— Mais três minutos, vocês dois — avisou ela, e todo mundo riu. — Mais três minutos e vocês podem selar o acordo.

Luke se afastou de mim, parecia que tinha sido preciso muito esforço. Uma satisfação invadiu profundamente meu peito. Aquele homem era *meu*.

— Tá bem — falou, arrancando os olhos dos meus para olhar a ficha. — Todo mundo aqui sabe que não sou um cara de muitas palavras, mas sou um cara muito de Clementine Ryder, então vamos ver se consigo fazer isso.

Dei uma risada.

— Emmy — disse ele. — Quando estava pensando no que queria dizer pra você hoje, senti que não havia algo que pudesse dizer que transmitisse o quanto te amo, o quanto tudo

que sinto por você corre profundamente em mim. E, sinceramente, não tem, mas aqui está: sinto que minha vida toda tem sido sobre tomar decisões que me levariam até você. E eu cometeria cada erro, daria cada passo errado, suportaria cada dia difícil várias e várias vezes para acabar bem aqui com você. Eu costumava pensar no quanto era sortudo por ter acabado no mesmo mundo, ao mesmo tempo, que você, e ainda penso, mas agora penso no quanto sou sortudo por você *ser* meu mundo. Por causa disso, quero fazer algumas promessas pra você, docinho. — Lágrimas ameaçavam se derramar dos meus olhos naquele momento. — Prometo tomar café da manhã com você toda manhã, porque nós dois sabemos que às vezes não consigo chegar para o jantar. Prometo sempre ser sua conchinha maior e cantar alto com você no carro. Prometo te manter aquecida. Te prometo aventura e estabilidade. Prometo te olhar como você olha para o céu e prometo te amar nessa vida e na próxima. Eu te amo, Clementine Ryder, e ser seu marido vai ser a honra da minha vida.

Dei um longo suspiro, enquanto Luke estendia a mão e limpava as lágrimas do meu rosto com um dos polegares.

— Isso foi bom mesmo — elogiei. — Tipo, bom de verdade.

Luke me deu um sorriso presunçoso.

— Pra você, só o melhor.

Encarei seus olhos castanhos e o jeito como a pele ao redor deles enrugava quando ele sorria.

Alguém me cutucou, e levei um segundo para perceber que Teddy tentava me entregar meus votos.

— Ah — respondi, e então olhei para Luke. — Um segundinho — falei para ele, e acho que ouvi algumas risadas.

Peguei o pedaço de papel dobrado de Teddy e só soltei a mão de Luke pelo tempo que levei para desdobrá-lo, e então deslizei a mão de volta na dele enquanto segurava os votos com a outra. Quando abaixei o olhar, li as primeiras linhas e percebi na hora que meus votos estavam horríveis.

Então fiz o que qualquer pessoa normal faria. Joguei o papel no chão.

— Seus votos foram melhores do que os meus, e eu te dou, sim, permissão total para mencionar isso pelo resto da vida — falei.

O jeito como Luke sorriu convencido pra mim derreteu meu coração.

— Eu te amo, Luke Brooks. Eu te amo tanto que às vezes isso me deixa doida. Te amo de um jeito que transcende o tempo e o universo. Te amo o suficiente para não achar suas camisetas cavadas ridículas. Te amo tão profundamente que sinto na pele quando você respira e nos pulmões quando você sorri. E tudo o que quero fazer agora é te beijar e começar o restante das nossas vidas juntos.

Antes que eu pudesse repensar, joguei os braços no seu pescoço e esmaguei os lábios nos dele. Teddy comemorou atrás de mim.

— Alianças, docinho — avisou Luke contra minha boca, e me afastei a tempo de ver Gus e Teddy trocarem as alianças que seguravam para que eu pudesse colocar a aliança de Luke no dedo anelar dele, e ele pudesse fazer o mesmo com o meu.

E então o beijei de novo.

— E, pelo poder investido em mim — disse Cam. Eu conseguia ouvir seu sorriso pela neblina do meu beijo e de Luke. — Pelo grande estado de Wyoming, o estado caubói, e também pelo site em que peguei essa licença, eu os declaro marido e mulher. Você pode... continuar beijando a noiva.

Gritos irromperam de nossos amigos e familiares, e a música mudou de novo. Dessa vez para “Caught Up in You”, do Cheap Trick.

Enlacei os dedos nos de Luke e me afastei, só um pouco.

— E se eu te pedisse para pular na nascente agorinha?

— Eu faria qualquer coisa por você, esposa — respondeu ele, com um beijo no meu rosto, na testa e depois no nariz.

Esposa.

Então virei. E comecei a correr para a nascente, e Luke correu ao meu lado.

— Vai estar frio pra cacete — gritou ele, sobre o barulho da cachoeira, conforme nos aproximávamos.

— Que bom que você prometeu me manter aquecida — gritei de volta, com uma risada.

E então pulamos na água. Juntos.

Como faríamos para sempre. E sempre.

Copyright © 2025 by Lyla Sage

Publicado originalmente por Dial Press, um selo de Random House, divisão da Penguin Random House LLC.
Publicado mediante acordo com Sandra Dijkstra Literary Agency e Sandra Bruna Agencia Literaria, SL.

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL Wild and Wrangled: A Rebel Blue Ranch Novel
CAPA E ILUSTRAÇÃO DE CAPA Austin Drake
ADAPTAÇÃO DE CAPA Danielle Fróes | BR75
PREPARAÇÃO Clarissa Luz | BR75
REVISÃO Aline Canejo | BR75 e Clarisse Cintra | BR75

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Sage, Lyla
Sempre pra mim / Lyla Sage ; tradução Dandara Morena. – 1ª ed. – São Paulo : Paralela, 2026. – (Rebel Blue ; 4)
Título original: Wild and Wrangled: a Rebel Blue Ranch novel.
ISBN 978-85-8439-624-5
1. Romance norte-americano I. Título II. Série.
26-352171.0 CDD-813.5

ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO:
1. Romances : Literatura norte-americana 813.5

Aline Graziele Benitez – Bibliotecária – CRB-1/3129

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
editoraparalela.com.br
atendimentoaoleitor@editoraparalela.com.br
facebook.com/editoraparalela
instagram.com/editoraparalela

x.com/editoraparalela

SÉRIE REBEL BLUE



vol. 1:
Feita pra mim



vol. 2:
Toda pra mim



vol. 3:
Só pra mim



vol. 4:
Sempre pra mim

Sumário

Nota da autora
Capítulo Um
Capítulo Dois
Capítulo Três
Capítulo Quatro
Capítulo Cinco
Capítulo Seis
Capítulo Sete
Capítulo Oito
Capítulo Nove
Capítulo Dez
Capítulo Onze
Capítulo Doze
Capítulo Treze
Capítulo Catorze
Capítulo Quinze
Capítulo Dezesseis
Capítulo Dezessete
Capítulo Dezoito
Capítulo Dezenove
Capítulo Vinte
Capítulo Vinte e um
Capítulo Vinte e dois
Capítulo Vinte e três
Capítulo Vinte e quatro

Capítulo Vinte e cinco
Capítulo Vinte e seis
Capítulo Vinte e sete
Capítulo Vinte e oito
Capítulo Vinte e nove
Capítulo Trinta
Capítulo Trinta e um
Capítulo Trinta e dois
Capítulo Trinta e três
Capítulo Trinta e quatro
Capítulo Trinta e cinco
Capítulo Trinta e seis
Capítulo Trinta e sete
Capítulo Trinta e oito
Capítulo Trinta e nove
Capítulo Quarenta
Capítulo Quarenta e um
Capítulo Quarenta e dois
Capítulo Quarenta e três
Epílogo
Agradecimentos
Um casamento



Um certo cara errado

Archer, Stephanie
9788584396184
352

Compre agora e leia (Publicidade)

A comédia romântica perfeita, com personagens apaixonantes e aquele tipo de faísca que você sente no ar.

Hannah Nielsen é uma leitora voraz apaixonada por romances, mas que nunca viveu uma grande história de amor. Às vésperas do seu aniversário de trinta anos, ela resolve que está na hora de deixar de ser uma garota tímida e se tornar uma mulher confiante, aventureira e irresistível. E ela sabe exatamente quem pode ajudá-la nessa missão.

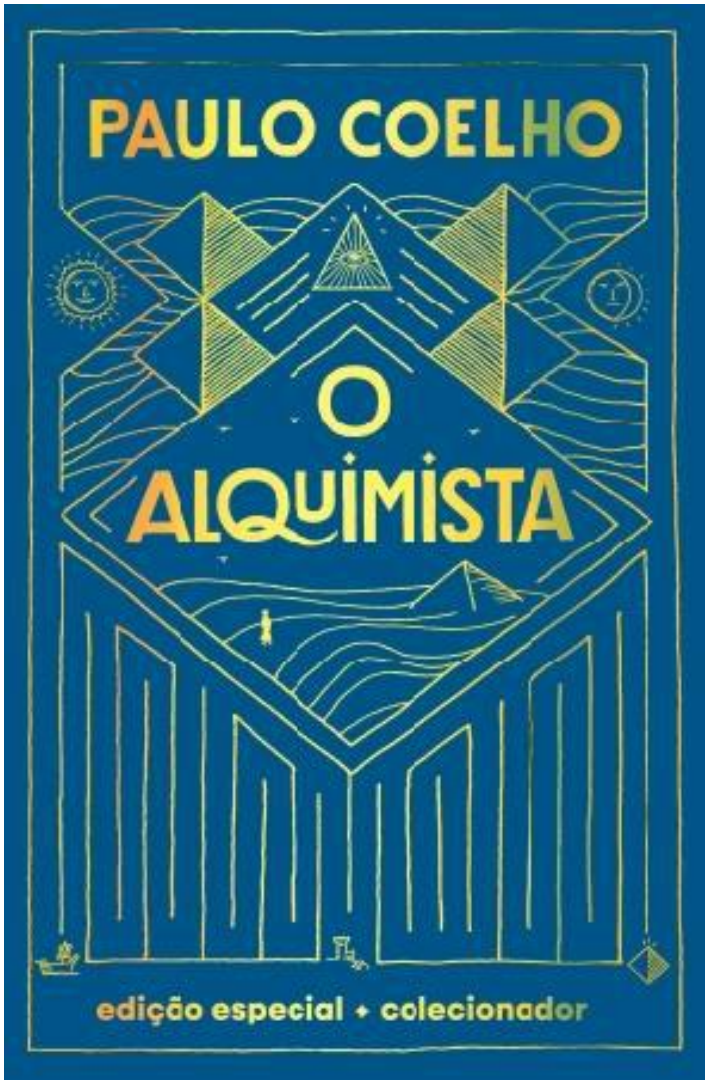
Wyatt Rhodes é surfista… o tipo de homem que faz todas as garotas da cidade se derreterem. Seguro de si e com um inegável charme natural, ele é perfeito para o papel de professor de Hannah em seu grande projeto. Só que o seu método é totalmente diferente do que ela esperava: ele propõe aulas de surfe para quebrar o gelo.

O que começa como um simples acordo logo se transforma em uma amizade cheia de cumplicidade e admiração mútuas, com momentos mágicos no mar e um envolvimento que não para de crescer.

Neste livro inesquecível repleto de amor, desejo e autodescobertas, Stephanie Archer mostra, mais uma vez, por que é a rainha dos romances e segue conquistando legiões de fãs no mundo inteiro.

CONTEÚDO ADULTO

Compre agora e leia (Publicidade)



O alquimista (Edição de luxo)

Coelho, Paulo
9788584396375
216

Compre agora e leia (Publicidade)

"Quando você quer alguma coisa, todo o universo conspira para que você realize seu desejo."

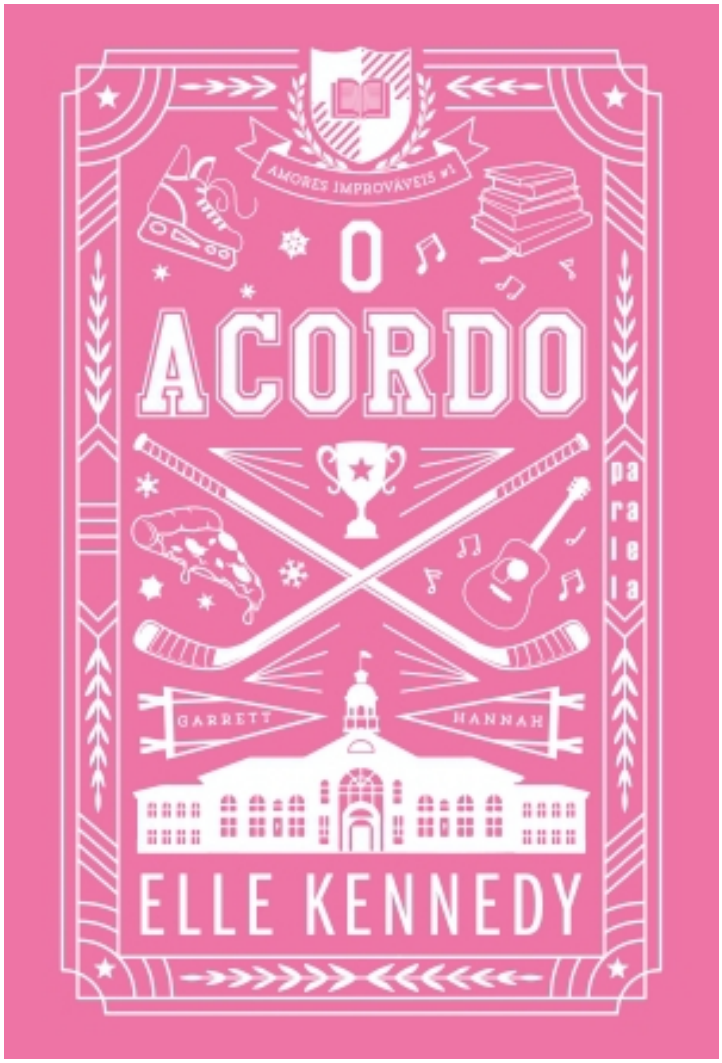
O best-seller que conquistou o mundo agora em edição colecionável com ilustrações exclusivas e um prefácio inédito no Brasil.

"Com este livro, quis partilhar com meus leitores as perguntas que, precisamente por não terem respostas, tornam a vida uma grande aventura." — Paulo Coelho

O Alquimista, um dos mais importantes clássicos contemporâneos da literatura, foi publicado pela primeira vez em 1988 e desde então tem influenciado a vida de milhões de pessoas em todo o planeta. É o livro brasileiro mais vendido do mundo e traduzido para 89 idiomas. Malala Yousafzai, Prêmio Nobel da Paz, o astro da NBA LeBron James e os atores Will Smith e Russell Crowe estão entre alguns dos leitores que possuem profunda admiração por esta obra de Paulo Coelho.

"Se você não leu *O Alquimista*, é uma leitura obrigatória na minha opinião. Eu amo esse livro." — Mel Robbins, autora de *The Let Them Theory*

Compre agora e leia (Publicidade)



O acordo – Sucesso no TikTok

Kennedy, Elle
9788543805887
360

Compre agora e leia (Publicidade)

Tocante, profundo, engraçado, sexy... Um romance que vai te encantar e surpreender a cada página.

Hannah Wells finalmente encontrou alguém que a interessasse. Mas, embora seja autoconfiante em vários outros aspectos da vida, carrega nas costas uma bagagem e tanto quando o assunto é sexo e sedução. Não vai ter jeito: ela vai ter que sair da zona de conforto… Mesmo que isso signifique dar aulas particulares para o infantil, irritante e convencido capitão do time de hóquei, em troca de um encontro de mentirinha.
Tudo o que Garrett Graham quer é se formar para poder jogar hóquei profissional. Mas suas notas cada vez mais baixas estão ameaçando arruinar tudo aquilo pelo qual tanto se dedicou. Se ajudar uma garota linda e sarcástica a fazer ciúmes em outro cara puder garantir sua vaga no time, ele topa. Mas o que era apenas uma troca de favores entre dois opostos acaba se tornando uma amizade inesperada. Até que um beijo faz com que Hannah e Garret precisem repensar os termos de seu acordo.

Compre agora e leia (Publicidade)



O segredo da Villa Carlotta

Montemurro, Silvia
9788584396399
304

Compre agora e leia (Publicidade)

Uma princesa, uma villa e uma história de amor inesquecível. Baseado em personagens reais e repleto de mistério, intriga e paixão, *O segredo da Villa Carlotta* é um romance histórico

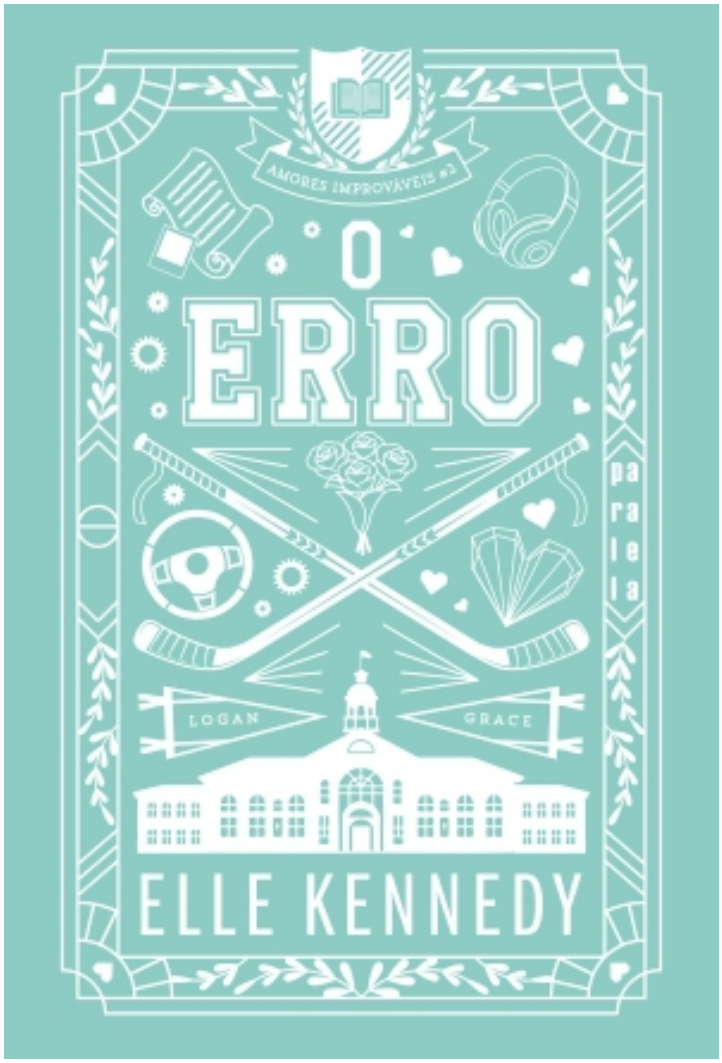
cativante e o primeiro volume da série "As villas do lago de Como", ambientada em uma das paisagens mais espetaculares da Itália.

Em 1848, o lago de Como é o destino mais exclusivo da Europa, o lugar onde todos os nobres querem passar o verão. Todos menos a princesa Carlotta da Prússia, cuja vida acaba de desmoronar: sua mãe, Marianne de Nassau, criou um escândalo sem precedentes ao deixar o marido e trocar Potsdam pela Itália durante a estação, levando as duas filhas. A princípio, Carlotta a segue com relutância, mas a villa recém-comprada por Marianne a deixa sem fôlego — a princesa nunca viu um cenário tão magnífico.

Logo, porém, ela descobre que nem tudo é o que parece na villa. Há muitos segredos escondidos e não faltam intrigas entre as famílias vizinhas. Quando encontra um diário misterioso, a princesa fica fascinada pela história e decide descobrir o que aconteceu com sua autora.

Em meio a essa curiosidade, entretanto, Carlotta precisa lidar com os dramas familiares, a pressão para encontrar um marido e quem sabe até um amor que promete abalar seu mundo…

Compre agora e leia (Publicidade)



O erro – Sucesso no TikTok

Kennedy, Elle
9788543806976
280

Compre agora e leia (Publicidade)

Logan parece viver uma vida de sonhos. Com um talento incrível para jogar hóquei e um charme inato para conquistar mulheres, ele é uma das maiores estrelas da Universidade de Briar. Mas por trás

do característico sorriso maroto, ele esconde duas grandes angústias: a primeira, estar apaixonado pela namorada de seu melhor amigo; a segunda, saber que sua vida, após a formatura, se tornará um beco sem saída. Um dia, por acaso, ele conhece Grace, uma garota tão encantadora quanto intrigante. Tudo nela parece ser original e deliciosamente contraditório: tímida, mas ao mesmo tempo vibrante; doce, mas ao mesmo tempo forte e confiante. A cada encontro, Logan se vê mais e mais envolvido. Mas um grande erro colocará o relacionamento desses dois jovens em risco. Agora, Logan terá que se esforçar para reconquistar Grace - nem que para isso ele precise amadurecer e encarar suas questões mais profundas e doloridas.

Compre agora e leia (Publicidade)